

JULIANA BARACAT

DO TRAUMA DA SEDUÇÃO A SEDUÇÃO TRAUMÁTICA:  
diálogos entre Sándor Ferenczi e Jean Laplanche

ASSIS

2017

JULIANA BARACAT

DO TRAUMA DA SEDUÇÃO A SEDUÇÃO TRAUMÁTICA:  
diálogos entre Sándor Ferenczi e Jean Laplanche

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis,  
para obtenção do título de doutora em Psicologia  
(Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Prof. Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão

Co-orientadora: Prof<sup>fa</sup> Dr<sup>a</sup> Viviana Carola Velasco Martínez

Bolsista: CAPES

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Biblioteca da F.C.L. – Assis – Unesp

B223d Baracat, Juliana  
Do trauma da sedução a sedução traumática: diálogos entre  
Sándor Ferenczi e Jean Laplanche / Juliana Baracat. Assis, 2017.  
201 f.

Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista (UNESP),  
Faculdade de Ciências e Letras, Assis  
Orientador: Dr. Jorge Luís Ferreira Abrão  
Co-orientadora: Dr<sup>a</sup> Viviana Carola Velasco Martínez

1. Ferenczi, Sandor, 1873-1933. 2. Laplanche, Jean. 3. Psicopa-  
tologia. 4. Trauma psíquico. 5. Psicanálise. I. Título.

CDD 616.89

JULIANA BARACAT

DO TRAUMA DA SEDUÇÃO A SEDUÇÃO TRAUMÁTICA: diálogos entre  
Sándor Ferenczi e Jean Laplanche

Tese apresentada à Universidade  
Estadual Paulista (UNESP), Faculdade  
de Ciências e Letras, Assis, para  
obtenção do título de Doutora em  
PSICOLOGIA. (Área de Conhecimento:  
PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 28/07/2017

COMISSÃO EXAMINADORA

PRESIDENTE: PROF. DR. Jorge Luís Ferreira Abrão - UNESP/ASSIS

MEMBROS: PROF. DR. Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto - UEM/MARINGÁ

PROF. DR. Fabio Roberto Rodrigues Belo - UFMG/BELO HORIZONTE

PROFA. DRA. Thassia Souza Emídio - UNESP/ASSIS

PROFA. DRA. Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro - UNESP/ASSIS

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à CAPES, pelo apoio financeiro concedido entre setembro de 2013 e agosto de 2015.

Agradeço a meu orientador, Jorge, e a minha co-orientadora, Viviana, pelo apoio e paciência.

Agradeço aos membros da banca, professores Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto (UEM), Fábio Roberto Rodrigues Belo (UFMG), Thássia Emídio de Castro (UNESP/ Assis) e Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro (UNESP/ Assis) pela colaboração na análise crítica deste trabalho.

Agradeço aos colegas Maria do Socorro Lacerda, Karla Rocha e Marcos Mariani Casadore pelas leituras, auxílio com materiais e apoio carinhoso.

BARACAT, Juliana. **Do trauma da sedução a sedução traumática: diálogos entre Sándor Ferenczi e Jean Laplanche**. 2017. 201 f. Tese. (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista- (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2017.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo estabelecer um diálogo entre as teorias do trauma de Sándor Ferenczi e Jean Laplanche, a fim de relacionar os pontos convergentes presentes nos autores. Para tanto, procedeu-se a uma revisão bibliográfica a fim de destacar a especificidade do pensamento de cada autor. Discorreu-se sobre a vida e obra de Ferenczi a título de efetuar um resgate do autor e pontuar os principais conceitos envolvidos em sua concepção de trauma. Depois, descreveu-se a trajetória de pesquisa de Laplanche, a qual eclodiu na renovação teórica apresentada em sua teoria da sedução generalizada. Ao final, articulou-se os principais conceitos teóricos presentes na teoria de ambos para discutir a noção de trauma oriunda destas. Destacou-se quatro pontos fundamentais sobre os quais a análise teórica foi feita: a abertura psíquica; o papel do outro na constituição subjetiva; a noção de corpo como parasitado pelas representações desligadas e a noção de *après-coup* como característica da temporalização do humano. Como resultado caracterizou-se dois tipos de trauma descritos pelos autores: o trauma fundamental e o trauma intromissivo. Também se certificou que para os autores o caráter exógeno da formação psíquica implica a relação com o outro originário, cujas mensagens pulsionais incidem sobre a criança, instaurando a tópica inconsciente. Assim, pode-se pensar nos aspectos éticos implicados no cuidado parental e nas possibilidades profiláticas da terapêutica psicanalítica.

Palavras-chave: Ferenczi. Laplanche. Psiquismo originário. Trauma. Intromissão.

BARACAT, Juliana. **From the trauma of seduction to the seduction's trauma: dialogs between Sándor Ferenczi and Jean Laplanche**. 2017. 201 p. Thesis (Doctor in Psychology). São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2017.

### ABSTRACT

This research aims to establish a dialogue between the trauma theories of Sándor Ferenczi and Jean Laplanche, to enable to indicate their convergence points. Therefore, proceeded a bibliographical review to point out the specificity of each author's thoughts. Ran through the life and work of Ferenczi to evaluate the author rescue and point out his major concepts about the trauma. Than, described Laplanche's research, which emerges in a theoretical renovation presented in the general seduction's theory. In the end, we articulate the major concepts present in both authors to discuss the notion of trauma from them. We accentuated four conceptual axes to proceed to an theoretical analysis: the psychic openning; the role for the other in the psychic constitution; the notion of body as parasited by desconnected representations and the notion of après-coup as caracateristic of human temporalization. As result, we caracterized two types of trauma as described by the authors: a fundamental trauma and the intromissive trauma. Also certificates that for these authors the psychic formation has an exogenous character implicated in the relationship with the original other, which pulsional messages affects the child, instituting the unconscious topic. So, we can think about the ethical aspects of the child's care and the possibilities of psychoanalytical therapeutics.

Key-words: Ferenczi. Laplanche. Original psychic. Trauma. Intromission.

## SUMÁRIO

|                                                                     |            |
|---------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                             | <b>7</b>   |
| <b>CAPÍTULO 1- MÉTODO, MEMÓRIA E HISTÓRIA DA PSICANÁLISE.....</b>   | <b>12</b>  |
| 1.1.Justificativa.....                                              | 12         |
| 1.1.1. O trauma nas origens.....                                    | 12         |
| 1.1.2. Dois discípulos “infiéis”: Ferenczi e Laplanche.....         | 18         |
| 1.2.Objetivos .....                                                 | 27         |
| 1.3.Metodologia.....                                                | 27         |
| <b>CAPÍTULO 2- PROCURANDO</b>                                       |            |
| <b>FERENCZI.....</b>                                                | <b>36</b>  |
| 2.1. Os anos de formação e o encontro com Freud.....                | 38         |
| 2.2. Um discípulo fiel.....                                         | 43         |
| 2.3. Confusões transferenciais.....                                 | 49         |
| 2.4. Artimanhas no reino: a institucionalização da psicanálise..... | 58         |
| 2.5. A ilha dos sonhos de Ferenczi.....                             | 71         |
| 2.6. O legado de Ferenczi.....                                      | 81         |
| <b>CAPÍTULO 3- A CATÁSTROFE HUMANA: FERENCZI E O</b>                |            |
| <b>TRAUMÁTICO.....</b>                                              | <b>88</b>  |
| 3.1. Descentramentos de um discípulo- 1908/1928.....                | 89         |
| 3.2. O trauma como origem.....                                      | 101        |
| <b>CAPÍTULO 4- A TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE JEAN</b>         |            |
| <b>LAPLANCHE.....</b>                                               | <b>113</b> |
| 4.1. Um astrônomo da psicanálise.....                               | 113        |
| 4.2. Origens do psiquismo, origens da teoria.....                   | 129        |
| 4.3. O ‘corpo estranho’ em mim: o outro e o inconsciente.....       | 138        |
| <b>CAPÍTULO 5- DO TRAUMA DA SEDUÇÃO À SEDUÇÃO TRAUMÁTICA-</b>       |            |
| <b>FERENCZI COM LAPLANCHE.....</b>                                  | <b>157</b> |
| 5.1. Peculiaridades dos autores estudados.....                      | 157        |
| 5.2. Trauma fundamental e trauma intromissivo.....                  | 165        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                   | <b>184</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                              | <b>188</b> |

## INTRODUÇÃO

A proposta dessa pesquisa foi estabelecer um diálogo entre as teorias do trauma de Sándor Ferenczi e de Jean Laplanche. A teoria do trauma na obra de Ferenczi pode ser considerada sua maior contribuição à psicanálise, tendo ocorrido de modo concomitante às experimentações técnicas – por sua vez também notórias neste autor – e gerando muitos debates até hoje. Já em Laplanche, o conceito de trauma é elaborado em duas vias: uma primeira, que diz respeito à fundação da tópica psíquica e, portanto, fundamental e estruturante do ser humano; uma segunda, nomeada pelo autor como processo de intromissão, que, conforme demonstrarei no decorrer deste trabalho, aproxima-se da conceituação do complexo traumatogênico discutido por Ferenczi nos primórdios da teoria psicanalítica.

Esta proposta nasceu a partir de minha dissertação de mestrado, defendida no ano de 2012, na Universidade Estadual de Maringá, decorrente do trabalho que desenvolvi no Laboratório de Estudos e de Pesquisa em Psicanálise e Civilização, o qual propunha pesquisas na via da história do pensamento psicanalítico a partir dos trabalhos desenvolvidos por Jean Laplanche e sua teoria da sedução generalizada. Foi a partir do estudo da obra de Laplanche que se deu meu primeiro encontro efetivo com Ferenczi – até porque é preciso apontar que em minha experiência acadêmica o pouco contato que tive com esse autor se limitou à menção de sua participação no Movimento Psicanalítico Freudiano e a boatos que marcaram o fim de sua vida.

É importante salientar que Laplanche propõem que a pesquisa psicanalítica tome como base o revisionismo do pensamento psicanalítico numa perspectiva histórica e contextualizante, de forma a favorecer o contínuo desenvolvimento teórico e prático da psicanálise, renovando-a a partir de seus fundamentos originários (LAPLANCHE, 1992g).

Além de sua teoria da sedução generalizada, o autor marcou o aprimoramento da pesquisa na área, como é possível de ser observado em sua série de trabalhos denominados *Problemáticas* (LAPLANCHE, 1998; 1988; 1989; 1992h; 1993; 2006). Em sua teoria da sedução generalizada, Laplanche se apoia em duas teorias pioneiras na história do movimento psicanalítico: a teoria da sedução de Freud e a teoria do trauma de Ferenczi. Tomadas por muitos autores como equivalentes, tais teorias apresentam aspectos diferentes em seu enfoque das problemáticas humanas geradas no trabalho

clínico, sendo que Laplanche efetuou uma leitura articuladora de ambas de forma a pensar o fenômeno da constituição do sujeito psíquico.

Em linhas breves, a teoria da sedução generalizada de Laplanche (1992g) retoma o problema das origens do psiquismo humano, já que para este autor, nascemos sem um inconsciente, sem uma tópica psíquica. Assim, o bebê se vê diante de um duplo desamparo: um físico, já que depende inteiramente dos cuidados de um adulto<sup>1</sup> para sua sobrevivência; outro psíquico, posto que no ato de maternagem o adulto transmite mais do que cuidados inócuos, transmite, também, os conteúdos de seu inconsciente, parasitado por fantasias, idealizações e seus sintomas.

Nesta comunicação primordial, a dissimetria comunicativa faz com que o outro cuidador implante seus enigmas – termo utilizado para indicar que tais conteúdos inconscientes lhes escapam. Para elaborar o funcionamento desse processo, Laplanche (1992g) toma o texto *Confusões de línguas entre o adulto e as crianças* (1932/2011c) de Ferenczi como um de seus fundamentos, junto da teoria da sedução de Freud. Sobre esta, o autor toma o cuidado de diferenciar os níveis de sedução, já que a teoria freudiana apontava para as seduições focais, no que Laplanche nota também a existência de outra, mais comum e necessária à humanização do bebê: a sedução do amor narcísico do adulto dirigido para a criança, infectando-a com seu movimento pulsional desejante. A partir disso, o autor irá rever toda a teoria psicanalítica dos pioneiros, especialmente Freud, para apontar como os fundamentos do funcionamento psíquico já se encontravam nos fundamentos da própria teoria psicanalítica (LAPLANCHE, 1992g).

Ademais, o estudo do trabalho de Laplanche instigou um forte interesse sobre a obra de Ferenczi, autor por mim praticamente desconhecido até aquele momento. Assim, ao ingressar no Programa de Pós-graduação em Psicologia, da Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Campus de Assis, pensei ser frutífera a realização de uma pesquisa que unisse os dois autores.

Em minhas leituras prévias, logo notei uma característica marcante nos trabalhos acadêmicos realizados sobre Ferenczi. Parece haver basicamente três tipos de trabalhos que versam sobre sua vida e obra: 1) abordando seu papel na história do movimento psicanalítico e a sua relação conturbada com Freud (ARON, 1998; DUPONT, 1995;

---

<sup>1</sup> Por adulto entendo um “ser já parasitado pelo inconsciente”, este “outro em mim”, até porque, como comumente acontece, o bebê pode ser criado por alguém que não seja propriamente um adulto. A isso podemos indicar a necessidade de mais trabalhos que versem sobre a gravidez e a maternagem em crianças e adolescente do ponto de vista da teoria da sedução generalizada.

GOROG, 2001; GROSSKURTH, 1992a; HAYNAL, 2002; MÉSZÁROS, 2014; ROAZEN, 1978; 1998); 2) abordando suas inovações técnicas, tais como sua visão da relação terapêutica marcada pelos fenômenos transferenciais e contratransferenciais, as técnicas ativas, a relaxação e a neocatarse (BIRMAN, 2014; BOKANOWSKI, 1997, BORGOGNO, 2004; BOSCHAN, 2011; HAYNAL, 1995; KILBORNE, 2008; KUPERMANN, 2008); 3) abordando sua teoria do trauma e suas implicações e desdobramentos na teoria e prática psicanalíticas, especialmente no que diz respeito aos pacientes que foram vítimas de violências e abusos sexuais na infância e as graves consequências psíquicas geradas neles (BALINT, 2014; BARANDE, 1996; BORGOGNO, 2004; BOSCHAN, 2011; GONDAR, 2010, 2013; MÉSZÁROS, 2012; MORENO; COELHO, 2012; PINHEIRO; 1995; SABOURIN, 1988; TALARN, 2003). Não obstante esses três pontos possam facilmente ser articulados, posto que um é consequência do outro, é o terceiro que se faz mais vivo nos estudos da teoria de Laplanche.

Após efetuar as leituras consideradas clássicas e obrigatórias sobre Ferenczi (BARANDE, 1996; HAYNAL, 2002; PINHEIRO, 1995; SABOURIN, 1988; TALARN, 2003) além de suas obras completas, as *Psicanálise I* (1991), *II* (2011a), *III* (2011b) e *IV* (2011c) e *O diário clínico de Sándor Ferenczi* (1932/2003), constatee a riqueza teórica e a contemporaneidade mencionada por seus comentaristas. Isso porque Ferenczi trouxe à tona temas e dificuldades teórico-técnicas ainda pouco estudadas em sua época. Além disso, é preciso mencionar que seu trabalho com a técnica psicanalítica e suas últimas produções teóricas – todas voltadas ao tema do trauma – o indispueram com Freud e com seus pares, gerando certo “ostracismo” do autor, que viria a falecer justamente naquele momento, em 1933.

Esse processo de esquecimento, que pode ser pensado metaforicamente como um recalçamento, teve como motivadores os conflitos com Freud no final de sua vida, as críticas que Ferenczi realizou sobre a psicanálise institucionalizada de sua época e, por fim, a forma maliciosa com a qual Jones o representou na biografia que escreveu de Freud (1979), como alguém desvairado e fora do controle de suas ideias e emoções. Assim, houve uma espécie de cristalização da ideia de loucura na pessoa e na obra de Ferenczi, que o levou a ser desacreditado pelo movimento psicanalítico por vários anos. Porém, esse fato não fez com que suas ideias viscerais e originais sobre o tratamento e a teoria psicanalítica não tivessem tido efeito sobre os psicanalistas posteriores a ele. Laplanche é um exemplo desse aspecto, apesar da distância temporal que separa ambos os autores.

Apesar da rejeição de seus pares, outros elementos devem ser considerados no processo de esquecimento de Ferenczi no meio psicanalítico, como a ocorrência da II Guerra Mundial, evento que afetou diretamente a vida dos psicanalistas europeus que se dispersaram pelos quatro cantos do mundo. No caso da Hungria, além da guerra, a instalação de um regime totalitário que se manteve após o seu fim, fortaleceu a diáspora psicanalítica, assim como destruiu documentos, lugares e, enfim, sua memória (MÉSZÁROS, 2014).

Desta maneira, a presente pesquisa direcionou-me rumo a um resgate da vida e da obra de Ferenczi a fim de oferecer um panorama do debate sobre suas ideias, para melhor embasar as posteriores apropriações efetuadas por Laplanche (1992g). Isto porque é necessário pontuar as diferenças histórico-teóricas da psicanálise e como tais atingiram a obra dos autores estudados.

Na época de Ferenczi, a psicanálise era considerada uma jovem teoria com pretensões à ciência, mas seriamente criticada pelo próprio meio científico e médico, que questionavam a legitimidade da existência do inconsciente. A clínica com crianças pequenas e bebês era praticamente inexistente, assim como a validade de uma proposta terapêutica voltada para psicóticos.

Já na época de Laplanche, autor que produziu a partir dos anos 1970 até os 2000, a teoria psicanalítica havia avançado muito, superando uma série de dificuldades que os autores pioneiros, especialmente Freud e Ferenczi, haviam se deparado.

Considerando o que apresentei, organizei o trabalho aqui apresentado do seguinte modo: no capítulo 1 justifico o estudo do trauma a partir da obra de Ferenczi e da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche, tendo em vista sustentar as relações dialógicas possíveis entre ambas. Também apresento o método utilizado – o método psicanalítico dirigido à heurística das obras estudadas a fim de destacar delas uma articulação plausível.

No capítulo 2 apresento um panorama geral da vida e da obra de Sándor Ferenczi, operando numa espécie de resgate do autor ao salientar a importância teórica e clínica de suas observações e elaborações e, também, pincelar alguns dados de sua vida que afetaram o ostracismo posterior à sua morte que abateu sua figura e obra.

Na sequência, no capítulo 3, tomarei os pontos essenciais de sua teoria do trauma, aprofundando-os nos conceitos que virão a se ligar à teoria da sedução generalizada de Laplanche.

No capítulo 4 entrarei no estudo da obra de Laplanche, pontuando sua trajetória acadêmica na área psicanalítica e a especificidade de seu trabalho, baseado no racionalismo filosófico típico dos autores franceses, mas também, no retorno crítico do pensamento de Freud. Neste mesmo capítulo, irei apresentar os conceitos essenciais de sua teoria da sedução generalizada e suas últimas contribuições teóricas, as quais enveredam para o debate acerca do papel da psicanálise na universidade e uma proposta de rever o problema do gênero e da sexualidade para além dos complexos de Édipo e de castração.

Por fim, no capítulo 5, procedo a uma espécie de amarração dos conceitos, tanto de Ferenczi quanto de Laplanche, numa perspectiva articuladora que possa oferecer as bases necessárias para relacionar tais teorias entre si e (por que não?) apontar como essa articulação teórica abarca um rico material para sustentar nossas práticas clínicas com pacientes marcados pelo processo traumático-intromissivo abordado pelos autores.

## CAPÍTULO 1- MÉTODO, MEMÓRIA E HISTÓRIA DA PSICANÁLISE

Neste capítulo, descrevo as razões da eleição dos autores Ferenczi e Laplanche no que diz respeito ao estudo do tema do trauma e, também, descrever os passos da pesquisa, a busca de fontes e material bibliográfico e a forma como o método psicanalítico foi aqui utilizado.

### 1.1. Justificativa

#### 1.1.1. O trauma nas origens

O caráter traumático envolvido na constituição do psiquismo está presente na psicanálise desde seus primórdios. A primeira hipótese de trabalho de Freud foi apontar o trauma sexual nas origens das psiconeuroses. Não obstante, após 1897, a sedução em seu caráter traumático foi posta em xeque pelo autor, mantendo o trauma, desvinculado desta, como um dos elementos envolvidos na composição do sofrimento psíquico, junto da predisposição constitucional e da força pulsional.

A temática do trauma em psicanálise é recorrente desde então, mais presente em alguns pensadores, menos em outros. O trauma pode ser entendido como um impacto do meio externo sobre o sujeito tanto de forma física quanto psicológica seja por meio de um único evento de proporções catastróficas, seja por meio de pequenos eventos de forma cumulativa. Pode ainda ser compreendido como parte universal da constituição psíquica através dos traumas implícitos veiculados nas relações humanas.

Com Laplanche (1999a), é possível pensar que o termo trauma traz em seu bojo o caráter polissêmico com que esse autor caracterizou sua noção de mensagem enigmática. Assim, em psicanálise, ao se falar em trauma, é importante destacar qual o sentido desse termo ao qual estamos nos referindo. Para tanto, uma breve retomada do conceito em Freud se faz necessário para destacar toda a complexidade do conceito e os desdobramentos a ele associados.

Em *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos* (1893/1996), Freud parte do trauma físico para chegar a uma elaboração do que seria o trauma psíquico, o qual deveria acometer o indivíduo num estado peculiar de consciência – distração, sonolência ou um transe – e podendo afetar uma parte do corpo com uma carga de

sugestionabilidade que levaria o sujeito a reviver a situação traumática a partir de alguma evocação externa ao evento. Deixando de lado a diferenciação entre histeria traumática e histeria comum, o autor chega a uma generalização, alegando que toda histeria tem sua origem num trauma.

Não obstante, Freud (1893/1996) ainda mantém uma breve diferença entre ambas as histerias, afirmando que na histeria traumática nota-se que “[...] há um grande trauma em ação, ao passo que na segunda raramente há um único evento principal a ser assinalado, operando antes uma série de impressões afetivas – toda uma história de sofrimentos.” (p. 40).

A histeria traumática seria, então, consequência de uma violência externa, cujo evento desencadeador poderia ser facilmente determinado. Já o trauma associado à histeria comum teria um componente maior ao afetar o conjunto da organização psíquica. Aqui nota-se que o efeito traumático para Freud, no caso da histeria comum, estaria do lado da representação psíquica de experiências vividas e não de um fato em si.

Ainda nesse texto, Freud (1893/1996) lança a mão de algumas observações que posteriormente terão importância na elaboração de sua teoria da sedução: a possibilidade de o paciente relembrar o evento, visualizando-o com “toda a sua realidade original” (p. 41); o papel da economia psíquica, sendo o trauma sentido como um acúmulo de excitações; e a ab-reação através da fala. O autor ainda argumenta que o problema maior do trauma é a impossibilidade de o sujeito reagir a esse, mantendo-se à lembrança do afeto gerado e não ab-reagido. Mas até aqui o trauma psíquico era tido como um evento real geral, indeterminado.

Somente em *As neuropsicoses de defesa* (1894/1996) que o autor irá associar o evento traumático com uma vivência de cunho sexual. Aqui é possível vislumbrar as bases teóricas da teoria da sedução: a vivência constrangedora de uma situação sexual; a defesa erigida contra os afetos e lembranças geradas; a consequente descarga do afeto no corpo, como forma de enfraquecer a lembrança incômoda. Freud (1894/1996) aponta para as diferentes defesas contra a lembrança do trauma especificando o tipo de psicose engendrada a partir dessas.

Entretanto, foi na troca de correspondências entre Freud e Fliess (1950/1996a) que o autor relatou mais sobre sua teoria da sedução e sua relação com o trauma sexual factual. Nesse âmbito, o conceito *a posteriori* é determinante para a compreensão da lógica

freudiana<sup>2</sup>. O evento traumático, nesse período teórico, seria o abuso sexual realizado por um adulto perverso, em geral próximo da criança, cujo efeito traumático viria posteriormente, quando o sujeito já teria experiências e idade suficiente para compreender o evento vivido. Seria na adolescência, momento em que a sexualidade sai de sua latência juvenil, que o aspecto traumatizante do abuso ocorrido ganharia seu aspecto sofrido.

É também nessas trocas epistolares que vemos o desenrolar das ideias de Freud, que em vários momentos expressa dúvidas sobre a assertividade de suas hipóteses. Importante destacar a carta 52, na qual Freud busca compreender a estratificação do material psíquico em suas transcrições e rearranjos. Assim, Freud concebe níveis distintos de consciência nos quais os registros de percepção se instalariam. As percepções seriam, assim, traduzidas no psiquismo e o processo de recalçamento constituiria uma falha desse processo devido à carga de desprazer envolvida na tradução do evento traumático (FREUD, 1950/1996a).

Entre as ideias que povoam a mente de Freud nesta época, já é possível ver a presença da constatação de que os fatos da infância têm peso relevante na constituição das patologias, especialmente “as coisas ouvidas pelas crianças em tenra idade e compreendidas somente mais tarde” (FREUD, 1950/1996a, p. 293). Vejamos um trecho em que Freud tenta elaborar a relação da experiência com a produção fantasística:

As fantasias derivam de coisas que foram *ouvidas*, mas só compreendidas *posteriormente*, e todo o seu material, naturalmente, é verídico. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles, e ao mesmo tempo, servem como auto absolvição. Talvez sua origem desencadeante se deva às fantasias de masturbação. Um segundo elemento de compreensão interna (*insight*) do assunto me diz que as estruturas psíquicas que, na histeria, são afetadas pelo recalçamento não são, na realidade, lembranças – de vez que ninguém se entrega à atividade mnêmica sem um motivo – mas sim *impulsos* decorrentes das cenas primevas (FREUD, 1950/1996a, p. 296 grifos do autor).

Observamos que o dilema entre lembrança do fato e fantasia relacionada ao ato masturbatório estava presente nas considerações de Freud. Assim, na carta 69 a Fliess, Freud (1950/1996a) declara o fim de sua *neurótica*, elencando os seguintes motivos: primeiro, as tentativas frustradas de encontrar no relato dos pacientes – e em sua autoanálise – a lembrança traumática e os sucessos parciais das terapias empreendidas;

---

<sup>2</sup> O termo utilizado por Freud é *Nachträglichkeit*, que gerou várias traduções ao longo dos anos. Strachey propôs ação deferida. Lacan, na década de 1960 utilizou o termo *après-coup*, o qual Laplanche adotou e conferiu uma visão renovada (LAPLANCHE, 2006). Daqui por diante, seguirei a tradução terminológica desse autor.

segundo, o fato surpreendente de que o pai – “inclusive o meu” (FREUD, 1950/1996a, p. 310) – teria que ser apontado como o autor dos abusos, o que estatisticamente era inviável e improvável considerar um número tão volumoso de perversos na sociedade; em terceiro, a descoberta de que no inconsciente não há indícios de realidade, estando ela mesclada com as ficções protetoras – fantasias; e por fim, em quarto, nem mesmo na mais delirante psicose é possível acessar as lembranças remotas da infância. Na sequência da mesma carta, Freud admite sua frustração teórica em relegar novamente a predisposição hereditária como uma influência determinante, a qual ele pretendia excluir de sua teoria das neuroses.

Na carta seguinte, de número 70, Freud (1950/1996a) afirma a Fliess sentir-se revigorado em seu trabalho e que sua autoanálise agora deslanchava. Expressa alívio ao certificar-se de que não fora seu pai o sedutor da infância, mas sim uma babá “feia e velha, mas esperta” (p. 312) e descreve uma série de lembranças de infância que, posteriormente, viria a povoar seus escritos teóricos como exemplos de sua teoria<sup>3</sup>. Entretanto, essas breves passagens indicam que o dito abandono da teoria da sedução – ou, dito em outras palavras, da sedução como fator traumático – não foi tão drástico. É o que aponta seu discípulo Sándor Ferenczi. No artigo *Progresso da teoria psicanalítica das neuroses (1907-1913)*, de 1914 (2011a), Ferenczi apresenta os desenvolvimentos da teoria psicanalítica e seus debates mais recentes, num tipo de texto muito comum em sua obra, que fazia parte de seu trabalho de divulgador e defensor da psicanálise. Logo no início ele diz:

Um artigo (datando de 1906), que trata dos trabalhos de Freud sobre a psicologia das neuroses, assinala uma descoberta inesperada com a qual o próprio Freud ficou incontestavelmente surpreendido, ou seja, que os traumas infantis exumados pela análise são comprovadamente, na grande maioria dos casos, não acontecimentos vividos de fato, mas histórias (contos) imaginados a partir de ocorrências anódinas. Houve um momento durante o qual a psicanálise esteve ameaçada de naufragar por causa dos depoimentos “duvidosos” dos histéricos. Uma das mais notáveis façanhas de Freud foi a de resistir a essa decepção e tomar essas mesmas fantasias por objeto de suas investigações. Uma consequência dessa mudança de orientação na pesquisa foi que a psicanálise, a qual para compreender (e curar) os sintomas neuróticos, consagra-se essencialmente, até então, ao estudo dos eventos manifestos do período infantil e, em particular, dos traumas ocorridos nesse período, começou a interessar-se pelos motivos que impelem o neurótico a ampliar e exagerar suas experiências infantis anódinas, até transformá-las em fantasias patogênicas. Foi preciso investigar esses motivos nos fatores endógenos, e o problema da qualidade e da potência

---

<sup>3</sup> Os escritos relacionados a essas lembranças são *A interpretação dos sonhos (1900/1996)* e *Lembranças encobridoras (1899/1996)*, tal como indicado em nota do editor.

dos fatores exógenos foi provisoriamente relegado para segundo plano. Veremos como, numa fase posterior da investigação, o trauma reencontra toda a sua importância, o que Freud, aliás, nunca perdera de vista. Ao atribuir tanta importância aos fatores constitucionais na gênese das neuroses, fez-se a teoria das neuroses correr o sério risco de ser, pura e simplesmente, integrada à teoria da “degenerescência”, representada por Janet, Lombroso, Moebius e outros, teoria em que a pesquisa psicológica é depressa abandonada em proveito de uma fraseologia biológica que se mostrou totalmente estéril até hoje. Freud escapou a esse erro por duas razões: o conhecimento do mecanismo dinâmico do recalçamento e suas pesquisas sobre o desenvolvimento da sexualidade (FERENCZI, 1914e/2011a, p. 177-8, grifos do autor).

Apesar de aqui não mencionar a sedução como um tipo de elemento traumático, posteriormente em sua obra Ferenczi o irá fazer, o que lhe renderia sérios conflitos com Freud, num momento em que relação deles já estava abalada. Retomarei esse ponto mais adiante. Portanto, é possível ver que os elementos traumáticos são mantidos como componente da etiologia das neuroses por Freud e seus discípulos. Aquilo que fora abandonado foi a ideia de que o trauma era expressão direta e incontestável de um abuso sexual, ou seja, a ideia de sedução. Mesmo essa pode ser ainda verificada na obra freudiana. Irei me ater a esse ponto quando introduzir aqui as contribuições de Laplanche. Por hora, vou continuar com a retomada do conceito de trauma em Freud. Alerto o leitor que essa retomada não se trata de uma exegese do conceito na obra de Freud, mas objetiva destacar desta alguns textos importantes em que a noção de trauma é discutida.

Em *Além do princípio do prazer* (1920/1996), Freud parte das neuroses de guerra e sua relação com os sonhos perturbados por fragmentos dessa realidade apavorante. Em suas observações, logo retoma a concepção econômica como via explicativa pela não elaboração de tais traumas e seu caráter eminentemente repetitivo. Associa, então, a particularidade da situação vivida em guerra para uma situação bem cotidiana e banal: a criança em seu jogo repetitivo como forma de aliviar a angústia da ausência materna. Podemos pensar que a ausência da mãe engendra no menino uma necessidade de elaborar uma falta na realidade material pela via da simbolização, aqui o jogo do *fort-da*.

Na parte final desse texto, Freud (1920/1996) comenta sobre um mecanismo de defesa psíquico que, segundo ele, teria uma base biológica, e é por ele denominada de paraexcitações. Tal mecanismo teria como função proteger o aparelho psíquico dos estímulos externos associados ao perigo, ao sofrimento e à angústia. Paraexcitações, de alguma forma, remetem a um filtro perceptivo, o qual neutralizaria o impacto do choque com eventos externos que irremediavelmente afetariam o equilíbrio econômico do

aparelho. Essa ideia, retomada em *Notas sobre o bloco mágico* (1925/1996b), remete ao próprio movimento de transformação psíquica da realidade material. Nesse texto, temos dois tipos de trauma díspares: o impacto maciço da guerra atuando tanto física quanto psicologicamente no sujeito e o trauma corriqueiro, mas não menos importante, da criança ao lidar com a ausência do objeto que lhe garante amor e proteção, no caso a mãe.

É este último tipo de trauma que Freud expõe em *Inibição, sintoma e ansiedade* (1926/1996b), quando retoma o problema do trauma *en passant*, argumentando sobre suas críticas acerca da ideia de Rank sobre o trauma do nascimento. Freud indica que no nascimento ocorre, inegavelmente, um aumento de excitações no bebê, considerando a intensidade dos estímulos externos com os quais ele não tivera contato antes. Aqui não há menção ao mecanismo de paraexcitações, mas Freud articula o trabalho de neutralizar e apaziguar tais excitações externas justamente com o papel materno. O autor conclui que o nascimento em si não poderia ser um trauma, pois as tensões vividas pelo bebê não podem ser consideradas como angústia. Mas, com o desenvolvimento psíquico, o bebê logo passa a associar a sensação de apaziguamento das necessidades com o objeto-pessoa que efetua tal ação.

É possível notar a partir dessa breve retomada do trauma em Freud que, mesmo reticente e ambíguo em relação ao problema da origem factual do psiquismo humano, nos trabalhos em que o autor menciona o trauma este aparece articulado, de alguma maneira, a eventos externos. Apontamos que em Freud o problema maior está em relativizar o peso efetivo dos termos, já que para o autor o evento real nunca deixou de ser uma possibilidade forte e provável, mas o impacto traumático continua sendo o trabalho interno de representação do evento. O trauma, assim, estaria de fato do lado da realidade psíquica, mesmo que esta seja engendrada por uma situação concreta. Salientamos, novamente, que a problemática da realidade psíquica em Freud nos parece apontar para o denominado desvio biologizante (LAPLANCHE, 1997) de sua obra, pois tal realidade será marcada por argumentos e explicações que remetem à ordem biológica e filogenética.

Esse ponto foi bastante trabalhado por Laplanche em suas teorizações. Através da metáfora do movimento copernicano, Laplanche (1992d) indica como a psicanálise foi inaugurada por Freud através de um descentramento do sujeito como núcleo originário do psiquismo. Assim, na teoria da sedução, o fator traumático era exógeno ao indivíduo; com o suposto abandono desta teoria, as ideias de Freud retornam às explicações constitutivas e hereditárias, re-centrando o sujeito como sua órbita principal, fato que o próprio Freud notou, tal como apontado neste tópico.

Em sua renovação teórica efetuada a partir dos fundamentos epistemológicos da psicanálise, Laplanche propõe um novo olhar, recuperando o descentramento originário. É possível pensar que, assim como ele, Ferenczi traçou o mesmo caminho, o que leva a pensar que suas teorias contenham uma proximidade epistemológica justamente por conta dessa ação inovadora.

### 1.1.2. Dois discípulos “infieis”: Ferenczi e Laplanche

A presente pesquisa foi marcada desde seu início pelas dificuldades de se aliar dois autores que, aparentemente, não apresentam relações já dadas. A distância temporal, geográfica e estilística entre ambos se coloca de antemão e, com isso, seria inviável proceder como outros trabalhos que discutem a influência de um autor sobre o outro, entre os quais as proximidades física, temporal e institucional são claras – como com Ferenczi e Melanie Klein.

Laplanche não foi um discípulo direto nem indireto de Ferenczi, como a já mencionada Melanie Klein – no caso discípula direta –, ou Donald Winnicott – este, indireto. O estilo de seus trabalhos também apresenta um grande contraponto: Ferenczi é mais clínico do que teórico, como ele mesmo admitia (DUPONT, 1995), enquanto Laplanche é mais teórico e sua clínica, se existiu, fez-se ausente em seus escritos (DEJOURS, 2012). É necessário salientar também que muitas das ideias que ressoam similaridade entre os dois autores, podem ter chegado a Laplanche através de outros autores, que não Ferenczi. Porém, ambos têm um forte ponto em comum: Freud, autor com quem dialogaram diretamente, Ferenczi, ou indiretamente, Laplanche. Apresentarei, na sequência, esses pontos com mais atenção.

Uma das características a serem levadas em consideração é o momento intelectual que abarca a teoria de cada um desses autores. Ferenczi viveu o movimento psicanalítico em formação, participou de debates ainda germinais em sua época, além do fato de, assim como Freud, guerrear contra os críticos da psicanálise em prol da sobrevivência da jovem ciência. Ademais, foi proclamado por Freud seu “paladino e grão-vizir” por conta de sua fiel atuação (SABOURIN, 1988). Grande parte de sua obra é dedicada a essa luta: provar e comprovar a validade dos postulados freudianos e responder aos críticos. Dessa forma, a maioria dos textos de Ferenczi se remete diretamente à divulgação e à defesa das ideias de Freud, sendo suas contribuições breves e focais. Apenas a partir de 1928 Ferenczi

elaborou os termos de sua teoria do trauma que, como apresentarei nos capítulos seguintes, o que o indispôs com Freud e seus colegas, mas evidenciou a peculiaridade de seu pensamento.

Laplanche viveu outras batalhas: as constantes cisões no campo psicanalítico francês, marcado, já na época, pela hegemonia do pensamento lacaniano. Laplanche também aborda a psicanálise com saberes que ainda não haviam sido veiculados nos tempos de Ferenczi. Mas que tempo era esse? Era o tempo da lei de Hackel, aquela que diz que “toda ontogênese repete a filogênese”, que a hereditariedade era convocada para explicar os fenômenos psíquicos precoces e relaciona sujeito e a cultura.

A organização libidinal genital era vista como sinal de maturidade psíquica e, portanto, concebida como saudável e etapa final de análise. Eram tempos em que uma contribuição teórica poderia ser encarada como um desvio dos fundamentos psicanalíticos, e assim, deveria ser combatida. Tempos em que não havia uma filosofia da psicanálise como área legítima de estudo, ou ainda, em que a forte articulação entre linguística e psicanálise, tão comum atualmente, era precária.

Uma primeira formulação desta pesquisa apontava para a possibilidade de se estudar a influência do pensamento de Ferenczi na escola francesa de psicanálise. Isto porque, diante de minha própria trajetória acadêmica, tive um período que dediquei exclusivamente ao estudo da obra de Lacan. Apesar de ter me afastado desta via ainda em 2009, antes de conhecer Laplanche e outros autores contemporâneos que hoje ocupam meu interesse, posso considerar que tenho uma boa compreensão das bases teóricas de Lacan. Ao realizar a leitura de Ferenczi, mesmo que de forma tardia, pude me deparar com uma imensa familiaridade entre o pensamento dele e de Lacan, assim como com o de Laplanche, que foi introduzido no mundo psicanalítico por Lacan, o que problematizarei adiante neste trabalho.

Essa constatação me levou a refletir sobre as formas de transmissão de conceitos em psicanálise e sobre como essa transmissão se dá em vias compatíveis com o funcionamento do aparelho psíquico, afinal, como Laplanche (1992g) pontua, ideias podem ser recalçadas, deslocadas e retornar de várias formas.

Entretanto, esta proposta de investigação se mostrou inviável devido a alguns aspectos: o tempo disponível para cumprir o prazo da pesquisa; a falta de fontes que me auxiliassem a identificar a influência de Ferenczi sobre autores da primeira e da segunda

geração francesa<sup>4</sup>, como Lacan; a questão do idioma, já que não leio nem em alemão, nem em húngaro.

Por meio da leitura de alguns trabalhos de Yves Lugrin (2012b; 2015) constatee que havia uma apropriação maciça de Lacan sobre o pensamento de Ferenczi. Segundo Lugrin, Lacan teria tido grande contato com as ideias de Ferenczi ainda nas décadas de 1930 e 1940 através da leitura das revistas psicanalíticas da época, publicadas em alemão, que veiculavam os artigos que abarcavam justamente o tema do trauma trabalhado por Ferenczi.

Frente a esses aspectos, a opção por prosseguir com essa proposta requereria uma grande revisão da obra completa de Lacan, empreitada a qual não me via disposta, já que me desiludira com alguns aspectos dessa teoria há alguns anos. De qualquer forma, aponto a necessidade deste tipo de pesquisa, da qual tenho notícias do já mencionado professor Lugrin sobre um livro em desenvolvimento<sup>5</sup>.

Assim, se a relação entre Ferenczi e Lacan já parecia distante, quanto mais entre Ferenczi e Laplanche. Isto se deve ao fato de que Laplanche, autor mais distante na cadeia cronológica, poderia ter sofrido outras influências que não as de Ferenczi. É importante salientar que seus comentários sobre Ferenczi são poucos, ele costuma se referir mais a Winnicott, autor que herdou, indiretamente, algumas ideias e posturas de Ferenczi, como o reconhecimento do papel parental na precocidade da vida, os impactos dos traumas reais e o peso do aspecto relacional plasmado no psiquismo. Enfim, como o leitor pode observar, perdida neste mar de influências indiretas, deslocadas, apropriadas implicitamente e desviadas, a presente pesquisa corria sério risco de não se realizar.

Abandonado o germe da pesquisa anterior, pareceu-me frutífero, ainda, viabilizar um diálogo entre Ferenczi e Laplanche, considerando a riqueza que as observações e elaborações teóricas daquele autor ofereciam ao problema do trauma. Assim, a proposta aqui não é necessariamente provar uma influência de um para outro autor, mas sim somar suas contribuições sobre o tema de forma a discutir possíveis relações entre suas ideias – as quais transcendem o tempo vivido por cada um –, suas trajetórias peculiares na psicanálise e o público com o qual dialogam. Penso que desse será possível recuperar

---

<sup>4</sup> No levantamento bibliográfico, o único dado que aponta uma possível influência direta de Ferenczi na escola francesa de psicanálise nos seus primórdios foi o fato dele ter sido analista de Eugénie Sokolnicka (GROSSKUTH, 1992a; ROUDINESCO; PLON, 1998). Cabe a futuras pesquisas tomar os trabalhos desta autora para se averiguar uma possível influência e seu alcance naquele grupo.

<sup>5</sup> Comunicado por e-mail na data de 08 de dezembro de 2016.

importantes ideias que possam elucidar as complicadas tramas que compõem o psiquismo humano no que diz respeito ao trauma.

Para tanto, destaco a necessidade de cuidado e de respeito em relação às particularidades da obra de cada autor, e é por isso que, a princípio, irei trabalhá-los separadamente para, ao final, tecer as considerações articuladoras.

A história da vida e da obra de Sándor Ferenczi é pontuada pelo ritmo agitado dos movimentos culturais que ocorreram em sua época, dentre eles, obviamente, inclui-se o movimento psicanalítico. Nascido na Hungria em 1873, na época um país recém-saído das sombras do Império Austríaco e marcada pelo paradoxo de ser um país basicamente feudal com uma capital – Budapeste – cosmopolita e efervescente, Ferenczi rapidamente alça voos no campo da ainda jovem psicanálise, como clínico sensível e teórico inovador. Sua figura vivaz o torna um dos grandes porta-vozes da causa freudiana, não obstante, seus caminhos o levariam a questionar seu mestre, Freud, e a criticar pontualmente seus colegas. Morto precocemente aos 59 anos, vítima de uma anemia perniciosa, ficaria marcado por décadas na história da psicanálise como um louco desvairado, estigma oriundo de mal-entendidos com Freud e da maledicência de Ernst Jones, seu colega e ex-paciente, que o imortalizou desta maneira na biografia oficial de Freud (TALARN, 2003).

Além desses fatores, temos que levar em consideração os eventos que marcaram a Europa naquela época, a II Guerra Mundial e as instabilidades políticas na Hungria (MÉSZAROS, 2014), as quais levaram milhares de psicanalistas a fugir para diversos países do mundo. Grande parte deles foi resgatada pela acolhida inglesa e a esse respeito os esforços de Jones foram exemplares (MÉSZÁROS, 2014). Esse fato auxilia a compreender algumas das maneiras pelas quais a teoria psicanalítica se dispersou e se desenvolveu pelo mundo. Auxilia, também, no entendimento do porquê do silenciamento sobre Ferenczi durante quase cinquenta anos de história da psicanálise, ponto que desenvolverei detalhadamente no capítulo 2.

Desde os primórdios da história institucional da psicanálise, Freud utilizava metáforas de guerra ou de doenças para expressar sua luta por reconhecimento e legitimação de sua jovem ciência. Assim, metáforas tais como “contágio”, “peste”, “luta”, entre outras, serviam para apontar o aspecto “virulento” que a psicanálise continha em seu saber. Nesse sentido, o termo “resistência” comporta um aspecto polissêmico que abarca tanto o movimento oposto a um corpo, um obstáculo a ser ultrapassado, quanto o significado de lutar por algo. Não é à toa que os movimentos políticos opostos aos regimes totalitários da Europa nos séculos XIX e XX ganharam essa alcunha, já que defendiam

ideais opostos aos hegemônicos ao mesmo tempo em que suportavam uma série de perseguições e provações.

A palavra resistência nos diz muito sobre a história de Sándor Ferenczi. Ao mesmo tempo em que os participantes do movimento psicanalítico de sua época resistiram às inovações técnicas que ele propôs, sua teoria do trauma – compreendida como mera retomada da teoria da sedução de Freud – e suas críticas à formação do analista na via em que mencionei – como um movimento de recalçamento de sua figura e obra da história oficial da psicanálise – indicavam seus esforços para manter seu legado vivo, demonstrando uma força oposta tão forte e tão vital quanto aquela que o rejeitara.

Assim, a resistência aplicada sobre seu ser e sobre sua obra teve como contraponto outra força resistente em mantê-lo vivo, tal como é possível testemunhar a partir da história de seus discípulos e de seus esforços em publicar suas obras e papéis pessoais, como seu diário e as cartas trocadas com Freud (DUPONT, 1995; DUPONT, 2013; HAYNAL, 1994; HOFFER, 2001).

Hoje sabemos de seu visionarismo: Ferenczi é tomado como contemporâneo por muitos autores (BOKANOWSKI, 1997; BORGOGNO, 2004; BOSCHAN, 2011; MÉSZÁROS, 2014). Para Agamben (2009), a qualidade do sujeito contemporâneo agrega a capacidade de antever aquilo que ainda não se fez claro, captar as tensões implícitas em certo momento, as quais só serão vistas a olho nu por nós, sujeitos comuns, muito tempo depois.

Nas palavras do filósofo italiano, “contemporâneo” é aquele que: “[...] mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro.” (p. 62). Tal obscura sagacidade requer um enorme grau de coragem, o que indica a raridade daquele que pode ser encarado como contemporâneo. Agamben (2009) continua dizendo:

E por isso ser contemporâneo é, antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar (p. 65).

Não obstante, este conhecimento parece só ser reconhecido por aqueles que tiveram algum contato com Ferenczi. Praticamente ausente nos ensinamentos de graduação, e ainda raro nas especializações *lato sensu* ou em cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, Ferenczi caminha em círculos ainda muito fechados. Ofereço como exemplo minha própria trajetória acadêmica, iniciada com Lacan, só alcançou Ferenczi após o estudo de Laplanche. É possível pensar que Ferenczi parece ser continuamente

redescoberto. Para alguns pesquisadores, porém, a obra de Ferenczi se mantém à sombra da de Freud; fato é que o fora até meados da década de 1920, quando ele iniciou as experimentações técnicas que deram início aos seus conflitos com Freud.

É fato que a pesquisa psicanalítica contemporânea vem apresentando um contínuo movimento de retorno aos autores considerados pioneiros, com resgate do pensamento e da história de psicanalistas “esquecidos”, como Sabina Spielrein (CROMBERG, 2014). Do mesmo modo, esse “redescobrimento” tem sido desenvolvido com a obra de Ferenczi já há algum tempo. A esse respeito, cito, por exemplo, os trabalhos que relacionam o pensamento de Ferenczi com o de Winnicott (BORGOGNO, 2007; MORENO & COELHO JUNIOR, 2012); sua influência na epistemologia de Melanie Klein (CINTRA, 1993); suas contribuições, indiretas, na Escola Psicossomática tanto a Escola Francesa de Psicossomática quanto a de Chicago, através de seu compatriota Franz Alexander (MÉSZÁROS, 2014); a leitura efetuada por Lacan em sua obra inicial (BIRMAN, 2014; LUGRIN, 2012b, 2015); e as ressonâncias de seu pensamento em Bion (BORGOGNO, 2004).

É esta via que Erös discute em seu artigo, *The Ferenczi Cult: its historical and political roots* (2006), ao apontar como a obra de Ferenczi tem sido revisitada e discutida nos últimos vinte e cinco anos de sua “redescoberta”. Para o autor, é necessário tomar o cuidado de não idealizar em demasia a figura e obra de Ferenczi – tal como se pode observar com autores como Freud, Lacan e Winnicott – exagerando o alcance de suas obras e propondo que Ferenczi simplesmente influenciou todos os psicanalistas.

Entretanto, é digno de nota que a crítica de Erös é pertinente para o ambiente intelectual que margeia a psicanálise húngara atualmente. Após anos de estagnação em decorrência do regime político totalitário que por lá se instalou, tendo grande parte de seus autores pioneiros imigrado para outros países e atuado em outras escolas, vem sendo possível observar um esforço no sentido de resgatar as raízes de uma chamada escola Húngara. Um exemplo desse esforço pode ser testemunhado nos trabalhos de Judit Mészáros (2003; 2012; 2014), uma das mais emblemáticas representantes da *Ferenczi Society*, cujos trabalhos versam sobre o resgate da obra de Ferenczi e outros autores húngaros mediante a diáspora ocorrida durante as décadas de 1930-1940. Por outro lado, há de se pensar que se Freud é considerado o “pai” da Psicanálise, por que Ferenczi não poderia ser a “mãe”?<sup>6</sup> (HOFFER, 2011).

---

<sup>6</sup> A brincadeira aqui reside justamente no fato de que Ferenczi foi o autor que resgatou a figura materna e a importância de seu papel na origem da vida humana, tanto material quanto psíquica. Ademais,

Acerca da crítica de Erös (2006) pude observar uma característica da obra de Ferenczi que pode auxiliar a compreender a presumida abrangência de seu pensamento em termos de influência. Ferenczi tem um estilo de trabalho que dificilmente poderia ser chamado de “acadêmico”, considerando o formalismo de hoje ou de ontem. Alguns de seus trabalhos apresentam uma estrutura formal mais acabada, com referências precisas e revisão de bibliografia sobre o tema estudado. Como exemplo desse tipo de trabalho, indico os artigos: *A respeito das psiconeuroses* (1909/1991a), *O papel da homossexualidade na patogênese da paranoia* (1911/1991b), *Progresso da teoria psicanalítica das neuroses - 1907-13* (1914e/2011 a), *Formações compostas de traços eróticos e de traços de caráter* (1916b/ 2011a), *Psicanálise das neuroses de guerra* (1919e/2011b), *O problema da afirmação do desprazer* (1926c/2011b).

Em muitos de seus trabalhos, entretanto, Ferenczi é mais direto e preocupado em comunicar suas observações clínicas ou mesmo inquietações diante de fenômenos que ainda não conseguia explicar. Exemplos desses artigos breves e, em geral, inacabados do ponto de vista formal, permeiam boa parte do volume II (FERENCZI, 2011a) e III (FERENCZI, 2011b), dos quais apontamos como exemplos emblemáticos os artigos: *“esquecimento” de um sintoma* (1914c/2011a), *O silêncio é de ouro* (1916c/2011a), *Neuroses de domingo* (1918/2011a), *A psique como órgão de inibição* (1922/2011b), *Os filhos de alfaiate* (1923b/2011b), *O sonho do bebê sábio* (1923a/2011b). Este último oferece um bom exemplo da construção teórica de Ferenczi. Ainda é preciso mencionar que essa comunicação de uma página posteriormente se tornará um dos elementos metafóricos com os quais o autor irá trabalhar em sua teoria do trauma.

Seus comentaristas conferem argumentos plausíveis para essa brevidade característica de Ferenczi. Por exemplo: Balint informa no prefácio do volume II (FERENCZI, 2011a) que esses artigos curtos são fruto da época em que Ferenczi vivia um forte conflito amoroso, do qual tratarei no capítulo seguinte, e também sofria as consequências de sua estada num assentamento militar em Papas.

Assim, Ferenczi não tinha nem tempo nem a atenção suficiente para empreender trabalhos mais volumosos e “bem acabados”. Além disso, lendo os textos de Ferenczi, observei que esse caráter não conclusivo de seus trabalhos, seja nos mais breves, seja nos mais completos, aponta para uma série de pistas intuitivas que Ferenczi fazia questão de expor em suas comunicações. Muitas dessas pistas ou ideias germinais, as quais são

---

em contraponto a crítica de Erös, tendo a concordar com aqueles que veem ressonâncias de Ferenczi por toda parte.

encontradas por toda sua obra, provavelmente tiveram continuidade no trabalho de outros, como Melanie Klein e Michael Balint.

Ademais, conforme o argumento de Hoffer (2011), de que Ferenczi seria a “mãe” da psicanálise elucida muita coisa. De fato, todas as possíveis influências vislumbradas nos autores posteriores a ele têm esse ponto em comum: Ferenczi parece ressurgir quando se trata das relações precoces entre a criança e os adultos que a rodeiam. Na psicanálise contemporânea, esse tema não pode ser encarado como exclusivo de um autor, já que todos passam, em alguma medida, por essa problemática.

Além desse aspecto, há que se concordar com Kahtuni e Sanches (2009), organizadoras do *Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi*, de que sua obra é basicamente freudiana até 1928, ano a partir do qual Ferenczi se dedica a elaborar sua teoria do trauma de forma independente, cujos desenvolvimentos teóricos seriam bastante criticados por Freud. Como ele faleceu em 1933, o pouco tempo de trabalho sobre suas ideias as deixaram inacabadas, o que conferiu a sua obra um caráter aberto.

Sua morte precoce também sobrevém num momento decisivo na vida de Ferenczi, em que ele vivia o conflito entre se afastar de Freud e continuar seu trabalho teórico ou abandonar suas ideias em prol da manutenção dessa relação tão importante de sua vida. É por este motivo que, além de apresentar o todo de seu trabalho teórico no capítulo 2, optei por trazer alguns dados de sua vida pessoal os quais, segundo observei lendo os comentaristas de sua obra, tiveram um peso importante nos rumos de seu trabalho teórico, assim como na visão que seus colegas psicanalistas e Freud elaboraram a respeito dele, cristalizando a imagem do louco desvairado por décadas na memória do movimento psicanalítico<sup>7</sup>.

Além disso, Ferenczi apresenta uma forte característica que o liga a Laplanche: sua infiel fidelidade a Freud. Diz Laplanche: “a obra de Freud é, pelo menos para mim, o espaço de uma *infiel fidelidade*: fidelidade na tradução primeiramente, única forma de possibilitar a infidelidade na discussão” (2015a, p. 258). Assim, fiéis ao que Freud diz (ou escreveu) podem discordar do mestre, desdobrar suas ideias, retomar ideias abandonadas (ou incômodas), enfim, desenvolvê-las. A essa característica de ambos irei utilizar um termo de Laplanche para apontar estes desdobramentos: descentramento.

Porém, quais seriam as outras relações que podem amparar esse casamento que proponho entre Ferenczi e Laplanche no que diz respeito ao conceito de trauma?

---

<sup>7</sup> Saliento que não esgotarei a biografia e a obra de Ferenczi, mas apenas assinalarei os aspectos biográficos e teóricos que tangenciam a temática acerca do trauma.

A pesquisa inicial apontou para o fato de que Ferenczi foi inicialmente traduzido na França por meio do trabalho de alguns psicanalistas húngaros que por lá se instalaram, como Judith Dupont, que teve papel primordial na dispersão das ideias de Ferenczi através das publicações na revista *Le coq héron* (2009), que ela fundou em 1969.

Outros autores, como André Haynal, apesar de instalado na Suíça, também escreveu nesta língua e teve grande participação nas publicações e traduções da obra de Ferenczi em francês. Esse dado aponta para o transbordamento de idiomas que povoam a psicanálise e a importância do trabalho de tradução na veiculação da obra de certos autores, como no caso de Ferenczi, em face do pouco acesso aos escritos em língua húngara.

Esse primeiro ponto, que se refere ao trabalho de tradução, já indica uma possível relação entre Ferenczi e Laplanche, já que primeiro traduzia constantemente seus próprios textos para o alemão, como também textos de Freud para o húngaro (FERENCZI, 1991, nota dos tradutores). Já Laplanche é consagrado como um dos maiores estudiosos de Freud justamente por seu envolvimento com a tradução de sua obra para o francês, empreitada da qual Laplanche faz parte desde a década de 1960, a princípio sob a direção de Daniel Lagache (SCARFONE, 1997).

A essa atividade tradutiva, liga-se o trabalho na docência, posto que Ferenczi foi o primeiro professor universitário de psicanálise da história. Durante um breve período em 1919, durante o governo socialista de Bela Kuhn, a pedido de alunos de medicina, foi instaurada a primeira cátedra de psicanálise na Universidade de Budapeste (SABOURIN, 1988).

Ferenczi foi escolhido como professor, posto em que permaneceu por poucos meses, já que com o golpe militar liderado pelo marechal Horthy se iniciariam os anos conhecidos por “terror branco”, nos quais os esforços humanitários do governo Kuhn seriam apagados um a um (MÉSZÁROS, 2014).

Já Laplanche inicia sua jornada docente na década de 1970, com cursos que propunham problematizar conceitos fundamentais da obra freudiana para destacar derivações renovadas. Além disso, o autor reconhece a legitimidade do trabalho de pesquisa acadêmica na área, pois este espaço possibilita uma aproximação mais crítica e realista dos textos fundamentais de Freud e de outros autores, limpando o ranço da idolatria e do dogmatismo que, como observei, paralisa o desenvolvimento do pensamento.

## 1.2. Objetivos

Objetivo geral: estabelecer um diálogo entre as teorias do trauma de Sándor Ferenczi e de Jean Laplanche.

Objetivos específicos:

- apresentar os principais pontos da vida e da obra de Sándor Ferenczi;
- apontar os principais conceitos da teoria do trauma de Ferenczi;
- apresentar a Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche;
- discutir as ideias de Ferenczi e de Jean Laplanche em sua Teoria da Sedução Generalizada, apontando suas aproximações e pontos fecundos.

## 1.3. Método

Esta pesquisa trata da psicanálise em seu caráter histórico e epistemológico, considerando-se as particularidade e proximidades do pensamento dos autores estudados. A seguir, trago algumas considerações sobre o desenvolvimento do campo psicanalítico para contextualizar as contribuições de Ferenczi e Laplanche, respectivamente.

Em 1917, Freud escreve um artigo a pedido de Hugo Ignotus, editor da revista húngara *Nyugat*<sup>8</sup> e amigo pessoal de Ferenczi, o qual ele intitula *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917/1996). Esse breve trabalho, escrito para um público leigo, indica que a maior dificuldade das ideias psicanalíticas está no choque narcísico que elas engendram. Aqui, Freud lança a mão de seu conhecido comentário sobre os três choques narcísicos da humanidade, desferidos respectivamente por: Copérnico, ao descentrar o planeta Terra do centro do universo; por Darwin, ao indicar nosso passado desenvolvimentista relacionado aos primatas, e não a deus; e ele próprio, Freud, ao indicar a força primordial do inconsciente sobre seu servo, o ego.

Dois anos depois, Freud (1919/1996a) volta a colaborar com outra revista húngara, a *Gyógyászat*<sup>9</sup>, acerca da inclusão da psicanálise nos meios universitários. Para ele, do ponto de vista da psicanálise, não há essa necessidade, já que sua produção teórica e formação profissional são independentes do meio acadêmico, e, portanto, uma disciplina dedicada a ela seria aceita de bom grado aos interessados pela psicanálise.

---

<sup>8</sup> Oeste

<sup>9</sup> Terapia

Os problemas para o autor seriam dois: saber se a ciência atribui algum valor legítimo ao saber psicanalítico e como essa inclusão seria feita. Alguns anos antes, Freud escreveu *O interesse científico da psicanálise* (1913/1996a) indicando algumas áreas em que ela poderia colaborar, tais como: a filologia, a filosofia, os estudos sociais, entre outros.

Enfim, esse debate ainda não está sanado, e a cada vez que um trabalho psicanalítico é proposto em uma universidade gera controvérsias, pois o caráter positivista dos trabalhos ditos científicos ainda é uma prerrogativa, quando não uma imposição, da própria área. E, por isso, é bastante desafiador falar de psicanálise, que tem como tema principal os processos inconscientes.

Quando Freud menciona o aspecto narcísico desferido pela descoberta do inconsciente psicanalítico, é possível pensar em resistências a esse saber que abalam os ideais de controle e de domínio de um objeto. Mas como fazer, se o objeto estudado é justamente aquele que nos escapa?

Então, é preciso recorrer aos debates já travados. Laplanche é um dos grandes debatedores a respeito desse problema sobre a legitimidade da psicanálise na universidade. Em *Novos fundamentos para a psicanálise* (1992g), o autor caracteriza a experiência psicanalítica em quatro pontos: teórica, clínica, extramuros e histórica. Em cada um deles, há pontos que se articulam, denotando o caráter de inventividade e autenticidade que permeia cada um, aproximando-os. Esses quatro eixos configuram-se o que o autor chama de teorética.

Tanto a teoria quanto a história podem ser fonte de desvios, tendenciosidades e invenções, cujos interesses e jogos de poder podem afetar mais do que uma pretensa verdade inabalável. Da mesma forma, a clínica psicanalítica pode ser entendida como um espaço legítimo de escuta e de produção subjetiva, independente da presença de um divã. Além do mais, a clínica por si só é testemunhada apenas pelo analista e por seu paciente; no caso de comunicação a terceiros, há uma transformação da narrativa do paciente para a narrativa do analista, acompanhada de suas interpretações, impressões e desconstruções. Já a psicanálise extramuros, mais conhecida como psicanálise aplicada – termo ao qual Laplanche aponta algumas ressalvas, daí o nome que cunhou para essa – tem seu espaço legitimado pela constatação de que os fenômenos psíquicos se embrenham em qualquer tipo de produção humana seja uma obra de arte, seja os fenômenos coletivos.

Provavelmente, as concepções de Laplanche derivem justamente do método que ele desenvolveu, ou melhor, se apropriou, já que é o próprio método freudiano, mas

voltado ao texto. O autor faz uso do próprio método psicanalítico para “fazer trabalhar” o pensamento de Freud, a partir da leitura equiflutuante do texto freudiano, atento a suas dissonâncias, hesitações, rupturas e silenciamentos. A noção de “fazer trabalhar” é explicada por Laplanche da seguinte forma:

Detenho-me nessa noção de trabalho apenas o tempo de recordar algumas de suas conotações. Evidentemente é uma noção freudiana, mas também uma noção bem mais universal. Penso em Hegel, por exemplo, e me refiro pelo menos na medida à sua noção de trabalho; “trabalho do negativo” como sabem, isto é, que o pensamento filosófico, desde dentro, trabalha, se trabalha e se trabalha em negativo. Ou então é um termo usado por marceneiros, ebanistas, quando dizem que um móvel “trabalha”. Um móvel que “trabalha” não é necessariamente um móvel bem ajustado, é um móvel que range, ou mesmo que começa a rachar em certos lados. (...) Fazer trabalhar, portanto, não é apenas retrabalhar, refazê-lo completamente, dispor de um outro modo, é muito mais fazer ranger alguma coisa, aguçar contradições, tentando inclusive fazer com que se expliquem; não pelo prazer de sublinhar as contradições, de colocar o autor em contradição consigo mesmo (...) mas para fazer exprimir a alma dessas contradições. (..) Há anos venho buscando colocar em problemática, em questão, em trabalho, a teoria psicanalítica, ao mesmo tempo em suas contradições sincrônicas e igualmente nas contradições de seu movimento histórico – e vocês percebem que falar de contradições históricas é introduzir um termo como dialética. (LAPLANCHE, 1993, p. 2).

Para instrumentalizar sua noção de “fazer trabalhar” as dialéticas textuais, Laplanche (1993) sugere o uso da “espiral dialética” por meio da qual tanto o texto lido como aquele que se escreve deve ser equilibrado em momentos de desenvolvimento e outros de retomada, alinhando os pontos dissonantes e as interpretações destacadas da leitura.

Em trabalho anterior (BARACAT; MARTÍNEZ, 2012b) foram indicadas as aproximações destas observações de Laplanche com André Green em seu livro *O desligamento* (1994), em que analisa diversos trabalhos literários, de Shakespeare a Dostoiévski. Green dedica o capítulo *O duplo e o ausente* a descrever as características desse tipo de trabalho e aponta sua legitimidade. Diz o autor:

Apenas quando o analista é completamente tomado pela obra (...) quando ela o tocou, comoveu, abalou. Então o analista experimenta frequentemente a necessidade de analisar, ou seja, de compreender por que teve tal sensação, e é justamente quando seu trabalho de crítica, de desconstrução, se inicia. Tudo isso já impõe limite à tarefa. Não se pode pensar em analisar um texto sob encomenda, o pedido por si só pode vir de dentro, se algo já *ocorreu* entre o texto e o analista. (GREEN, 1994, p. 38).

O ponto mencionado pelo autor diz respeito à transferência suscitada no leitor pelo texto. E aqui, voltamos ao problema da psicanálise na universidade, já que, convenhamos, tratando-se de ciência, não é recomendável assumir tão forte apelo subjetivo. Não obstante, isso não seja novidade quando se trata de pesquisas psicanalíticas. Por exemplo: em seu livro *O comitê secreto* (1992a), Grosskurth menciona sua franca simpatia despertada por Ferenczi ao longo de sua pesquisa, assim como uma forte sensação de desconfiança em relação a Ernest Jones.

De acordo com Abrão (2004), a psicanálise abarca estas características pessoais, dado que a vida de seus autores está fortemente implicada nas suas produções teóricas. Isto leva a crer que ao estudar um autor em profundidade, uma grande parcela de moções libidinais e identificatórias seja mobilizada, afinal, é necessária certa atração curiosa em relação a um autor e sua teoria para se proceder ao trabalho de pesquisá-lo num movimento que não é isento desses laços.

Outro autor que colabora na compreensão desses elementos transferenciais presentes numa pesquisa acadêmica é Kupermann (2009), cuja investigação sobre as transferências cruzadas demonstrou o papel da transferência nas escolhas teóricas de alunos de graduação e de pós-graduação. Em seu livro *Presença sensível* (2008), o autor dedica o primeiro capítulo a um apanhado geral de sua pesquisa, analisando o caso de Amílcar Lobo, médico envolvido com torturas durante a ditadura militar brasileira e que buscou, insistentemente, adentrar na Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Segundo o autor, essa sociedade na época vivia uma fase francamente voltada para o estudo de Bion, cuja frase: “O analista em sessão deve estar sem desejo e sem memória” era tratada de forma literal, transmitindo a ideia de rejeição pelos fatores exógenos à própria sociedade. De fato, Amílcar Lobo nunca conseguiu ser aceito pela SBP graças à intervenção da psicanalista carioca Helena Vianna, que denunciou sua prática de tortura num jornal argentino da época, fato que chegou aos ouvidos da sociedade de psicanálise brasileira.

Para Kupermann (2008) esse fato bizarro serve de exemplo para os cuidados com a transferência, ainda mais quando ela cega a realidade da vida. Sua crítica volta-se às instituições de formação que se organizam em torno de um dado autor, o qual é idolatrado, enquanto outros são menosprezados. O problema aqui é que essa idolatria leva à cristalização do pensamento e ao rechaço a saberes diferentes desse.

Em seu artigo *Sobre a produção psicanalítica e os cenários da universidade* (2009), o autor retoma sua premissa crítica acerca da transferência na formação

psicanalítica e indica o papel renovador da universidade. Diante da proposta de produzir um conhecimento em psicanálise, este espaço possibilita a quebra da mencionada cristalização, através das problematizações levantadas ao longo da pesquisa.

Assim, diante das próprias exigências de rigor da academia e o isolamento com o qual o pesquisador trabalha, as transferências maciças podem ser diluídas, favorecendo um encontro mais realista com os autores estudados. Ademais, na universidade existe a possibilidade de estabelecer relações entre os autores e suas ideias, de forma a abarcar toda a pluralidade que compõe o campo psicanalítico (KUPERMANN, 2009). É justamente esta pluralidade que enriquece o trabalho de pesquisa em psicanálise.

Entretanto, ainda existem outras dificuldades a serem sanadas. No artigo *Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo* (2006), Figueiredo e Minerbo diferenciam o trabalho de pesquisa em psicanálise da pesquisa com o método psicanalítico. O primeiro pode ser qualquer tipo de trabalho feito sobre as ideias da psicanálise em relação a suas diversas interfaces: filosóficas, sociais, históricas, literárias, entre outras. Já o trabalho com o método psicanalítico é aquele que só pode ser realizado por um psicanalista, ou seja, por aqueles que exercem essa função clínica, independentemente de ter um título de alguma sociedade ou instituição de formação. Isto porque aquele que pratica a psicanálise –um analisante ou analista – traz suas inquietações clínicas para a pesquisa que propõe realizar. Dessa maneira, mesmo que a pesquisa seja somente teórica, em geral há uma preocupação clínica por trás dessa.

Figueiredo e Minerbo (2006) também agregam críticas relevantes às pesquisas psicanalíticas de cunho universitário, posto que as prerrogativas positivistas ainda são muito fortes, como comentei acima. Para os autores, as exigências de demonstração e comprovação podem minar a riqueza das associações de ideias suscitadas numa pesquisa. Dizem eles:

(...) em toda atividade criativa e, no caso de uma pesquisa, dá conta da dimensão criativa do descobrir e, principalmente, do inventar. Contudo, nas pesquisas ditas acadêmicas, o momento da demonstração tende a predominar: prefere-se uma ideia idiota, desde que bem demonstrada, a uma ideia ousada e fecunda sem a devida demonstração. Daí imperar na pesquisa universitária a exigência de verificação e/ou da refutação, o que quase sempre deixa o psicanalista em palpos de aranha. Daí, igualmente, ser tão fácil no caso daquelas pesquisas convencionais anunciarem-se [sic] claramente o quê e o como do que vai ser feito, apresentando-se antecipadamente o material na forma de “projetos de pesquisa” muito bem alinhavados e de fácil compreensão por qualquer assessor dos chamados “órgãos de fomento”. (p. 262, grifos dos autores).

Os autores defendem a importância da pesquisa com o método psicanalítico, mesmo com os riscos que ele contém, que são as “irrupções inspiradas dos nossos subterrâneos anímicos e corporais” (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006, p. 263). Porém, um equilíbrio entre esses elementos se faz necessário. Já dizia Ferenczi (1928c/ 2011c) que mesmo a associação livre não é tão livre assim, já que o ato de associar implica não perder de vista seu fio condutor.

O próprio Ferenczi (1924b/2011b; 1928c/2011c) pode ser considerado um grande colaborador do debate acerca da pesquisa em psicanálise. Como apresentarei no capítulo 2 e 3, Ferenczi pensava que a pesquisa teórica só poderia advir das inquietações oriundas da clínica, pois a teoria nem sempre contemplava as dificuldades encaradas na prática, ainda mais naquele momento histórico da psicanálise, quando os avanços teóricos e técnicos ainda estavam em germinação.

A partir do estudo que desenvolvi sobre as contribuições de Ferenczi, notei que muitos pontos e observações feitas por ele vinham justamente dos fatos e fenômenos apreendidos em sua clínica. Partindo da sua premissa de honestidade, Ferenczi nunca deixou de comunicar seus achados clínicos aos colegas, muitos deles ligados a temas que seriam mal recebidos por seus pares (FERENCZI, 1932/2011c). Além do mais, Ferenczi transitava entre saberes não legitimados pela ciência, como a telepatia e a comunicação entre inconscientes; tinha na holística um de seus princípios epistêmicos e adotara as ideias psicossomáticas de Groddeck antes mesmo de sua divulgação. Neste sentido, Mautner (1993) observa que, ao lançar mão de ideias e conceitos oriundos de outras áreas, como a fenomenologia ou o misticismo oriental, Ferenczi estaria na contramão da proposta freudiana de elevar a psicanálise ao status de ciência.

Não obstante a rejeição de seus colegas pioneiros, atualmente, Ferenczi é tomado como um autor contemporâneo, justamente por anteciper diversas tendências que, gradativamente, comporiam as bases epistemológicas da psicanálise atual. Podemos pensar que Ferenczi inaugurou uma espécie de ética de pesquisa em psicanálise, baseada na franca honestidade do analista em comunicar descobertas que ainda não foram suficientemente explicadas ou que vão de encontro com a teoria até então vigente. Reitero que Ferenczi foi um importante colaborador de Freud, sendo assim, tanto suas ideias como sua postura ética derivam de seu mestre. Minha intenção aqui não é comparar

ambos e deliberar sobre quem foi mais original ou genial<sup>10</sup> ou emitir qualquer outro tipo de juízo de valor. Obviamente, grande parte das contribuições de Ferenczi foi desdobramento do pensamento de Freud, em alguns momentos desviantes da vontade do mestre, mesmo assim, estavam inseridas no contexto teórico do *corpus* freudiano<sup>11</sup>.

Ademais, Ferenczi também construiu seu próprio método, denominado utraquismo, o qual procede por meio de comparações analógicas para melhor ilustrar os fenômenos psíquicos, em geral, não observáveis explicitamente. Descrito em *Thalassa* (1924c/2011b), o utraquismo forneceu a Ferenczi a possibilidade de comparar o desenvolvimento humano ao de anfíbios, peixes e outros animais de forma a comprovar a cientificidade da psicanálise a partir dos pressupostos da época, como as ideias de Darwin sobre o desenvolvimento das espécies e a lei de Hackel sobre a relação filogênese-ontogênese.

Apesar de esse método não ter sobrevivido a seu autor, seu uso em *Thalassa* foi extremamente elogiado por Freud, que viu na bio-análise de Ferenczi as possibilidades futuras da psicanálise. O utraquismo tinha como função metodológica escapar da estagnação teórica e favorecer o diálogo interdisciplinar, tendo como efeito o avanço da teoria de forma insólita.

No meu caso, esta pesquisa foi realizada sem isenção de dificuldades. A princípio, apenas tinha a inquietação clínica e o interesse em aliar os dois autores: Laplanche, já conhecido do mestrado e a quem devo a emergência do interesse pelo segundo, Ferenczi. A relação estabelecida com esse segundo interlocutor trouxe grandes dificuldades, descobri não ser aconselhável propor uma tese sobre um autor que não se tem um grande conhecimento. Meu conhecimento da vida e da obra de Ferenczi foi gradativo à elaboração deste trabalho, o que me custou várias idas e vindas temáticas e muitas páginas deletadas. Outro obstáculo que tive que transpor foi a imensa transferência positiva que este autor suscitou em mim; faço coro com Grosskurth (1992a): Ferenczi tem minha simpatia. Mas, como dito anteriormente, afetos transferenciais nem sempre convêm numa

---

<sup>10</sup> O problema da originalidade das ideias mostra-se um campo ainda a ser melhor explorado. Alguns autores trabalham na via de investigar as bases inspiradoras da teoria freudiana (MEZAN, 2014). Nesta investigação, encontrei um interessante conceito pouco explorado por Freud que auxilia nessa compreensão, que seria a ideia de “criptomnésia”, a qual indica que aquilo que alguém lê ou escuta pode ser apropriado de tal forma a retornar em sua produção como sendo uma ideia original. Ferenczi dedica dois artigos a esse tema, e analisa o aparecimento de ideias de Freud no trabalho de outros autores, como em Hermann Lotze, filósofo e pedagogo alemão, cujas explicações sobre o psiquismo anteciparia grande parte das explicações freudianas sobre a formação do inconsciente (FERENCZI 1913c/2011a); outro é o livro *Mecânica* de Ernest Mach, que iria agregar a noção de sublimação em seu estudo (1919b/2011b).

<sup>11</sup> Estendo esse comentário a Laplanche, outro grande pensador da psicanálise que admite, incansavelmente, sua relação com o texto freudiano.

pesquisa formal. Guardei meus afetos em outro lugar e, firme na insistente ânsia de colocar os dois autores para dialogar sobre a problemática do trauma, dei sequência ao trabalho.

Enfim, percorrida um pouco de tinta, digo ao que vim: esta pesquisa propõe estabelecer um diálogo entre a teoria do trauma de Sándor Ferenczi e de Jean Laplanche para além das possíveis obviedades, configurando-se numa pesquisa sobre psicanálise. Isto porque, como dito na introdução desta tese, a ideia de confusão de línguas de Ferenczi é um dos pontos fundamentais da teoria da sedução generalizada de Laplanche. O além da obviedade reside no fato de que observei outras relações possíveis entre as duas teorias, sendo que onde os autores não concordam, eles se complementam.

Além das dificuldades iniciais em relação à delimitação do tema, encontrei outras: muito material biográfico ou de comentaristas de Ferenczi não são, ou nunca foram, acessíveis no Brasil; sua correspondência completa com Freud está disponível apenas parcialmente. A esse respeito informo que o terceiro volume, que compreende os anos de 1920 até 1933, não foi encontrado nem no exterior.

As obras completas de Sándor Ferenczi foram publicadas, pela primeira vez, na França, na década de 1980. No Brasil, sua primeira edição chega uma década depois, publicada pela editora Martins Fontes. O mesmo ocorre com o Diário Clínico, publicado pela primeira vez em 1985 na França e apenas em 2003 no Brasil. Todos esses livros, no momento, estão esgotados e sem nova edição, o que leva os pesquisadores de Ferenczi a garimpar livros em sebos, bibliotecas ou emprestar de colegas.

A cada volume, encontrei uma nota dos tradutores e um prefácio introdutório escrito por Michael Balint – os dois primeiros volumes – e por Judith Dupont – volumes III e IV – no qual estão apresentados pontos contextuais da vida de Ferenczi e eventos externos que tiveram um papel importante em sua obra. É dessa forma que compreendi, por exemplo, o porquê de tantos textos breves no volume II, que abarca os anos de 1913-1918<sup>12</sup>, momento de turbulências pessoais, com o drama estabelecido entre Sándor, Gizella e Elma, e com sua participação na II Guerra, como médico em Papas.

O próprio trabalho com a biografia de Ferenczi rendeu muito esforço, dada a quantidade de eventos importantes que rechearam sua vida. Perder o foco aqui era fácil. Mas, a ideia de manter esse trecho da tese para mim era fundamental, porque me propus

---

<sup>12</sup> A título de nota, o volume I traz os trabalhos publicados entre 1908 e 1912. O volume II: 1913-1918; o terceiro volume vai de 1919 a 1926 e, por fim, o volume quatro de 1927 até 1933, contendo ainda alguns textos publicados postumamente, variando entre as épocas.

resgatar o autor desconhecido por mim e quiçá para muitos, a fim de restabelecer os elos entre suas ideias ousadas e sua vida, quase que totalmente dedicada à psicanálise. Gostaria de pensar que este trabalho possa servir a outros, que como eu, descobriram Ferenczi quase que num tropeço.

Assim, organizei a pesquisa da seguinte forma: uma parte inicial, mais volumosa, sobre Ferenczi, já que se trata do resgate de um autor, compondo elementos de sua vida com sua produção teórica concomitante; ainda nesta primeira parte, um capítulo dedicado apenas a sua teoria do trauma, de forma a pincelar os possíveis germes desta ao longo de sua produção, e um posterior enfoque sintetizador de suas contribuições. Na sequência, voltei à atenção a obra de Laplanche, acrescida de algumas informações biográficas. Ao final, estabeleci o diálogo entre os autores, para extrair deles uma composição sobre o tema do trauma, de forma a salientar as peculiaridades do sujeito psíquico engendrado nessas condições.

Apenas para lembrar, para ambos os autores o trauma implica num caráter polissêmico, já que ambos reconhecem o aspecto traumático impresso nas relações humanas, mas também versam sobre o trauma excessivo, o qual Laplanche destaca com o nome de *intromissão*, que são efeitos da violência, do descaso e da negligência afetiva com que adultos podem dirigir à criança.

## CAPÍTULO 2- PROCURANDO FERENCZI

Aqui as lágrimas são mais salgadas,  
As dores também são outras,  
São mil vezes Messias,  
Os Messias húngaros.

Eles morrem mil vezes,  
Mas sua paixão não redime,  
Pois nada puderam fazer,  
Ai, nada puderam fazer.

(Endre Ady).

Em *De verdade* (2008), Sándor Márai apresenta a história de um triângulo amoroso, narrado através de monólogos feitos por cada um de seus participantes. Além de um interessante retrato da mentalidade e valores húngaros do entre guerras, as narrativas apontam para o desencontro de desejos de seus participantes: a ex-esposa em sua incompreensão pelo desejo do marido; o marido e suas elucubrações acerca do ser burguês e sua insólita paixão por uma plebeia e, por fim, a mencionada plebeia e sua visão crítica das hipocrisias e mensagens obscuras da classe a qual ascendera pelo casamento. Tais monólogos apresentam uma dissimetria nas relações entre cada dupla, sendo que o desejo de cada um deles se vinculava ao poder que emanava do outro: Marika e a inacessível frieza do marido; Peter e a superioridade natural de Judit e ela pelo status social e liberdade financeira oferecida pela condição de Peter.

Márai capta em sua literatura uma dissimetria entre os desejos, vontades e valores que vinculam seus personagens uns aos outros, representando na arte aquilo que seu amigo e conterrâneo, Sándor Ferenczi, havia notado na clínica psicanalítica: o desencontro entre os desejos que marcam as relações humanas.

Na verdade, podemos afirmar que a constatação acerca da dissimetria relacional permeia toda a obra de Ferenczi que, por fim, iria identificar sua trama na dinâmica da situação traumática. Tal dissimetria, da mesma forma como no romance de Márai, mostra-se vinculada aos avatares de poder que habitam a sociedade humana, o qual Ferenczi observara em suas modalidades mais essenciais: o poder do adulto sobre a criança, do homem sobre a mulher e do analista sobre seu paciente.

Ferenczi aborda em seu pensamento a materialidade com que o meio externo, encarnado pelas pessoas que o formam, impacta os seres e gera efeitos peculiares, de acordo com a história vivida por cada um. Atualmente sabemos da importância de seu

trabalho para a compreensão das relações arcaicas entre o meio (em geral os pais) e a criança e da influência que sua obra operou, tanto direta quanto indiretamente, no pensamento de outros psicanalistas depois dele.

Ironicamente, Ferenczi acabaria por se tornar vítima da própria trama de poderes que expressara em sua obra. Seu compromisso com o sofrimento alheio não barrou seu ímpeto em confrontar seu mestre, Freud, e toda a sociedade psicanalítica da época em prol de seu *furor sanandis*. A essa crítica feita a Ferenczi refletimos: não seria ela a própria encarnação do narcisismo do analista apontada por ele? Afinal, não nos aventuramos pela psicanálise para curar? O que Ferenczi fez na época, hoje é lugar-comum, pois aponta a necessidade de adaptar o *setting* analítico ao paciente, assim como a família à criança. Talvez a acusação de *furor sanandis* já contenha certo cinismo, o qual Ferenczi combatia.

Ferenczi viveu intensamente uma vida breve, marcada por momentos sócio-históricos turbulentos, dentre eles a própria aventura que constituía a revolução psicanalítica da época, da qual fora um dos mais expressivos porta-vozes.

Para compreender melhor o impacto da vida e da obra de Sándor Ferenczi é necessário irmos por camadas, pontuando eventos pessoais importantes e como esses impactaram ou se articularam com sua produção teórica. Primeiramente, apresentarei brevemente suas origens familiares e algumas características da Hungria, país que se tornaria um dos principais centros psicanalíticos durante a vida de Ferenczi, justamente por seu papel ativo e gregário.

Na sequência, apresento um panorama do movimento psicanalítico na época de sua adesão, em 1908, e os principais debates que circulavam entre Freud e seus discípulos, tanto no caráter teórico quanto institucional. No terceiro tópico, discutirei os dilemas suscitados pelo hábito, comum na época, de se fazer análise com pessoas próximas.

Como será possível ver, parte dos conflitos posteriores entre Freud e Ferenczi teve como base o entrecruzamento transferencial que acometeu ambos (DUPONT, 1995; HAYNAL, 2002). Feito isso, retomarei alguns pontos sobre as crescentes tensões entre os discípulos e Freud e as polêmicas inovações técnicas de Ferenczi, assim como sua retomada da teoria da sedução de Freud, fatores que viriam a compor o processo de isolamento e posterior ostracismo de Ferenczi, que viria a falecer justo nesse momento delicado.

Por fim, descreverei as dificuldades com as quais seus discípulos teriam que enfrentar para resgatar sua obra após o término da II Guerra mundial e restabelecer sua

figura mediante o movimento psicanalítico, ressoando como um contraponto aos esforços difamatórios de Ernest Jones (1979) ao escrever a biografia de Freud. Em cada seção, apresentarei os principais trabalhos desenvolvidos por Ferenczi em cada época retratada, buscando precisar a profunda articulação existente entre sua vida pessoal e sua obra psicanalítica.

## 2.1. Os anos de formação e o encontro com Freud

Falar sobre a vida de Ferenczi, atualmente, mostra-se um desafio, já que para seus conhecedores tudo já está muito esmiuçado, mas para quem não o conhece, é necessário fazer um *tour* por seus dados biográficos. Verdade é que, para quem não o conhecia, como eu, o encontro com Ferenczi gera um fascínio incontido que faz buscar vorazmente todas as biografias existentes e acessíveis. Após ler um grande número delas, é possível notar a consonância de seus biógrafos em relatar a importância dos mesmos eventos e de suas características. Ao contrário de Freud, cujas biografias variam em tonalidades e cores, com Ferenczi parece haver algo uníssono. Talvez o momento histórico, que coincidiu com sua morte prematura, tenha atingido a manutenção de documentos, ou o próprio movimento de ostracismo e esquecimento que o atingiu postumamente tenha feito com que o registro da memória de seus contemporâneos tenha aberto brechas para os incessantes movimentos do recalque.

Em outras palavras, ler uma biografia de Ferenczi vale pela leitura de várias disponíveis no momento, fora um diferencial ou outro. Obviamente, tais trabalhos têm seu franco valor, posto que essas produções marcaram o resgate de um autor considerado perdido, esquecido, tido por décadas como um louco. Cada um destes pesquisadores soube dosar a necessidade do resgate da existência de Ferenczi e, ao mesmo tempo, advogar em sua causa. Assim, temos o primeiro estudo de sua obra realizado por Ilse Barande em 1972 e publicado em 1996, momento em que não havia muito material de Ferenczi publicado como o *Diário Clínico* (1932/2003) e a Correspondência com Freud (FALZEDER; BRABANT; GIAMPIERI, 1994), por exemplo.

A essencial biografia de Pierre Sabourin (1988), talvez o primeiro a se debruçar profundamente na análise da vida e da obra de Ferenczi; Thierry Bokanowski (1997) e o resgate da originalidade e visionarismo de seu pensamento, tido como contemporâneo; André Haynal (2002) e Antoni Talam (2003) cujos trabalhos defendem veementemente

a virulência de sua obra e denunciavam a injustiça póstuma cometida pela sociedade psicanalítica da época, entre outros.

Por outro lado, a insaciabilidade da pesquisadora novata, em termos ferenczianos, gerou-me tal voracidade que, de repente, me vi lendo sobre a história da Hungria, sua literatura e artes em geral, mundo do qual Ferenczi participara ativamente quando vivo. País marcado historicamente por lutas e revoluções, um caldeamento de etnias no entrecruzamento Ocidente/Oriente, terra de vampiros e ciganos, sua aura misteriosa vinha a se condensar com o próprio mistério de Ferenczi.

A luta pela independência húngara marca sua história, sua natureza bela e fértil pode ser considerada o alvo de tantas disputas, sendo a essência de seu nacionalismo impressa na palavra *magyar*. Esse termo condensa seu povo e seu idioma, o qual apenas viria a ser oficializado no início do século XX, o *magiar* é constituído por uma mescla das línguas latina, eslava e germânica, fruto dos povos que lá habitaram, invadiram e povoaram. É rica em expressões próprias, sendo seu povo e escritores férteis em inventar expressões e neologismos, os quais geram as dificuldades em traduzi-la (RÓNAI, 1957).

Sobre essa questão é importante frisar que o papel de divulgador da psicanálise que Ferenczi desempenhou se deveu à grande quantidade de traduções dos trabalhos de Freud que ele efetuou em vida (MÉSZÁROS, 2014). Mas, por outro lado, o movimento de ostracismo também se favoreceu desta dificuldade, já que Ferenczi escreveu boa parte de seus últimos trabalhos em sua língua, o que gerou um verdadeiro empreendimento coletivo para realizar a tradução e a publicação de sua obra completa (DUPONT, 1995; DUPONT, 2013; HAYNAL, 1994).

Com isso, vemos que os impactos da cultura sobre a vida e a obra de Ferenczi convergem com sua própria visão acerca do papel do exterior nas configurações traumáticas que tratou. A psicanalista Ana Verônica Mautner (1993), filha de imigrantes húngaros, relata algumas memórias de sua origem dizendo que na época de Ferenczi a língua alemã se configurava como a linguagem formal, aquela da ciência, dos negócios, da vida social; o húngaro era a linguagem da ternura, da intimidade dos lares, da canção de ninar as crianças. Novamente, dissimetrias...

O mencionado fascínio pela Hungria, entretanto, parece ser comum. Tanto é que foi movido pela paixão pela liberdade que levou o polonês Baruch Frankel a juntar-se, aos dezoito anos, a Revolução Húngara de 1848, na idealizada jornada de se verem livres da dominação dos Habsburgos. Frustrada a revolução, ele continua em seu lar eleito e, em troca de seu heroísmo, consegue a concessão de uma livraria, a qual em breve

ampliaria como editora. Casa-se com a jovem Róza Eibenschütz em 1858, com quem teve doze filhos<sup>13</sup>, sendo Sándor o oitavo<sup>14</sup> (SABOURIN, 1988).

Sua infância parece ter sido tranquila. Podemos imaginar o lar dos Ferenczi vivamente tumultuado por debates ideológicos<sup>15</sup>, o contato direto com a literatura e com artistas boêmios. O jovem Sándor já denotava sua forte veia curiosa e criativa. Um de seus experimentos juvenis era tentar hipnotizar um dos ajudantes da livraria paterna (MÉSZÁROS, 2014).

Em 1879, seu pai magiariza o sobrenome familiar para Ferenczi, tornando-se Bérnath Ferenczi. Na verdade, operou uma sucessão de variações até chegar a este. Sabourin (1988) comenta que a opção pelo término em *i*, e não em *y* – indicativo de nobreza – já apontava as tendências políticas sócio-democratas do pai. Não obstante a atmosfera intelectual vivaz da família, os contatos afetivos e a intimidade eram falhas. Essa situação se agrava quando Bérnath morre em 1888, quando Sándor tinha 15 anos. Sua mãe Róza, tal como ele reclamaria mais tarde em suas confidências epistolares a Freud e outros, mostrava-se uma grande mulher de negócios e pouco interessada pelos cuidados com os filhos. Nessa época, a família travava contato social com os Atschul, dos quais a filha, Gizella, viria a desposar Sándor futuramente, assim como sua filha Magda se casaria com o irmão mais velho dele, Lajos (SABOURIN, 1988). Voltaremos a esses pontos.

Tal como era comum aos húngaros na época, Ferenczi parte para Viena aos 18 anos para cursar Medicina. Em 1894, retorna a Hungria e inicia a carreira médica em diversos serviços hospitalares voltados à população menos favorecida. Em um deles, no Hospital Saint Roch, local de atendimento dos pobres e marginalizados, Ferenczi era o responsável pelo atendimento a prostitutas. Outro trabalho de início de carreira que merece menção foi seu cargo conquistado junto ao Fórum de Budapeste, como médico forense, função que deixaria logo após a I Guerra Mundial (TALARN, 2003).

Provavelmente, tais experiências profissionais dotaram Ferenczi de um conhecimento profundo das mazelas de seu povo, lembrando que a Hungria de seu tempo

---

<sup>13</sup> Observe-se que muitos autores chamam a atenção para o fato de que o irmão favorito de Sándor chamava-se Zsigismund (Sigmund) e com ele Sándor amava fazer passeios as montanhas. Outra coincidência é o nome de Gizella, irmã mais velha de Sándor e futuramente o nome de sua esposa.

<sup>14</sup> Nascido em 1873, o senhor Frankel já contava com 53 anos quando do nascimento de Sándor.

<sup>15</sup> Entre os autores publicados pela editora do pai de Sándor encontram-se Sándor Petöfi, o poeta da revolução de 1848, e Michel Tompa, outro advogado pela causa da emancipação húngara. A obra desses é marcada por um forte idealismo e pela luta em prol da igualdade social, temática que pode ser reencontrada em Ferenczi, quando denuncia as dissimetrias relacionais vinculadas ao poder legitimado pelo adulto e pelo homem (SABOURIN, 1988).

era marcada por um grande desnível social: por um lado a capital Budapeste, efervescente e cosmopolita; por outro o restante do país imerso na pobreza de um sistema semi-feudal<sup>16</sup> (BRABANT, 1994).

Nessa fase, Ferenczi já publicava escritos em revistas da época, como a *Gyógyászat*<sup>17</sup> de Miksa Schächter e, posteriormente, a *Nyugat*<sup>18</sup>, de Istvan Hóllós, ambos amigos pessoais. Assim, suas primeiras publicações, ainda não psicanalíticas, versavam sobre temas diferentes e variados como: telepatia, espiritismo, psicopatologia da época (paranoia, histeria, neurastenia) e psicologia em geral.

Sua defesa do direito dos homossexuais perante a sociedade médica húngara em 1905 foi notória (TALARN, 2003). Parte desses trabalhos foi traduzida e publicada por Claude Lorin, em 1979 como *Le jeune Ferenczi: premiers écrits – 1899-1906*, sem publicação no Brasil, mas do qual pude analisar alguns trechos transcritos em Sabourin (1988) e Talarn (2003). Nesses, observei o tom que se tornaria característico em sua obra: uma visão holística do ser humano, de certa forma psicossomática, em que as afecções da mente se imiscuíam no corpo e vice-versa, assim como a forte sensibilidade em apreender o sofrimento humano em suas várias formas.

Veja-se, por exemplo, uma passagem do artigo *Consciência e desenvolvimento*, de 1900, o tipo de visão holística presente na argumentação de Ferenczi:

O funcionamento psíquico é similar a uma complicada engrenagem de rodas dentadas em que a consciência é, em sua complexidade, a máquina mesma. Para tanto, se é verdade que uma máquina é a soma de todas as peças que a constituem a consciência apresenta, não obstante, uma verdadeira unidade destas entidades superiores. As conexões psíquicas das diferentes funções mentais não estão limitadas ao indivíduo. Pois os homens vivem juntos, se associam, se comunicam, se vinculam uns aos outros. Interagem; é a partir destas interações complexas que se constituem a consciência de classe, a consciência de uma nação e a consciência da espécie humana inteira, o todo que constitui um tipo de unidade superior que chamamos de consciência da humanidade.<sup>19</sup> (FERENCZI, 1900, p. 64 apud TALARN, 2003, p. 62, tradução minha).

---

<sup>16</sup> Em *Estudos sobre a histeria* (1900/1996) Freud elogiava a honestidade direta de Katharina em relatar-lhe eventos que suas pacientes burguesas de Viena levariam meses para contar. Essa constatação sugere que o trabalho de Ferenczi junto a populações simples o possibilitara travar contato com mazelas e eventos relatados de forma direta, problemas visivelmente diferentes daqueles das elites austro-húngaras.

<sup>17</sup> Terapia.

<sup>18</sup> Ocidente.

<sup>19</sup> No original: “El funcionamiento psíquico es parecido a un complicado engranaje de ruedas dentadas o la conciencia es, en su complejidad, la máquina misma. Por lo tanto, si es verdad que una máquina es la suma de todas las piezas que la constituyen la conciencia presenta, no obstante, una verdadera unidad de estas entidades superiores. Las conexiones neuropsíquicas de las diferentes funciones mentales no están limitadas al individuo. Puesto que los hombres viven juntos, se asocian, se comunican, crean vínculos los unos con los otros. Interaccionan; es a partir destas interacciones complejas cuando se

Este breve extrato nos mostra a visão contemporânea de Ferenczi acerca da importância do campo relacional na vida humana assim como o entrecruzamento entre o indivíduo e a sociedade, antecipando a máxima freudiana de que toda psicologia individual é uma psicologia das massas (1921/1996).

Tal questão remete às indagações lançadas por Haynal (2002) e Mészáros (2014) acerca do Ferenczi pré-psicanalítico e a sua rápida transformação em psicanalista, dado que logo de início já produz textos perspicazes na área, tal como *Transferência e introjeção* (1909/1991b). Para ambos, as produções de Ferenczi anteriores à psicanálise já apresentavam a sagacidade, que é observável nesse pequeno trecho. Com seus campos de interesse já voltados para o desenvolvimento infantil, para os fenômenos psicológicos e parapsicológicos e para a psicologia social, Ferenczi, de fato, não teve grandes dificuldade em dialogar com a psicanálise, mesmo sendo um discípulo novato.

A riqueza de seus textos prévios mereceria um trabalho por si só, porém como não disponho dos textos originais, nem mesmo do trabalho de Lorin, citarei apenas mais um trecho para ilustrar a impressão que nos fica ao ler tais fragmentos, gotejados nas biografias escritas por Sabourin (1988) e Talam (2003). No trecho seguinte, retirado do artigo *O amor na ciência* (1901), é possível ver Ferenczi comentar sobre o fato de o estudo do sentimento amoroso ser negligenciado pela ciência.

As artes, a história, os artigos e notas judiciais dos jornais, as comédias e tragédias quotidianas provam melhor do que qualquer raciocínio que é inútil explicar a atração entre homens e mulheres com referência apenas à noção ética de lubricidade (...) É o amor que conduz o indivíduo e a espécie humana toda ao ponto culminante da sua capacidade de ação. (...) Quanto às pessoas cujos nervos são particularmente frágeis, o amor constitui para elas tanto perigo que é necessário que os médicos se ocupem seriamente do que convém chamar a *psicose amorosa* (FERENCZI, 1901 apud SABOURIN, 1988, p. 20).

Tal como Freud interessado pela histeria, patologia de segunda classe elevada a objeto digno de estudo por ele e poucos outros de sua época, aqui Ferenczi também mostra seu caráter crítico a ciência de seu tempo, elevando um sentimento corriqueiro e cotidiano como objeto de reflexão e pesquisa.

---

constituye la consciencia de classe, la consciencia de una nación y la consciencia de la especie humana entera, el todo que constituye um tipo de unidad superior que denominamos *conciencia de la humanidad*.”

De acordo com sua biografia, a literatura teria desempenhado um forte papel em sua formação. Infelizmente, como comentei na Introdução deste texto, os estudos biográficos sobre Ferenczi são vagos a esse respeito, provavelmente pela escassez de material. Parece que o desejo de Freud (GAY, 2007) em dificultar a tarefa de seus futuros biógrafos foi concretizada por Ferenczi sem querer.

Mas ao seguir algumas pistas, a ligação fica clara. Primeiro, a importância de seu pai em sua formação, a juventude passada na livraria, o contato próximo com escritores e jornalistas; não por acaso, seus primeiros textos são publicados através de convites de amigos do meio literário. Atualmente, sabe-se que Ferenczi chegou a considerar a literatura como profissão (MOREAU- RICAUD, 2009) e que foi encontrada uma coletânea de poemas juvenis a qual tem sido preparada para publicação futura (GUTIÉRREZ-PELÁEZ, 2013).

De fato, a introdução da psicanálise na Hungria, operada pela iniciativa do próprio Ferenczi, teve acolhida muito maior no meio artístico e literário, do que no meio médico. Acerca das influências literárias na obra de Sándor, há o estudo efetuado por Michele Moreau-Ricaud, *Cure d'ennui. Ecrivains hongrois autour de Sándor Ferenczi*, ao qual tivemos acesso apenas a partir do artigo publicado no livro *Ferenczi après Lacan* (GOROG, 2009).

Nesse livro, a autora relata sua pesquisa, relacionando a obra de Ferenczi e de autores contemporâneos a ele, praticamente seu círculo de amigos, numa forma de retroalimentação entre psicanálise e literatura. Dos autores estudados (Géza Csath, Frigyes Karinthy, Dézso Kosztolanyi), a autora excluiu Sándor Márai, por não considerá-lo da mesma geração. Não obstante, Márai foi amigo próximo de Ferenczi e, mesmo sendo mais jovem, já publicava trabalhos durante a vida de Ferenczi. Dedicou a ele um belo necrológio, republicado no artigo *Sándor Ferenczi y la intelectualidade del siglo XX*, de Miguel Gutiérrez-Peláez (2013).

## 2.2. Um discípulo fiel

Após a releitura de *A interpretação dos sonhos* (1900/1996) em 1907<sup>20</sup>, Ferenczi já era um experiente médico clínico e neurologista, cuja bagagem de experiências e

---

<sup>20</sup> Segundo Sabourin (1988), Ferenczi lera a *Interpretação dos sonhos* (1900-1996) em 1903, mas não teve interesse pela obra e abandonou sua leitura.

interesses o levaria a encontrar na causa psicanalítica uma fonte motivadora para o trabalho e para a pesquisa. Seu primeiro contato com o professor Freud deveu-se a mediação de Jung. A partir da carta de 18/01/1908, na qual solicita um encontro com o professor, Ferenczi rapidamente se torna um voraz interlocutor, companheiro de viagens familiares e possível candidato à mão de Mathilde Freud (FALZEDER; BRABANT; GIAMPIERI, 1994)<sup>21</sup>.

É possível imaginar o impacto que a vivacidade do húngaro gerou em Freud. Na verdade, os dois primeiros anos de amizade são um idílio. Ferenczi produz artigos originais e divulga a psicanálise na Hungria. Comenta com Freud a respeito das resistências dos médicos em aceitar as premissas da psicanálise e as chacotas e indisposições que, frequentemente, encontra em suas palestras. Dedica um artigo a Anatole France, escritor apreciado por ambos, no qual aponta a sensibilidade psicanalítica do autor, e finaliza lamentando que o mesmo não ocorra entre seus colegas médicos (FERENCZI, 1911/1991a).

Seus primeiros escritos psicanalíticos comprovam uma característica apontada por Kahtuni e Sanches (2009), a de que nessa primeira fase Ferenczi desenvolve trabalhos voltados para o desenvolvimento da teoria psicanalítica, para a sua divulgação na Hungria a partir de textos recheados de vinhetas clínicas ilustrativas das ideias psicanalíticas.

Entretanto, desde o início Ferenczi demonstrou características ligadas ao tato e a empatia, fazendo com que seus textos abarcassem preocupações sensíveis. Sua pretensão não era, nem nunca foi modificar as teses freudianas ou propor uma teoria própria, mas sim ampliar os alcances da psicanálise.

Assim, três textos iniciais chamam a atenção: *Do alcance da ejaculação precoce* (1908/1991a), *Psicanálise e Pedagogia* (1908/1991b) e *Transferência e introjeção* (1909/1991b). O primeiro deles é considerado por Borgogno (2004) como seu “cartão de visita”, pois nele Ferenczi apresenta sua ideia de dissimetria relacional, que se relaciona com o problema da impotência e da ejaculação precoce masculina de forma indireta, pois o autor, além de analisar os elementos psíquicos envolvidos nas dificuldades sexuais masculinas, pontua como essas atingem, também, suas parceiras. Porém, ao contrário do

---

<sup>21</sup> Aviso o leitor o uso das referências da correspondência Freud- Ferenczi se dará de duas maneiras: quando sintetizadas as informações desenroladas em várias cartas, referenciarei os organizadores do texto, Falzeder, Brabant e Giampieri. Ao comentar ou narrar algum ponto específico referenciarei a carta na qual se encontra esse conteúdo, sendo a letra F designada para Freud e a sílaba FER para Ferenczi, tal como procederam os organizadores. A sigla será seguida pelo número da carta.

homem, a mulher, que na época não podia expressar ou mesmo demandar sua satisfação sexual, via-se presa e submetida aos problemas sexuais de seu parceiro. É esse tipo de sensibilidade que marcará toda a obra de Ferenczi e o levará a contribuir ricamente para a teoria psicanalítica.

Na mesma linha de raciocínio, o texto seguinte, *Psicanálise e Pedagogia* (1908/1991b), trata da dissimetria relacional entre a criança e os adultos. Levando a fundo a premissa freudiana do inconsciente infantil, Ferenczi lança a ideia que o acompanharia por toda sua trajetória: a hipocrisia com que o adulto lida com a criança, não reconhecendo a autenticidade de seus atos, dizeres e brincar, justamente por ter recalcado suas memórias acerca de sua própria infância. Assim, movidos pela *cegueira introspectiva* o mundo do adulto se choca com a da criança por não querer compreendê-la, julgando suas limitações, sua busca pelo prazer e o refúgio na fantasia. A temática já havia sido considerada pelo autor anteriormente, no artigo *Leitura e saúde* (1901, apud TALARN, 2003), quando ele aponta os malefícios da leitura excessiva em detrimento de outras atividades, como brincar ao ar livre. O que Ferenczi ensina aqui é que, ao recalcar sua criança interior, o adulto resiste em entender a criança presente diante dele, impondo-lhe uma verdade que não é a dela. Esse texto mostra um caminho para pensarmos sobre a falta de empatia do adulto para com a criança e pode ser considerado um germe de sua futura noção de desmentido.

Para ele, parte da dissimetria relacional entre adultos e crianças se dá pela via da mentira: a do adulto para com a criança, ao negar sua infância; e do adulto para si mesmo, ao se esquecer da criança que um dia foi. Esse mecanismo, que o autor irá chamar de cegueira introspectiva, seria uma das expressões da resistência agindo em prol do recalçamento. Ferenczi finaliza observando que a cegueira introspectiva é movida pela própria cultura, que nos impõe a obediência e a ordem, a preocupação com o dever e as regras morais, gerando uma multidão de “escravos da autoridade” (FERENCZI, 1908/1991b, p. 38).

*Transferência e introjeção* (1909/1991b) pode ser considerado seu trabalho mais famoso e, talvez, de maior alcance, influenciando não só Freud como psicanalistas da geração seguinte, como Melanie Klein e Donald Winnicott. Nesse trabalho, Ferenczi introduz o termo introjeção como representante de um processo psíquico oposto ao de projeção. Se este último era parte fundamental para a compreensão da psicose, a introjeção dizia respeito ao processo neurótico de formação do ego. Assim, em idade

ainda muito precoce, a criança passaria a englobar no seu psiquismo em constituição todo e qualquer objeto do mundo externo que mobilizasse seu interesse, ampliando seu ego.

Quando Ferenczi entra para o meio psicanalítico, já participavam do movimento Alfred Adler, Willem Steckel, Rudolf Reitler, Carl Jung, Karl Abraham e Max Kahane (ROUDINESCO; PLON, 1998). Ernest Jones se juntou ao grupo no mesmo ano de Sándor, em 1908, assim como outro discípulo que teria um final triste e praticamente apagado da história da psicanálise, Victor Tausk<sup>22</sup>.

Tal como Jung, o psicanalista novato tinha grande interesse pelos temas místicos, mas se Jung iria se voltar para a psicologia dos mitos, religiões e lendas, que futuramente se tornariam a base para sua teoria dos arquétipos, Ferenczi voltava-se para o aspecto mais profano da coisa: as mesas-redondas espíritas, cartomantes e videntes. Isso porque a constatação de que existe uma espécie de transmissão de pensamentos entre os seres já chamava a atenção de Ferenczi e as ideias da psicanálise iam ao encontro desse interesse como uma forma viável de explicação científica (FALZEDER; BRABANT; GIAMPIERI, 1994).

Na correspondência com Freud, os amigos trocam histórias voltadas ao tema, Freud lhe envia anedotas para sua coleção, Ferenczi relata inúmeros experimentos de adivinhação que fazia com Frau Gizella e com alguns pacientes, sendo, por vezes, chamado por Freud de ‘sinistro’. Esses trechos das cartas chegam a ser engraçados, como uma espécie de alívio relaxante mediante os conflitos que já se iniciavam entre os colegas da ‘horda primeva’. Dois conflitos que se fazem presentes desde o início são as discussões entre Freud, Adler e Steckel. De fato, com este último o drama teve proporções menores, como Freud mesmo comenta em certo ponto, Steckel ainda era mais dócil e maleável. Entretanto, com Adler as coisas não iam nada bem e, pior, ele tinha em mão o *Zentralblatt*, um dos principais veículos de comunicação entre os psicanalistas naquela época. Tirar o *Zentralblatt* das mãos de Adler era umas das mais prementes preocupações de Freud, até final de 1910 (FALZEDER; BRABANT; GIAMPIERI, 1994).

---

<sup>22</sup> Victor Tausk (1879-1919) foi um psicanalista austríaco da primeira geração. A princípio estimado por Freud, que reconheceu sua genialidade, logo passou a ser *perzona non grata* no movimento psicanalítico por seu envolvimento com Lou-Andreas Salomé e seus constantes ímpetos rebeldes. Combativo, mergulhou em seu delírio paranoico, colocando Freud no lugar de seu odiado pai. Cometeu suicídio no dia 3 de julho de 1919, uma quarta-feira, e sua morte foi recebida com certo alívio por Freud, tal como expresso em carta a Salomé. Sua única contribuição à psicanálise foi o livro “Da gênese do aparelho de influenciar no curso da esquizofrenia”, que explica detalhadamente a gênese e a significação do delírio nesta patologia (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Os anos de 1909- 1910 são agitados. A psicanálise passa a ter muitas adesões e com isso, também, muitos críticos, o que implica um grande comprometimento de seus participantes na ‘causa’ psicanalítica. Entre vários acontecimentos, podemos identificar ali o germe do início dos conflitos com Jung. Tudo começa na famosa viagem a Nova York, a convite de James Putnam, para uma série de palestras na Clark University, em Worcester, que mais tarde viria a ser publicada como *Cinco lições de psicanálise* (FREUD, 1910/1996a). Freud convida seus fiéis discípulos, Jung e Ferenczi, para acompanhá-lo.

Desse acontecimento, Sabourin (1988) conta que, no navio, Ferenczi começa a sentir náuseas. Comenta com os amigos que deve ter sido algo que ele comeu; Freud interpreta: algo que ele pensou; Jung completa: algo que ele pensou ter comido. Quando mais tarde os dois começam a passar mal, Ferenczi ironicamente comenta: “deve ter sido algo que eu comi”.

Ao longo da viagem o ‘brincar’ interpretativo entre os amigos continua; eles relatam seus sonhos e se propõem analisá-los. As brincadeiras ficam tensas quando Freud recusa uma interpretação de Jung após relatar um sonho seu, pois temia perder sua autoridade diante dele. Vale lembrar que os anos de 1908 e 1909 já haviam gerado certa turbulência nessa relação. O caso de Sabina Spielrein com Jung já reverberara algumas máculas na imagem que Freud tinha de seu ‘príncipe herdeiro’. De fato, foi Freud o grande apaziguador do drama que se desenvolveu entre Jung e sua ex-paciente, na época amante. Freud pende ora para Jung, ora para Sabina. Por fim, dá razão a ela e repreende o amigo pela forma como se portou com a moça (CROMBERG, 2014). Esse seria o primeiro caso de *ménage* analítico em que Freud se envolveria. Esse episódio afetou sua relação com Jung, não tendo efeitos diretos na história de Ferenczi.

Porém, logo a seguir, em 1910 ocorreu o primeiro desentendimento com Ferenczi, conhecido como ‘o incidente de Palermo’. Como já era hábito, Freud e Ferenczi passavam as férias juntos e nesse ano partiram para Palermo. Freud estava às voltas com o texto sobre Schreber e solicitou a Ferenczi uma colaboração nesse trabalho. Parece que o que Freud chamava de colaboração, aos olhos de Ferenczi eram meras funções subalternas, como anotar ditados. Da indisposição causada, só temos as notícias que se transformaram em cartas.

Em relação a este evento, Aron (1998) comenta como a ideia de mutualidade, que só viria a ser concebida e trabalhada por Ferenczi no final da década de 1920, já estava presente nele. Em sua troca de cartas com Freud após a briga, Ferenczi admite que sua

busca é por relações horizontais, simétricas, em que se prezam a honestidade e completa abertura com o outro na troca de ideias. Esse ideal pessoal viria gradativamente povoar seus escritos, apontando os problemas relacionais envolvidos com a falta de mutualidade. Isso nos faz pensar que o conceito de mutualidade em Ferenczi está profundamente articulado com sua veemente defesa da honestidade nas relações, encarando-se a mentira com a gênese das patologias.

Apaziguado o conflito entre os amigos, Freud logo encontra motivos para se orgulhar do discípulo com a publicação do artigo *Palavras obscenas. Contribuição para a psicologia do período de latência* (FERENCZI, 1910/1991). Ademais, o processo de introjeção vai ao encontro do crescente interesse de Ferenczi pela capacidade de figurabilidade psíquica, a forma com a qual o psiquismo incorpora e integra os objetos externos em seu próprio ego.

Em *Palavras obscenas* (1910/1991), o autor pondera que as crianças tratam as palavras como objetos, sendo as palavras relacionadas às partes de seu corpo que na tenra infância lhe ofereciam prazer, mas que com o tempo se tornam proibidos. Assim, não só a masturbação, como também o interesse pelas fezes e pela urina são recalcados no período de latência, em que as palavras obscenas representam, acompanhadas dos ‘diques psíquicos’ típicos dessa fase: a vergonha, o asco e o nojo. A inspiração do trabalho foi a leitura do livro dos chistes de Freud e em sua correspondência podemos testemunhar os amigos trocando ideias sobre o problema do simbolismo e da construção representacional.

Como dito anteriormente, a riqueza dos escritos de Ferenczi nesta época se encontra não nos desvios dos ensinamentos de Freud, mas sim em seus aprofundamentos e alargamentos temáticos. Podemos observar que Ferenczi apresenta, desde o início, a já mencionada preocupação com as relações humanas e seus desencontros, mas também se nota um ponto de interesse constante com as manifestações do corpo e a sua articulação indissociável com o psiquismo, características que se tornariam emblemáticas nesse autor.

A seguir, retratarei as dificuldades encontradas no manejo transferencial psicanalítico e suas articulações pessoais e teóricas no caminho de Ferenczi.

### 2.3. Confusões transferenciais

Como todo movimento pioneiro, o grupo inicial de Freud, assim como ele próprio, viria a sofrer as consequências de um trabalho inovador, do qual pouco se sabia a respeito dos efeitos e consequências. Os casos mais visíveis dessas falhas se encontram no campo transferencial, posto que as análises efetuadas na época, não raro, eram realizadas com pessoas próximas (filhas, esposas, amigos etc.) assim como com o meio social circundante a Freud e a seus colegas. Afinal, enquanto jovem ciência, a psicanálise era relativamente pouco conhecida, ou talvez pouco reconhecida, e os interessados em fazer uma análise eram pessoas próximas daqueles que as praticavam.

Ademais, como aponta Dupont (1995), havia poucos psicanalistas atuando nessa fase, fazendo com que a demanda por análise se sobrepusesse ao número de seus praticantes. Mas, não sejamos ingênuos. Os móveis da transferência atuam silenciosamente e, assim como Lacan viria a pontuar meio século depois, o ‘sujeito suposto saber’ convocava Freud como o ideal de analista. Assim, todos queriam ser analisados pelo mestre.

Entretanto, nem todos faziam análise com Freud e, de fato, pela leitura de sua correspondência com Ferenczi, notei que mesmo ele teve muitas dificuldades para convencer o mestre de analisá-lo. Pelas cartas, é possível saber que a primeira análise didática realizada por Freud provavelmente foi feita com outro húngaro, René Spitz, recomendado por Ferenczi (240F, p. 357).

A partir de 1911, é possível ver nessas missivas alguns indícios de um movimento de análise indireta de Ferenczi com Freud, nos mesmos moldes com que ele, no passado, havia se ‘confessado’ auto analiticamente com Fliess. Ao menos é assim que considera Dupont (1995) e com essa questão não posso deixar de concordar. Desde o ‘incidente de Palermo’, em 1910, o tom reflexivo e confessional nas cartas de Ferenczi abrem brechas para que uma análise ocorra. Irônico pensar que justo Ferenczi, que seria depois duramente criticado por suas experimentações, tenha participado de processo atualmente visto como nada ortodoxo. Mas concordo que muitas de suas cartas compuseram sua análise com Freud, afinal, a transferência e também a contratransferência estavam lá!

Mas, sem adiantar os fatos, antes de sua análise, muitas outras ‘confusões transferenciais’ iriam acontecer. Após se envolver na ‘bagunça’ Jung/Spielrein, Freud teve que lidar com a ‘tempestade’ Ferenczi/ Gizella/ Elma.

Em julho de 1911, Ferenczi comunica a Freud o início do tratamento de Elma (234 Fer), filha mais velha de sua amante, Gizella Pallos, e vítima de uma profunda depressão após o suicídio de um pretendente seu. Freud sabiamente lhe responde que teme que “tudo vá bem até certo ponto e depois, não mais. Não sacrifique demais seus segredos por uma bondade excessiva” (235 F, p. 353). Realmente, a coisa caminha bem até novembro, quando Sándor confessa a Freud um declínio em seu interesse por Frau G. e o início da paixão por Elma (252 Fer, p. 367).

A relação com Gizella teve início por volta de 1900. Casada com Géza Pallos, mas separada dele, ela na época tinha 34 anos e Sándor 26. Reconhecida como uma mulher charmosa e sagaz, a paixão inicial foi gradativamente se tornando uma espécie de amizade íntima, já que Ferenczi confessa a Freud, várias vezes, sobre suas entregas passionais a mocinhas ou prostitutas (FALZEDER; BRABANT; GIAMPIERI, 1994).

Porém, o ponto forte de seu amor por Gizella se mostra na total abertura comunicativa e comunhão intelectual que encontra nela. Ainda, do ‘incidente de Palermo’, Ferenczi a toma como exemplo do tipo de relação honesta e igualitária, mútua, que esperava encontrar em Freud. Ao longo desse drama passionai, é possível ver um Sándor entre a paixão carnal por Elma e o desejo de ter filhos e a relação madura e intelectualmente estimulante que tem com Gizella. É a ela que ele conta suas descobertas teóricas, é com ela que realiza seus experimentos telepáticos, é dela que recebe sugestões quanto à técnica e às interpretações psicanalíticas (FALZEDER; BRABANT; GIAMPIERI, 1994).

Afinal, Gizella é o protótipo da relação ideal, porém já não é atraente e não pode mais ter filhos. Nesse ponto se encontra o aspecto nodal do drama de Ferenczi, que viria a se desenvolver com força entre os anos de 1911- 1914, mas o acompanharia por toda vida.

Tal como Freud apontara em seu artigo da mesma época, *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do amor II)* (1912/1996), é típico do homem de seu tempo dividir seus interesses amorosos numa tendência terna e outra passionai e o conflito se refere justamente à possibilidade de conciliar ambas. Ao final, Freud sabiamente comenta: “para ser realmente livre e feliz no amor, tem de sobrepujar seu respeito pelas mulheres e aceitar a ideia do incesto com sua mãe ou irmã” (p. 191).

Apesar de Ferenczi buscar alcançar essa maturidade em relação a seu Édipo, o drama que se desenrolaria entre ele, Elma e Gizella, com participações especiais de Freud,

mais parece um romance folhetinesco. Após desistir de analisar Elma, Ferenczi pede a Freud que a trate. Relutante, Freud aceita e conduz sua análise com a moça por quatro meses, comunicando ao seu amigo as suas melhoras e recaídas.

Ao retornar para Budapeste, na Páscoa de 1911, Ferenczi volta a atender Elma. Essa análise, que foi dolorida para ambos, tinha como maior objetivo verificar se o amor de Elma por ele era uma expressão genuína ou se era fruto de suas fixações edipianas. Nesse meio tempo, Ferenczi se afunda em suas elucubrações epistolares com Freud: ora ama Elma e fará tudo por ela, ora sente falta da companhia madura e confiável de Gizella. Esse vai-e-vem se desenrola por todo o ano de 1912 e, como disse anteriormente, através da correspondência de Ferenczi com Groddeck e suas confissões no *Diário clínico* (1932/2003), o desfecho nunca chegou a um fim, apesar de seu casamento com Gizella, o que ocorreu em 1919.

O que se depreende dessa história diz respeito aos perigos de não se considerar o fenômeno transferencial em suas amplas dimensões. Primeiro, Ferenczi conduz a segunda análise de Elma movido por interesses fortemente pessoais, que ultrapassam em muito o interesse do analista na melhora de seu paciente. Segundo, a figura de Freud, já sobrecarregada do amor transferencial, vem a somar-se a esse evento de forma desastrosa.

Lembrando a noção de *après-coup* postulada por Freud nos primórdios da psicanálise, todos esses elementos só viriam a ser expressos e elaborados posteriormente. Os trabalhos teóricos de Ferenczi na época pouco tratam da transferência ou das dificuldades de uma análise, produção que se fará mais nítida em seus escritos dos anos 1920. A raiva de Ferenczi em relação a Freud vem à tona praticamente vinte anos após esse drama. Como expresso em seu *Diário clínico* (1932/2003), a impressão é de que Freud praticamente o obrigara a se casar com Gizella e a esse respeito a leitura da correspondência trocada entre eles nos anos de 1911 e 1912 comprova a total indecisão de Ferenczi. O que ele queria, realmente, era ficar com as duas, o que nos sugere que qualquer decisão entre uma ou outra geraria possíveis remorsos posteriores.

Como alerta Aron (1998), ao estudar a biografia da relação Freud e Ferenczi, constata-se uma atitude muito típica dos comentaristas: demonizar Freud e santificar Ferenczi. Para o autor, a via mais madura, isto é, a psicanalítica, seria superar esse binarismo opositor e compreender cada qual em seus dilemas. De fato, grande parte dos artigos e estudos que pesquisei trata Freud de forma bastante tendenciosa; um olhar mais distante a esse respeito mostra que as coisas não eram bem assim.

Outra figura que parasita essas confusões transferenciais é Ernest Jones. Isso porque durante o ano de 1913, Jones faria alguns meses de análise com Ferenczi. Nas cartas de Ferenczi para Freud, vemos grandes elogios do húngaro em relação ao inglês: seu amadurecimento através da análise, a crescente confiança entre eles e o nascimento de uma amizade (FALZEDER; BRABANT; GIAMPIERI, 1994).

Porém, eventos externos iriam abalar esta amigável parceria. Appignanesi e Forrester (2011) relatam em detalhes o envolvimento de Jones com uma mulher chamada Loe Kann. Sua relação data de 1908, mesmo ano em que Jones se vincula ao movimento psicanalítico. Por volta de 1912, Loe torna-se paciente de Freud, que a aprecia e a admira. Porém, Freud e Ferenczi trocam informações sigilosas sobre essa dupla de pacientes, amantes, em suas cartas, fato que Jones tomou conhecimento. Além do mais, Loe nesta época já estava envolvida com outro homem também chamado Ernest, e Freud, Otto Rank e Ferenczi viriam a participar do casamento deles.

Novamente, aspectos muito pessoais e dolorosos se infiltram num entrecruzamento de transferências que já eram complicadas: a relação de todos esses discípulos com Freud. Ademais, a antipatia entre Ferenczi e Jones viria a se tornar mútua, com os crescentes debates entre os discípulos sobre suas visões da teoria e da técnica psicanalítica, dilemas balizados pela transferência filial que os ligavam em relação a Freud. Voltarei a este ponto no tópico seguinte.

Em termos de produção teórica, os anos de 1911 a 1913 são pouco expressivos no trabalho de Ferenczi. Analisando o volume II de suas obras completas, notei textos curtos que, em geral, visam apenas comunicar breves ideias ou vinhetas clínicas. O próprio Ferenczi confessa a Freud uma grande preguiça e desmotivação em produzir (FALZEDER; BRABANT; GIAMPIERI, 1994). Mesmo assim, dois textos serão bem recebidos por Freud, um mais breve, outro mais complexo.

O primeiro trata do relato de um caso clínico aos moldes do pequeno Hans, ou seja, através do relato de uma paciente que Ferenczi travou conhecimento da história do Pequeno homem-galo (1913f/2011a), que se trata de um garoto que tem entre 4 e 5 anos e está vivenciando fortemente seu complexo de castração. Chamado por Ferenczi de Arpad, nome do primeiro governante da Hungria, o menino vive uma experiência traumática durante as férias numa casa de campo em que a família costumeiramente se instalava. Ao brincar com a empregada no galinheiro, Arpad quase leva uma bicada de galo em seu pênis. O perigo eminente experimentado vai se associar às experiências edípicas e às ameaças de castração que o garoto vivia no momento. Arpad desenvolve

uma série de brincadeiras envolvendo galos mortos e seus avatares em forma de brinquedos, os quais ele colecionava. Nunca perde a oportunidade de ver sua empregada matar e depenar galinhas, mas quando as vê definitivamente mortas, se entrega a uma tristeza desesperada. Adora desenhar galos e em suas brincadeiras com bonecos, em forma de galos, gansos e outras aves, expressa nítido prazer em matá-los para logo em seguida fazê-los reviver (FERENCZI, 1913f/2011a).

Através da análise dessas brincadeiras e da fobia relacionada ao animal, Ferenczi aponta as relações entre os complexos de Édipo e o de castração e identifica seu paradoxo: ao mesmo tempo em que Arpad teme os galos – representantes da ameaça de castração –, também se identifica com eles, numa associação entre o galo e o pai, machos, poderosos e viris. Entretanto, Ferenczi não para por aí. Pouco antes de finalizar o artigo, o autor remete ao problema da morte, através das preocupações que o menino expressa. Afinal, se os galos podem morrer, as crianças também o podem (FERENCZI, 1913f/2011a).

Freud admira o pequeno artigo e pede permissão ao discípulo para usá-lo como exemplo do totemismo infantil em seu *Totem e tabu* (1913/1996c). Para tanto, solicita que Ferenczi espere a publicação desse para depois publicar seu artigo sobre o pequeno homem-galo.

Outro trabalho apreciado por Freud e, posteriormente, muito citado por ele é *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913e/2011a). Aqui, Ferenczi volta novamente sua atenção para a infância e vai descrevendo como se dá a adaptação da criança diante do conflito entre o imediatismo do princípio do prazer e a contínua tarefa de aceitar a árdua realidade. Ele afirma que no

(...) começo de seu desenvolvimento, a criança recém-nascida tenta chegar ao estado de satisfação através da violência do desejo (representação), negligenciando (recalcando) simplesmente a realidade insatisfatória para supor presente a satisfação desejada mas ausente; pretende, pois, cobrir todas as suas necessidades sem esforço, mediante alucinações positivas e negativas. (FERENCZI, 1913e/2011a, p. 45).

Até aí é possível identificar a ideia freudiana da “alucinação do seio”. Mas Ferenczi continua apontando a presença de estados intermediários em que a tendência ao prazer e a aceitação da realidade se mesclam, podendo avançar ou regredir. Ele lança uma ideia germinal encontrada de forma mais desenvolvida em *Thalassa* (1924c/2011b): o desejo humano de regressar ao útero materno, no qual vivia uma vida parasitária e de puro prazer. Assim, aceitar a realidade com suas frustrações, insatisfações e obstáculos ao

prazer demanda um esforço ao qual a criança vai gradativamente se habituando, numa espécie de vai-e-vem caranguejante. Nesse sentido, o sono se apresenta como uma primeira defesa contra esta realidade inóspita: ele reproduz o ambiente intrauterino, protegendo a criança dos excessos dos estímulos externos, assim como a aproxima alucinatoriamente do corpo da mãe (FERENCZI, 1913e/2011a).

Interessante notar que ao descrever as fases de desenvolvimento indicadas no título, Ferenczi (1913e/2011a) não se limita às fases libidinais de Freud e nem tenta adaptar suas ideias a essas. Pelo contrário, a atenção do autor vai em direção às formas com que a criança se adapta ao mundo através de recursos comunicativos. Em outras palavras, o conceito desenvolvido é o de ego e seus caminhos no desenvolvimento psicológico infantil. Assim, na primeira fase, da onipotência alucinatória mágica, a criança usa o choro e o grito como formas de apaziguar suas necessidades, já que chorando ela atrai a atenção de alguém que virá sanar a sua necessidade de algo.

Na fase seguinte, da onipotência com ajuda de gestos mágicos, a criança passa a fazer uso das vocalizações e de gestos corporais. Essas duas primeiras etapas, segundo Ferenczi (1913e/2011a), ainda são balizadas pelos processos introjetivos em articulação com os objetos externos cada vez mais numerosos, o que indica a complexificação dos desejos infantis. Essas são, para ele, as fases de constituição do ego.

Com a criança mais crescida, tanto seus recursos como seus desejos vão se tornando mais complicados. Em algum momento, a criança entra nas etapas gerenciadas pelo processo projetivo, iniciando-se com a fase animista, em que ela passa a reconhecer o mundo através do saber que tem a respeito do funcionamento de seu próprio corpo, especialmente as partes que lhe oferecem prazer. Esse processo prepara o terreno para a etapa dos pensamentos e palavras mágicas, já que: “Assim se estabelecem essas relações profundas, persistentes a vida inteira, entre o corpo humano e o mundo dos objetos, a que chamamos *relações simbólicas*” (FERENCZI, 1913e/2011a, p. 54). Aqui, já se impõe a compreensão das formações linguísticas propriamente ditas, como atesta o trecho a seguir.

O simbolismo gestual é substituído, portanto, pelo simbolismo verbal: certas sequências de sons são postas em estreita relação associativa com coisas e processos determinados, e são até progressivamente *identificadas* com eles. É o ponto de partida de um importante avanço: tornam-se inúteis a laboriosa *representação* por imagens e a *encenação* dramática, ainda mais laboriosa; a concepção e a representação dessas séries de fonemas chamadas palavras permitem uma versão muito mais econômica e preciosa dos desejos (FERENCZI, 1913e/2011a, p. 55 grifos do autor).

Quando a criança estiver mais adaptada às condições cada vez mais exigentes da realidade, e superado a satisfação auto-erótica entrará na fase da onipotência incondicional, na qual a necessidade de encontrar um objeto sexual se coaduna com o reconhecimento da onipotência das forças da natureza, que se sabe ser imbatível (FERENCZI, 1913e/2011a).

Outro ponto desse texto que o coloca como um protótipo das ideias desenvolvidas em *Thalassa* (1924c/2011b) é que a cada fase estudada, Ferenczi relaciona os tipos psicopatológicos fixados. Assim, na primeira fase está a epilepsia e os recursos corporais desordenados como expressão psíquica; na segunda, a histeria e o uso dos gestos corporais; na terceira, a neurose obsessiva e a articulação com os desdobramentos representacionais e, por fim, a paranoia, cujo narcisismo inflexível coloca o ego como fonte de todo prazer.

Entretanto, um ponto que se apresenta e que só viria a tomar corpo após 1919 se refere ao momento em que se passa a desenvolver sua técnica ativa. Quando Ferenczi afirma que a criança busca recursos comunicativos para conseguir seus objetos de prazer, ele está apontando um modo de funcionamento que viria a chamar de *aloplástico*, ou seja, quando o sujeito visa a uma mudança no meio exterior com o mínimo de esforço interno (FERENCZI, 1920-1932/2011c). Este é um dos pontos que denotam o reconhecimento que Ferenczi tinha pela articulação inseparável entre o sujeito e o meio circundante.

É em *Thalassa* (1924c/2011b) que Ferenczi dá continuidade a suas ideias sobre o desenvolvimento humano, fazendo uso de um método criado por ele, o *utraquismo*. Esse método consiste em levar as associações livres até as suas últimas consequências, lançando mão de analogias entre temas e assuntos aparentemente sem conexão. Nesse texto, Ferenczi apresenta as bases de sua *bio-análise*, cujos fundamentos teóricos são tomados de Darwin, Lamarck e Haeckel. Este último propunha que a ontogênese repete a filogênese, postulado que marcara profundamente tanto Freud como Ferenczi.

Afinal, Ferenczi deu início a *Thalassa* em 1914, quando usava suas folgas em Papas para traduzir os *Três ensaios sobre a sexualidade* (FREUD, 1905/1996) para o húngaro. Inspirado por esse texto, ele se empolga com suas fantasias bioanalíticas.

É possível observar, ainda, que tanto o texto *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913e/ 2011a), quanto *Thalassa* (1924c/2011b) têm fortes ligações com *Neuroses de transferência: uma síntese* (/1915/1987), manuscrito abandonado de Freud e deixado aos cuidados de Ferenczi, o qual foi descoberto

posteriormente entre os papéis de Ferenczi, organizado e publicado por Ilse Grubrich-Simitis, em 1987. Em seu ensaio *Metapsicologia e metabiologia*, a autora (1987) indica essas relações e pontua, através da análise da correspondência Freud-Ferenczi, como Freud hesitou em dar continuidade àquilo que considerava como inclinações especulativas. Entretanto, *Thalassa* era motivo de orgulho para Freud, que o citou no necrológio feito para Ferenczi quando de sua morte.

Em *Thalassa* (1924c/2011b), há várias analogias entre o funcionamento corporal do bebê com o desenvolvimento de anfíbios e peixes, ponto no qual Ferenczi dá bastante atenção, para chegar à consideração que elaborou de que o ser humano realizaria seu maior desejo em retornar ao útero materno através da vida aquática. Postula, também, que o prazer parasitário, encontrado tanto nas origens da vida humana quanto no dessas espécies, se associaria à pulsão de morte.

Em paralelo a essa concepção e munido de seu *utraquismo*, Ferenczi associa esse desejo fundamental com o coito. Do encontro dos órgãos masculino e feminino, o homem reencontraria o útero, meio aquoso com o qual o sujeito alcança o orgasmo. Isso porque, para Ferenczi, existe uma espécie de comunicação interna entre os órgãos, que ele chama de *anfimixia*, sendo essa um misto de vários erotismos: anais-uretrais, uretral-genital, e por aí vai. No encontro sexual, a anfimixia dos pontos erógenos seria convocada, chegando ao seu ápice no momento do coito (FERENCZI, 1924c/2011b).

Além do mais, Ferenczi compreende o processo de identificação de forma ampla, podendo o sujeito identificar-se com seus órgãos devido ao impacto da leitura dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1996) de Freud, texto que ele traduzia para o húngaro da época de sua estada em Papas, em 1914, quando iniciou a redação de *Thalassa* (1924c/2011b), como também *Sobre o narcisismo: uma introdução ao narcisismo* (1914/1996b), já que Ferenczi adota de imediato este conceito de Freud. Assim, identificado com seu pênis, órgão altamente investido de libido e, portanto, narcísico, o sujeito teria no encontro sexual, na penetração da vagina, esse reencontro com o tão desejado útero (FERENCZI, 1924c/2011b). Aqui apresentei uma breve síntese da parte ontogenética.

Na sequência do texto, Ferenczi desenvolve suas ideias sobre a relação ontogenética-filogenética e, nesse ponto, é possível observar várias ressonâncias entre *Thalassa* (1924c/2011b) e o manuscrito perdido de Freud, aquele mesmo encontrado por Ilona Felszeghy e entregue a Ilse Grubrich-Simitis, *Neurose de transferência: uma síntese* (FREUD, 1915/1987).

Grubrich-Simitis (1987) conta que, na verdade, foi o texto anterior de Ferenczi, *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913e/2011a), que motivou o texto freudiano, o que mostra que a relação entre ambos caminhava mais no sentido de uma colaboração mútua, do que mera relação vertical entre um mestre e um discípulo. No capítulo 3, me deterei mais atentamente nesses textos e em sua relação com a gênese da teoria do trauma de Ferenczi.

Assim, após seis anos de amizade, a relação entre Freud e Ferenczi passava do mero discipulado para uma parceria intelectual. Porém, Ferenczi ainda nutria o desejo de ser analisado por Freud. Depois de muita insistência, Freud aceita conduzir esta análise em outubro de 1914, antes de Ferenczi ser convocado como médico no quartel de Papas (SABOURIN, 1988; TALARN, 2003).

Em seu artigo, *A análise de Ferenczi com Freud revelada por sua correspondência*, Dupont (1995) considera a existência de períodos de caráter analítico ao longo da correspondência de Ferenczi, tais como os anos de 1911 e 1912, nos quais Ferenczi vivia fortemente o conflito amoroso descrito acima; o ano de 1924 e seus últimos anos de vida. De fato, Ferenczi passou por três períodos de análise propriamente dita com Freud: três semanas em 1914, mais três semanas em junho e em julho de 1916 e, por fim, duas semanas em setembro de 1916.

A autora analisa detalhadamente esse desenrolar analítico por meio das trocas de cartas entre Freud e Ferenczi, deixando claras as reticências de Freud em relação a essa análise, assim como as inibições de Sándor diante do mestre. Como dito anteriormente, análises com pessoas próximas eram comuns na época, além da pequena quantidade de psicanalistas experientes, o que justifica a insistência de Ferenczi em ser analisado por Freud. Não obstante, Dupont (1995) indica vários pontos transferenciais complexos permeando essa análise, como também elementos contratransferenciais, afinal, Freud tinha um afeto paternal inegável em relação à Ferenczi e, por alguns anos, nutriu a ideia de tê-lo como esposo de Mathilde, sua filha mais velha.

O que mais chama a atenção na história dessa análise é seu desfecho *après-coup*, pois somente após quinze anos do término que Ferenczi sentiu nele a emergência da transferência negativa, relatado nesta carta de 17 de janeiro de 1930:

Há em nossa relação, a questão (ao menos para mim) de uma combinação de vários conflitos, emoções e opiniões. Primeiro, o senhor tinha sido meu venerado professor e ideal inatingível, por quem acalentava, como se sabe, os sentimentos sempre misturados de um discípulo. Depois, tornou-se meu analista, mas circunstâncias desfavoráveis não nos permitiram levar a cabo minha análise. O que,

em particular, deplorei, foi que em minha análise o senhor não tivesse percebido os sentimentos negativos e as fantasias parcialmente transferidas e não os tivesse trazido para ab-reação. Sabe-se que nenhum analisando, até mesmo eu, com meus muitos anos de experiência adquirida com outros, seria capaz de chegar a isso sem ajuda. Eu precisei de uma auto-análise muito dolorosa, realizada em seguida e de uma maneira bastante metódica. (DUPONT, 1995, p. 33).

A resposta de Freud veio posteriormente à morte de Ferenczi, em seu texto *Análise terminável e interminável* (1937/1996), a qual apresentarei no tópico 2.5. Por hora, proponho o retorno aos anos de batalha, interna e externa, da psicanálise em vias de institucionalização.

#### 2.4. Artimanhas no reino: a institucionalização da psicanálise

No ápice do conflito de Ferenczi entre o amor por Gizella ou por Elma, entre 1911 e 1912, Freud escrevia sobre o tema da escolha entre os três cofrinhos, a partir de exemplos de *Rei Lear*, de Shakespeare (FREUD, 1913/1996b). Apesar de sua atenção estar voltada para essa temática, outra, bastante debatida entre os amigos na época, mas da qual Freud não se atenta em seu artigo, é o problema de sua sucessão.

Desde o início de seus problemas com Jung, por volta de 1909, após a fatídica viagem aos Estados Unidos, Freud reclama a Ferenczi sobre seus temores acerca do futuro. Diante das atrapalhadas movimentações de seus discípulos, Freud desabafa: “É difícil ter de educar tanta gente” (178 F, p. 290). O diálogo entre ambos sobre esse assunto se resume num Freud reclamante e num Ferenczi humilde em reconhecer sua inaptidão para ser o sucessor eleito.

É interessante notar como o tema shakespeariano de *Rei Lear* se relaciona com os eventos que se desenrolarão. Lear vive o dilema de ter que escolher entre suas três filhas a mais apta para assumir seu reino. Estabelece como critério aquela que o ama mais. Diante das exageradas declarações de Goneril e Regan, a honesta declaração de Cordélia lhe soa como um insulto, fazendo o rei dividir o reino entre as duas ardilosas. As vias da política não se afinam com as do coração. Da mesma forma, Freud viria a preferir as fidelidades medíocres de outros, afastando-se de seu “amado filho” que honestamente ousou criticá-lo.

O primeiro tipo de agrupamento organizado ainda por Freud foram as chamadas “reuniões da quarta-feira”, que concentrou os primeiros adeptos de suas teorias, os quais se encontravam na casa de Freud semanalmente para discutir as ideias inacabadas do autor e abrir um espaço a contribuição dos novos discípulos.

Dessa organização relativamente informal, outra – o comitê secreto –, que ocorreu em 1912, destacou-se por iniciativa conjunta de Ferenczi e Jones. O comitê teve a duração de 12 anos, e reunia os homens de “confiança” de Freud, aqueles que poderiam resguardar a psicanálise de desvios em sua essência. Essa iniciativa veio à tona após os rompimentos iniciais, primeiro com Adler, e depois, o mais traumático, com Jung (ROAZEN, 1978).

O conflito com Jung mobilizou em Freud não só as preocupações acerca de questões teóricas, mas acerca do próprio futuro da psicanálise enquanto movimento. Desse modo, era necessária uma figura que encarnasse uma diplomacia a qual levaria a psicanálise a sobreviver a seu descobridor.

À parte da existência do comitê, havia o início do movimento político e institucional com a formação da IPA – *International Psychoanalytical Association* –, a qual Ferenczi foi um primeiro incentivador. Em sua palestra *Sobre a história do movimento psicanalítico* (1911/1991c), Ferenczi comenta a respeito da necessidade de uma organização para dividir os trabalhos e operar uma vigilância mútua. Apesar de saber das “doenças” das instituições, o autor aposta na maturidade a longo prazo dessa instituição, já que eram todos psicanalistas, o trabalho com a análise deveria possibilitar-lhes a suspensão do egocentrismo narcísico em prol de um bem comum.

Mas se a associação internacional tinha como objetivo não só organizar os discípulos da psicanálise por toda a Europa, mas, também, angariar mais participantes para a causa, o comitê secreto era para poucos. Dos discípulos em torno de Freud, os selecionados para participar deste e receber o anel de Freud foram: Karl Abraham, Max Eitingon, Sándor Ferenczi, Otto Rank, Hans Sachs e Ernest Jones. O rico cervejeiro húngaro e grande simpatizante da causa, Anton von Freund, também foi incluído no Comitê, dadas suas generosas contribuições a partir das quais as publicações psicanalíticas se mantiveram por anos (GROSSKURTH, 1992a).

Através de cartas circulares, as *Rundbriefe*, os membros do comitê trocavam informações úteis, organizavam congressos e trocavam ideias sobre artigos e livros a serem publicados pela editora. Além disso, os anos da guerra tornava necessária uma coesão cúmplice entre eles, para evitar que a causa psicanalítica se dispersasse, ou até que morresse.

É justamente a partir da guerra que a temática do trauma reemerge com força nas produções psicanalíticas (MEZAN, 2014). Assim, em 1916, Ferenczi escreve *Dois tipos de neurose de guerra (histeria)* (2011a). Como o título já aponta, o autor aproxima os distúrbios desencadeados pelos traumas no campo de guerra com o mecanismo clássico da histeria, a conversão. Isto porque os pacientes observados por Ferenczi apresentavam problemas envolvendo o andar e o manejo dos braços com dificuldades que envolviam paralisias ou tremedeiras, sem que essas apresentassem lesões orgânicas.

Conversando com esses soldados, Ferenczi (1916a/2011a) nota que esses distúrbios se relacionavam com um trauma, em geral, o choque ocasionado por um grande susto oriundo de explosões reverberava no sujeito como uma fixação da posição no momento do choque. Essas vivências se ligavam à alta carga de angústia, a qual era descarregada no corpo através destes sintomas da marcha.

Outro ponto interessante, e que seria discutido posteriormente por Freud em *Além do princípio do prazer* (1920/1996), eram os relatos de sonhos que reproduziam a situação traumática. Ferenczi (1916a/2011a) aborda vários casos para destacar as peculiaridades de cada um: em alguns o choque foi originado por um evento maciço, marcado por um grande susto ou pavor; em outros, traumatismos mais ou menos importantes se encadeavam de forma cumulativa, como microtraumas repetidos.

Em sua discussão acerca da formação desses sintomas, Ferenczi discute como a psicanálise pode contribuir para a compreensão destes, afinal, a explicação médica geral já havia avançado bastante e elucidado boa parte deles. O que lhes faltava era reconhecer o papel da psicosexualidade na gênese desses transtornos, apesar de, em sua aparência, não denotar nenhuma relação com ela. Aqui o conceito convocado para oferecer essa explicação era o narcisismo.

Desde que Freud elaborou esse conceito, Ferenczi vinha utilizando-o para compreender uma série de fenômenos vinculados a doenças orgânicas para evidenciar, justamente, o componente sexual dessas mazelas. Em *Dois tipos de neurose de guerra* (1916a/2011a), o autor comenta como os choques e pavores vivenciados em campo de batalha remetiam a feridas narcísicas experimentadas pelos soldados, e exemplifica o processo com várias vinhetas clínicas.

Nelas observa uma característica em comum: esses soldados nunca antes haviam experimentado o medo, eram sujeitos corajosos, cuja conduta heroica havia sido condecorada várias vezes. Dessa forma, o choque vivido por eles e seus efeitos operavam como uma ferida em seu narcisismo. Assim abalados, esses soldados apresentavam

comportamentos similares aos de uma criança assustada e as suas dificuldades em caminhar remetiam Ferenczi (1916a/2011 a) aos movimentos regressivos.

A partir dessa época a regressão foi um termo recorrente nos trabalhos de Ferenczi, assim como também a menção ao narcisismo envolvido nos adoecimentos orgânicos. É dessa forma que ele cunhou o termo *patoneurose* (1917/2011a). Amparado pela ideia de identificação do ego com um órgão altamente investido de libido, já presente em *Thalassa* (1924c/2011b)<sup>23</sup>, Ferenczi explica como doenças orgânicas são plasmadas no psiquismo por meio da ferida que geram no narcisismo do sujeito. Assim, a doença orgânica desencadearia uma doença psíquica complementar, sendo que o ego se identifica com o órgão adoentado, investindo-o com seu amor próprio.

Em 1918, no Congresso de Budapeste, Freud comunica o caso clínico do Homem dos Lobos, que teve fortes repercussões nas ideias de alguns discípulos sobre a técnica psicanalítica. Freud sugeriu que o analista saísse da posição de neutralidade<sup>24</sup> e fizesse injunções ao paciente nos casos em que a análise se mostrava estagnada (MEZAN, 2014).

Como efeito dessa comunicação, Otto Rank e Sándor Ferenczi, cuja amizade se intensificava naquele período, refletiram sobre modos de evitar o prolongamento desnecessário das análises. Ferenczi já iniciava os experimentos com a técnica ativa, assim nomeada por Freud, comunicando-a pela primeira vez ao grupo psicanalítico em 1919 no texto *Dificuldades técnicas de uma análise de histeria*. O autor inicia o texto falando sobre um caso de histeria de uma moça inteligente e paciente colaborativa, cujos avanços terapêuticos transcorreram bem até certo ponto. Assim como no caso freudiano, diante da estagnação do trabalho analítico, Ferenczi estipulou um prazo para o término do tratamento. Apesar de um progresso momentâneo, logo a paciente voltou a sua inatividade. Diante dessa nova paralização do processo analítico, mobilizado sob o disfarce do amor transferencial, Ferenczi observou a interferência do autoerotismo da paciente, cuja expressão na masturbação nunca foi mencionada por ela durante o trabalho. Com o termo onanismo larvar, o autor indica uma modalidade de autoerotismo disfarçada, que se expressaria através de gestos e posições físicas aparentemente inócuas.

---

<sup>23</sup> Lembramos que o texto de *Thalassa* começou a ser escrito em 1914, mas só foi publicado doze anos depois. Assim, muitas ideias presentes neste texto reapareceram em outros escritos do autor que foram publicados ou comunicados em congressos antes desse texto ser divulgado.

<sup>24</sup> De acordo com Kilborne (2008) o termo utilizado por Freud era indiferença e é sobre este aspecto que incide a crítica de Ferenczi. Daí sua proposta de postura do analista ser oposta a indiferença, ou seja, o analista deveria oferecer seu acolhimento empático.

Assim surgiu a técnica ativa de Ferenczi, nem tanto preocupada com a brevidade do tratamento, mas sim com a sua autenticidade, já que para ele não havia sentido uma análise longa e infrutífera. Alguns anos antes, Ferenczi havia feito uma breve observação sobre a loquacidade de certos pacientes e como essa disposição verborrágica, por vezes, poderia enganar ao analista, enchendo a sessão com palavras banais, um falar vazio e ininterrupto que teria como finalidade desviar a atenção do analista e preservar os conteúdos resistentes do paciente (FERENCZI, 1915f/2011a). Em 1919, Ferenczi se sentia impelido a desmascarar os subterfúgios de seus pacientes e a fazê-los trabalhar, bloqueando as válvulas de escape usuais de cada um.

Retomando o caso analisado em *Dificuldades técnicas* (1919c/2011 b), o autor nota o modo com a paciente cruzava as pernas em determinados momentos da sessão, momentos em que o tema da masturbação deveria advir, e relaciona-o com o onanismo larvar. Assim, faz sua primeira injunção e a proibi de cruzar as pernas durante a sessão. Ferenczi relata que continuou por esse caminho, identificando os movimentos deslocadores do onanismo larvar, até que o tema da masturbação viesse à tona e fosse trabalhado por ele e sua paciente. Finalizando o artigo, Ferenczi comenta:

Neste caso, fui levado a abandonar o papel passivo que o psicanalista desempenha habitualmente no tratamento, quando se limita a escutar e a interpretar as associações da paciente, e ajudei a paciente a ultrapassar os pontos mortos do trabalho analítico intervindo ativamente em seus mecanismos psíquicos. (1919c/2011b, p. 7).

Apesar desta definição, Ferenczi (1919c/2011b) argumenta como suas injunções pretendem identificar o escoadouro libidinal, a serviço da resistência e redirecioná-lo para o trabalho associativo, incitando a atividade psíquica do paciente. Assim, vemos que para o autor a dupla terapeuta-paciente funciona em unísono, como um par sincronizado e a atividade do analista nada mais é do que uma forma de instigar a atividade perlaborativa do analisante.

No ano seguinte, Ferenczi abordou novamente sua técnica ativa durante o Congresso de Haia, no artigo *Prolongamentos da técnica ativa* (1921/2011b), demonstrando a evolução de sua ideia. Já atacado por seus experimentos anteriores, o autor iniciou o texto se justificando e dizendo que não discorda da denominada técnica clássica da psicanálise, mas sim, que propunha o uso da técnica ativa em casos excepcionais com pacientes difíceis.

A respeito desse aspecto cabe um breve parêntese para esclarecer o significado dessa dificuldade. Segundo Kahtuni e Sanches (2009), a dificuldade mencionada por

Ferenczi dizia respeito aos pacientes que, por alguma razão até então desconhecida, não se enquadravam no modelo psicanalítico da época, baseado na associação livre e nas interpretações de seus conteúdos. Foi a partir dessa constatação que Ferenczi passou a experimentar técnicas diferentes, até porque, naquela época o tratamento psicanalítico era basicamente exclusivo aos neuróticos. Atualmente, sabe-se que tais pacientes se tratavam de psicóticos ou organizações borderline, condições subjetivas que não se enquadravam na terapia estipulada por Freud.

Assim, Ferenczi (1921c/2011b) dirá que a técnica ativa consiste em intervenções focais e limitadas a certa situação, a estagnação do paciente durante o processo analítico. Segundo o autor, a psicanálise de então era baseada na passividade do analisante, numa espécie de “se deixe levar sem nenhuma crítica pelo que venha ao espírito; nada mais tem a fazer senão comunicar sem reservas essas ideias – superando, na verdade, a resistência que se opõe a isso.” (p. 118).

Não obstante a postura do analista também implicasse uma certa passividade ao se deixar ouvir aquilo que o paciente dizia, Ferenczi (1921/2011b) aponta para o caráter ativo das interpretações, as quais acabam por direcionar a atenção do paciente e favorecer a emergência de ideias retidas, até então, pela resistência e que, provavelmente, não surgiriam espontaneamente sem essa interferência.

Considerando as afirmações de Freud sobre a mobilização libidinal que emerge na transferência do paciente, Ferenczi (1921/2011b) lança sua ideia de que as interferências do analista recapturam a libido alocada exclusivamente na transferência, a qual tem um caráter paradoxal de ser condição de análise e também resistência a essa, e pode canalizar a libido livre numa outra atitude psíquica do paciente.

Em texto anterior, *A influência exercida sobre o paciente em análise* (1919a/2011b), Ferenczi conferia a Freud a paternidade da técnica ativa. Segundo ele, em conversa com Freud sobre alguns casos de neurose de angústia, ele o havia aconselhado a convidar esses pacientes a enfrentar suas fobias, renunciando as suas inibições. Em *Prolongamentos* (1921/2011b), Ferenczi retoma o problema da neurose de angústia para ilustrar o funcionamento de sua técnica. Um dos casos citados é de uma jovem pianista cujo talento é inibido diante da presença de outros; essa inibição também se apresentava nas ocasiões em que saía a rua e sentia-se constrangida por seus volumosos seios. A essência da inibição da jovem consistia, assim, em ser vista pelo outro e cair no ridículo. Ferenczi passou a trabalhar essa fobia de ser olhada, incitando a paciente a cantar uma canção que ela havia testemunhado sua irmã mais velha a cantar.

Depois de algumas tentativas fracassadas, Ferenczi (1921/2011b) lhe pediu que cantasse a canção exatamente como sua irmã havia cantado e fica impressionado com o resultado: a paciente era esmera cantora e imitava sua irmã até nos gestos. Depois disso, a análise da paciente deslancha e Ferenczi observou como sua tímida inibição era, na verdade, um forte exibicionismo da moça que fora recalcado ainda na infância, na época do nascimento de seu irmão.

Esse evento, traumático para a jovem pianista, mobilizara nela uma alta carga de inveja do pênis e como consequência a emergência da inibição como sintoma, expresso pela vergonha de suas falhas. Outros elementos ligados à sua neurose de angústia também vieram à tona, como as dificuldades de tocar piano, remetendo os exercícios de dedilhado com a atividade masturbatória e as fantasias vinculadas a essa. Interessante notar como Ferenczi aliou achado clínico relativo ao início de sua carreira, os sintomas transitórios (1912/1991b) e a nova técnica que vinha desenvolvendo.

Assim, indicou uma série de sintomas aparentemente banais que devem ser observados pelo analista como possíveis expressões do onanismo larvar<sup>25</sup>, como: necessidade de urinar durante a sessão, náuseas, agitar as pernas incessantemente, beliscar o rosto ou as mãos, contrair os esfíncteres, apertar as pernas etc. Ademais, a técnica ativa pode ser encarada como um agente provocador da atividade psíquica do paciente, possibilitando a emergência de fantasias e pensamentos (FERENCZI, 1921/2011b).

Ao final do texto, Ferenczi (1921/2011b) adverte sobre o “abuso da liberdade de associar”, através da qual muitas vezes os pacientes relatavam fantasias banais com o intuito de afastar o trabalho dos conteúdos verdadeiramente importantes. Esse desconversar para ele constituía num “despensar”<sup>26</sup>, um entrave a um trabalho de fato. O autor ainda lançou importantes considerações sobre as indicações de uso da técnica ativa, salientando novamente seu caráter de exceção à regra fundamental da psicanálise.

Primeiro, a técnica ativa poderia auxiliar em qualquer tipo de caso, não só os de neurose de angústia, porém esses tratamentos devem estar em estágio avançado ou em vias de término. Isto porque um tratamento ainda no início não abarcaria uma transferência com força suficiente para suportar as injunções e proibições do analista, tal paciente simplesmente abandonaria o tratamento. Dito isto, Ferenczi (1921/2011b) indica

---

<sup>25</sup> Nesse texto que comentei, Ferenczi usa o termo masturbação inconsciente, um sinônimo do onanismo larvar.

<sup>26</sup> Segundo nota do tradutor, o termo original é *Ganser*, que na tradução francesa foi transformado em “*parler-à-ôté*”.

o uso dessa técnica em análises quase terminadas como forma de favorecer a emergência de conteúdos arcaicos, aqueles anteriores à divisão tópica do psiquismo, numa fase em que a criança ainda não adquiriu a linguagem verbal. Assim, ele propõe formas de acessar conteúdos inconscientes que Freud denominava de representação-coisa (1915/1996a) e que para Ferenczi não poderiam ser rememorados, mas apenas revividos.

Para os membros do Comitê, essas experimentações técnicas, a princípio, eram vistas apenas com cautela. Eles pensavam que deveria ser contraindicada para analistas principiantes, mas poderiam ser executadas pelo experiente Sándor (GROSSKURTH, 1992a).

Ainda em 1919, muitos acontecimentos abalariam a vida de Ferenczi. Em março, casou-se com Gizella, evento marcado pela desconfortável coincidência da morte do marido dela, Géza Pallos. Com a instauração da república na Hungria em 1918, Ferenczi conquistou o primeiro cargo acadêmico vinculado à psicanálise, ministrando aulas dessa disciplina na Universidade de Budapeste. No mesmo ano, foi escolhido como presidente da IPA (MÉZÁROS, 2014).

Mas os bons ventos logo mudariam de rumo. Com a invasão romena na Hungria, um grande rebuliço político e administrativo favoreceu a tomada de poder do Marechal Horthy, estabelecendo os anos ditatoriais chamados de “terror branco”. Com essa reviravolta, Ferenczi foi despojado de seu cargo na universidade e expulso da Sociedade Médica de Budapeste. As pressões internas em seu país fizeram com que ele cedesse seu cargo na presidência da IPA para Jones (MÉZÁROS, 2014).

Com o início da década de 1920 novos abalos seriam sentidos por Freud e seus paladinos. Na vida pessoal, Freud sofreu pela morte de sua filha Sophie. No âmbito do movimento psicanalítico, a morte de Anton von Freund enfraqueceu a disponibilidade de recursos financeiros do movimento. Por essa época, os membros do Comitê começam a se desentender e firmar alianças internas uns contra os outros. Os motivos das querelas foram variados: fofocas, disputas editoriais, rixas sobre quem seria o mais fiel à teoria de Freud (GROSSKURTH, 1992a).

Além disso, alguns traços de xenofobia podiam ser detectados entre seus membros. Assim, Jones nunca chegou a ser completamente aceito pelo grupo, sendo alvo de desconfiança inclusive por parte de Freud. Karl Abraham não gostava de Rank e nem de Ferenczi, o que era compreendido por eles como antissemitismo. O elo grupal se dissolvia em prol de alianças internas nada amigáveis. Por exemplo: Rank e Jones se indispunham por conta de suas respectivas revistas, a *Verlag* do primeiro e a *International*

*Journal of Psychoanalysis* do segundo. O problema girava em torno das verbas investidas ora em uma, ora na outra (GROSSKURTH, 1992a).

Nesses anos, a amizade de Rank e Ferenczi é fortalecida com o apoio de Freud. É preciso dizer que Rank era visto por Freud como indispensável à causa psicanalítica. Ele se iniciou no movimento como secretário das atas das reuniões de quarta-feira e, com a crescente organização do movimento, ganhou cada vez mais espaço e poder, o que incomodava muitos. O dócil Ferenczi continuamente desempenhava o papel de mediador dos debates, mas como não gostava de Abraham e desconfiava de Jones, acabou se unindo a Rank (GROSSKURTH, 1992a).

Apoiados por Freud, os dois amigos passaram férias juntos e começaram a colaborar numa obra conjunta: *Perspectivas da Psicanálise*. Por volta de 1923, Freud foi diagnosticado com câncer. Abatido e fraco, expressou seu desejo de isolamento e paz aos membros do Comitê. Já não queria mais participar de congressos e sentia cada vez mais a necessidade de identificar um líder entre seus discípulos. Nessa atmosfera os membros do Comitê se reuniram em San Cristóforo, na Itália, em agosto de 1923 (GROSSKURTH, 1992a).

Sem a presença do mestre, as brigas e antipatias despertaram com força. Na reunião, Abraham questionou a postura de Rank, seu monopólio das *Rundbriefess*, seu poder como tesoureiro do movimento e disparou uma série de acusações. Entre gritos e berros, as críticas trocadas entre eles revelam falta de análise e imaturidade (GROSSKURTH, 1992a).

Mas o estopim da discórdia generalizada entre os membros do Comitê secreto será o texto de 1924 da parceria Rank-Ferenczi: *Perspectivas da psicanálise*. Comentarei apenas a introdução desse livro, que se encontra no volume 3 das Obras Completas de Ferenczi (2011b). O texto começa com um comentário geral sobre o fato de a psicanálise ser uma jovem ciência e, dessa forma, estar ainda inacabada, em desenvolvimento. Tal aspecto faz com que muitos psicanalistas se sintam desorientados em relação a sua prática clínica. Ademais, os autores indicam uma supervalorização da teoria em detrimento da prática e suas técnicas, indicando uma rigidez em relação a estas. Ferenczi aproveitou para salientar os ataques e as críticas a suas experimentações técnicas e as rebate, apontando a incapacidade de certos psicanalistas em conciliar os avanços teóricos com sua contraparte clínica.

Após essa crítica inicial, os autores se propõem debater o que consideram o último texto técnico de Freud até então, que seria *Recordar, repetir e elaborar*, de 1914. Assim

os termos recordar e repetir são indicados como os pontos nodais da análise, sendo o recordar seu objetivo principal, e o repetir seu principal entrave. Porém, os autores apontam um engano em relação à repetição; esta indicaria conteúdos fragmentários e inacessíveis à memória e deveria ser encarada como a verdadeira porta-voz dos conteúdos inconscientes. Conforme vimos até agora, Ferenczi já vinha se interessando pela linguagem dos gestos e pela plasticidade dos conteúdos plasmados no corpo. O passo seguinte seria reconhecer a repetição como uma ferramenta clínica e não mero obstáculo a ser estorvado (FERENCZI, 1924b/2011b).

Partindo da ideia de que o analista não deveria tentar dominar os fenômenos clínicos, mas trabalhar com aquilo que emerge do trabalho do paciente, Rank e Ferenczi (1924b/2011 b) conferiram a verdadeira estagnação de uma análise a já referida rigidez técnica dos analistas. E como se expressaria essa rigidez na clínica? Os autores apontam alguns métodos errôneos presentes na clínica. O primeiro deles seria uma análise meramente descritiva, a qual negligenciaria o caráter dinâmico do psiquismo. O segundo deles seria o colecionismo de associações, que, para eles, são importantes para a compreensão global do paciente, mas não seria a essência de uma análise. Na sequência, combatem o fanatismo da interpretação, considerada por muitos como um fim em si mesma.

Sobre isso, advertem que a função da interpretação é traduzir os conteúdos emergentes, mas não o objetivo único do tratamento. Os autores comentam que são

(...) tantas as coisas na análise que dependem de pequenos detalhes, de fatos aparentemente anódinos, como a entoação, os gestos, a mímica; tantas coisas dependem de uma interpolação bem-sucedida, de um encadeamento significativo, do *sentido* adotado pelas falas do paciente à luz de seu comentário inconsciente com a ajuda da nossa interpretação. A técnica da tradução esqueceu, portanto, em proveito da tradução “certa” do detalhe, que o todo, ou seja, a *situação analítica do paciente como tal*, possui igualmente uma significação- e mesmo a mais importante; é sempre a compreensão do conjunto que dá a boa interpretação de detalhe das partes traduzidas, desta vez, sem dificuldades nem hesitações, ao passo que o fanatismo da tradução conduz à esquematização e mantém-se estéril no plano terapêutico (FERENCZI, 1924b/2011 b, p. 248, grifo do autor).

Assim, observo que o ataque dos autores se dá em relação à forma com que as análises estavam sendo conduzidas, com a fixação do analista em certos avatares da análise e a perda de vista da complexidade desse processo. Do mesmo modo que o fanatismo interpretativo e o associacionismo excessivo faziam o trabalho tornar-se mecânico e sem efeito, o agarrar-se à análise dos sintomas, quando realizado de forma

isolada, também não fazia sentido. Pelo contrário, o foco excessivo nos sintomas poderia direcionar a atenção do paciente e favorecer suas resistências.

O último aspecto destacado – ou atacado – por Rank e Ferenczi foi a análise dos complexos. Segundo eles, esse termo cunhado por Jung acabou se tornando amplo demais, diluindo a significação e a importância do conceito. Freud viria a redefini-lo como um conjunto de representações afetivas do recalcado, mas, depois dos avanços da metapsicologia, essa fase estaria também ultrapassada. Com isso, os autores afirmam.

Ao introduzir-se a teoria dos complexos na dinâmica da análise, não se favoreceu particularmente a compreensão destes conteúdos psíquicos importantes e polimorfos que se escondem sob o termo genérico *complexo de castração*. Pelo contrário, o agrupamento teórico prematuro dos fatos sob o conceito complexo serviu sobretudo, creio eu, para impedir que se penetrasse no sentido de camadas psíquicas mais profundas. Pensamos também que ainda não se definiu verdadeiramente o que o analista tem o hábito de fixar na prática sob a sua etiqueta de “complexo de castração”, e seria melhor, por conseguinte, não considerar levianamente essa explicação provisória a *ultima ratio* de estados e processos psíquicos tão diversos e numerosos. Do ponto de vista dinâmico, só justificado na prática, é muitas vezes difícil ver outra coisa nos modos de expressão do complexo de castração, tal como se manifestam no decorrer de uma análise, a não ser uma das formas de resistência que o paciente utiliza contra as moções libidinais mais profundas. No começo de certas análises, constata-se que a *angústia de castração* serve de meio de expressão da angústia transferida para o analista com a intenção de proteger-se de uma análise mais profunda (FERENCZI, 1924b/2011 b, p. 250-251, grifo do autor).

Essas falhas metodológicas são conferidas pelos autores ao excesso de saber do analista e por um gritante interesse pela teoria, sobrepujando o necessário interesse clínico. Ademais, é importante reconhecer que o trabalho clínico, em geral, mobiliza fortes reações e dificuldades aos analistas, e que o uso rígido e irreflexivo desses métodos oferece um conforto e uma comodidade ao clínico em detrimento da ineficácia de seu tratamento no paciente (FERENCZI, 1924b/2011b).

Mas os autores vão ainda mais longe, e chamam a atenção para o cuidado com as peculiaridades do indivíduo. Para tanto, é necessário ter cautela com analogias com a filogênese e a cultura, apesar do interesse científico que elas suscitam. A ênfase nas manifestações inconscientes no aqui-e-agora da sessão e a pluritemporalidade do psiquismo afetam todas as manifestações do paciente (FERENCZI, 1924b/2011b).

Finalizando esse artigo, os autores fazem observações sobre a importância da transferência negativa e da necessidade de constantes revisões teóricas oriundas dos

achados e desafios da clínica. Além disso, os autores conferiram esses equívocos clínicos como provenientes do narcisismo do analista, o qual, diante dos fracassos de um tratamento culpa o narcisismo do paciente. O conselho deles é rever o papel da repetição como aliada ao processo analítico, já que essa tem como objetivo repetir os traumas precoces inacessíveis à lembrança, e reavaliar a importância da vivência (*Erlebnisse*) e não da explicação racional (FERENCZI, 1924b/2011b).

A princípio, a reação de Freud em relação a esse trabalho crítico e provocativo é boa. Diante das reações enérgicas de outros analistas, principalmente de Jones e do grupo de Berlim, Freud recua em seu apoio, atitude que fere Ferenczi. Afinal, Freud teria tomado conhecimento do texto antes de sua publicação e tecido muitos elogios. O estopim disparado por esse trabalho viria a sedimentar o Comitê secreto que nos últimos anos vinha sofrendo com as constantes intrigas e disputas entre seus participantes. Ciúmes, invejas, rivalidades inconfessadas, ao se estudar sobre esta ‘horda primeva’ psicanalítica, notamos que os filhos desejavam aniquilar a si mesmos pelo amor do pai. Grosskurth detalhou bem essas disputas em seu livro *O círculo secreto* (1992a), que impressiona o leitor diante de tantas rinhadas.

Porém, a polêmica levantada por *Perspectivas da psicanálise* (FERENCZI, 1924b/2011b) logo é apaziguada e substituída por outra, contida no livro *O trauma do nascimento*, de Otto Rank. Ferenczi compartilhava a opinião de Rank sobre a importância das vivências precoces, mas tentara convencer o amigo a amenizar algumas passagens, a fim de não diminuir a importância do complexo de Édipo como núcleo do psiquismo. Justamente esse ponto foi abominado por Freud no livro de Rank: sua pretensão em substituir o Édipo pelo trauma do nascimento (GROSSKURTH, 1992a). Além das discussões epistolares que se desenrolaram nesse período, Freud irá debater o livro de Rank quase ponto a ponto em *Inibição, sintoma e ansiedade* (1926/1996b).

O texto de Rank e Ferenczi abarca questões importantes e ainda atuais para a psicanálise. Alerta sobre os perigos do narcisismo, aspecto fundamental do psiquismo humano, e aponta para a necessidade da análise dos psicanalistas. Esse tópico seria ainda mais debatido dois anos depois, quando surgiu a querela a respeito da análise leiga. Tal querela foi desencadeada a partir de um processo movido contra Theodor Reik. Analista leigo, iniciado na psicanálise em 1911 por incentivo de Freud, que o adotou espiritualmente, Reik fez análise com Karl Abraham e vinha lutando para se estabelecer como clínico em Viena. Denunciado por um ex-paciente, Reik se viu envolvido num processo sob a alegação de charlatanismo e foi impedido de praticar a profissão. O

processo foi instaurado por meio de um parecer do professor Wagner-Jauregg desfavorável a prática de não-médicos e pelos ataques da Associação de Analistas Médicos Independentes, dirigida por Steckel (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Em defesa de Reik e da causa psicanalítica, Freud escreve *A questão da análise leiga* (1926/1996a), em que defende o acesso universal à psicanálise. Inicia o texto ironicamente, lembrando a época em que poucos se interessavam pela psicanálise; nesse momento, dizia Freud, todos a disputam. Como seu fundador, Freud se colocava no direito de emitir uma opinião e se ressentia de essa não ser acatada por todos.

Interessante notar que nesse texto, Freud tece ásperas críticas aos psicanalistas norte-americanos, também desfavoráveis a prática de não-médicos, sendo que se cala em relação a Jones e Abraham, também combatentes da análise leiga. Assim, uma indisposição entre os psicanalistas europeus e norte-americanos estava instalada (GROSSKURTH, 1992a).

Neste período, Ferenczi estava nos Estados Unidos a convite de A.A. Brill, para oferecer um ciclo de palestras que duraria sete meses. Ao final dessa viagem, Ferenczi comunicou um trabalho descontraído na Sociedade de Psiquiatria de Nova York, *Fantacias gulliverianas* (1926a/2011b). Ferenczi não deixa de tocar no assunto da análise leiga, mas de forma bastante diplomática. Comparou as dificuldades da psicanálise na Europa e nos Estados Unidos: na Europa, há o problema das apropriações indevidas de ideias da psicanálise, o que não ocorre nos EUA; porém, os norte-americanos mostravam-se dispostos a aceitar as ideias diluídas de ex-discípulos de Freud e combatiam ardentemente a análise de não-médicos, problema que Ferenczi atribuía ao número excessivo de charlatões nos EUA.

Ademais, *Fantacias gulliverianas* (1926b/2011b) é um exercício de psicanálise extra-clínica. O autor analisou vários enredos presentes no livro de Swift comparando-os com as alucinações liliputianas dos psicóticos e com sonhos de seus pacientes neuróticos. A chave interpretativa é totalmente voltada para o complexo de castração e o autoerotismo e sua expressão no onanismo.

Não obstante, ao final do texto Ferenczi (1926b/2011b) oferece um toque mais particular. Pincelando brevemente a biografia de Swift, relatou um trauma de infância do autor: uma babá do menino, muito afeiçoada a ele, simplesmente o raptou em tenra idade, atravessando o canal da Mancha. A saúde debilitada de Swift e as dificuldades da época para empreender tal viagem, fizeram com que ele permanecesse três anos afastado de sua família. Nesse ponto Ferenczi defende suas ideias sobre o impacto dos traumas infantis

em idade precoce, mas sem deixar de esclarecer a diferença entre sua ideia daquela de Rank, que havia sido banido. Diz ele:

Nesses casos, a fixação na mãe não depende certamente de um qualquer trauma do nascimento mas deve ser atribuída à ausência de um pai que permitiria ao rapaz resolver, em relação a ele, o seu conflito edipiano e cuja presença o ajudaria a superar a angústia de castração mediante um processo de identificação (p. 472).

Apesar da acolhida, essa foi pequena, já que, por conta de seu apoio a análise leiga, a plateia de Ferenczi foi considerada diminuta. Ademais, Rank já dividia seu tempo entre França e Estados Unidos e gerava preocupações a Freud. Após uma tentativa frustrada de reinseri-lo no movimento, Freud finalmente rompeu relações com Rank em 1925 (GROSSKURTH, 1992a). Ferenczi, que até então ainda era seu defensor, decepcionou-se com Rank por uma promessa não cumprida de ajudá-lo a migrar para os EUA. Com os crescentes conflitos antissemitas na Europa, Ferenczi alimentou brevemente planos de se mudar para aquele país. Findada a parceira, Ferenczi passou a criticar as ideias de Rank e a salientar a diferença dessa das suas próprias acerca do psiquismo precoce e do papel da mãe.

Ao retornar para a Europa, Ferenczi foi o próximo a se indispor com Freud e seus colegas, sofrendo na pele o mesmo que Rank, mas, ao contrário deste, sem se afastar da psicanálise nem da Europa.

## 2.5. A ilha de sonhos de Ferenczi

Em 1924, Freud dissolveu o Comitê secreto, depois de acusar Abraham de despertar a discórdia generalizada durante a reunião em San Cristóforo. Abraham se ressentiu da acusação em um momento em que sua saúde também começava a se deteriorar. No ano seguinte, ele faleceu e deixou de herança a preocupação sobre um sucessor na liderança psicanalítica de Berlim. Um candidato possível era Eitingon, e Freud incentivava Ferenczi a apaziguá-lo em relação à análise leiga (GROSSKURTH, 1992a).

Grosskurth (1992a) sugere que Ferenczi tornara-se tão fervoroso em sua defesa da análise leiga que gerava antipatias sobre si próprio. Além disso, seus experimentos técnicos e suas crescentes divergências teóricas viriam a angariar mais problemas a ele.

Em 1926, ele retomou esse tema em sua comunicação *Contraindicações da técnica ativa* (1926a/2011b), em que o autor refletiu sobre os problemas de sua técnica ativa.

Em primeiro lugar, Ferenczi (1926a/2011b) apontou as críticas dirigidas a ele por conta de sua técnica afirmando, novamente, que nunca teve a intenção de desmerecer ou suplantar a técnica clássica, mas que sua técnica ativa era voltada para casos específicos e deveria ser conduzida com as indicações prévias, que se referiam a um analista experiente, a um paciente em término de análise ou com uma transferência positiva consolidada e a restrição aos casos de estagnação da análise.

Não obstante, esse artigo se presta a uma revisão dos pontos difíceis da própria técnica e dos obstáculos encontrados por Ferenczi na aplicação dela. A primeira dificuldade, segundo o autor, foi de cunho teórico: com o aumento da tensão psíquica mediante as injunções e proibições do analista, o ego do paciente demonstrava se opor a análise, mobilizando, ainda mais, a resistência. Dessa forma, além das indicações já estabelecidas por ele, era necessário que o analista soubesse o que poderia ou não ser imposto a cada paciente. Nesse caso, Ferenczi não usa o termo *tato*, mas é possível observar que é dessa característica do analista que ele fala. Saber dosar exigências, conhecer as formas de resistência do paciente, conduzir a técnica com uma flexibilidade elástica (FERENCZI, 1926a/2011b).

Dito isto, Ferenczi passou a sopesar o que já havia exposto em outras comunicações sobre a técnica ativa: a necessidade de essa técnica ser manejada por mãos experientes, os perigos da técnica quando efetuada por iniciantes na prática analítica, até para não descaracterizá-la ao fazer uso da sugestão, técnica primordial da psicanálise a qual Ferenczi escrevera muito, da qual destacava veementemente a técnica desenvolvida depois por Freud – a associação livre do lado do paciente; a atenção equiflutuante aliada a interpretações do lado do analista. De fato, com a polêmica gerada entre os membros do Comitê secreto sobre os trabalhos desenvolvidos com Rank, além da experimentação técnica, é de se compreender o tom defensivo desse artigo (FERENCZI, 1926a/2011b).

Mas Ferenczi (1926a/2011b) também adota uma conduta bastante honesta nesse trabalho. Diante de suas falhas na condução da técnica ativa foram frequentes as vezes em que ele teve que assumir seus erros diante do paciente, a respeito do que ele comenta o quanto esse fator pode exacerbar a resistência do sujeito e o seu sentimento de vitória sobre o analista.

Por outro lado, Ferenczi não deixa de fornecer algumas comparações entre seu método ativo e o método de Rank, aquele do estabelecimento de prazos prévios para o

fim da análise<sup>27</sup>. Ainda sobre Rank, Ferenczi comenta que a técnica dele era apoiada pela ideia do trauma do nascimento, tendo como objetivo fazer o paciente ab-reagir essa vivência. Ferenczi assume que concorda com o colega sobre a angústia do nascimento, tema tão menosprezado antes dele, mas que vê essas manifestações como deslocamentos da angústia de castração ou mesmo do parto, sendo assim, não haveria necessidade de se adaptar a técnica clássica a este fenômeno (FERENCZI, 1926a/2011b).

Ao final, afirma que, entre seus objetivos, a técnica ativa deveria incitar o paciente a ir além da associação livre. Porém, conforme ele relata a partir de eventos que testemunhou em seu consultório, como berros, tentativas explícitas de seduzir o analista e outras provocações, essa liberdade da técnica ativa havia lhe custado. Diante disso, Ferenczi lançou uma nova indicação de cautela no uso da técnica ativa: era permitido ao paciente toda forma de expressão, desde que não implicasse na alteração da postura analítica de observar e de controlar a contratransferência. Não é possível saber se esse controle havia tornado a técnica possível, porém, desse momento em diante, Ferenczi voltou sua atenção para o desenvolvimento de outras técnicas: a indulgência do analista, o relaxamento e a análise mútua (FERENCZI, 1926a/2011b).

Em 1927, as turbulências políticas e o crescente antissemitismo nos países germânicos fizeram com que Freud e seus discípulos realizassem o décimo congresso de psicanálise na cidade de Innsbruck, na Áustria. Nesse evento, Ferenczi comunicou o trabalho *O problema do fim da análise* (1928c/2001c), no qual retomou suas reflexões sobre o trabalho analítico. Iniciou sua comunicação falando do problema da mentira dos pacientes. Para ele, este mentir estava diretamente relacionado com a fantasia, mas também com a educação recebida na infância, a qual incitaria a criança a mentir, pelo fato de que o mundo adulto sugeria às crianças que mentissem sobre suas fontes de prazer e guardassem segredo dos pensamentos e afetos que se ligavam à vergonha. São as mentiras por necessidade. Assim, o autor notou que quando o paciente parava de mentir e refreava sua atividade fantasística estava próximo do fim de análise.

Porém, esse fim de análise é relativizado pelo autor: para o paciente comum ela era possível desde que o sujeito conseguisse desconstruir sua organização libidinal fixada

---

<sup>27</sup> Ao que tudo indica, Freud era generoso com seus discípulos quando esses adotavam uma ideia sua e a desenvolviam. Assim como o termo “técnica ativa” fora seu, foi Ferenczi quem se propôs a refletir e testá-la, implementando-a com ideias originais acerca dos deslocamentos libidinais durante a análise. Já a técnica de Rank é um extrapolarmento nítido da ação tomada e comunicada por Freud no caso do Homem dos Lobos. Da mesma maneira, Rank a desenvolveu tendo em vista sua concepção do trauma do nascimento como núcleo universal das neuroses.

no caráter e pudesse, assim, viver bem adaptado à realidade da vida; para o analista essa tarefa não tem fim, já que era em sua análise que ele iria diluir os fatores contra-transferenciais suscitados em sua prática clínica. Além disso, Ferenczi diz literalmente que é a análise do analista que o fará um bom clínico, que o permitirá escapar dos perigos do narcisismo intelectual e do fanatismo interpretativo, características constituídas durante a infância do analista (FERENCZI, 1928c /2011c).

Aliado a essas reflexões, o trabalho *Elasticidade da técnica analítica* (1928b/2011c) apresenta mais algumas inovações de Ferenczi. Nesse ele explora as noções que desenvolveu e que nos próximos anos se tornariam clássicas, como o tato, o sentir com (*Einführung*) e a metapsicologia do psiquismo do analista durante a análise, características que, ao serem trabalhadas em conjunto, ofereceriam o caráter elástico da análise.

Dessa forma, o tato do analista diz respeito à forma com que ele comunica suas interpretações ao paciente, sabendo identificar o momento e a forma mais propícia para tal, sem que se incorresse no erro de incitar a resistência do paciente. Para que o tato funcione, faz-se necessário que o analista tenha aptidão para sentir com, ou seja, implica que o analista use seu próprio psiquismo para apreender conteúdos inconscientes do paciente, numa espécie de adivinhação. Essa sensibilidade extremada, aliada à intuição e ao conhecimento do paciente em tratamento, possibilitaria ao analista cativar a confiança do paciente. Tanto é que, em seus exemplos, Ferenczi recorre justamente aos casos em que o paciente se mostrava incrédulo da eficácia da psicanálise ou mesmo desconfiado da honestidade do terapeuta.

Esse trabalho voltado ao aspecto relacional da análise é indicado como árduo, o que exige do analista não apenas cautela, mas paciência. Usando o exemplo do “joão-teimoso” – brinquedo infantil muito comum, que se trata de boneco de plástico inflado com ar em que a criança bate –, Ferenczi apontou a necessidade de o analista fingir-se de “bobo” e deixar que o paciente destile todo seu sadismo de forma unilateral, cansando-o. Esgotadas as empreitadas infantis do paciente, já que ele percebe que suas birras não descontrolam o terapeuta, assim como provavelmente descontrolavam seus pais, o paciente se vê diante da possibilidade de se exprimir autenticamente, abrindo vias de acesso para os conteúdos mais arcaicos (FERENCZI, 1928b/2011c).

O autor alertou, então, que a coisa mais nociva numa análise era uma postura do analista que encarnasse aquela de um professor ou de um médico autoritário. Assim, as interpretações deveriam ser mais como uma proposição do que como uma asserção

inflexível. Para tanto, o analista deveria ter tato também com a teoria, de forma a encarar a elasticidade dela própria. Nesse ponto, Ferenczi (1928b/2011c) defende que a teoria pode e deve ser trabalhada de acordo com os achados clínicos, fazendo com que a teoria se desenvolvesse mediante as necessidades práticas.

Esse comentário poderia ser encarado como a própria característica da obra de Ferenczi, posto que ele nunca teve a intenção de usurpar o posto de mestre de Freud ou mesmo derrubar algum conceito fundamental desse. Pelo contrário, o que Ferenczi afirma é que ao analista é permitido rever a teoria, desde que ela o sirva melhor no trabalho com os pacientes. Nessa perspectiva, a metapsicologia do analista durante a análise tem como objetivo uma espécie de higiene salutar do analista, pois propõe reconhecer o duplo aspecto de seu trabalho: o laço libidinal que o envolve com o paciente, chamado de amor objetual analítico e o autocontrole e a atividade intelectual que o vinculam à teoria (FERENCZI, 1928b/2011c).

Em 1930, Freud se ausentou novamente no congresso de Oxford. Ferenczi relutou em participar, já que grande parte da hostilidade a ele dirigida partia de Ernest Jones. Provavelmente foi esse aspecto que levou Ferenczi a pronunciar um trabalho inovador, mas repleto de ironias defensivas, *Princípio de relaxamento e neocatarse* (1930/2011c).

Ferenczi (1930/2011c) iniciou sua comunicação falando sobre o incômodo retorno às coisas do passado, tão criticado pelo meio científico e tido como um retrocesso. O autor relativizou esse aspecto, apontando que o retorno a uma tradição mais antiga, porém negligenciada, poderia enriquecer os progressos teóricos e técnicos. Isso porque nesse texto Ferenczi defende o uso de princípios considerados já ultrapassados na psicanálise, como a catarse.

Conforme a ideia de elasticidade da técnica, o autor indica como estava conseguindo driblar os impasses da resistência dos pacientes através do relaxamento. Derivado desse estado mais apaziguador, os pacientes passavam a relatar fatos cada vez mais primitivos de sua história de vida, contemplando a aposta de Ferenczi de se alcançar as memórias mais arcaicas relacionadas aos traumas precoces. Assim, a neocatarse se configurava não apenas como a expressão de afetos reprimidos, como, também, das lembranças precoces reativadas através do tato do analista no manejo do tratamento (FERENCZI, 1930/2011c).

Assim, Ferenczi deixou claro à plateia que estava desenvolvendo investigações clínicas que remetiam ao trabalho de Breuer e Freud nos primórdios da psicanálise. Justamente nesse ponto que ele relatou certo incômodo aos colegas, podendo ser encarado

como um retrocesso. Ferenczi demonstra, porém, a clareza de suas ideias ao dizer que tanto a técnica da frustração (ativa) quanto o relaxamento estavam implícitos na técnica clássica da associação livre. Ele afirma.

Um obriga o paciente a confessar verdades desagradáveis, ao passo que o outro autoriza-o a uma liberdade na fala e na expressão de sentimentos de que aliás, não se dispõe na vida corrente. Mas muito antes que a psicanálise existisse, a educação das crianças e das massas já consistia em conceder ternura e amor, e em exigir renúncias dolorosas para adaptar-se a uma realidade repleta de desprazer (FERENCZI, 1930/2011c, p. 68).

Neste texto, Ferenczi abordou grande parte de suas ideias sobre a clivagem do ego e mencionou em público a colaboração mútua de sua paciente Elizabeth Severn, uma terapeuta leiga norte-americana, que Freud achava ser particularmente perigosa (RACHMAN, 2014). Apresentarei os aspectos mais teóricos desse artigo no capítulo 3.

Freud destacava a originalidade desses textos de seu amigo, mas Ferenczi preferia que ele os achasse científicos. De fato, o esfriamento da relação deles se iniciou nesses anos, ao que Jones comenta em sua biografia de Freud que Ferenczi nunca mais teria sido o mesmo depois de sua estada nos Estados Unidos (GROSSKURTH, 1992a). Já Lugin (2012b) observa que a experiência de liberdade vivenciada nos EUA permitiu a Ferenczi se reconectar com suas próprias ideias e deixar de lado as preocupações institucionais que sempre lhe ocuparam.

Nesse ponto está um dos pivôs do desacordo entre Freud e Ferenczi: após a morte de Abraham e sempre desconfiado de Jones, Freud almejava que Ferenczi aceitasse a presidência da IPA; por outro lado, Ferenczi, cansado das árduas críticas de seu próprio meio e de se ver relegado aos serviços do mestre, ansiava por ter mais tempo para desenvolver suas ideias. Pensava que o presidente da IPA deveria ter uma postura mais conservadora, o que iria de encontro com suas investigações clínicas e críticas à rigidez teórica dos colegas (DUPONT, 2003).

Em suas trocas de cartas, Freud reclama desse afastamento do amigo, mas Ferenczi mostra-se inflexível em sua determinação teórica. Em 1930, ocorreria entre eles o que ficou conhecido por ‘incidente do beijo’. A fonte do incidente foi Clara Thompson, paciente norte-americana de Ferenczi, que no futuro entraria para a história da psicanálise junto de Harry Stack Sullivan ao fundar a *Washington School of Psychiatry*, em 1936. Enfim, Thompson um dia se vangloriara diante de outros pacientes na sala de espera de Ferenczi de que o beijava o quanto quisesse. Ao saber do fato, Freud lhe enviou uma carta

furiosa falando dos perigos dessas liberdades. Ferenczi buscou se defender apontando ao amigo o desentendido: a paciente tentou lhe seduzir e tomar maiores liberdades, mas ele soube trazê-la de volta à realidade e impor os limites necessários. Porém, a manifestação de autoridade de Freud lhe ferira, pois acreditava na confiança que o professor lhe depositava (DUPONT, 2003).

As cartas trocadas por Freud e Ferenczi no período final de sua vida não chegaram a ser publicadas nem em português, nem em espanhol. De fato, mesmo as versões inglesa e francesa estão fora de circulação e não é possível encontrá-las nem em *site* de compras no exterior ou em outras bibliotecas as quais tive acesso. Os únicos trechos acessíveis são encontrados em artigos de autores que tiveram a oportunidade de lê-las, como em Dupont (1995; 2003), em Haynal (1994; 2002) e em alguns pesquisadores norte-americanos da *New school for social research*: Lewis Aron (1998; 2015), Arnold Rachman (2014) e Benjamin Kilborne (2008). Dessa forma, meus argumentos estão amparados nas observações desses autores expressas em seus artigos. Como afirmei anteriormente, para evitar tendenciosidades citarei apenas alguns trechos encontrados nesses trabalhos, a fim de apontar o crescente mal-estar entre Freud e Ferenczi.

Assim, no Prefácio do *Diário Clínico* (1932/2003), publicado pela primeira vez na França em 1985 e em seu artigo *A análise de Ferenczi com Freud revelada por sua correspondência* (1995), pude extrair valiosos trechos que apontam a confusão de línguas e desacordos vividos por ambos. Em muitas dessas cartas, ambos expressam seu medo da morte, porém Freud, já abatido pelo câncer há alguns anos, não entendia essa preocupação do amigo. De fato, desde 1929 Ferenczi via-se continuamente cansado; a causa desse cansaço era anemia perniciosa que o levaria a óbito em quatro anos. Nessa época, era comum Ferenczi se recolher no sanatório de Baden Baden, dirigido por Groddeck, levando seus laços de amizade a se fortalecerem. Pode-se pensar que muito dos incômodos gerados em Freud pelo afastamento do amigo se deveu, também, aos ciúmes.

Foi nessa fase que os parceiros passaram a trocar alfinetadas: Freud assumiu seu desinteresse pela clínica<sup>28</sup>, enquanto Ferenczi o acusou de frieza; Freud o acusou de se esconder numa ilha de sonhos, enquanto Ferenczi se defendeu, reafirmando sua necessidade de desenvolver suas próprias ideias. Como exemplo deste mal-entendido,

---

<sup>28</sup> Em carta de 11 de janeiro de 1930, Freud escreve a Ferenczi: “(...) É possível que analise melhor que eu...Nada tenho contra isso. Estou saturado, “farto” de análise como terapia, sendo assim quem faria isso melhor que eu, se não você?” (apud DUPONT, 1995).

indico a carta de Ferenczi, na data de 25 de dezembro de 1929, na qual ele expõe em detalhes seu projeto teórico a Freud. Diz ele:

Em poucas palavras, posso dizer-lhe o que se segue:

- 1) Em *todos* os casos onde penetrei em profundidade suficiente, encontrei bases traumáticas históricas da doença.
- 2) Nos casos em que conseguimos chegar aí com êxito, o paciente e eu, o efeito terapêutico foi muito mais importante. Em muitos casos, tive que chamar de volta para um pós-tratamento casos já “curados”.
- 3) A opinião crítica, que durante esse tempo foi-se criando em mim, é que a psicanálise pratica de um modo excessivamente unilateral análises de neuroses obsessivas ou análises de caráter, isto é, uma psicologia do Ego, negligenciando a base orgânico-histórica da análise; a causa disso reside na superestimação da fantasia e na subestimação da realidade traumática na patogênese...
- 4) As experiências recém-adquiridas (embora remontando quanto ao essencial a coisas antigas) recaem também, naturalmente, sobre certas particularidades da técnica. Certas medidas demasiado duras devem ser suavizadas, sem perder inteiramente de vista a intenção educativa secundária... (FERENCZI, 1932/2003, p. 12, grifos do autor).

Enfim, há muito material sobre esse momento da relação dos autores, que variou conforme os humores de cada um deles, mas que evidencia ao leitor que os laços de amizade eram mais fortes dos que as possíveis e reais discordâncias. O ponto culminante ocorre em 1932, quando Ferenczi se dirigiu ao Congresso de Wiesbaden e resolveu viajar para Viena para ler para Freud seu último trabalho: *Confusão de línguas entre os adultos e a criança* (1932/2011c). Grosskurth (1992a) relata que nessa reunião também estava presente A. A. Brill, fato que incomodou Ferenczi. De qualquer forma, o texto foi lido e Freud não escondeu seu desconforto. Pediu ao amigo que não o apresentasse e, diante da recusa de Ferenczi, lhe virou as costas e não se despediu. Esse seria o último encontro dos dois.

Os pontos desse texto que mais incomodaram Freud foram o retorno da teoria da sedução e a crítica da hipocrisia dos analistas. Abordarei esse trabalho de Ferenczi com mais detalhes no capítulo seguinte, mas adianto que a temática do trabalho versava sobre os efeitos psíquicos dos abusos sexuais ocorridos durante a infância, trabalho que hoje é considerado um clássico sobre o assunto. Seu impacto foi tão bombástico que, após a morte de Ferenczi, Ernest Jones não poupou esforços para evitar sua publicação (GROSSKURTH, 1992a).

Apesar da despedida dura, Ferenczi comunicou seu trabalho em Wiesbaden e ao retornar do Congresso, seguiu para Baden-Baden para se restabelecer. Sua doença se manifestou com força e, passadas algumas semanas, a raiva de Freud cedeu diante das

notícias da doença do amigo. Assim, a correspondência final entre eles restabeleceu o tom amigável, porém os efeitos da rejeição teórica de Freud se fariam visíveis. Tanto é que alguns autores chegam a cogitar que Ferenczi teria morrido para não precisar romper relações com ele. O trecho que suscita essa interpretação consta na anotação de 02 de outubro de 1932 do *Diário clínico* (1932/2003).

Regressão mais profunda para o estado de morte (o *perigo* é o de não-ter-ainda-nascido. Uma nova solução do problema da personalidade será possível após semelhante *mergulho* no traumático?).

No meu caso, uma crise sanguínea sobreveio exatamente no momento em que compreendi que não só não posso contar com a proteção de uma “potência superior”, mas que, *pelo contrário*, sou espezinhado por essa potência indiferente, se seguir meu próprio caminho. (...).

E assim vejo como devo agora reconstituir novos glóbulos vermelhos, será que devo (se puder) criar para mim uma nova base de personalidade e abandonar, como falsa e pouco confiável, a que eu tinha até agora? Terei neste ponto a escolha entre morrer ou me “reorganizar” – e isso aos 59 anos?

Por outro lado: viver sempre a vida (a vontade) de uma outra pessoa- terá isso algum valor- uma tal vida não será já quase a morte? Perderei demais se me arriscar a ter essa vida? *Chi lo sa?*

A confiança que os alunos têm em mim pode fornecer-me alguma segurança; muito particularmente a confiança de uma pessoa que é, ao mesmo tempo, aluno e mestre. (FERENCZI, 1932/2003, p. 260, grifos do autor).

Sua saúde gradativamente se deteriorou e, nos últimos meses de vida, Ferenczi sofria com dores terríveis, provenientes da degeneração da medula, etapa típica da mazela que o acometeu, o mal de Biermer. Ele faleceu em maio de 1933, pouco antes de completar 60 anos. Ao comentar os anos finais de Ferenczi e o desacordo com Freud, Balint concorda com aqueles que mencionam a frieza do pai da psicanálise. Não obstante Balint diga que esta característica era rara em Freud, a postura distante de Freud não deixa de comover o pesquisador. Também observa que, para Freud, a situação era muito complicada, pois, se por um lado era conhecido por seu espírito bem-humorado e gentil com a família e os amigos, por outro, tinha que ser severo e autoritário, enquanto representante maior da psicanálise, em tempos em que esta necessitava combater seus críticos de forma eficaz (BALINT, 2014). O autor também expressa seus argumentos sobre o desacordo maior entre os amigos: teria sido a insistência de Ferenczi em trabalhar com os fenômenos regressivos, os quais Freud encontrara no início de sua prática clínica e o impactaram profundamente.

No necrológio que escreveu para o amigo, Freud (1933/1996b) lembrou com pesar alegria tardia de Ferenczi, de se ter se casado com Gizella, apenas 15 anos antes de sua morte, de seu visionarismo presente em *Thalassa* (1924c/2011b) e do fato de seus trabalhos que “tornaram todos os analistas seus discípulos” (FREUD, 1933/1996b, p. 224).

É interessante notar a forma com a qual Freud iniciou essa homenagem: narrou uma lenda ocidental que dizia que um sultão pediu para dois sábios lerem sua sorte. O primeiro disse ao sultão que teria sorte, pois todos os seus parentes morreriam antes dele. O sultão mandou matá-lo. Já o segundo lhe disse que teria muita sorte, pois sobreviveria a todos os seus parentes. A ironia aqui está no fato de que ambos os sábios disseram a mesma coisa. Porém, aquele que usou melhor seu tato foi o que sobreviveu. Da mesma forma, podemos pensar na amargura de Freud ao lança mão dessa parábola: não só havia perdido seu mais íntimo discípulo, como também um amigo precioso.

Ao comentar esse necrológio em 1958, Granoff (2001) analisa o mesmo tipo de homenagem feita por Freud a seus amigos finados e salienta algo curioso: a menção à Gizella. Ademais, Granoff aponta como a ironia da história operou em favor de Ferenczi, dado o desenrolar dos fatos após sua morte. Isto porque a realidade dos traumas precoces e a importância da relação entre adultos e a criança já haviam conquistado legitimidade na psicanálise desde os trabalhos de Klein e Winnicott. Para Freud, sabemos pelo testemunho de sua própria obra, que Ferenczi não havia sido esquecido.

Assim, em 1937, Freud expôs sua última visão sobre a técnica psicanalítica em *Análise terminável e interminável*. Nesse texto “amargo”, o autor reflete sobre os obstáculos para a cura psicanalítica e expressa seu ceticismo acerca de uma possível profilaxia em psicanálise. Inicia o texto mencionando Rank e sua empreitada de reduzir o tempo do tratamento. Feito isso, ele se dirige à Ferenczi, mas sem citá-lo, no primeiro momento. É do Ferenczi paciente que ele trata quando menciona o caso de um colega analista que foi tratado por ele e que, apesar de todos os seus dotes como clínico, soçobrou em sua própria análise.

Freud retoma a acusação feita por Ferenczi em 1930, quando ele apontou a presença de uma transferência negativa a qual Freud não havia analisado. Nesse texto, cinco anos após a morte de Ferenczi, Freud tenta se justificar em público, dizendo que na época não havia sinais de tal transferência e que seria impreciso do médico antecipar tais manifestações tardias da relação transferencial.

O texto mencionado parece ser um diálogo com Ferenczi. Além de citá-lo em algumas passagens, Freud parece refletir sobre as experimentações de Ferenczi, as quais ele ainda acreditava terem sido em vão. Ademais, conforme informado por Balint na nota introdutória do *Diário clínico* (1932/2003), após a morte de Ferenczi, Freud teve a oportunidade de ler vários trabalhos do amigo até então desconhecidos por ele. Balint diz que Freud havia se admirado por suas ideias. Não obstante, em *Análise terminável e interminável* (1937/1996), é possível ver Freud acatando alguns conselhos de Ferenczi, como a necessária análise do analista; mas também rebatendo várias ideias caras à Ferenczi ao reafirmar que o analista deveria ter uma correção mental de forma a servir de modelo para o paciente, ou mesmo ser seu professor. É possível observar que, diante desse comentário, os esforços de Ferenczi foram vãos.

## 2.6. O legado de Ferenczi

Se hoje as publicações sobre Ferenczi chegam a atordoar pela quantidade, em outros tempos não era assim. O heroísmo de sua vida conjuga-se ao de seus discípulos e compatriotas na aventura que foi manter vivos seus documentos e negociar suas publicações, mesmo décadas após sua morte. Por si só, essa jornada já renderia toda uma pesquisa, já que graças a essas empreitadas foi possível o ressurgimento vigoroso de sua obra e o resgate da importância de seu papel na história da nascente psicanálise.

Além disso, o movimento de ostracismo e esquecimento de sua obra é composto por vários aspectos entrelaçados, os quais favoreceram esse isolamento. Grande parte se deveu ao momento histórico da segunda guerra e às destruições que dela decorreram. Soma-se a isso o fato de boa parte dos psicanalistas europeus, inclusive os húngaros, terem emigrado para a Inglaterra e os Estados Unidos, dispersando-se. Mészáros (2014) apresenta em detalhes as vicissitudes desses sujeitos, indicando a dissipação dos húngaros por diversas partes do mundo.

Dupont (2013) figura como uma das protagonistas dessa história. Sobrinha de Alice Balint, primeira esposa de Michael Balint, herdeiro intelectual e documental de Ferenczi, ela relata um pouco dessa história, hoje preservada no Museu Freud, em Maresfield Gardens, Londres. Após tantos atritos entre ambos, nos últimos anos de Ferenczi, hoje seus legados convivem juntos, já que o acesso irrestrito aos documentos de Ferenczi a quem quiser consultá-los foi uma das condições de Dupont.

Segundo a autora (DUPONT, 2013), após a II Guerra Mundial ter sido encerrada, a psicanalista húngara Ilona Felszeghy foi até a vila de Ferenczi, na região de Buda, para averiguar se havia sobrado algo da residência. Lá chegando, encontrou apenas ruínas, dentre as quais, papéis e documentos jogados por toda parte e o quadro de Ferenczi pintado por Olga Dormandi. Como não podia carregar tudo de uma vez, Ilona resolveu coletar todos os papéis possíveis e retornar no dia seguinte para buscar o quadro, o que infelizmente não foi possível, pois ele havia desaparecido.

Tais documentos, entre os quais trabalhos sobre o trauma e algumas cartas endereçadas a Ferenczi, foram entregues a Michael Balint em 1948, quando ele foi em missão requerida pela IPA à Hungria para saber notícias dos psicanalistas e dos familiares desses que haviam ficado por lá. Balint, nomeado responsável pela obra de Ferenczi por Gizella, já tinha em mãos o Diário Clínico e as cartas de Freud, entregues a ele em 1938 (DUPONT, 2013).

Tal o restante narrado aqui, essa faceta da história também tem vários vieses. A começar pelo desejo de Balint de publicar, ainda em vida, o Diário Clínico de Ferenczi como também o conjunto da sua correspondência com Freud, visando dar ao público um panorama mais completo do trabalho do mestre<sup>29</sup> (HAYNAL, 1994).

O vai-e-vem que se desenrolou entre os familiares dos correspondentes frustraram o desejo de Balint de ver essa publicação em vida. Primeiro, foi Gizella quem abordou Anna Freud por carta, solicitando as cartas de Sándor, em 1948. Anna providenciou as cópias, pedindo a Gizella que também enviasse as cópias referentes às cartas do pai. Enquanto esse processo se desenrolou, iniciou-se um festival de hesitações na correspondência dos envolvidos. Tanto Anna, quanto Balint hesitaram em publicar o material completo: havia muitas referências a aspectos privados e particulares das vidas em família e muitos pacientes citados, muitos dos quais ainda estavam vivos. Seria melhor fazer uma edição, selecionando apenas aquilo que tivesse interesse científico. Em 1949, com a morte de Gizella, Elma assumiu o espólio (HAYNAL, 1994).

Anna Freud postergou a publicação, atrasando as cópias. Por volta de 1955, Balint começou a desanimar e resolveu adiar a publicação dos trabalhos. Preferiu observar a

---

<sup>29</sup> Era também intenção de Balint escrever a biografia de Ferenczi, algo que ele não teve tempo de fazer. Por fim, sua empreitada se limitou a escrever as introduções das obras completas de Ferenczi, nas quais ele contextualizou cada época abordada e abordou alguns relances biográficos a título de complemento das informações comunicadas.

recepção da publicação do terceiro volume das *Obras Completas* de Ferenczi antes de tomar alguma decisão (HAYNAL, 1994).

Nesse meio tempo, voltou seus esforços para demover Ernest Jones do retrato que havia traçado de Ferenczi em sua biografia de Freud. Mészáros (2003) se perguntou se Balint poderia ter feito mais por Ferenczi? Seu artigo sugere que não. Através da análise histórica da troca de cartas entre ele e Jones, a autora deixa claro como Jones estava refratário a qualquer intenção de demover sua visão já cristalizada de Ferenczi. Talvez sua transferência negativa mal elaborada tenha exercido grande papel; ou talvez as próprias palavras de Freud em relação ao amigo tenham pesado. Mészáros (2014) é contundente em sua denúncia: para ela, Jones engendrou um complô direcionado à Ferenczi e, como ele teve grande participação no resgate de psicanalistas húngaros durante a guerra, ninguém ousou questionar seus comentários maliciosos. Balint estava sozinho.

Após um hiato de dez anos, em 1966 Balint chega a um comum acordo com Anna: a correspondência deveria ser selecionada para que fosse publicado aquilo que oferecesse interesse científico direto. Aqui, Balint interveio junto à Elma, pedindo-a que considerasse se devia ou não publicar os trechos que abordam seu envolvimento com Sándor. Elma reflete e generosamente dá seu aval. Segundo ela, a biografia de Jones já havia cometido injustiça demasiada em relação à Ferenczi e que, portanto, seria melhor admitir o evento ocorrido, que de qualquer forma já era conhecido por muitos colegas da época, do que tentar escondê-lo (HAYNAL, 1994). Balint passou a cuidar dos arranjos para a publicação: pensava ser melhor publicar um primeiro volume contendo a correspondência, enquanto prepararia um segundo volume que ele escreveria contando sobre a relação entre Freud e Ferenczi.

Novamente o desejo foi frustrado pela morte de Balint em 1970. Judith Dupont assumiu os direitos autorais por parte de Elma e um comitê foi instaurado, tendo Ilse Grubrich-Simits, André Haynal e Arthur Rosenthal assumido a continuidade dos trabalhos. Com a morte de Anna em 1982, os outros familiares de Freud aprovam sem problemas a publicação das cartas na íntegra. Outros documentos encontrados no passado por Ilona Felszeghy foram distribuídos entre os participantes do comitê, ficando o manuscrito perdido sobre as neuroses de transferência a cargo de Ilse Grubrich-Simits (DUPONT, 2013).

O que interessa aqui é justamente o papel de Dupont e Haynal na divulgação da obra de Ferenczi em língua francesa. De fato, a primeira publicação do Diário ocorreu em

1985 na França e a publicação em inglês ocorreu apenas três anos depois. Antes disso, Dupont forneceu cópias do material em suas mãos para autores envolvidos na revista *Le coq-héron*, famosa pelos trabalhos voltados para a obra de Ferenczi e que favoreceram a apropriação de suas ideias naquela comunidade psicanalítica (DUPONT, 2009)<sup>30</sup>. O suíço Haynal compõe esse quadro, pois também publicou em francês, tendo sido o livro *A técnica em questão* (1995), publicado em 1987, seu primeiro trabalho de resgate ferencziano. Nesse livro, Haynal aborda os dilemas entre Freud e Ferenczi, assim como apresenta o essencial papel de Michael Balint como porta-voz de Ferenczi e continuador de suas ideias.

Porém, notamos que a maior influência de Ferenczi, a qual muitas vezes não é percebida, se deu através de seus alunos da sociedade húngara de psicanálise. Mediante a diáspora ocorrida durante e ao final da segunda guerra mundial, os alunos se espalharam pelo mundo todo. Talvez as dificuldades em localizar essa influência se devam, justamente, ao fato de sua transmissão ter caráter oral, já que muitos destes discípulos simplesmente deram continuidade ao trabalho de Ferenczi sem necessariamente citá-lo como fonte.

Desta forma, identifiquei como seus discípulos diretos aqueles que o conheceram, que foram seus pacientes e absorveram suas ideias. Dos Estados Unidos tem-se suas analisantes: Izette de Forest, Clara Thompson e Elizabeth Severn. Clara Thompson teve grande envolvimento com o cenário psicanalítico norte-americano e influenciou muitos autores da chamada escola culturalista, como Karen Horney, Erich Fromm e Harry Stack Sullivan. Este último chegou a travar contato pessoal com Ferenczi, mas pode-se notar uma aproximação maior com suas ideias através de Thompson. Thompson também afetou as ideias de Harold Searles e Gregory Bateson, cujo livro *O esforço para enlouquecer o outro*, de 1965, reflete sobre o abuso emocional de pais francamente marcados pela psicose (SABOURIN, 1988).

Além do mais, tanto Thompson quanto Severn e Forest participaram dos experimentos em análise mútua e, posteriormente, escreveram livros baseados em seu contato com Ferenczi, disseminando essas ideias pelos EUA. Em *The leaven of love: a development of the psychoanalytic theory and technique of Sándor Ferenczi*, publicado em 1954, Forest explica de modo bastante didática como o amor e a confiança atuam de

---

<sup>30</sup> O site da revista *Le coq-Héron* disponibiliza os sumários das edições a partir de 2009. Desta forma, não foi possível averiguar quais artigos de Ferenczi foram publicados no início da circulação da revista.

forma potencial no tratamento psicanalítico e oferece uma leitura própria acerca do trauma. Ela afirma que tem

(...) que ter realmente ocorrido na infância do indivíduo, provavelmente muito cedo em sua infância, um dos três grupos de circunstâncias: (1) uma experiência traumática de grande intensidade que demande repressão imediata; (2) uma sequência de experiências menos traumáticas, que podem ser ou não totalmente reprimidas; (3) uma exposição constante a reações altamente emocionais, sádicas ou masoquistas, de um ou mais adultos, cuja memória não é totalmente reprimida. Que esses três tipos de experiências são de natureza inevitavelmente sexual, Ferenczi hesitou em afirmar. Ele estava, entretanto, convencido de seu caráter traumático. Ele também as encontrou em diferentes combinações e em diferentes graus de intensidade emocional (FOREST, 1954, p. 20-21 apud KAHTUNI; SANCHES, 2009, p. 165-166).

Outros húngaros que emigraram para os EUA fizeram história ao fundar escolas e instituições importantes. Assim, temos Franz Alexander que fundou o Instituto de Psicanálise de Chicago, famoso pelas contribuições na área da psicossomática. Ele também colaborou na emigração de Karen Horney, Helen Ross e Therese Benedek para os EUA. Esta última é considerada por muitos como a primeira a explorar a área de observação da relação mãe-bebê (MÉSZÁROS, 2014).

Sándor Radó estabeleceu-se em Nova York e implantou o curso de formação em psicanálise na Universidade de Columbia, vigente até hoje. René Spitz, que foi aluno de Ferenczi e paciente de Freud entre 1910 e 1911, levou adiante as ideias de Ferenczi sobre o papel materno nos primeiros anos de vida. Saiu da Hungria em 1919 e residiu em vários países, até se estabelecer nos EUA na década de 1940. Seus trabalhos sobre os primeiros anos de vida da criança e sobre a síndrome do hospitalismo, que acomete crianças isoladas da família e cujos efeitos nocivos podem levar à morte, hoje são referências clássicas na área. Clara Lázár Gerö emigrou para Austrália e fundou o Instituto Psicanalítico de Melbourne (MÉSZÁROS, 2014).

Na Inglaterra, tem-se o papel desempenhado por outros colegas e discípulos de Ferenczi. Sabourin (1988) inclui nesse rol Anna Freud, Michael Balint, Melanie Klein e Donald Winnicott. De Anna, temos a divulgação do conceito de identificação com o agressor, descrito por ela no livro *O ego e os mecanismos de defesa*, de 1936. Justamente por não mencionar Ferenczi, Anna tornou-se a propositora do conceito, figurando como tal no *Vocabulário da psicanálise* (2008), de Laplanche e Pontalis. Por outro lado, Sabourin (1988) destaca da obra dela outros aspectos proximais das ideias de Ferenczi, tais como: o reconhecimento do papel do ambiente sobre as dificuldades da criança; a

recomendação do tratamento analítico realizado em dois tempos, no qual o primeiro possibilitaria um preparo do paciente para o trabalho; e a relação, nem sempre bem recebida, entre psicanálise e pedagogia, no sentido de que o tratamento favorece o aprendizado sobre si mesmo, numa profilaxia maturacional do indivíduo.

Balint é considerado o mais próximo de Ferenczi, com um trabalho que avança várias hipóteses do mestre, organizando-as de modo didático, característica falha em Ferenczi. Suas noções de amor primário e falha básica remetem diretamente as observações do mestre (HAYNAL, 1995). Acerca da influência em Melanie Klein podemos dizer que esta é tão ampla que ainda necessita muitas pesquisas para sanar suas apropriações e desenvolvimentos. Cintra (1993) indica o desenvolvimento de Klein sobre as hipóteses expressas por Ferenczi em *Thalassa* (1924c/2011b), não obstante nota-se claramente o uso que a autora fez da noção de introjeção e da representação das experiências de satisfação e de frustração na cisão do objeto em bom e mau. Além do mais, Grosskurth (1992b) indica o fato de que Klein pouco mencionava Ferenczi em seus escritos técnicos, falando mais sobre a influência dele em seus papéis pessoais.

Interessante notar como Winnicott atualmente é visto como o maior colaborador no avanço das ideias de Ferenczi, apesar de ter tido menor contato com ele. Supomos que Winnicott, partindo de uma perspectiva similar da de Sándor, alcançou pontos muito próximos sobre a importância das relações primárias e dos efeitos devastadores do abuso e da negligência. As ideias de Ferenczi parecem ressurgir no autor nos conceitos de falso *self* (clivagem do tipo anjo-da-guarda), objeto transicional e o meio, entendido como os adultos no entorno da criança, como ferramenta facilitadora no processo de individuação (SABOURIN, 1988).

Neste sentido, Haynal (2002) comenta como o ostracismo virulento que se abateu sobre Ferenczi após sua morte trouxe à tona o problema da resistência do movimento psicanalítico. Afinal, um movimento é feito de pessoas, e essas, agrupadas, passam a agir de acordo com um superego grupal, tal como Freud ensinou em *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921/1996). Para o autor, é imprescindível falarmos sobre esses eventos, a fim de diluí-los e rastrear com mais precisão os seus efeitos.

Assim, cada um deve redescobrir a importância do traumatismo (por exemplo, via Masud-Khan), redescobrir interação e intersubjetividade no trabalho de Klein, Winnicott, Sullivan, e várias escolas espalhadas pelo mundo, redescobrir a clivagem e as estruturas borderline nas teorias de Kernberg, e redescobrir que “há mais do que interpretação” através da interpretação, como demonstrou recentemente Daniel Stern (...). Estas perdas deveriam ser uma razão suficiente para ter um novo e

acirrado olhar sobre o que aconteceu em nossa história. *Drôle d'histoire* – história engraçada – uma história para refletirmos... (2002, p. 123, tradução minha)<sup>31</sup>.

No Brasil a primeira pesquisadora a se debruçar sobre a obra de Ferenczi foi Teresa Pinheiro, cujo trabalho de doutorado resultou no livro *Ferenczi: do grito à palavra* (1995). Destaco, também, os trabalhos e pesquisas geridas pelos professores Daniel Kupermann da Universidade de São Paulo (USP) e Jô Gondar, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Recentemente, dois trabalhos foram desenvolvidos pelo pesquisador Marcos Casadore na Unesp/Assis, os quais resultaram nos livros *Sándor Ferenczi e a Psicanálise: pela errância das experimentações*, de 2011 e *A escola húngara de psicanálise e sua influência na constituição e desenvolvimento do movimento psicanalítico*, 2014.

Para finalizar, pontuo que salientei acima os discípulos diretos de Ferenczi, aqueles oriundos da escola húngara de psicanálise ou que tiveram alguma participação nela, assim como outros autores representativos do desenvolvimento e manutenção de seu pensamento. A seguir, passo a revisar os pontos teóricos que constituem a teoria do trauma de Ferenczi.

---

<sup>31</sup> No original: “Therefore one had to rediscover the importance of traumatism (for instance, via Masud-Kahn), rediscover interaction and inter subjectivity in the work of Klein, Winnicott, Sullivan, and various schools around the world, rediscover splitting and borderline structures in Kernberg’s theory, and rediscover that “something more than interpretation” goes with interpretation, as Daniel Stern put it recently (...). This loss should be suffice reason to have a fresh, close look at what really happened in our history. *Drôle d'histoire*- a funny history- a history to meditate on...

### CAPÍTULO 3 – A CATÁSTROFE HUMANA: FERENCZI E O TRAUMÁTICO

“Arranhe o adulto e encontrará a criança”

Sándor Ferenczi

Uma passagem na nota dos tradutores franceses do volume I de suas Obras completas mostra um retrato bem verdadeiro e poético de Ferenczi.

Existe “algo” na obra de Ferenczi que suscita ao mesmo tempo o entusiasmo e a exasperação. (...) Outros acrescentam que esse extravasamento vital tinha um perfume de desespero e morte. Isso combina bem, sem dúvida, com a reputação de otimista inveterado de Ferenczi. Pois o que pode haver de mais desesperado do que a recusa absoluta em renunciar à esperança? (NOTA DOS TRADUTORES FRANCESES, FERENCZI, 1991, p. XI).

É também interessante notar as diferenças estilísticas entre Freud e Ferenczi.

É possível observar que Freud é mais formal, faz extenso uso das pesquisas feitas na época, como no caso de seus trabalhos “sociais” ou quando lida com a arte. Freud também apresentava um estilo argumentativo bastante defensivo, visto seu uso frequente do “leitor crítico” com quem ele dialoga, rebatendo as possíveis dúvidas ou críticas. Ademais, Freud teve uma produção bastante extensa, diante de seus quase cinquenta anos de relação com a psicanálise. Em suas últimas trocas de cartas com Ferenczi, ambos reconheciam que Sándor era mais clínico do que teórico, e Freud mais interessado pela teoria do que pela clínica (DUPONT, 2003).

Já a produção de Ferenczi pode ser vista como menos formal do ponto de vista acadêmico. Em geral, o autor inicia seus artigos retomando ideias de Freud com as quais dialoga naquele momento. Não fez nenhuma publicação de caso clínico extensa e, pelo contrário, são raros seus trabalhos em que não traga tais casos na forma de vinhetas clínicas, geralmente para exemplificar algo discutido, ou mesmo casos do cotidiano, como o adestramento de um cavalo (1913b/2011a) ou o romance familiar dos alfaiates (1923b/2011b). Seu texto mais volumoso foi *Thalassa*, publicado como livro em 1924, mas escrito a partir de 1914.

Ao leitor iniciante de seus trabalhos, uma característica logo chama a atenção, o que é confirmado por Kahtuni e Sanches (2009): uma primeira fase, entre 1908 e 1928, mais atrelada à obra de Freud, em que Ferenczi atua como defensor e divulgador da psicanálise, assim como põe à prova as hipóteses estudadas; a partir dessa data, vemos

um Ferenczi mais autêntico e inédito, na medida em que vai elaborando sua teoria do trauma.

Vale mencionar que os trabalhos de divulgação teórica de Ferenczi apresentam uma didática excepcional; ao passo que os trabalhos mais tardios, voltados para sua teoria do trauma são por vezes confusos. Apesar de ser esta última a produção que mais interessa, é interessante passar em vista sua produção anterior, atentando para os germes conceituais que seriam melhor elaborados pelo autor a partir de 1928. A título de didática, procederei como no capítulo anterior, seguindo essa elaboração de forma cronológica, de forma a salientar a construção teórica do autor.

### 3.1. Descentramentos de um discípulo - 1908/1928

Como dito anteriormente, a produção inicial de Ferenczi é marcada pela defesa da psicanálise, o que ele faz diante da plateia húngara e é recebida de modo distante pelos médicos. Mas também é notável pela criatividade na escolha dos temas e uma visão renovadora da postura médica, já que Ferenczi sempre consegue abordar um assunto conhecido numa perspectiva diferente.

Também há de se notar faíscas daquilo que posteriormente se tornariam discordâncias com o mestre, num movimento que podemos denominar descentramento (LAPLANCHE, 1992d), já que Ferenczi denotou uma ótica diante do humano que ia além da visão falocêntrica e patriarcalista de Freud.

Isso se deve ao fato de que durante sua jornada psicanalítica, o autor parece abrir o leque de interpretações, desviando o complexo de Édipo e de castração como únicos organizadores psíquicos, aspecto que ficará mais claro ao final de sua vida, quando comenta em seu diário que não considerava a inveja do pênis nas mulheres um conflito central (FERENCZI, 1932/1993), ou quando, ao analisar seu “pequeno homem galo”, confere parte do sofrimento da criança como resultado do primeiro encontro com a morte (FERENCZI, 1913f/2011a).

É neste sentido que em seu artigo de estreia na psicanálise, *Do alcance da ejaculação precoce* (1908/1991a), o autor traga à tona um tema que diz respeito à sexualidade masculina, mas não o esgota aí. Da metade ao fim do artigo, Ferenczi irá se preocupar com o sofrimento da mulher, a companheira do ejaculador, e apontar a existência de uma dissimetria no campo sexual, a qual ele considera um fator da cultura,

e não biológico como poderíamos esperar de um autor daquela época. Ou seja, ao contrário dos trabalhos de Freud que associam o adoecimento psíquico a problemas sexuais, Ferenczi indicou o caráter cultural de tais adoecimentos, já que para as mulheres de sua época não era permitido demandar o prazer sexual, nem mesmo na intimidade do casamento.

Outro texto que vale menção pela originalidade é *Psicanálise e Pedagogia* (1908/1991b), no qual o autor reflete sobre as vantagens de uma compreensão psicanalítica da criança. A dissimetria relacional se daria entre os adultos e a criança, sendo que os primeiros, movidos por sua “cegueira” subjetiva e pelo recalçamento de suas vivências infantis, traumatizariam a criança com suas imposições disciplinares.

A esse ponto, acrescento a observação de Pinheiro (1995) que diz existir duas conotações de trauma na obra de Ferenczi. A primeira seria os traumas estruturantes, do qual temos como exemplo o texto indicado acima, ou seja, são traumas que possibilitam a criança iniciar seu árduo trabalho de desenvolvimento do sentido da realidade, temática que será melhor desenvolvida pelo autor nos textos *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913e/2011a) e *O problema da afirmação do desprazer* (1926c/2011b). O outro tipo é o trauma desestruturante, o qual gera um abalo maciço do ego ainda em constituição, cujos efeitos estudaremos melhor no segundo tópico deste capítulo, dedicado a teoria do trauma.

Entretanto, o ‘golpe de mestre’ segundo Bokanowski (1997) ocorre em 1909, com *Transferência e introjeção* (1909/1991b). A riqueza de ideias do autor é tamanha que o conceito de introjeção chegou a ser muito ampliado, trata-se de seu primeiro ‘filho’ teórico: o conceito de introjeção. A partir da ideia de projeção, cunhada por Freud, mecanismo privilegiado na psicose, Ferenczi elabora esse termo que aglutina a noção de “jogar para dentro” (intro-jetar), para compreender o funcionamento neurótico. Assim, ao contrário do paranoico que joga no mundo aquilo que sente e que deseja ver, o neurótico alarga seu ego, apropriando-se dos elementos do meio externo que lhe oferecem prazer. Esse meio é composto por pessoas, palavras, atos e a própria sexualidade do adulto, em comunhão com a libido auto-erótica da criança, que se expressa nestas inclusões.

Para ele, introjetar é sinônimo de transferir. Como exemplo, Ferenczi aponta aqueles pacientes que escolhem seu analista por conta de uma determinada cor de cabelo, tom de voz ou fisionomia, numa espécie de reencontro com os objetos de outrora, que se tornaram seus através do próprio processo de introjetar.

Outro ponto de suma importância é que, talvez pela primeira vez, um psicanalista tenha lançado luz sobre os primórdios do psiquismo e sua própria concepção, ao abordar tema como a importância dos primeiros anos de vida da criança e do papel que o meio circundante tem nessa etapa, ao oferecer objetos para que a criança se aproprie e alargue seu ego e que sejam fundamentais para seu próprio desenvolvimento saudável (FERENCZI, 1909/1991b).

O conceito foi tão aceito pelo meio psicanalítico, de Freud a Karl Abraham, que posteriormente se viu vítima de vivas confusões com outros dois conceitos: a incorporação e a identificação. Nesta via, Abraham e Torok (1995) nos esclarecem alguns pontos. Em primeiro lugar tanto a incorporação, quanto a identificação são vinculadas ao processo de introjeção, mas não devem ser dados como sinônimos.

A incorporação pode ser compreendida como o protótipo da introjeção, uma partícula de seu movimento. Ela se relaciona ao corpo e à formação de fantasias, atuando no plano concreto e fragmentário do objeto parcial, enquanto a introjeção implica na apropriação do desejo do outro, seu movimento pulsional, configurando-se num processo mais amplo e complexo. Já a identificação implica numa introjeção prévia (ABRAHAM; TOROK, 1995). Assim, a introjeção seria a apropriação do modo de ser e fazer do outro, cuja identificação é reativada através de um reconhecimento. Em termos laplanchianos, podemos pensar que o processo de identificação se apoia e se desdobra a partir da introjeção, mas nisto ganha autonomia própria.

Tal conceito agregou volume à reflexão de Ferenczi sobre a criança e influenciou fortemente o pensamento de Melanie Klein (CINTRA, 1993) tanto em sua concepção dos objetos bons e maus, quanto na dinâmica psíquica volúvel entre as posições esquizo-paranoide e depressiva.

Até mesmo quando não o menciona, é possível constatar que, para Ferenczi, o psiquismo humano não para de introjetar. Posteriormente, ele aponta como a criança absorve os mínimos gestos e olhares do adulto. Além disso, esse trabalho indica que a preocupação com a construção das representações psíquicas e seu desdobramento na linguagem já estavam presentes nos primórdios da psicanálise. Ferenczi chega a consultar estudos linguísticos da época, como os de Kleinpaul e Sperber, para compreender as etapas deste desenvolvimento vinculado às etapas libidinais postuladas por Freud. Assim, no texto *O desenvolvimento do sentido de realidade e seus estágios* (1913e/2011a) Ferenczi volta novamente sua atenção para a infância e descreve como ocorre a adaptação da criança diante do conflito entre o imediatismo do princípio do prazer e a contínua

aceitação da árdua realidade. Como já vimos este texto anteriormente, apenas remeteremos aqui a concepção de Ferenczi sobre o aspecto plástico dos mecanismos de simbolização na criança, que utiliza, a princípio, seu corpo como forma de comunicação. Tal comunicação poderá ser ampliada de acordo com o desenvolvimento saudável do pequeno ser. Porém, veremos mais adiante, como esta evolução pode ser bloqueada por processos patológicos oriundos do desmentido.

Entretanto, um ponto que aqui se apresenta, só viria a tomar corpo após 1928 e o desenvolvimento da teoria do trauma. Quando Ferenczi afirma que a criança busca recursos comunicativos para conseguir seus objetos de prazer, ele está apontando um modo de funcionamento que viria a chamar de *aloplástico*, ou seja, quando o sujeito visa uma mudança no meio exterior com o mínimo de esforço interno (FERENCZI, 1920-1932/2011c). Esse é um dos pontos que denotam o reconhecimento que Ferenczi tinha pela articulação, inseparável, entre o sujeito e o meio circundante.

Outro trabalho importante dessa fase é *A ontogênese dos símbolos* (1913a/2011a). Numa perspectiva crítica ao trabalho de Jung com os símbolos, Ferenczi aproveita para definir melhor esse termo do ponto de vista psicanalítico. Assim, o símbolo é tudo aquilo que chega à consciência do paciente com uma força tal que indica sua relação com os conteúdos recalçados. Para Ferenczi, essa relação é balizada pelo afeto, e não pela cognição, já que tais objetos são representados a partir do conhecimento que a criança tem de seu próprio corpo, especialmente das zonas erógenas geradoras de prazer.

Ademais, o corpo surge frequentemente nos escritos de Ferenczi seja por seu caráter erógeno, seja como forma de expressão de conteúdos recalçados. Assim, em *Sintomas transitórios no decorrer de uma análise* (1912/1991b), Ferenczi observa o surgimento de sintomas de ordem corporal durante a sessão analítica, sendo esses da ordem conversiva, sensorial ou motores. Essas manifestações indicariam ao analista pontos a serem investigados de modo mais detido e é uma das bases da técnica ativa a ser desenvolvida em 1919, ou seja, são pontos carregados de libido auto-erótica que desviam a atenção do paciente durante o árduo processo de combater suas próprias resistências. Apontam ainda para a forma sintomática, neurótica, de obtenção de prazer desses sujeitos, que estariam pouco propensos a abdicar deste prazer fixado.

Como exemplo desse trabalho de investigação travado por Ferenczi menciono *Sensações de vertigem no fim da sessão* (1914g/2011a). Nessa breve comunicação, o autor considera as possíveis causas desse fenômeno: a quebra do clima de segurança da sessão, amparada pela transferência ao analista; a quebra do clima ilusório desse espaço

transferencial e finalmente a quebra da própria associação livre convocaria o paciente a voltar a “pôr os pés no chão” gerando a manifestação da vertigem. Mas o ponto que mais interessa a Ferenczi é a passagem do psíquico ao físico, ponto o qual ele admite necessitar de mais investigações.

Dessa maneira, há um bom número de textos, dos mais breves a mais extensos, em que o autor pensa sobre as manifestações corporais durante a análise. A título de menção, indico os seguintes textos em que essas observações são registradas: *Quando o paciente adormece durante a sessão de análise* (1914f/2011a), *Mãos envergonhadas* (1914b/2011a), *Esfregar os olhos: substituto do onanismo* (1914a/2011a), *Anomalias psicogênicas da fonação* (1915e/2011a), *Agitação em fim de sessão analítica* (1915c/2011a), *A micção, meio de apaziguamento* (1915a/2011a).

Já a ideia de desmentido pode ser identificada em algumas passagens ao longo de sua obra. Como já vimos, o problema da mentira era um dos focos da atenção de Ferenczi, atribuindo a essa grande parte das mazelas do indivíduo. Da mentira que os adultos contam à criança, à mentira introjetada pelo sujeito como recurso de adaptação social, para Ferenczi a mentira para si mesmo era uma das expressões do recalçamento.

Um texto que apresenta um dos germes da ideia de desmentido é *Fé, incredulidade e convicção sob o ângulo da psicologia médica* (1913d/2011a). Nesse Ferenczi apresenta o que pode ser considerada sua primeira crítica aos participantes do movimento psicanalítico. Contrapondo duas posturas binárias – a fé cega contra a incredulidade cega –, o autor dialoga com seus pares, assim como também com os inimigos da psicanálise e discorre sobre a inflexibilidade de ideias.

Essas características são remetidas pelo autor à infância de cada um e sua relação com o meio circundante. Assim, a criança a princípio aceita as palavras que o adulto lhe oferece como expressões de verdades absolutas; somente com seu desenvolvimento lógico é que ela irá ter condições de refutar ou validar os ditos dos adultos. Por sua condição dependente e despreparada, a criança se impressiona com o saber adulto, mas através do processo de amadurecimento, compreende que esses ditos, verdadeiros ou não, precisam ser aceitos, ao preço de perder o amor do adulto, que são em geral os seus pais (FERENCZI, 1913d/2011a).

Dessa forma, a criança se vê obrigada a manter uma postura de fé cega diante daquilo que os pais lhe dizem e, por consequência, recalcam suas dúvidas, renunciando a um pensamento autônomo. Diz o autor: “Os adultos exigem que ela considere ‘más’ coisas que lhe são agradáveis, e ‘bonitas’ e ‘boas’ as renúncias penosas. Esse duplo

sentido do ‘bom e do ‘mau’ intervém, em grande medida, para lançar descrédito sobre o que os outros pretendem a respeito das sensações pessoais da criança” (FERENCZI, 1913d/2011a, p. 38).

Outras contribuições interessantes de Ferenczi vão em direção a sua compreensão da sexualidade. Em *O homoerotismo: nosologia da homossexualidade masculina* (1914d/2011a), o autor destaca dois tipos de homossexual masculino: um tipo passivo, que seria aquele que se sente como uma mulher, operando uma inversão do ego/sujeito; um tipo ativo, que se sente um homem que deseja outros homens, operando a inversão no objeto fonte. O interessante aqui é a forma como o autor aborda a questão. Para ele, o gradativo aumento de homossexuais do tipo ativo, que inverte o objeto, se dá pela via educativa, ou seja, é parte da cultura ocidental rejeitar qualquer tipo de afetividade entre os homens, forçando-os a uma virilidade estereotipada, incitando-os a aceitar uma heterossexualidade compulsiva. Este comentário antecipa muitas discussões atuais engendradas pelos teóricos *queer*, os quais têm em Judith Butler um expoente. Essa autora cunhou o termo heterossexualidade compulsória para indicar a forma como a cultura impõe essa orientação sexual como expressão de sanidade e normalidade (BUTLER, 2013).

Em *Anomalias psicogênicas da fonação* (1915e/2011a) Ferenczi oferece um exemplo clínico que pode ilustrar aquilo que é denominado como a clínica dos casos difíceis de Ferenczi. Trata-se de um rapaz de 24 anos que o procura para tratar uma impotência sexual. O paciente, extremamente ligado emocionalmente a sua mãe, apresentava francos delírios de onipotência e acreditava manipular a realidade externa com o poder de sua mente. Até então, assumia sua homossexualidade, mas adoeceu justamente no momento em que passou a negar sua condição. O que incitou Ferenczi a publicar esse caso foi um curioso sintoma apresentado pelo rapaz: ele tinha duas vozes, uma aguda de soprano e outra grave, como a de um barítono. Tais vozes variavam de acordo com o conteúdo tratado na análise: nos momentos em que se concentrava seriamente num tema, o paciente falava com sua voz de barítono; quando tentava desviar de algum assunto angustiante, falava com sua voz de soprano, assumindo uma postura de coquete.

Descrevendo os avanços da análise, Ferenczi (1915e/2011a) encontra como origem dessa cisão fônica o conflito do rapaz com a sua homossexualidade. Quando jovem, havia praticado a masturbação com um parente de sua idade, ato que era acompanhado de uma postura feminina. Outro ponto destacado por Ferenczi era a relação

do jovem com sua mãe, tendo sido ela a primeira a notar a voz feminina do filho, recriminando-o por falar daquela maneira. Ferenczi via nessa relação a expressão de um ‘diálogo dos inconscientes’, uma forma de diálogo em que duas pessoas se compreendem sem que a consciência tenha participação. Sua explicação para o caso é a seguinte:

No seu inconsciente, a mãe entendeu com total clareza que a voz de baixo era um sinal do despertar da virilidade, e percebeu também a tendência incestuosa dirigida para ela. Por seu lado, o rapaz compreendeu a “antipatia” da mãe por essa voz que correspondia à interdição de seus desejos incestuosos e, para melhor combatê-los, mobilizou contra a heterossexualidade em geral representações racionalizadas de maneira hipocondríaca, que acarretaram os distúrbios da potência. (FERENCZI, 1915e/2011a, grifo do autor).

Aqui, tem-se um vislumbre da posterior elucidação por parte de Ferenczi do mecanismo defensivo desencadeado pelo trauma: a cisão psíquica. No caso, acima, pode-se pensar a cisão narcísica expressa na dupla fonação do paciente.

Ferenczi sempre buscava explicar os fenômenos clínicos a partir da metapsicologia elaborada por Freud, não obstante chame a atenção à quantidade de explicações econômicas realizadas pelo autor. Um texto interessante nesse sentido é *Análise das comparações* (1915d/2011a), em que Ferenczi toma como ponto de partida uma situação corriqueira: a forma com a qual os pacientes buscavam se explicar através de analogias comparativas. Para ele, a maioria dessas comparações é forçada, mas algumas conseguem ser engenhosas a ponto de exprimir claramente aquilo que o paciente deseja.

Analizando as bases psíquicas desse fenômeno, o autor se depara com o caráter indiferente impregnado no ambiente analítico e observa que atenção em demasia pode favorecer a censura dos conteúdos recalcados. Por outro lado, a indiferença favoreceria o desvio da atenção, facilitando a emergência de tais conteúdos. Dito isso, o autor indica a relação entre a atenção concentrada como uma forma de inibição, a qual permite a expressão apenas da ação planejada, fazendo com que esta escoie pela única via livre.

Assim, conclui que: “toda ação é uma inibição desigual” (1915d/2011a, p. 231), obliterando as passagens e fazendo com que a energia libidinal escoie pela única via liberada. Essa explicação foi retomada em *Reflexões sobre o trauma* (1920-1932/2011c) quando o autor discutiu a relação entre o trauma e a pulsão de morte. O raciocínio usado era similar, posto que a pulsão de morte se expressa como a única via disponível ao escoamento libidinal. Voltarei a esse ponto adiante.

Avançarei um pouco no tempo e destacarei agora alguns textos que se articulam com a teoria do trauma, tendo em vista que já que expus grande parte da produção de Ferenczi no capítulo anterior, essencialmente os trabalhos voltados para as experimentações técnicas.

Em *As fantasias provocadas* (1924a/2011b), Ferenczi explora um pouco mais seus achados teóricos oriundos do uso da técnica ativa. Interessante notar como logo no início Ferenczi descreve um tipo de paciente, que atualmente poderia ser relacionado ao tipo psicossomático<sup>32</sup>, ou seja, que apresenta uma atividade fantasística pobre e, em geral, não apresenta um padrão de reações emotivas tal como é esperado, não reagindo às situações que ele mesmo narra. Ferenczi busca uma saída para essa dificuldade ao pedir que o paciente invente ou imagine uma reação compatível com a experiência contada. Dessa forma, através de uma fantasia fabricada, o sujeito se vê possibilitado de vivenciar a reação antes inexistente.

O autor indica três tipos de fantasias provocadas: fantasias ligadas à transferência positiva ou negativa, fantasias relativas às lembranças de infância e fantasias masturbatórias. Nas vinhetas clínicas apresentadas, há o caso de um homem cordial demais, cuja história clínica remetia a uma educação familiar rígida em excesso, que acabou por recalcar sua atividade fantasística de forma precoce, gerando o empobrecimento dessa área psíquica.

Esse é o caso das crianças bem-educadas demais, cuja censura parental se articula com o recalque primário. Em outro caso, Ferenczi (1924a/2011b) percebe essa característica numa paciente que fora abusada sexualmente durante a infância. Apesar das evidências do fato, a jovem relatava tal experiência de maneira bastante confusa de forma a confundir tanto a si mesma como a seu analista, numa tentativa de invalidar suas memórias e toldar a realidade. Ferenczi notou tal movimento e pediu que ela inventasse cenas mais coerentes, o que permitiria estabelecer, pouco a pouco, os detalhes perdidos. Gradativamente, a narrativa da paciente tornou-se mais coerente e teve que aceitar a dura realidade a qual havia sido submetida.

Em geral, essas fantasias produzidas eram acompanhadas das expressões do corpo, cujo embalo narrativo favorecia religar os conteúdos psíquicos ao prazer sexual. Ferenczi mencionou pacientes tendo ereções completas ou sensações orgásticas durante tais relatos (FERENCZI, 1924a/2011b).

---

<sup>32</sup> O tipo psicossomático é aquele caracterizado pelo pensamento operante, a alexitimia e uma franca pobreza da produção fantasística. McDougall (2013) nomeou esta condição de psicossomatose.

Esse texto é interessante, pois, além de fornecer algumas pistas àqueles que trabalham com sujeitos psicossomáticos, também apresenta as nuances que podem compor um quadro traumático, ou seja, tanto no paciente educado demais, quanto na paciente que havia sofrido um abuso sexual, os matizes recaíam sobre o excesso libidinal oriundo do adulto, pela violência afetiva ou pela sexual. Esse aspecto é comprovado pela observação de Kahtuni e Sanches (2009) que notam os vários tipos de situações abordadas por Ferenczi e que podem eclodir num quadro traumático: da violência de fato à negligência afetiva; da criança sobrecarregada pelos pais, que a colocam no lugar de adulto à criança sufocada por uma educação rígida.

É nessa via que a breve comunicação sobre o bebê sábio (FERENCZI, 1923a/2011b) denota a intuição de Ferenczi e a forma gradativa com que foi elaborando seus achados clínicos. O sonho mencionado foi detectado pelo autor na narrativa de alguns pacientes, cujo enredo pode ser resumido na aparição de uma criança de colo ou bem pequena que se colocava a discursar sobre conteúdos bastante complexos. Ao longo de sua experiência analítica, Ferenczi observou que esse tipo de sonho remetia justamente à condição da criança traumatizada, que precocemente tomava conhecimento dos mais árduos fatos da vida.

Em 1926, Ferenczi retomou o problema do desenvolvimento do ego e de sua contínua adaptação à realidade em *O problema da afirmação do desprazer* (1926c/2011b). Nesse texto, o autor admitiu sua preocupação com o tema desde 1908, quando se iniciou na psicanálise. Ele afirmou que por empatia com o psiquismo infantil, refletiu longamente sobre como a criança consegue efetuar o difícil e desprazeroso trabalho de se conectar a realidade do mundo.

Com isso, retomou algumas ideias já presentes em *Transferência e introjeção* (1909/1991b) e comentou que o psiquismo da criança a princípio é monista, não havendo uma diferenciação entre interno e externo, bom e mau, certo e errado. Além do mais, para ele, no caso em que a criança é bem amparada, a distinção entre ego e mundo externo, ou bem e mal, só se dará mais tarde.

Comentando suas ideias de 1913, o autor diz que antes de a criança sofrer suas primeiras decepções, ela vivenciava uma espécie de onipotência incondicional, agarrando-se a essa até que o mundo externo lhe provasse que esses meios já eram ineficazes. Nesse ponto, Ferenczi mencionou os modos de adaptação aloplástico, que ocorre quando o sujeito tenta produzir uma modificação no meio externo através de ações que lhe demandem pouco esforço. Assim, o choro da criança no início da vida, os gestos

e balbucios do bebê mais desenvolvido e as atitudes birrentas de uma criança de quatro anos exemplificam esse tipo de ação (FERENCZI, 1926c/2011b).

Ferenczi afirmou que na época em que escreveu esse artigo, 1913, a teoria pulsional de Freud ainda não estava totalmente desenvolvida, ou seja, não se sabia da distinção entre os poderes de Eros em contraposição a uma pulsão destrutiva, a de morte. Dessa forma, a partir de 1919, com os textos de Freud sobre o além do princípio do prazer, o ego e o id e a reflexão sobre a psicologia dos grupos, a elaboração de Ferenczi sobre as transformações egóicas relativas à aquisição da maturidade psíquica puderam se desenrolar.

O texto que ele toma como base para a presente construção será *A negativa* (1925/1996a) de Freud. Nesse texto, Freud nos ensina que a negação é uma fase intermediária do desenvolvimento psíquico, entre a ignorância da realidade e o reconhecimento dela. Assim, o mundo externo, estranho ao ego, é vivenciado com profundo desprazer, o qual pode ser recusado com a negação de seus símbolos.

Amparado pela ideia de negativa, Ferenczi dirá que o ego desmente o desprazer vivido. Como isso é feito? Segundo o autor, a afirmação do desprazer – ou seja, o seu reconhecimento – depende de um duplo ato psíquico: primeiro, numa tentativa de negar o desprazer enquanto fato; segundo, através de um esforço em negar a negação. O autor parece seguir a lógica do fetiche apresentada por Freud em *A negativa* (1925/1996a).

Portanto, “o positivo, o reconhecimento do ruim, parece resultar das duas negações” (FERENCZI, 1926c/2011b, p. 433). A esse processo, Ferenczi denomina de ‘matemática psíquica’. Neste ponto a análise atuaria, pois possibilitaria ao neurótico transformar a negação do desprazer em sua admissão. Ferenczi continuou sua explicação apontando para o fato de que a recusa na aceitação dos desprazeres da vida é mais sofrível do que sua aceitação e concebe que o amor é o melhor remédio para a aceitação das coisas desagradáveis – amor que no caso da análise será veiculado pela transferência positiva.

Para exemplificar esse processo, Ferenczi retoma o comentário de Freud em *A interpretação dos sonhos* (1900/1996), em que o autor fala sobre o bebê e sua alucinação do seio ausente. Assim, Ferenczi aponta que quando essa tentativa falha, o infante reconhece o desprazer, sendo sua negação mais desprazerosa ainda do que sua negação, efetuada pelo recurso alucinatório. Reconhecer o desprazer acaba sendo menos desagradável do que recusá-lo.

Outro elemento deste processo é o mecanismo compensatório, primeira vez descrito por Victor Tausk<sup>33</sup>, que dizia que, na análise, o processo de cura era movido pelo enfraquecimento do recalçamento através da compensação. Ferenczi (1926c/2011b) notou que a psicanálise necessitava renunciar da concepção da busca de prazer como tendência fundamental do psiquismo. O ato de evitar os desprazeres maiores é mais aceitável e suportável do que um excesso libidinal excessivo plasmado pela recusa das vivências desprazerosas. Assim, o amor é o motivo compensatório que faz o sujeito aceitar o desprazer menos letal.

Mas Ferenczi não para por aí: esse texto tão rico em detalhes se evidencia bastante confuso. Retomando o exemplo da criança e o desejo de mamar, Ferenczi nos pede para imaginar a criança desejosa de mamar e tendo esta necessidade adiada. Recorrendo ao choro, num processo que ele denomina de “desintricamento pulsional”, cuja expressão similar no adulto seria a cólera, a frustração é extravasada.

Assim, o seio, antes tão acessível, e por isso sentido como parte de si mesmo, passa a ser um objeto reconhecido como alheio à criança. Essa mudança de percepção faz com que o objeto antes indiferente passe a ser odiado e amado. Odiado em sua ausência, quando há o desejo de mamar, e amado quando gratifica a criança com o prazer da amamentação.

Essas ideias causaram impacto em Melanie Klein, que a elevou a conceitos importantes de sua doutrina. Dessa forma Ferenczi observa ser o objeto “seio” uma primeira marca psíquica, que registra a representação de objeto de forma ainda muito vaga, se remetendo às ideias de Freud sobre as representações coisas, presente tanto em *O inconsciente* (1915/1996a), quanto em *Projeto para uma psicologia científica* (1950/1996b).

Ainda sobre o desintricamento pulsional, Ferenczi dirá que esse comporta a ambivalência das pulsões, as quais desequilibradas pelo abalo externo, a ausência do seio no momento em que é mais desejado, dispara a descarga motora descontrolada: o choro na criança, a raiva no adulto. Mas é esse desintricamento que possibilita a apreensão do seio como um objeto e seu conseqüente registro, o que sugere que as representações psíquicas são geradas a partir de seu negativo, ou seja, na ausência da presença (FERENCZI, 1926c/2011b).

---

<sup>33</sup> Segundo informação retirada da nota de rodapé da página 434, o texto mencionado é *Entwertung des Verdrängungsmotivs durch Rekompense*, publicado no *International Zeitschrift für Psychoanalyse*, em 1913.

Ferenczi organiza essa ideia da seguinte maneira: os objetos que amamos e que nos gratificam são introjetados; aqueles que odiamos e que geram desprazer são recalcados; já o objeto ambivalente, como o seio materno no caso estudado, é registrado objetivamente no psiquismo, de forma a serem facilmente reconhecidos na realidade externa.

Acerca da ambivalência, Ferenczi afirma que essa é uma medida defensiva, já que o objeto amado, nesse caso específico trata mal aquele que o deseja e, portanto, é também odiado. O negativo e a ausência despertam a percepção que é a base da formação dos pensamentos, segundo o autor. Ele afirma que “a ambivalência testemunha o reconhecimento da existência das coisas” (FERENCZI, 1926c/2011b, p. 437).

Assim, reconhecido o objeto, a tendência do psiquismo é um novo rearranjo pulsional, em que as pulsões de vida e de morte se neutralizam em movimento em que se apazigua o excesso libidinal e minora os efeitos do desprazer. Como se vê, as explicações de Ferenczi assumem via econômica. Para sanar essa balança, Ferenczi apresenta uma breve retomada explicativa, na qual abarca os termos metapsicológicos em jogo.

No início da vida, nosso psiquismo é introjetivo, fechado num solipsismo absoluto, no qual o sistema da consciência age como uma superfície de percepção, numa referência clara às ideias de Freud sobre o paraexcitações, desenvolvida em *Além do princípio do prazer* (1920/1996).

O estágio seguinte é o da negação, o qual coincide com a formação do inconsciente, conferindo uma primeira estratificação ao psiquismo ainda monista da criança. Já o reconhecimento da realidade exige um sobreinvestimento que possibilita a instauração do sistema pré-consciente, que se intercalará entre os sistemas inconsciente e consciente.

Num estágio de desenvolvimento mais evoluído, o organismo é capaz de rejeitar partes de si mesmo que são fonte de desprazer e de salvar-se numa espécie de sequestro de si mesmo, no que Ferenczi reconhece como o protótipo fisiológico do processo de recalçamento. Mas o autor considera suas explicações ainda insatisfatórias, pois não dão conta da compreensão do processo inverso, quando o ego introjeta partes do meio hostil e recalca os objetos amados (FERENCZI, 1926c/2011b).

Esses movimentos são provisórios e dados à regressão. Assim, Ferenczi conclui afirmando que a tendência para a morte é mais primitiva no ser humano, que toda adaptação implica num masoquismo e ao dizer que toda construção (adaptação ao mundo

externo, seu reconhecimento e a racionalidade objetiva) converte-se “verdadeiramente na causa do devir” (FERENCZI, 1926c/2011 b, p. 441)<sup>34</sup>, para o que cita Sabina Spielrein<sup>35</sup>.

Para isso, a análise deve levar o sujeito a tolerar o sofrimento através do amor de transferência como medida compensatória. Ferenczi afirma: “É tolerada uma destruição parcial do ego, mas somente com o objetivo de construir, a partir do que restou, um ego capaz de resistência ainda maior.” (p. 441).

O rochedo da castração, que ele diz ser orgânico, leva o analista a reconhecer traços mnêmicos que são como cicatrizes das impressões traumáticas, “produtos da destruição que Eros, infatigável, decide empregar no seu sentido, ou seja, na preservação da vida” (FERENCZI, 1926c/2011 b, p. 442). Para finalizar, Ferenczi lança mão da famosa frase do *Fausto*, de Goethe, que é assim transformada: “De fato, só a pulsão de destruição “quer o mal” e é Eros quem “dela extrai o bem”<sup>36</sup> (p. 442).

Podemos ver que se trata de um texto extremamente detalhado, no qual o autor além de sua própria contribuição recorre não só a textos importantes de Freud, como, também, de outros analistas. Sua contribuição, aliás, ficará mais clara nos textos que apresentarei no próximo tópico, e que consistem naquilo que Pinheiro (1995) denominou os traumas desestruturantes, e que nomeio como a teoria do trauma de Ferenczi.

Em continuidade à exposição que venho desenvolvendo, as ideias apresentadas de forma fragmentária ganharão corpo e clarearão como a teoria do trauma de Ferenczi, germinada em 1908 quando entrou para o movimento psicanalítico, só viria a nascer de fato vinte anos depois.

### 3.2. O trauma como origem

*Katasztrófák*, o título húngaro de *Thalassa* (1924c/2011b) parece condensar a visão de Ferenczi acerca da vida humana. Não só as pequenas catástrofes que atingem o indivíduo, como as grandes catástrofes que atingem a massa (TOROK, 2000, apud

---

<sup>34</sup> Interessante notar como no mesmo texto Ferenczi menciona dois psicanalistas que, por suas trajetórias polêmicas no palco psicanalítico da época, foram, como ele, esquecidos por anos dos arquivos da psicanálise, Victor Tausk e Sabina Spielrein.

<sup>35</sup> O texto mencionado é *A destruição como origem do devir*.

<sup>36</sup> “Sou parte da força que eternamente deseja o mal e eternamente faz o bem”, dita pelo personagem Mefistófeles, em *Fausto* de Goethe.

GONDAR, 2012) – a catástrofe do trauma e a catástrofe gerada por seus efeitos desligadores no psiquismo.

Isso se deve ao fato de que Ferenczi encontrou em sua clínica sujeitos “estilhaçados e dilacerados” pelo terrorismo do sofrimento gerado por traumas, os quais ele não só acredita terem ocorrido de fato, como busca reencontrá-los na clínica, lançando mão das diversas técnicas que experimentou. Técnica ativa, técnica da indulgência, relaxação, neocatarse, análise mútua: todas essas foram recursos movidos pelo seu *furor sanandis*, que tanto incomodava Freud e que gerou tantas críticas de seus colegas, inclusive tornando-se umas das ‘provas’ de sua instabilidade mental no fim da vida.

Depois de vinte anos de prática analítica, a fama de Ferenczi com casos considerados difíceis atraía pacientes de diversos lugares, especialmente após uma estada de oito meses nos Estados Unidos, em 1926, quando fez uma série de palestras na *The new school for social research*. Norte-americanos eram frequentes em sua clínica e podemos salientar ao menos duas pessoas que colaboraram francamente nas elaborações técnico-teóricas de Ferenczi: Clara Thompson e Elizabeth Severn.

Ambas eram vítimas de sérios abusos na infância, foram consideradas loucas e perigosas quando se trataram com Ferenczi. Após os tratamentos, restabeleceram vidas razoavelmente normais e ambas também traçaram uma impressionante trajetória na psicanálise norte-americana (KAHTUNI; SANCHES, 2009).

A história clínica dessas pacientes aparece no *Diário Clínico* (1932/2003). Thompson, designada como D.M. e Severn como R. N. Thompson foram encaminhadas para tratamento com Ferenczi através de Harry Stack Sullivan, que se tornou seu discípulo após as palestras mencionadas acima. Tal como Sullivan, Thompson teve expressivo papel na psicanálise norte-americana, e lançou vários livros embasados nas ideias que recebera de Ferenczi (KAHTUNI; SANCHES, 2009).

Já Severn foi apelidada por Freud de “o gênio do mal” de Sándor. Isto porque ela foi a paciente de quem Ferenczi mais se aproximou, tendo desenvolvido sua técnica de análise mútua em conjunto com ela. Sua análise durou oito anos. Ela costumava viajar junto de Ferenczi e Gizella durante suas férias e ela e seu analista acreditavam se comunicar a distância quando separados, algo que Freud achava muito perturbador (RACHMAN, 2014).

Essa mulher, que alegava, entre outras coisas, ter sido abusada pelo pai desde um ano e meio de idade e que teria o ajudado a matar um homem aos nove anos, se apresentava desde seus vinte anos como psicoterapeuta. Tinha uma clientela rica e pôde

manter-se por longos períodos na Hungria fazendo sua análise com Sándor. Seus documentos resguardados pela filha, Marguerite, hoje, se encontram na Biblioteca do Congresso Norte-Americano junto aos Arquivos Freud, sendo fonte de várias pesquisas do Programa de pós-doutorado em psicanálise da *New York University*, organizados por Arnold Rachman, Lewis Aron, Adrienne Harris e Peter Rudnytsky (ARON; HARRIS; RUDNYTSKY, 2015).

Como afirmei acima, a catástrofe humana é testemunhada por Ferenczi em sua clínica repleta de pacientes traumatizados, cujas sequelas psíquicas se distanciavam francamente do funcionamento neurótico balizado pelo recalamento. Apesar dos dissabores que essa descoberta trouxe a Ferenczi, como explorei no capítulo anterior, foi sua sensibilidade clínica aliada ao tato que o possibilitou complementar as ideias de Freud sobre o psiquismo humano e conferir um rico conhecimento sobre patologias pouco estudadas até então.

Seguindo as indicações de Kahtuni e Sanches (2009), iniciarei a exposição mantendo a ordem cronológica adotada até aqui. A partir de 1928, é possível observar o início da teoria do trauma de Ferenczi com um texto inovador pela temática: *A adaptação da família à criança* (1928a/2011c). A inovação está presente justamente nessa inversão do foco da atenção, da criança para o adulto. Assim, Ferenczi considera que uma das maiores dificuldades da criança é a de se deparar com o mundo do adulto, sendo que o próprio adulto dificulta mais as coisas ao recalcar suas vivências infantis. Retomando seu conceito de cegueira introspectiva, cunhado em 1908 no artigo *Psicanálise e pediatria* (1908/1991b), o autor irá discorrer sobre as formas com as quais o adulto traumatiza a criança. Assim, a psicanálise funcionaria como uma antipedagogia, ao ensinar o que não se deve fazer nessa relação.

Ademais, este texto se configura como uma excelente aula de psicanálise, na qual o autor destaca as dificuldades de adaptação infantil mediadas pelo desastroso adulto. Essas dificuldades são englobadas em três etapas inerentes ao desenvolvimento humano: o processo de desmame; o treino de higiene e a adequação da sexualidade. Sobre o primeiro aspecto, Ferenczi (1928a/2011c) observa a extrema vulnerabilidade da criança em seus recursos adaptativos e como essa se mostra suscetível à frustração.

Assim, considera que um desmame mal feito pode deixar marcas residuais por toda a vida do sujeito, fixadas em sua formação de caráter. Já a fase do asseio pessoal é vista por ele como uma das mais difíceis e urge a necessidade de atenção do adulto para as reações da criança diante da aquisição desses hábitos regrados. Essas reações também

compõem o quadro de características que moldam o caráter do sujeito, o qual Ferenczi define como a mecanização de certo modo de reação que virá a se tornar típico de cada um (FERENCZI, 1928a/2011c).

Já em relação à sexualidade as coisas se complicam para ambos, posto que “aquilo que escapa aos pais é óbvio para a criança; e o que as crianças não percebem é claro como o dia para os pais” (FERENCZI, 1928a/2011c, p. 7). Diante da atividade masturbatória da criança e das curiosidades sexuais que acompanham essa fase, o adulto se perde, pois as crianças sabem do valor prazeroso das atividades sexuais. Essa seria uma espécie de confusão de línguas fundamental, alicerçada na base da relação primária. O adulto pode explicar a sexualidade humana como quiser, já que o mais importante está naquilo que ele nunca diz para a criança e sobre o qual ela necessita de um reconhecimento: do caráter erótico da sexualidade.

O autor finaliza o artigo em seu tom tipicamente crítico, ao dizer que o adulto ensina a mentira à criança, quando lhe diz, por exemplo, que os doces são maus e o estudo é bom. Nega à criança a autenticidade de suas próprias vivências e experiências e a introduz num mundo adulto balizado pela hipocrisia (FERENCZI, 1928a/2011c).

Em *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929/2011c), o autor observa a ação da pulsão destrutiva em pacientes epiléticos e nos sintomas psicossomáticos, interpretando estes sintomas como sinal da tendência suicida presente nesses. A partir desta constatação, Ferenczi apresenta duas breves vinhetas clínicas para ilustrar o abalo no movimento vital desses sujeitos: um primeiro caso trata de um indivíduo que era filho caçula de uma família já numerosa cujos pais não tinham tempo, nem energia para dedicar a ele, porque estavam constantemente envolvidos com os cuidados da família. O segundo tratava de um sujeito que nasceu logo após o falecimento de seu pai, tendo seu nascimento sido recebido com desânimo e indiferença pela família.

Ferenczi (1929/2011c) faz esses recortes clínicos justamente para indicar as origens de determinada formação de caráter caracterizada pelo infantilismo emocional, o pessimismo, a desconfiança e inapetência pelo trabalho. Tratam-se de sujeitos minados em sua vontade de viver logo no início da vida. Destacando outro breve caso, o autor conta sobre uma jovem paciente alcoolista que denotava forte aversão pela vida. Ela relatava ter lembrança muito precoce da impaciência e da rejeição da mãe, fato que a fazia se perguntar “por que me trouxe à vida?”.

Diante disso, Ferenczi (1929/2011c) comenta seu interesse em comunicar nesse trabalho o desejo de indicar que tais crianças, acolhidas com rudeza e sem carinho,

vinham a apresentar o desejo pela morte. Esse ponto é interessante, pois indica uma apreensão do autor acerca dos sinais semióticos captados pela criança, os quais têm suma importância no pensamento posterior de Laplanche (1999a; 2015c).

Ferenczi (1929/2011c) concebe esse problema com seriedade, posto que, no início da vida, a pulsão de vida ainda é muito fraca. Segundo ele, é necessário um cuidado balizado pelo tato e uma educação terna para despertar no pequeno ser o desejo de viver. Assim, prejudicados pelo desamor do outro, esses sujeitos se veem precocemente lesados e com extrema dificuldade para se adaptar às dificuldades cada vez mais complexas da vida. Em relação ao tratamento, ele indica oferecer ao paciente aquilo que não recebeu na infância, um tratamento indulgente e afetuoso, a fim de que eles possam desfrutar, ao menos uma vez na vida, das irresponsabilidades da infância. Dessa maneira, através da técnica da compensação amorosa via transferência com o analista, esses sujeitos poderiam vir a conquistar algum impulso positivo e, com isso, razões para viver.

No trabalho seguinte, *Princípio de relaxamento e neocatarse* (1930/2011c), Ferenczi dá continuidade a sua investigação analítica de seus casos difíceis trazendo a baila seus experimentos com uma técnica mista: a incitação ativa do analista acompanhada da indulgência relaxadora. Para ele, seriam nos momentos em que o sujeito consegue relaxar na sessão que os conteúdos mais importantes poderiam vir à tona.

Como já apresentei, Ferenczi (1930/2011c) estava certo que um foco de atenção ao longo da associação livre favorecia justamente a resistência, assim, possibilitar ao paciente o movimento de “deixar-se levar” facilitaria o desvio da atenção ligada à censura, predispondo a emergência de conteúdos recalcados. Este princípio ele denomina neocatarse, indicando com o sufixo *neo* um retorno renovado da técnica inicial da psicanálise.

Dessa forma, o paciente poderia entrar em contato com conteúdos e lembranças precoces, material que, segundo Ferenczi (1930/2011c) cada vez mais indicava o papel do trauma originário na etiologia do adoecimento. O autor enfatiza o caráter real dessas experiências infantis, cuja original, em geral, remetia à relação entre a criança e os adultos que a cercavam, os quais, ao que tudo indica, direcionavam-na seu sadismo inconsciente. O trecho abaixo vale ser mencionado na íntegra, pois mostra a clareza de ideias com as quais Ferenczi vinha trabalhando.

Após ter dado toda a atenção devida à atividade fantasística como fator patogênico, fui levado, nesses últimos tempos, a ocupar-me cada vez com maior frequência do próprio traumatismo patogênico. Verificou-se que o traumatismo é muito menos frequentemente a consequência de

uma hipersensibilidade constitucional das crianças, que podem reagir de um modo neurótico até mesmo a doses de desprazer banais e inevitáveis, do que um tratamento verdadeiramente inadequado, até cruel. As fantasias histéricas não mentem, elas nos contam como pais e adultos podem, de fato, ir muito longe em sua paixão erótica pelas crianças; e por outro lado, são propensos, se a criança se presta a esse jogo semi-inconsciente, a infligir à criança totalmente inocente punições e ameaças graves, que a abalam e a perturbam, causam nela o efeito de um choque violento e são para ela inteiramente incompreensíveis. Hoje, estou de novo tentado a atribuir, ao lado do complexo de Édipo das crianças, *uma importância maior à tendência incestuosa dos adultos, recalcada e que assume a máscara da ternura* (FERENCZI, 1930/2011c, p. 73-74, grifos do autor).

Desse momento em diante, Ferenczi (1930/2011c) não voltou atrás em suas ideias acerca do papel do trauma real na constituição das patologias. Nesse texto, ele também apresentou uma primeira noção de clivagem psíquica: diante do choque traumático, uma primeira reação se organiza na forma de uma psicose passageira, por conta da ruptura com a realidade até então vivida; num segundo momento, um mecanismo de compensação passa a agir, fornecendo uma ilusão de prazer.

Essa hipótese foi levantada por Elizabeth Severn, a quem Ferenczi passou a dar o crédito de várias ideias em seus últimos textos. Assim, a clivagem psíquica teve um primeiro nome, o *teratoma*, que funcionaria como um gêmeo maligno albergado à custa de uma parte da personalidade que foi inibida (FERENCZI, 1930/2011c).

Novamente, o tratamento era pensado no sentido do acolhimento e do tato do analista em dosar as frustrações necessárias para que o paciente conseguisse elaborar a situação traumática e viesse a construir defesas menos danosas a si mesmo. “Adotando” o paciente e fornecendo-lhe cuidado habilidoso, o analista procuraria criar um contraste entre a situação traumática e o *setting* terapêutico (FERENCZI, 1930/2011c).

A mesma ideia foi retomada em *Análise de crianças com adultos* (1931/2011c), em que Ferenczi indica a importância do desenvolvimento da análise com crianças e argumenta como essa pode ser similar ao trabalho com adultos. Isso porque, através da “análise pelo jogo de perguntas e respostas”, o paciente, durante a fase de relaxamento da análise, emerge numa espécie de transe, a partir do qual surgem falas e posturas que remetem a sua infância. Ferenczi notou que, durante este transe, que é similar à hipnose, se ele pudesse se comunicar com o paciente também numa linguagem infantil, desse diálogo manifestar-se-iam vários conteúdos vivenciados, os quais, até então, não haviam sido representados.

Como sempre, em seus trabalhos, Ferenczi indicou as dificuldades dessa técnica e não se esquivou de abordar suas falhas. Não obstante, o autor demonstrou através de técnica lúdica como a repetição serve para deflagrar as vivências traumáticas. Aqui Ferenczi relacionou a experiência na análise com a própria relação entre os adultos e a criança, relação a qual ele indica ser permeada pela sugestão hipnótica (FERENCZI, 1931/2011c).

Ademais, essa noção da similaridade da relação entre os pais e a criança e aquela entre o hipnotizador e o hipnotizado já estava presente em *Psicanálise e pedagogia* (1908/1991b), quando o autor mencionava uma hipnose do tipo maternal, cheia de ternura e cuidados, e uma hipnose paternal, repleta de autoridade e imposições.

Durante o transe, o paciente apresentava um quadro peculiar; além das falas infantis, podia chorar, indicar dores corporais e uma alta tensão física e, por vezes, ficar em opistótonos<sup>37</sup>. Novamente, a íntima relação entre psíquico e corpo não foge das observações de Ferenczi (1931/2011c), que destaca o papel do analista nessa situação como o de uma mãe que apazigua a angústia da criança.

Palavras carinhosas, um aperto de mão ou um afago na cabeça se fazem, assim, necessários para auxiliar o paciente a se recompor. Retomando a ideia de clivagem, a qual aqui ele nomeia de narcísica, Ferenczi diz que diante da pressão de um perigo iminente, um fragmento de nós mesmos se destaca sob a forma de uma instância auto perceptiva, que visa acudir o sujeito. As crianças que sofreram do ponto de vista moral e físico adquirem os traços fisionômicos da idade e da sabedoria, sendo que o fragmento cuidador pode também vir a auxiliar os outros (FERENCZI, 1931/2011c).

O mecanismo traumatogênico é descrito da seguinte forma: num primeiro momento, tem-se a paralisia completa da espontaneidade, que leva de lambuja a capacidade de agir e pensar; num segundo momento, uma nova situação se estabelece a fim de reconquistar o equilíbrio perdido. Diante dessa nova situação, sobra ao sujeito a luta entre o desejo de morrer e o de voltar sua agressividade para si mesmo (FERENCZI, 1931/2011c).

Aqui, Ferenczi (1931/2011c) já adianta seu conceito de desmentido, ao dizer que a situação traumática é consolidada através da recusa do adulto em aceitar o dito da criança acerca da vivência que sofreu. Interessante notar que o autor, ao final do trabalho, faz questão de dividir os méritos de sua descoberta com seus colegas e também com seus

---

<sup>37</sup> Posição anormal, em que a pessoa apresenta rigidez da coluna, a qual fica arqueada com a cabeça atirada para trás.

pacientes. Segundo Rachman (2014), esse tipo de atitude de Ferenczi é que imprime um caráter ético inovador à psicanálise, pois inclui o paciente como um participante ativo na produção teórica e clínica.

No polêmico trabalho *Confusão de línguas entre adultos e a criança* (1932/2011c) é possível observar uma síntese de Ferenczi acerca de seus achados clínicos. Esse texto foi pronunciado pela primeira vez no Congresso de Wiesbaden, em 1932, tendo sido a última fala de Ferenczi em público. Ele inicia comentando que os casos de abuso sexual na infância são muito mais frequentes do que o esperado, ocorrendo em todas as classes sociais e, em geral, é realizado por um adulto próximo da criança. A partir disto, Ferenczi indica, de forma bastante crítica, como a postura do analista pode retraumatizar o sujeito, através de sua indiferença e hipocrisia profissional. Essa crítica se somou àquelas proferidas por Ferenczi desde 1924, em seu trabalho em conjunto com Rank, *Perspectivas da psicanálise* que postulam como o fanatismo teórico e o narcisismo do analista veem ao encontro das situações traumáticas vividas com os adultos de outrora.

Feita a crítica, o autor passou a descrever a situação traumatogênica através de um enredo narrativo que remete às histórias ouvidas por ele de seus pacientes: a criança, movida por sua sexualidade infantil, perverso-polimorfa e lúdica, se depara com a sexualidade genital do adulto. Nesta *confusão de línguas* a ternura infantil é incompreendida pela paixão do adulto, que a toma como objeto de satisfação (1932/2011c).

O autor nota que tais atos só poderiam vir de um adulto comprometido psiquicamente: perverso, psicótico ou impregnado com substâncias químicas. Ademais, as reações imediatas da criança nunca puderam ser apuradas de fato, dado o impacto da situação. Ferenczi (1932/2011c) relata que qualquer reação de raiva, asco ou revolta é obnubilada pelo medo extremo experimentado, o que faz com que a criança se submeta à vontade do adulto, identificando-se com ele, numa espécie de mecanismo de sobrevivência.

Porém, o arremate final da situação traumática se dá pelo chamado processo de *desmentido*<sup>38</sup>, evento que ocorre após a sedução, sendo que essa pode variar em seus níveis de agressão: das carícias impróprias ao ato sexual em si. Enfim, após o encontro sexual, a criança retorna ao adulto, já que ele é um objeto de amor e de confiança dela, mas o adulto a rejeita, movido pela culpa do ocorrido e pelo medo de ser descoberto.

---

<sup>38</sup> No texto original, Ferenczi usa o termo negação.

Concomitantemente, ao tentar contar sobre o encontro sexual para outro adulto, a criança também recebe desse outro uma fria indiferença, sendo acusada de fantasiar maldades (FERENCZI, 1932/2011c).

Assim, desmentida por seu entorno, que desqualifica a sua verdade, a criança passa a desconfiar de si mesma, de seus pensamentos e de suas percepções. Esse é o primeiro passo para se instalar a *cisão psíquica*, defesa privilegiada nesse tipo de situação, cujos efeitos Ferenczi continuaria elaborando em seus últimos escritos (FERENCZI, 1920-1932/2011c) e em seu *Diário Clínico* (1932/2003).

Ferenczi (1932/2011c) articula seus achados clínicos com a prática psicanalítica da época, se embasa na ideia de neutralidade e de que todo e qualquer conteúdo trazido pelo paciente se tratava de fantasias edipianas. Dessa forma, ao desmentir o dito do paciente, o analista estaria reproduzindo a fria indiferença do adulto de outrora.

Deste ponto em diante, Ferenczi teceu uma feroz crítica a seus colegas, nomeando esse ato de *hipocrisia profissional*. Por que hipocrisia? Posto que Ferenczi (1932/2011c) nota que tais conteúdos, como sua própria experiência lhe ensinara, mobilizam altas cargas de resistência da parte do analista. A fim de manter sua postura de autoridade sobre o paciente, o analista nega seu relato, reduzindo-o à fantasia, para que se mantenha a ordem no consultório.

Para Ferenczi, pelo contrário, uma análise não é um espaço de conforto, nem para o paciente, muito menos para o analista. Segundo Mészáros (2012) a clínica do trauma tal como estipulada por Ferenczi teria duas palavras-chave: confiança e testemunho. É através do vínculo de confiança que o analista pode alcançar os registros incoerentes do paciente sobre a vivência abusiva, e nesse aspecto ele desempenharia o papel que o adulto de outrora recusou: o de testemunha benevolente do fato.

Além da crítica feita por Ferenczi, cujas consequências são claras, sua apresentação foi tomada incorretamente – por Freud, inclusive – como uma retomada de sua teoria da sedução, cujas bases remetiam às origens da psicanálise, na década de 1890. Ledo engano, pois, apesar de ter a sedução infantil como ponto de partida, a teoria de Ferenczi abarca um outro tipo de funcionamento psíquico organizado através da cisão psíquica e da *identificação com o agressor*. Este último aspecto, diz respeito à ambiguidade premente na situação traumática, já que o adulto abusador, via de regra, é uma pessoa amada e estimada pela criança, por isso a proximidade que possibilitou o abuso. Esse será um ponto que posteriormente foi englobado na noção de Laplanche de enigma.

Em relação à cisão psíquica, ela soa como a face oposta da moeda defensiva, cujo lado neurótico é o recalque. Se o recalque desliga as associações, levando as lembranças incômodas para alguém da consciência, a cisão psíquica atua sobre a própria representação, a qual não pode ser recalçada, pois não chegou a ocorrer. Tem-se aqui a ideia de um trauma vivo, em aberto, cujos laços libidinais serão orquestrados por uma insaciável pulsão de morte (FERENCZI, 1920-1932/2011c). Isso porque, diante do terrorismo do sofrimento o único recurso o qual o sujeito pode lidar é com a autodestruição, que se inicia minando justamente a consciência. Diz Ferenczi, acerca desta saída:

O desprazer cresce e exige uma válvula de escape. Tal possibilidade é oferecida pela *autodestruição*, a qual, enquanto fator *que libera a angústia*, será preferida ao sofrimento mudo. O mais fácil de destruir em nós é a consciência, a coesão das formações psíquicas numa entidade: é assim que nasce a *desorientação psíquica*. (A unidade corporal não obedece tão prontamente ao princípio de autodestruição).

A desorientação ajuda: (1) imediatamente, como válvula de escape, como sucedânea da autodestruição; (2) pela suspensão da percepção mais ampla do mal, em particular do sofrimento moral, mais elevado- eu não sofro mais, quando muito uma parte do meu corpo; (3) por uma *formação nova de realização de desejo* a partir dos *fragmentos*, no nível do princípio do prazer (FERENCZI, 1920-1932/2011c, p. 127 grifos do autor).

A esta última pista, a formação nova de realização de desejo se conecta à função *traumatolítica* do sonho, destacada por Ferenczi como uma renovação da máxima freudiana acerca do sonho como realização de desejo. Assim, o sonho possibilita ao sujeito repetir de forma distorcida a vivência traumática e buscar soluções para ela. Um exemplo citado por Ferenczi é o da paciente R. N., possivelmente Elizabeth Severn, que relata um sonho no qual ela vê do alto de um aeroplano a imagem dissociada de si mesma na figura de uma menina numa canoa com um homem mais velho que está sobre ela. Um segundo homem observa a cena e ela tem receio de que ele testemunhe um evento sexual (FERENCZI, 1920-1932/2011c). Aqui, a clivagem denota o desdobramento do ego em duas faces: uma da criança machucada pelo trauma, a outra do adulto que testemunha à distância aquilo que a criança não pode representar.

Outro sonho típico do sujeito traumatizado é aquele narrado por Ferenczi na breve comunicação que ficou conhecida como *sonho do bebê sábio* (FERENCZI, 1923a/2011b). Neste, um adulto vê um bebê de colo levantar-se do berço e falar fluidamente de tema elevados, numa espécie de palestra acadêmica. A imagem da frágil criança destoa nitidamente do conteúdo de sua fala, numa forma de “inversão da situação

em que a criança se encontra” (p. 224). Essa imagem converge para aquela outra evocada por Ferenczi em *Confusão de línguas* (1932/2011c): a da fruta bicada pelo pássaro e que amadurece antes do tempo.

Além do mais, a situação de *confusão de línguas*, elevada a conceito por Sabourin (1988), alude a outros tipos de abuso por parte do adulto: abuso emocional, abuso psíquico, abuso afetivo. Enfim, desse conceito é possível destacar toda e qualquer situação em que o adulto ou se nivela à situação da criança, demandando que ela tome seu lugar, ou a negligencia e a fere nas coisas com as quais ela ainda não consegue lidar. A isto, Ferenczi usa uma expressão húngara, *katonadolog*, traduzida como “a sorte do soldado”.

Este quadro é composto pelas observações que Ferenczi fez em seu *Diário Clínico* (1932/2003), em que descreve os efeitos físicos do abuso sexual. É importante salientar isto, pois, uma leitura incompleta de seus escritos pode sugerir que, tal como na teoria da sedução de Freud, os efeitos da *confusão de línguas* se daria apenas no plano do simbólico, através do processo de desmentido. No *Diário Clínico* (1932/2003), Ferenczi registrou em 10 de janeiro de 1932 uma série de sintomas oriundos do encontro traumático. Ele relata:

(...) alguém sofreu, em sua infância, uma agressão sexual por parte de um gigante violento. Durante um certo tempo, todas as forças psíquicas se encontram em estado vígil, todos os esforços possíveis, embora vão, são feitos para libertar-se dessa violência brutal (rechaçar, gritar, experimentar por um breve momento emoções ainda conscientes de ódio, sede de vingança, etc.), mas quando o peso do homem sobre a criança torna-se cada vez mais “insuportável” e, sobretudo, quando as roupas do agressor obstruem implacavelmente as vias respiratórias, provocando uma falta de ar extrema, toda sensação desaparece, a da pressão, da ferida genital, o saber referente à causa e aos antecedentes da situação dolorosa; toda a força psíquica disponível está concentrada na realização dessa única tarefa: obter de um modo ou de outro a entrada de ar nos pulmões. (FERENCZI, 1932/2003, p. 37).

Aqui vemos Ferenczi lançando pistas sobre a indissociável articulação corporeamente, de forma que a dor e o sufocamento do corpo anestesiam a mente em suas funções perceptivas e na própria consciência. Os impactos da agressão, a longo prazo, levam a crer que se trata de um quadro histórico instalado a partir do trauma, mas não. Segundo Pinheiro (1995), a diferença crucial está no fato de que na traumatogênese descrita por Ferenczi não temos o retorno do recalado. Aliás, não há recalado. O que se tem são os efeitos desligadores da pulsão de morte mobilizada pelo ataque, pulsão que aqui presta seus serviços à sobrevivência do sujeito.

Em relação à possível crítica de que Ferenczi não soube relativizar os indícios clínicos acerca de tais relatos serem fantasias, temos algo a considerar. Para tanto, é necessário um estudo da obra total do autor, como pontua Mezan (1996), até porque, como apresentei anteriormente, a teoria do trauma de Ferenczi não foi elaborada do dia para a noite, encontrando-se indícios dela por toda sua obra. O que Ferenczi constata é que, para além da fantasia, a violência concreta existe e opera efeitos particulares no psiquismo do sujeito afetado, ainda mais em sua prematuridade física e psíquica. Tal violência também se apresenta em níveis variados, da criança mal acolhida e desprezada, à criança espancada e abusada sexualmente. Como no caso de Elizabeth Severn e seus relatos fantásticos, é possível compreender que, apesar da possível fantasia imbricada nesses, provavelmente uma violência excessiva tenha operado na própria constituição dessas fantasias.

A originalidade de Ferenczi também incidiu sobre outras formas de sobrevivência após a traumatogênese. Um interessante conceito é cunhado por ele e nomeado de Orfa. O nome deriva do deus grego Orfeu e indica o processo criativo ligado à experiência traumática. Diante da comoção psíquica oriunda do trauma, o sujeito vê suas forças vitais sanadas. Não obstante, diante da morte possível, as forças vitais se mobilizam de forma a criar uma saída. Os elementos órficos são a expressão dessa força, que salva o sujeito da morte para lançá-lo na loucura (1932/2003).

Diz Ferenczi, no *Diário clínico* (1932/2003) que dentro dessa perspectiva, é melhor enlouquecer do que morrer. Assim, o desdobramento psíquico oriundo da clivagem narcísica descrita como “anjo da guarda” pode ser entendida como expressão da Orfa. Elas são compostas pela característica de sabedoria e inteligência superior descritas por Ferenczi em sua metáfora do bebê sábio.

No capítulo seguinte abordarei a forma com que Laplanche opera ao articular a realidade dos traumas com a produção da fantasia, destacando duas formas de relação arcaica entre adultos e criança: uma balizada pelo que ele denomina de processo de *implantação*, no qual a violência das mensagens enigmáticas é equilibrada pelos cuidados e pelo amor do adulto; e o processo de *intromissão*, nas quais as mensagens enigmáticas invadem o sujeito sem que este tenha o amparo do outro na difícil tarefa de elaborar-traduzir a vivência traumática.

## CAPÍTULO 4- A TEORIA DA SEDUÇÃO GENERALIZADA DE JEAN LAPLANCHE

Neste capítulo, discorro sobre a teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche, pontuando sua elaboração teórica com base na teoria da sedução de Freud e na concepção de confusão de línguas de Ferenczi. Para tanto, apresento em linhas gerais a trajetória de pesquisa preliminar e paralela à elaboração de Laplanche acerca da teoria da sedução generalizada, como também alguns dados biográficos para, num segundo momento, descrever essa teoria e suas renovações conceituais.

Dessa forma, num primeiro momento, procedo numa apresentação cronológica, indicando a trajetória de pesquisa e o trabalho heurístico realizado por Laplanche em direção a sua construção teórica para, num segundo momento, descrever o quadro de sua TSG de forma mais sintética.

### 4.1. Um astrônomo da psicanálise

A trajetória de vida de Laplanche foi marcada pela intensa relação com a psicanálise de sua época, o que o levou a conviver com os mais renomados nomes da intelectualidade francesa. Impactado pelo ensino de Lacan nos anos 1950, de quem era também paciente, Laplanche conseguiu alçar voo na pesquisa psicanalítica após o rompimento com o mestre e conquistou um espaço legítimo de produção teórica na universidade, sendo um dos mais prestigiados psicanalistas a conseguir tal empreitada. Não obstante sua grande adesão por parte de pesquisadores da psicanálise no Brasil, Laplanche ainda é pouco conhecido por aqui, com exceção de sua participação no *Vocabulário da psicanálise* (2008) em conjunto com Pontalis, livro fundamental de qualquer graduação em psicologia.

Jean-Louis Laplanche nasceu em 1924 em uma família de vinicultores; do lado familiar paterno de Bourgogne, e do lado materno de Champagne. Sua primeira formação foi filosofia, pela *École Normale Supérieure*, onde foi aluno de Jean Hyppolite, Gaston Bachelard e Maurice Merleau-Ponty. Na juventude participou do movimento Ação Católica que o levou a se interessar pelas bases socialistas do pensamento de Trotsky. Ainda na mocidade, participou da fundação do grupo “Socialismo e Barbárie”, em companhia de Cornelius Castoriadis e Claude Lefort (SCARFONE, 1997).

O encontro com a psicanálise se deu em 1946, quando recebeu uma bolsa de estudos para estudar em Harvard, nos Estados Unidos, e conheceu Rudolph Loewenstein, psicanalista da primeira geração francesa que se radicou nos EUA durante a II Guerra Mundial (ROUDINESCO, 1986). Através desse encontro, Laplanche viu seu interesse pela psicanálise despertado. Em 1947, quando regressou à França, iniciou sua análise com Jacques Lacan, psicanalista já muito reconhecido naquela época. Por intermédio dele, Laplanche passou a cursar medicina, especializando-se em psiquiatria. Em 1959 defendeu sua tese intitulada *Hölderlin e a questão do pai*, cuja leitura de viés lacaniano se faz presente desde o título.

Laplanche participou da chamada terceira geração de psicanalistas franceses<sup>39</sup>, cuja característica primordial seria o contato com a psicanálise produzida por Lacan na época. De fato, desse grupo, quem não estudou com Lacan em seus Seminários, passou por seu divã; não raro esses jovens frequentavam ambos os espaços. No caso de Laplanche, foi analisando de Lacan, mas foi aluno de Daniel Lagache; as rivalidades entre seu analista e seu professor marcaram boa parte da história da psicanálise francesa, porém é possível notar que essa dupla aliança favoreceu em Laplanche uma imparcialidade bem-vinda. Já apontarei porque (ROUDINESCO, 1986).

A psicanálise francesa na década de 1950 passava por sérias revoluções. Isto porque o lacanismo já se expressava como uma corrente forte de pensamento, dado o carisma e as renovações engendradas por Lacan. Com sua proposta de retorno a Freud, Lacan relia o texto freudiano articulando-o com saberes de outras áreas, especialmente a dialética hegeliana, a qual travou conhecimento através dos cursos de Alexandre Kojève, em 1936, e da linguística de Ferdinand de Saussure (ROUDINESCO, 2008).

A terceira geração de psicanalistas franceses tinha entre seus nomes: Jean-Bertrand Pontalis, Didier Anzieu, Moustapha Safouan: jovens de formação universitária, em sua maioria filósofos, que se interessaram pela psicanálise da época e, inevitavelmente, se dirigiram à Lacan. Além desses, há os analistas de formação médica, sendo os mais renomados François Perrier, Serge Leclair e Wladimir Granoff,

---

<sup>39</sup> A primeira geração, liderada por Marie Bonaparte, foi composta por René Laforgue, Rudolph Loewenstein, Eugénie Sokolnicka, Édouard Pichon, entre outros. É considerada por muitos estudiosos da área como medíocre e pouco expressiva, salvo a iniciativa de introduzir a psicanálise na França. Já a segunda geração tem como nomes emblemáticos Jacques Lacan, Sacha Nacht, Daniel Lagache, Maurice Bouvet e Françoise Dolto. Esses se destacaram de seus pioneiros por renovar a psicanálise da época com tonalidades diferentes, aderindo a leituras marcadas pela ótica filosófica e pelo debate entre psicologia e psiquiatria travada nos meios médicos e universitários de então (ROUDINESCO, 1986).

conhecidos como a “troica”, por serem imigrantes do leste europeu (ROUDINESCO, 1986).

Esse momento histórico foi marcado por disputas e rivalidades acerca do que seria uma psicanálise autêntica e mais fiel ao pensamento de Freud. A partir do movimento de Lacan, denominado “retorno a Freud”, a discussão sobre a legitimidade da psicanálise foi levada a extremos.

Na década de 1950, Lacan já era reconhecido como uma autoridade no freudismo. Analista autodidata da Sociedade Francesa de Psicanálise vinculada à IPA se tornou alvo de constantes críticas por seu uso eclético do tempo de sessão. As sessões curtas foram o estopim para a revolta nas associações psicanalíticas francesas e abriram brecha para a futura expulsão de Lacan desta instituição. De fato, a personalidade forte, magnética e, por vezes, grosseira de Lacan já angariava inimigos há bons tempos. Sua disputa com Daniel Lagache, por exemplo, foi notória, já que criticava a articulação que Lagache fazia entre a psicanálise e psicologia. Avesso a essa proximidade, Lacan conseguiu se impor como pretense porta-voz do “verdadeiro Freud”, o qual ele lia de forma a introduzir seus próprios conceitos, transmitindo a ideia de uma legítima leitura daquilo que Freud gostaria que fosse a psicanálise (ROUDINESCO, 1986).

As nuances desse debate são um tanto complexas e detalhadas por Roudinesco (1986; 1998; 2008) no conjunto de sua obra como historiadora da psicanálise na França. Tratar desses detalhes resultaria em um grande desvio neste trabalho, sendo assim, indico sua obra para os interessados nessa disputa. Porém, observo uma forte tendenciosidade dessa autora em sua idolatria à Lacan. Os livros aqui utilizados foram lidos com cautela e busquei ao máximo extrair desses as informações necessárias sem me deixar contaminar por sua franca parcialidade fiel ao mestre Lacan.

Entretanto, devo indicar dois pontos importantes dessas rixas que se articularam com a trajetória de Laplanche. A primeira diz respeito à querela entre Lacan e Lagache. Lacan via sua “verdadeira” psicanálise, aquela que dizia conferir com os pressupostos freudianos, como um campo estrangeiro à psicologia e à psiquiatria dinâmica desenvolvida na França. Para ele, a psicanálise não poderia e nem deveria ser absorvida por essas áreas para manter-se pura, tampouco ser desviada como havia sido após a morte de Freud (ROUDINESCO; PLON, 1998).

Isso não quer dizer que Lacan fosse avesso ao trabalho psicanalítico de psicólogos; sua crítica voltou-se mais às bases epistemológicas da psicologia. Já Lagache, que também era grande conhecedor da obra freudiana e leitor dos originais em alemão, tendia

a rever a relação entre a psicanálise e a psicologia, cujo alcance possibilitou a entrada da psicanálise nas cátedras universitárias através de seus alunos, sendo um deles Laplanche (ROUDINESCO, 1986).

Em 1958, a partir de uma iniciativa da Fundação Unesco, Lagache foi convidado para dirigir um levantamento de conceitos freudianos a fim de organizá-los numa espécie de dicionário. Convidou seus alunos Laplanche e Pontalis para realizar tal empreitada, de que resultou o *Vocabulário da psicanálise* (2008). O projeto caminhou pela via das problematizações dos conceitos freudianos, a fim de destacar suas origens e desdobramentos dentro do pensamento de Freud (SCARFONE, 1997).

Na década de 1960, já não mais em um projeto vinculado a Unesco, Laplanche e Pontalis pesquisavam fervorosamente toda a obra de Freud, acompanhados de livros publicados na França naquele momento, como a coletânea da cartas de Freud a Fliess, publicada como *La naissance de la psychanalyse*, na qual constava o *Projeto para uma Psicologia Científica* (1950/1996a). Esse trabalho, como apontarei, foi fundamental na releitura de Laplanche das obras de Freud. Em 1960, ocorreu o Colóquio de Bonneval, organizado por Henri Ey, cujo objetivo era integrar psiquiatras, filósofos e psicanalistas num debate articulador. As controvérsias acerca do uso da linguística em sua abordagem psicanalítica já rendiam críticas a Lacan da parte de filósofos de renome, como Merleau-Ponty, que via um deslocamento equivocado no uso da linguagem efetuada por Lacan (ROUDINESCO, 1986).

Diante desse quadro, Lacan foi convidado apenas como ouvinte; mesmo assim, participou do Colóquio a fim de averiguar os trabalhos de seus pupilos. Dois deles, Laplanche e Leclaire, apresentaram um trabalho em conjunto: *O inconsciente: um estudo psicanalítico* (1961/1992). Darei atenção a esse trabalho, posto que foi ele o motivo da discórdia entre Laplanche e Lacan, mas também um primeiro passo de Laplanche em direção à sua teoria da sedução generalizada.

O estudo comunicado em Bonneval é dividido em cinco partes, sendo as partes I, II e IV escritas por Laplanche; a III e V por Leclaire. Interessante notar como os autores discordam em seus conteúdos, já que o texto de Leclaire é voltado a uma espécie de comprovação das hipóteses de Lacan através do relato de um sonho de um paciente, enquanto o texto de Laplanche apresenta uma reviravolta nessa mesma hipótese. Vejamos. Laplanche inicia sua discussão com uma homenagem a Georges Politzer. Politzer fora um grande filósofo húngaro radicado na França por conta das instabilidades políticas na Hungria. Quando tinha 17 anos, passou dois anos em Viena, assistiu a

seminários da Sociedade Psicanalítica e conheceu Freud e Ferenczi. Posteriormente, já na França, se engajou num projeto conceitual a fim de angariar noções concretas à psicanálise (ROUDINESCO, 1986).

Uma de suas noções mais importantes foi a de “drama”, conceito que articulou às vivências edípicas e ao processo de identificação para compreender as particularidades individuais de cada sujeito. Sua crítica era voltada à metapsicologia desenvolvida por Freud, que, em sua opinião, pecava pelo excesso de abstrações e pelo realismo com o qual Freud lidava com o inconsciente. Em sua proposta de conceber uma teoria psicanalítica que englobasse certa materialidade, Politzer buscou indicar as aporias filosóficas embutidas na obra freudiana. Seu trabalho teve grande influência sobre a intelectualidade francesa, sendo uma das bases da revisão de Lacan, o qual buscou reconhecer na linguagem a materialidade necessária para tornar a noção de inconsciente mais concreta (ROUDINESCO, 1986).

Assim, Laplanche recorreu a Politzer para efetuar sua discussão crítica da psicanálise, porém o fez amparado com as noções do próprio Freud, recorrendo ao texto *O inconsciente*, escrito em 1915 (1996a). Nesse trabalho, Freud refletiu sobre como os conteúdos inconscientes tornam-se conscientes; para tanto, lançou duas hipóteses: a primeira é chamada de hipótese tópica, na qual haveria dois registros de uma dada representação, uma localizada no inconsciente e outra na consciência. Assim, a passagem de um conteúdo de uma tópica para outra ocorreria através do trabalho sobre a resistência do paciente, de forma a possibilitar essa passagem. Já a hipótese funcional indica que um conteúdo inconsciente só pode emergir na consciência a partir de uma transformação, sendo que o segundo registro já não seria mais correlato ao primeiro.

Na época, Lacan pensava nas representações psíquicas como vinculadas à hipótese tópica, assim, sendo o inconsciente estruturado como uma linguagem, apesar da separação tópica, haveria um vínculo entre os dois registros, baseados na fórmula da metáfora e da metonímia utilizada por Lacan. Dessa maneira, o texto consciente seria a expressão metafórica do registro inconsciente, expressando-se disfarçadamente no discurso consciente, mas com outra função (LAPLANCHE; LECLAIRE, 1961/1992).

A leitura efetuada por Laplanche (1961/1992) é direcionada por outro raciocínio mais fiel à lógica freudiana. Isso se explica porque Freud pensava ser a hipótese funcional a mais verossímil, não obstante a sentisse difícil de ser manejada diante de sua metapsicologia. A hipótese tópica, tida por Freud como mais grosseira, possibilitava o manejo teórico de acordo com suas ideias em 1915. Fiel ao raciocínio freudiano,

Laplanche levantou argumentos para indicar a renovação teórica disponível para manejar a hipótese funcional.

Atento a proposta do trabalho de Georges Politzer, *Crítica dos fundamentos da psicologia*, que propunha um instrumental teórico favorável a uma psicologia inserida nos pressupostos científicos, ou seja, uma psicologia concreta, Laplanche destacou dessa obra a crítica à metapsicologia freudiana, a qual ele concordava que era excessivamente abstrata, por um lado, e realista, por outro (LAPLANCHE; LECLAIRE, 1961/1992).

Laplanche indicou a abstração freudiana na metapsicologia, a qual favorecia um tipo de raciocínio mecânico, cuja causalidade indicava uma intencionalidade não compatível com o caráter estrangeiro do inconsciente. Assim, Laplanche (1961/1992) observou que Freud formulava seus conceitos de forma a se adaptarem ao seu objeto de estudo: o inconsciente.

O problema entre os registros entre a consciência e o inconsciente servia a ele para manter em fluxo a ideia de conflito opositor com o qual Freud trabalhava. É interessante notar como Laplanche já utilizava o método psicanalítico do “fazer trabalhar” antes de conceituá-lo. Ele efetuou uma leitura crítica do texto freudiano a fim de destacar suas contradições e pontos cegos. Na parte IV do texto, intitulada *O inconsciente é condição de linguagem. Interdependência dos sistemas pré-consciente e inconsciente*, Laplanche (1961/1992) voltou sua atenção para as concepções de Lacan acerca do inconsciente linguístico. De acordo com essas concepções, o significante recalcado se vincularia ao processo primário numa espécie de escoamento libidinal, numa concepção que Laplanche julga simplista e divergente da de Freud. Para ele, a linguagem em Freud era regida pelo processo secundário, balizado pelo pré-consciente; o processo primário seria tido como uma pré-linguagem, aquela da criança, construída gradativamente, e que no adulto só se assemelharia ao discurso do psicótico, excessivamente livre e enlouquecedor (LAPLANCHE; LECLAIRE, 1961/1992).

Assim, a linguagem inconsciente, tal como estipulada por Lacan, só poderia dizer respeito a um tempo mítico, num plano em que não houvesse a existência do inconsciente. Acerca do realismo do inconsciente, Laplanche o compreende como realidade cindida do campo da consciência, identificando esse realismo como a existência do inconsciente plasmado na metáfora freudiana do “corpo estranho” interno. Seguindo os passos de Lacan em sua proposta de retorno a Freud, Laplanche busca em Freud as respostas para os impasses teóricos. Ao recuperar a ideia de recalçamento originário, o autor observa que não haveria como os registros inconscientes e das outras tópicas coincidir, mesmo

que metaforizados. Isso se deve ao fato de o recalçamento originário incidir sobre representações que nunca chegaram a ser conscientes, mas sim representações que originam o inconsciente. Sua crítica mais incisiva era sobre a noção de linguagem tal como trabalhada por Lacan (LAPLANCHE; LECLAIRE, 1961/1992).

Em seu raciocínio, Laplanche tenta demonstrar como a linguagem que habita o inconsciente não é a linguagem comum, mas sim uma linguagem pré-verbal, caótica e imagética. Seguindo tal lógica, Laplanche indica que a linguagem discutida por Lacan só poderia dizer respeito ao psicótico, e não a um referente universal, tal como Lacan pretendia. Podemos notar que, desde essa época, Laplanche percebia o risco de usar a linguística e operar na redução do inconsciente ao aspecto “linguajeiro” (LAPLANCHE; LECLAIRE, 1961/1992).

Lacan abominou o trabalho do discípulo. Laplanche se desiludiu e notou que Lacan desejava ser seguido e não renovar a teoria psicanalítica como dizia. Sua personalidade narcísica se sobrepunha ao trabalho de pesquisa genuíno. Em entrevista a Roudinesco (1986), Laplanche afirma:

Fiquei bastante decepcionado, na época, por não ver Lacan empenhar-se num diálogo comigo sobre essas críticas precisas (...). Eu sempre marcara com nitidez os pontos de discordância, ao mesmo tempo que indicava, não menos nitidamente, em que utilizava e seguia certas ideias de Lacan. É próprio de um pensamento vivo retomar a seu modo os problemas, e não prolongar o pensamento de um ‘mestre’ (p. 335).

A fúria de Lacan em relação à Laplanche liga-se ao fato de que, em Bonneval, Lacan pretendia reforçar seu impacto político dentro do movimento psicanalítico francês num momento em que se via muito criticado e ameaçado de expulsão da IPA. Sua resposta a Laplanche se deu apenas de formas indiretas, em diversas palestras em que atacou indiretamente o ex-discípulo. Mas a resposta de fato adveio apenas em 1969, quando Lacan concedeu uma entrevista a Anika Lemaire, que a transformou num livro intitulado *Jacques Lacan: une introduction*. Até Roudinesco (1986) concorda com a grosseria de Lacan, que atacou a intervenção de Laplanche acusando-o de plagiário, o que é um tanto curioso, já que o discípulo discordava dele. Sobre a reação de Lacan, Roudinesco (1986) afirma:

Testemunha, se necessário, a transformação que se operou, em alguns anos, num homem profundamente humilhado por duas cisões que fizeram dele uma espécie de bode expiatório. Nessa época, Lacan começa a se assemelhar a um ídolo decepcionado e solitário, adulado por seus discípulos, que pensam mais em imitar seu estilo e sua figura

do que se entregar, como Laplanche e Leclaire, a pesquisas verdadeiras (p. 337).

Laplanche deu continuidade aos seus trabalhos e, em 1964, publicou junto de Pontalis o artigo *Fantasia originária, fantasias das origens, origens da fantasia* (1988), na revista *Les temps modernes*. Produzido na esteira do *Vocabulário* (2008), esse trabalho indica algumas noções que se tornariam importantes para Laplanche no desenvolvimento de sua teoria da sedução generalizada.

Em um pós-escrito para a edição do texto no formato de livro, em 1985, os autores afirmaram que tal trabalho tinha “data certa”, a qual remetia ao momento histórico de sua produção: da expulsão de Lacan da IPA e da ruptura dos autores com Lacan ou, melhor dizendo, assumem ter adotado uma distância prudente do pensamento de Lacan (1988). De fato, Laplanche e Pontalis estavam na lista de ex-discípulos de Lacan que foram intimados por Granoff e Juliette Favez-Boutonier a comunicar publicamente sua opinião sobre Lacan. A carta é assinada por Laplanche, Pontalis, Daniel Widlöcher, Piera Aulagnier e Victor Smirnoff, mas apenas Laplanche efetuou sua leitura pública, em 18 de outubro de 1964. Nessa moção, afirmou em nome dos colegas que diante da impossibilidade de uma negociação mais madura, já que Lacan também não havia aceitado fazer nenhuma concessão, acatavam a resolução de desligamento de Lacan do quadro de analistas didatas da SFP (ROUDINESCO, 1986).

Em *Fantasia originária* (1988), Laplanche e Pontalis levantaram algumas problemáticas suscitadas durante o processo de elaboração do *Vocabulário* (2008), como afirmei acima. Ao longo do texto, notei alguns comentários adicionais em que os autores indicam as dificuldades de relacionar o raciocínio freudiano com os postulados estruturalistas. De fato, os autores já não estavam tanto afinados em seus objetivos, já que Laplanche mantinha seu interesse em realizar uma exegese da obra freudiana, tal como havia feito no *Vocabulário* (2008), enquanto Pontalis começava a se direcionar mais para o trabalho com as edições da Gallimard e suas teorizações acerca dos sonhos e da literatura (PONTALIS, 2008).

Dessa forma, notei algumas dissonâncias no texto, em alguns momentos tem-se a problematização da obra inicial de Freud, que se tornaria marca característica do trabalho de Laplanche, em outros, vê-se a tentativa de articular o pensamento de Freud com os pressupostos estruturalistas. Porém, o que chama a atenção são os germes conceituais da teoria da sedução generalizada impregnados nesse trabalho. Os autores trazem à luz

conceitos considerados esquecidos, como o apoio e a fantasia, ou conceitos menosprezados, como o autoerotismo e a sedução. Propõem uma arqueologia dessas noções ao texto freudiano que são, ao mesmo tempo, fiel e crítica, de forma que deflagram novos desenvolvimentos teóricos (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988).

Os pontos que interessam nessa obra, e que se articularão ao trabalho posterior de Laplanche, segue justamente essa linha: a de destacar noções esquecidas em sua época. As problematizações levantadas visam indicar a falta de instrumental teórico que possibilitaria a Freud refletir de forma dialética os problemas entre realidade material e realidade psíquica, assim como destacar uma noção mais geral da teoria da sedução. Preso aos binarismos opostos para indicar o papel do conflito psíquico, Freud pendia a cada momento para um tipo de elaboração teórica, descartando conceitos que, por vezes, reapareciam inesperadamente em sua obra. Assim, os autores revisitaram as obras iniciais de Freud de forma a indicar os desvios balizados pelas dificuldades teóricas encaradas por ele. De suas problematizações, nota-se o trabalho de resgate da teoria da sedução, a qual favorecia um entendimento da constituição da sexualidade infantil como de fora para dentro, noção fundamental da teoria da sedução desenvolvida posteriormente por Laplanche (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988).

Outros pontos destacados pelos autores que serão mantidos no pensamento de Laplanche são: a temporalização *après-coup* do sexual do sujeito, a noção de apoio como fonte articuladora entre pulsão e o aspecto autoconservativo, a fantasia como atividade que inaugura o psiquismo e o delineamento do conceito laplanchiano de enigma, que é compreendido como a busca do infante acerca de suas origens e de sua sexualidade.

Em 1968, Laplanche concede uma palestra em Quebec, no Canadá, chamada *Vida e morte em psicanálise* (1985). Esse trabalho também aporta várias concepções que seriam melhor desenvolvidas pelo autor em sua teoria da sedução generalizada, especialmente a noção de apoio como um aporte teórico. Na sequência apresento alguns pontos importantes desse trabalho.

Laplanche (1985) iniciou esse trabalho com um comentário metodológico, o qual se tornaria uma de suas marcas registradas. Assim, propôs levantar algumas coordenadas teóricas da obra de Freud a partir de uma perspectiva histórico-estrutural de sua obra. O termo histórico, para ele, dizia respeito ao processo de destacar o conteúdo latente da história oficial ou manifesta, da psicanálise, em parte inconsciente, da teorização, a qual se manifesta através de repetições temáticas.

Amparado por uma abordagem dialética, o autor visa construir uma estrutura equilibrada em relação aos conceitos fundamentais da psicanálise, de forma a encontrar uma redução fenomenológica em seu mínimo denominador comum. Através da evolução crítica entre revisões e rupturas, Laplanche esboçou os remanejamentos teóricos, sempre os articulando com os trabalhos de Freud, especialmente suas primeiras produções (LAPLANCHE, 1985).

A partir da noção foucaultiana de derivação, Laplanche pretendeu fazer derivar conceitos novos a partir dos conceitos freudianos, numa espécie de deslizamento dos segmentos doutrinários, cujo objetivo seria localizar tais conceitos numa nova ótica e com uma nova função. Assim, indicou uma invariância de ideias em Freud, as quais remeteram ao *Projeto para uma psicologia científica* (1950/1996b), escrito em 1895. Dessa maneira, Laplanche buscou desenvolver e trabalhar a ideia de conflito psíquico através do uso que Freud fez do binarismo entre pulsão de vida e pulsão de morte, o qual, não funcionou na argumentação de Laplanche (1985).

O estilo do autor, o qual o leitor já íntimo de seu trabalho conhece bem, é articular a retomada crítica da obra de Freud em pontos precisos em que a noção destacada aparece, e derivar de suas contradições e matizes diferentes uma renovação conceitual mais precisa e lógica, operando uma espécie de faxina das aporias presentes no texto freudiano. Esse estilo é marcado pela grande quantidade de obras de Freud citadas, ligadas pelo ponto conceitual estudado e pelo trabalho crítico e argumentativo sobre elas, o que levaria a prolongar demasiadamente esta seção. Assim, sintetizarei os apontamentos de Laplanche da obra de Freud e apontarei seu trabalho sobre ela. Ademais, indico a obra de Laplanche, como um todo, como um grande material de apoio a todo aquele que pretende se aprofundar no pensamento de Freud, justamente pelo fato de Laplanche realizar essas indicações conceituais.

Assim, a primeira noção destacada por Laplanche é de pulsão e sua derivação teórica a partir do instinto, feito por Freud em textos como *Os três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1996) e *Os instintos e suas vicissitudes* (1915/1996b). Laplanche notou dois sentidos similares presentes nas duas noções: assim a pulsão, *Trieb* em alemão, é relativa ao verbo *treiben* e significa empurrar; já o instinto remete ao verbo latino *instigare*, que também significa empurrar ou incitar. Para o autor, Freud deslocou esses termos produzindo uma diferença, a qual é o *instinkt* relativo ao comportamento pré-formado num esquema fixado hereditariamente. Já a pulsão será derivada por apoio a esse

conceito, remetendo a um paralelo entre o engendramento conceitual e o próprio engendramento no sujeito.

No texto de 1915 (1996b), Freud aponta quatro eixos norteadores da pulsão: impulso (*Drang*), alvo (*Ziel*), objeto (*objekt*) e fonte (*Quelle*). O impulso diz respeito à força das pulsões e se associa em toda a obra freudiana ao aspecto econômico da metapsicologia. O alvo é entendido como aquilo que exerce uma atração sobre a pulsão, que seguindo a lógica de Freud, é o apaziguamento dessa através da satisfação. Já o objeto e a fonte podem coincidir com o alvo, já que o objeto aqui é a coisa ou pessoa pelo meio do qual a pulsão se satisfaz. Entretanto, a fonte é concebida por Freud como um processo somático localizado num órgão ou numa parte do corpo (LAPLANCHE, 1985).

Laplanche passa a analisar a relação entre instinto e pulsão por meio do exemplo do bebê sendo amamentado. Isso porque nos *Três ensaios* (1905/1996) Freud indica a existência do que chama de pulsão de auto conservação, a qual Laplanche remete ao instinto vital. Assim, o bebê esfomeado incorpora o leite materno pelo ato de sucção, medida auto conservativa essencial à manutenção da vida. Com seu desenvolvimento e possível etapa do desmame, a criança substitui o objeto “seio” pelo polegar, ato que não tem mais nenhuma finalidade vital, mas oferece certo prazer.

Assim, a pulsão – o ato de chupar o dedo – se apoia sobre uma função auto conservativa pervertendo-a, ou seja, transformando-a em outra coisa. Nesse ponto, Laplanche resgatou a noção de apoio (*Anlehnung*), cuja tradução clássica feita por Strachey foi o termo anaclítico, o qual implica numa perda de sentido. Destacando a tradução de *Anlehnung* por *étayage*, Laplanche resgatou o apoio como uma noção precisa. Portanto, uma primeira renovação oferecida pelo autor foi a indicação a respeito da pulsão sexual como não inerente, mas uma força que advém no humano a partir do apoio dela ao instinto auto conservador (LAPLANCHE, 1985).

Dessa maneira, Laplanche (1985) concebeu as zonas erógenas como zonas de passagem associadas à fonte da pulsão, ao caráter intersubjetivo que faltou ao pensamento de Freud. Isso porque essas zonas, assim como a pele – a superfície cutânea – são alvos do cuidado do outro: o toque da mãe. Assim, na origem do psiquismo, a sexualidade se apoia numa função vital em paralelo a esta. O termo apoio reaparece em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1996b) quando Freud fala nos dois tipos de escolha de objeto amoroso: a escolha narcísica e a escolha por apoio. Para Laplanche, estes dois tipos estão imiscuídos, posto que o tipo narcísico pode se referir ao modelo do ego, como

também ao modelo do ideal (o que eu gostaria de ser), mas também ao modelo daquilo que já se foi.

Remetendo-se ao caráter infantil presente no inconsciente, Laplanche (1985) articulou a escolha narcísica à escolha por apoio na mãe (outro), mas também apoio na pulsão. O narcisismo concebido como primário por Freud não poderia existir, já que nessa fase da vida, na qual somos a “majestade, o bebê”, não haveria uma agência organizadora que imprimisse essas representações no psiquismo. Com isso, o narcisismo parental direcionado à criança se apoiaria nos cuidados maternos, indicando o processo em paralelo apontado por Laplanche.

Ao longo de seu trabalho, Laplanche indicou como o narcisismo primário e o autoerotismo não são uma primeira etapa, mas sim secundários no desenvolvimento humano. Ele entende o objeto da pulsão como um ente a se instaurar, e não como algo presente desde o início. Assim, Laplanche indica ser uma aporia freudiana a máxima que diz que todo objeto amoroso é o objeto perdido, pois o dito objeto perdido já não é o mesmo que o objeto reencontrado (LAPLANCHE, 1985). É possível notar, assim, que Laplanche levou ao máximo seu trabalho sobre a hipótese funcional de Freud, indicando como o psiquismo humano trabalhou sobre transformações de conteúdos e não meras transposições como postula a hipótese tópica (LAPLANCHE; LECLAIRE, 1961/1992).

O problema da sexualidade, tal como entendida pela psicanálise, levou Laplanche a propor uma ampliação desse conceito. As críticas ao pansexualismo de Freud puderam ser revistas numa ótica positiva, na qual a sexualidade não era mais compreendida como tudo, mas como uma asserção de que em tudo haja sexualidade, tal como denota o conceito de sublimação. Afinal, destaca-se a perversão universal do instinto pela pulsão, sendo esta indissociável do caráter sexual humano.

Nesse sentido, os caminhos da pulsão estipulados por Freud (1915/1996b) podem ser associados a defesas contra ela; e nesse ponto Laplanche se questionou como poderia haver defesa sem o ego? Assim, o momento auto erótico, concebido como uma fase primária por Freud, é remetido por Laplanche a um tempo posterior. Seguindo os passos de Freud em sua teoria da sedução, a sexualidade humana se desenvolve em duas etapas: uma primeira fase em que o sexual não seria sexual (para Freud), momento no qual a criança experiencia situações sexuais sem o saber; e uma segunda fase emergente com as transformações da puberdade, na qual o sujeito já teria representações e vivências suficientes para reconhecer o que é da ordem do sexual. Aqui surge a noção freudiana de *Nachträglichkeit*, que Laplanche traduz pelo termo *après-coup*, que aborda o problema

da temporalização do ser humano. A vivência sexual infantil não reconhecida numa fase anterior, só é tomada como tal posteriormente (LAPLANCHE, 1985).

Portanto, a teoria da sedução, tida como mentirosa<sup>40</sup> por Freud na carta 69 a Fliess, chamada por Laplanche de teoria do *próton pseudos*, não seria assim tão falsa. Laplanche indicou nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933/1996a), um dos últimos escritos de Freud, uma passagem em que Freud constata a existência de uma sedução a qual ninguém escapa: a sedução dos cuidados maternos.

Portanto, o engano fundamental de Freud foi não ter percebido a passagem entre fato sexual e registro subjetivo. Assim, as fantasias histéricas que remetiam a um abuso por parte do pai, passaram a ser entendidas por Freud como a expressão da fantasia masturbatória vinculada ao complexo de Édipo. A derivação operada por Laplanche foi indicar que tal sexualidade, a qual o sujeito reage de forma defensiva, só poderia advir do outro, do adulto, do mundo externo. Nesse ponto, Laplanche apontou Ferenczi como aquele que soube identificar o choque traumático nessa confusão de línguas entre adultos e criança, sendo o termo “linguagem da paixão” de Ferenczi compatível com caráter sexual do mundo adulto. Assim, a teoria do *próton pseudos* descreve, para Laplanche (1985), a implantação do sexual adulto na vida da criança.

A partir daí, Laplanche passou a indicar o modelo biológico do psiquismo segundo Freud como aquele descrito em *Além do princípio do prazer* (1920/1996), como a superfície vesicular que filtra o impacto do mundo externo. Nesse texto, Freud abordou o surgimento das pulsões de forma a pensar o psiquismo humano como uma mônada fechada, na qual a sexualidade, a fantasia e o narcisismo viriam a brotar através de processos endógenos.

A partir de sua derivação do ego como fruto do processo de implantação, Laplanche (1985) destacou suas defesas assim como suas funções com base nas vias exógenas. Para ele, o texto fundamental para desdobrar essa leitura é o *Projeto* de 1895, pois tudo estaria lá. Assim, a tese freudiana sobre a vesícula perceptiva da mônada humana teria sido rebatido por seu próprio raciocínio exposto no *Projeto*. Lá, Freud descreveu o aparelho psíquico, ou aparelho da alma, como Laplanche aprecia nomear, através das conexões neurônicas, responsáveis pela percepção e administração dessa em

---

<sup>40</sup> A crítica lançada aqui por Laplanche diz respeito à compreensão que Freud teve sobre a fantasia relatada pelas pacientes histéricas, o que denota que Freud não soube balizar a articulação entre realidade psíquica e realidade material no psiquismo. A mesma crítica pode ser destacada no pensamento de Ferenczi, como abordarei no capítulo seguinte.

instâncias diferenciadas, que orquestrariam a dinâmica energética em termos da busca de uma homeostase, um equilíbrio psíquico.

Assim, o sistema psi (anotado por Freud com a letra grega referente a este) manejaria os processos primários presentes no inconsciente, por meio dos quais se registrariam os traços mnésicos ligados à percepção. O limite deste sistema é a barreira cutânea, o invólucro corporal, cujos filtros apaziguam a tensão filtrando as percepções. Essa barreira Laplanche associou as funções do ego que, tal como estipulado por Freud, tem como papel discriminar as informações do exterior das informações do interior do organismo, assim como buscar ações que visam descarregar o excesso de energia e evitar o aumento das mesmas (LAPLANCHE, 1985).

Porém, o organismo do infante não tem como lidar com tudo isso sozinho; por isso Laplanche (1985) utilizou o conceito de desamparo (*Hilflosigkeit*), descrito por Freud em *Inibição, sintoma e ansiedade* (1926/1996b) como embasado na mesma intersubjetividade que libidinizara as zonas corporais: o cuidado e o narcisismo do outro.

Assim, o protótipo da alucinação do seio como processo primário psíquico foi entendido como uma cena curta, rudimentar e feita de objetos parciais, captados pelos filtros perceptivos do sistema psi, processo que indica: a precocidade do aparelho psíquico e o excesso de realidade coabitando o sistema. Desse modo, a formação do ego apoiado no narcisismo do outro faz com que ele seja engendrado como uma parcela do sistema psi, que teria como papel uma função de ligação e outra defensiva (LAPLANCHE, 1985).

Portanto, o narcisismo, como amor de si para si, implica num movimento perverso de tomar o ego-corpo como alvo de amor e cuidado. O corpo é tratado como um todo objetual, afagado e contemplado em seu invólucro fechado pelo revestimento cutâneo. O problema dessa visão de fechamento consta da descrição de Freud em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911/1996), concebendo o aparelho fechado, anobjetal e desenvolvido em termos genéticos. O que Freud não vislumbrou é que a alucinação adviria no hiato entre a necessidade (fome) e o cuidado materno (o seio).

A esse respeito, Laplanche (1985) inseriu mais uma problematização: seria possível pensar a gênese de uma verdadeira relação de objeto unicamente pela via da pressão interna? A isso remeteu o problema da representação do outro humano como um enigma. Assim, se o ego não é um inerente assim como o narcisismo primário também não o é, o que existiria desde o início seriam as pulsões sexuais mediatizadas pelas zonas erógenas.

Em decorrência, a relação entre o narcisismo e o processo de identificação se daria de forma precoce, balizadas pela zona de contato e de toque que é a pele. Para destacar essa relação, Laplanche remeteu a dor como efração que supõe a existência de um limite. Então o ego desabrocha da superfície de contato a partir da representação do outro humano, enquanto semelhante da criança, num processo de identificação sumária e precoce (LAPLANCHE, 1985).

O problema do fora e do dentro do organismo direcionou Laplanche às dificuldades teóricas de Freud em dominar a pulsão de morte como conceito articulado à ideia de conflito psíquico. O problema da agressividade se mesclou a este binarismo através de seu destino: auto agressão (masoquismo) e hetero agressão (sadismo). Na concepção freudiana de 1920, de acordo com a última teoria pulsional, Freud pensou o masoquismo como originário, de modo que a agressividade atuaria sobre o próprio sujeito. Laplanche recorda que em 1915, n' *Os instintos e suas vicissitudes*, Freud identificou a pulsão de dominação como uma primeira pulsão emergente na criança, que para ele seria não sexual (LAPLANCHE, 1985).

A pulsão de dominação se manifestaria através dos encontros da criança com as situações frustradoras, como a fome ou a dor. Assim, diante do excesso de estímulos do ambiente externo, em contraponto à vivência parasitária no útero, o primeiro afeto a advir no humano seria o ódio. Assim, a criança seria amparada pela dita pulsão, numa tendência a controlar o objeto externo responsável pelos seus cuidados (FREUD, 1915/1996).

Retomando o texto de 1915, Laplanche (1985) discutiu dois caminhos da pulsão: a transposição ao contrário, que incide sobre as noções de passividade e atividade; e o retorno sobre a própria pessoa, ou seja, o masoquismo. O autor pontuou, novamente com base na ideia funcional de transformação, a atividade que retorna sobre o sujeito como sendo derivada e não mais originária.

Se o primeiro tempo de humanização da criança é o momento auto conservativo, o masoquismo não poderia ser originário no sentido que lhe é conferido por Freud, posto que implica um duplo movimento: o do sujeito como objeto e também como sujeito da ação. Laplanche (1985) indicou que seguiu as primeiras intuições de Freud, que segundo ele, diziam respeito ao tempo auto conservativo como ponto inicial, do qual é derivado, no psiquismo, o autoerotismo.

Este se constituiria como um segundo tempo, no qual o retorno ou a reversão na atividade auto conservadora estaria dirigida para o mundo externo (LAPLANCHE, 1985). É importante precisar que o que Laplanche denominou “mundo externo” se refere ao

entorno da criança e constituído pelas pessoas que participam dele, ou seja, o autor opera uma retomada da ótica relacional, um tanto negligenciada na psicanálise francesa.

Dessa forma, Freud primeiro compreende o masoquismo como expressão da pulsão de dominação, o que para ele é da ordem não-sexual. Dessa premissa, Laplanche destacou quatro dimensões relacionais: a introjeção do objeto que sofre; o fantasiar sobre o objeto que sofre; fazer sofrer em si o objeto e fazer a si mesmo tal como o objeto. O autor constatou que essas expressões psíquicas são testemunhadas na prática clínica de forma fluída e misturada e não separadas como expostas acima, pois a teoria nunca conseguirá traduzir totalmente as vivências humanas (LAPLANCHE, 1985).

Uma autora que buscou apreender esses movimentos imiscuídos entre si foi Melanie Klein, numa tentativa de transpor a observação clínica *ipsis litteris* para a teoria. É possível afirmar que Ferenczi foi o precursor dessa tentativa, ao relatar suas observações clínicas mesmo que não tivesse uma explicação mais refinada e aperfeiçoada para acompanhá-las. Retornando a *Vida e morte* (1985), Laplanche afirma:

Assim, somos obrigados a admitir que a fantasia, introjeção do objeto, é perturbação e, essencialmente (quer seu “conteúdo” seja agradável ou desagradável) geradora de excitação auto-erótica. Ao mesmo tempo, como efração, a fantasia constitui a primeira dor psíquica e está ligada, pois, muito de perto, com seu ponto de origem, ao aparecimento da pulsão sexual masoquista (p. 100).

Ao analisar o artigo de Freud *Uma criança é espancada* (1919/1996), Laplanche (1985) discorreu sobre a fantasia que deu nome ao texto. Assim, esta é expressa em três etapas: “meu pai espanca uma criança que eu odeio”; “meu pai me espanca”; “espanca-se uma criança”. A última fórmula, mais genérica, constitui o sintoma do sujeito. Já a primeira é a forma como a fantasia se expressa na consciência, podendo ser a transposição de cenas realmente testemunhadas. A segunda constitui o núcleo inconsciente da mesma, sendo acessível apenas através da reconstrução analítica.

Essa cena é nitidamente sexual e remete ao prazer paterno. Assim, da passagem pelas etapas, surge a fantasia entre o inconsciente e a sexualidade. A etapa um se relaciona ao ciúme edipiano, posto que o objeto da ação paterna é outra criança. Aqui, Laplanche (1985) questiona: em vez da sexualidade nascer do Édipo, não seria o Édipo que nasce da sexualidade, sendo esta, a princípio, não sexual e compatível com o caráter terno do momento auto conservativo?

Deixando essa questão em suspenso neste momento, na última conferência que consta no livro, Laplanche (1985) se debruçou sobre o problema da pulsão de morte.

Como afirmei anteriormente, para Laplanche, pensar na dualidade pulsional como representante do conflito psíquico seria mais uma aporia trabalhada por Freud. Nesse capítulo, o autor buscou indicar os pontos falhos na concepção freudiana da pulsão de morte e destacar a visão fisiológica presente no pensamento freudiano.

O autor relatou o paradoxo presente na ideia de masoquismo, já que o que pode ser sentido como desprazeroso para uma instância, pode ser aprazível à outra. O fenômeno da dor, como efração do limite e afluxo de energia não ligada, vem sobrepujar a noção de desprazer. Isso decorre do fato de Laplanche (1985) retomar o *Projeto* de 1895 como base deste desenvolvimento teórico.

No *Projeto*, Freud (1950/1996b) abordou o papel dos neurônios na transmissão das percepções externas e o modo com que esses passavam a informação no sistema psi. Nessa época, Freud fazia menção a energias que poderiam estar ligadas a representações e outro tipo que se apresenta desligada, caótica e esparsa. Ao pensar no problema conceitual da pulsão de morte, Freud derrapou justamente no modelo elaborado no princípio da teoria. Assim, se a satisfação era compreendida como o apaziguamento das tensões e se situaria no registro vital, como pensar a pulsão que se descarrega pelas vias mais curtas como associada à morte?

Mas Laplanche não foi muito adiante na tarefa de renovar teoricamente as questões da pulsão de morte nesse trabalho. Ele discorreu sobre o papel do masoquismo em articulação com a fantasia psíquica como expressões de um ‘corpo estranho em mim’, de caráter essencialmente traumático (LAPLANCHE, 1985). Essas concepções tomaram corpo ao longo de sua pesquisa, resultando em uma forma mais elaborada em *Novos fundamentos para a psicanálise* (1992g), escrito em 1987. Por enquanto, voltemos a seguir sua trajetória acadêmica.

#### 4.2. Origens psíquicas, origens da teoria

Entre 1969 e 1970, Laplanche fundou na Universidade de Paris VII, em Sorbonne, um programa de pesquisa em Ciências Humanas Clínicas e tornou-se professor titular da instituição. A partir de 1976, passou a dirigir o programa de doutorado em pesquisa psicanalítica, indicando claramente que tal programa não tratava de nenhuma espécie de formação clínica (SCARFONE, 1997).

A série de livros chamados *Problemáticas* são compilações das aulas dadas por Laplanche no curso de pós-graduação em psicanálise da Universidade de Paris VII e cada

qual versa sobre um tema central que seria problematizado e desenvolvido pelo autor ao longo de um ou dois anos. O curso inaugural é sobre a angústia e ocorreu entre novembro de 1970 e maio de 1973. Em cada um destes cursos, Laplanche inicia discorrendo sobre o papel do curso na formação analítica, salientando que esses não tratam de uma formação em si, mas de desenvolvimentos teóricos com vistas à renovação dos conceitos freudianos.

A partir de quatro categorias conceituais – repetição, recalçamento, retorno do recalçado e o *après-coup* – Laplanche propôs resgatar a dimensão teórica e interpretativa de noções fundamentais da obra de Freud. Acerca da interpretação, Laplanche (1988) indicou a necessária articulação desta com a regra fundamental analítica, a associação livre, a qual implicaria num aplainamento da leitura flutuante, nivelando todos os elementos teóricos a uma mesma dimensão de importância, a fim de destacar os níveis de leitura deste, rastrear sua exigência conceitual e, por fim, desconstruí-los. Portanto, oferecerei na sequência uma breve retomada dos principais desenvolvimentos teóricos do autor nessa série de cursos, os quais se coadunaram às elaborações de sua teoria da sedução generalizada.

Assim, na primeira problemática sobre a angústia, Laplanche (1998) apresenta um quadro geral do tema e de como ele se articula aos vários aspectos da teoria freudiana. Sua principal preocupação é rever esse conceito em sua relação com a pulsão e, para tanto, o autor revê as duas teorias da angústia em Freud, o caso do pequeno Hans e do Homem dos Ratos, a articulação da angústia na tópica psíquica e sua relação com os complexos de Édipo e da castração.

Ao fim, considera a angústia como sinalizadora do perigo interno constituído pelo “corpo estranho” pulsional e já nos adianta seu próximo desenvolvimento: pensar como a castração pode servir como código regulador da pulsão (LAPLANCHE, 1998).

Em *Problemática II: Castração/ Simbolizações* (1988), desenvolvida entre novembro de 1973 e maio de 1975, Laplanche seguiu esse problema e questionou a princípio a universalidade do complexo de castração. O autor revisou vários rituais culturais ligados à castração, como a circuncisão e se perguntou: afinal a castração é uma hipótese condicional ou categórica?

Colocando em evidência a preposição de ligação *de*, que liga a angústia à castração, Laplanche (1988) indica elaborações suas relativas à perda de referência que, para ele, é a marca principal do inconsciente. Ao vincular os dois conceitos – castração e simbolização –, ele volta sua atenção para o complexo de castração como ligado à

simbolização do sexo e do gênero, já que oferece um código binário que auxilia a criança nessa tarefa, tal como se testemunha no caso de Hans. Para ele, Hans elaborou uma teoria infantil para compreender essas diferenças, indicando a Freud um caminho particular para destinar a angústia: sua dominação pela simbolização. O autor também indicou como tal código se inseriu no mundo adulto, o qual é apresentado à criança que adota tais avatares em sua própria elaboração.

O curso seguinte, oferecido entre novembro de 1975 e fevereiro de 1977, trata do conceito de sublimação (LAPLANCHE, 1989), que, apesar de ser muito citado por Freud, não foi suficientemente discutido, inclusive no que se refere a sua parcela atuante no processo de fim de análise. Laplanche (1989) dissecou tal conceito relacionando-o ao mundo dos símbolos semióticos, os quais ele caracteriza como sendo polissêmicos. Indicou o papel da sublimação no próprio processo de simbolização, posto que ela atua sobre o movimento de desligar e ligar o afeto à representação.

O problema que ele pontua é a possibilidade de a sublimação ocorrer sem a participação do caráter sexual, de acordo com a visão da psicanálise. Laplanche (1989) se orienta a uma resposta negativa, já que efetua uma leitura no sentido de ampliar a noção de sexualidade dentro da obra freudiana. Assim, o autor propôs uma oposição ao sentido de sexualidade em Freud, a qual seria exclusivamente genital, e recuperou o valor sexualizante das zonas erógenas. A partir de uma derivação da sublimação em relação ao processo de recalçamento, o autor recorreu à ideia de apoio como base sobre a qual a pulsão se assentaria. Novamente, Laplanche (1989) comentou como para Freud o problema do sistema psíquico estava no fechamento, enquanto para ele havia uma inegável abertura do sistema em busca de uma excitação.

Na *Problemática IV: o inconsciente e o id* (1992h), desenvolvida entre novembro de 1977 e fevereiro de 1979, o autor recuperou o debate sobre o inconsciente realizado no Colóquio de Bonneval, cujo texto foi publicado ao final dessa edição. A primeira metade do livro foi dedicada a essa discussão, com uma análise crítica de sua ideia sobre o realismo do inconsciente. A segunda metade Laplanche (1992 h) aborda as questões do id e recupera as observações de Melanie Klein sobre a precocidade da agressividade e do sadismo na criança, para indicar o papel central da pulsão de morte no inconsciente.

Seu trabalho seguinte, *A tina: a transcendência da transferência*, é sobre o caráter técnico da psicanálise, ou seja, o papel da transferência na situação analítica. Laplanche (1993) desenvolveu a ideia de *setting* psicanalítico como uma tina de contenção, que forneceria os elementos ligadores necessários a uma ordenação do trabalho. Assim, o

horário, local, formatação do espaço clínico e a postura do analista – numa recusa em ser uma pessoa plena – favorecem a segurança necessária para o desnudamento proposto ao paciente. O autor recuperou as discussões de Daniel Lagache (1990) acerca da transferência, para destacar a ideia de uma situação analítica produtora da transferência, de acordo com a revisão do artigo de Ida Macalpine sobre o tema.

Lagache (1990) afirmou que a situação analítica para Macalpine produz a transferência por conta das seguintes características: a sensação de segurança que permeia o ambiente analítico favorece a regressão do paciente, desvelando seu aspecto infantil cristalizado no inconsciente; por outro lado a ambivalência é instaurada a partir das frustrações impostas pelo analista, em sua recusa em ceder ao amor transferencial do paciente.

Laplanche (1993) trabalhou essa problemática entre novembro de 1979 e fevereiro de 1984 e pontuou um desdobramento dessas ideias ao relacionar a recusa do analista em se oferecer como objeto ao paciente como fonte da produção transferencial. O autor lançou algumas considerações sobre o aspecto anti-hermenêutico da psicanálise, do qual falarei mais adiante.

A problemática número VI não foi publicada no Brasil, e versa sobre a temporalização do ser humano a partir da noção de *a posteriori*, ou de *après-coup*, tradução proposta por Lacan e que foi adotada por Laplanche (2006) e que adoto também.

O autor refaz a trajetória conceitual do *après-coup* desde as cartas de Freud a Fliess e nos reaparecimentos desse ao longo da obra freudiana. A incursão conceitual de seve ao fato de o termo *après-coup* ter sido desenvolvido durante os anos iniciais da psicanálise de modo atrelado à teoria da sedução de Freud. Apesar do pretense abandono dessa teoria por Freud, a ideia de um psiquismo elaborado em dois tempos se manteve presente em Freud. Para Laplanche (2006), o *après-coup* foi tomado por Freud apenas em seu aspecto retroativo, e para Laplanche, esse movimento de temporalização implicaria tanto a flecha temporal que retrocede, quanto a que avança.

É possível perceber que em sua reelaboração dessa noção também está presente uma preocupação com os termos não considerados por Freud anteriormente. Adiante, ao descrever os fundamentos da teoria da sedução generalizada, discorrerei sobre a ideia do autor em sua relação com a formação psíquica e os elementos recalcados por Freud.

Em 1987, Laplanche publicou importantes livros já relacionados à sua teoria, que ele chama de teoria da sedução generalizada. São eles: *Novos fundamentos para a*

*psicanálise* (1992g) e *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante* (1997)<sup>41</sup>. Deste, destaca-se a conferência *A revolução copernicana inacabada* (1992d), proferida em vários países, inclusive no Brasil, no Instituto *Sedes Sapientiae*, em 1993. Esse artigo também reaparece no livro que contém seu nome. Porém, destacarei o conteúdo dessa palestra neste tópico, para no tópico seguinte, apresentar os outros trabalhos citados, que, a meu ver, já abordam a teoria da sedução generalizada como um corpo teórico bem desenvolvido.

N'A *revolução copernicana inacabada* (1992d), Laplanche abordou de modo relacionado o movimento teórico de Freud aos deslocamentos teóricos e astronômicos da física de outrora. A revolução mencionada no título diz respeito justamente a esse movimento de aproximação e de afastamento entre a terra e o sol. É um texto bastante erudito, no qual Laplanche irá comentar as descobertas e os avanços do conhecimento astronômico tendo em vista a oscilação entre uma perspectiva ptolomaica e outra copernicana.

Como se sabe, Ptolomeu defendia a hipótese de que a Terra estava no centro do universo e que todos os outros corpos gravitavam ao redor dela. Laplanche notou como a tese ptolomaica retomava ideias de importantes pensadores da Grécia antiga, conferindo a eles uma revisão pretensamente científica. Copérnico transcendeu a barreira epistemológica através da observação e lançou uma hipótese oposta: a Terra era apenas mais um corpo celeste gravitando ao redor do sol. Laplanche (1992d) indica que essa teoria já havia sido elaborada por Aristarco de Samos e que Copérnico provavelmente a ignorava.

Em decorrência de suas proposições, Copérnico operou um descentramento na teoria, assim como na própria visão de homem, antes subalterno a leis maiores e independentes dele. Laplanche (1992d) recorreu a essa metáfora para demonstrar sua ideia de que na vida humana o mesmo ocorreria: não somos nosso próprio sistema de referência, nossa referência é o outro.

Num movimento similar ao de Copérnico, Freud inaugurou a psicanálise como uma teoria que tinha como base um impulso propulsor advindo do outro, que era exógena. Assim, na teoria da sedução, ao relacionar as mazelas históricas à ação de outro, que com sua sedução daria início a atividade psíquica da histórica, Freud partiu de uma visão

---

<sup>41</sup> Este livro foi publicado na França como *Problemática VII*. Aqui no Brasil foi publicado à parte pela Editora Zahar.

descentrada de sujeito, com que este não seria causa de si mesmo, mas consequência da ação alheia (LAPLANCHE, 1992d).

Quando, em setembro de 1897, Freud abandonou a teoria da sedução, ele retornou a uma visão centrada no sujeito – endógena – cujas origens do mundo psíquico se encontrariam na constituição e na hereditariedade. É este movimento de avanço e depois recuo que Laplanche (1992d) pretende ilustrar com a frase “revolução copernicana inacabada”, posto que, para ele, Freud sempre se manteve dividido entre essas duas posições. Tanto é que o presumido abandono da teoria da sedução é entendido por Laplanche como um desvio, ao qual é possível rastrear na obra de Freud possíveis retornos obscuros.

Os desvios de Freud se referem à visão de fantasia retroativa, de transmissão hereditária, à ideia de inato e aos modelos genético e hierárquico – esses aspectos que Laplanche (1992d) se propôs limpar da teoria freudiana.

Em todos os seus trabalhos, Laplanche rastreou o desvio freudiano e problematizou outros pontos da teoria freudiana em que o autor ainda manteve uma posição copernicana, ou seja, quando Freud conseguiu pensar os fenômenos clínicos a partir de um instrumental engendrado pela própria psicanálise. Ao se desviar desse caminho, Freud recorreu ao saber já pronto com o qual tentou encaixar seu objeto de pesquisa: o pensamento positivista, mecânico-fisicalista e evolucionista (LAPLANCHE, 1992d).

Ademais, a perspectiva teórica descreveria o próprio movimento do sujeito psíquico que, engendrado a partir da ação do outro, se desviaria a partir da constituição de seu ego, instância privilegiada para Laplanche (1992d) pois era a responsável pelas traduções historicizantes do próprio sujeito.

Para o autor, o psiquismo humano é caracterizado pela passividade e pela abertura inicial, as quais são subvertidas a partir da ação pulsional do outro adulto em sua relação de amor e de cuidados para com a criança. Somente no *après-coup* a formação tópica que o pequeno humano entra num movimento de fechamento, quando há emergência do narcisismo como mecanismo propulsor da formação do ego-instância (LAPLANCHE, 1992d). Abordarei esse desenvolvimento teórico seguindo as etapas elaboradoras de Laplanche.

Esta palestra ilustra bem a visão epistemológica que Laplanche (1992d) tem da psicanálise, como também pode servir como uma justificativa de seu método. Apoiado nas derivações descentralizadoras, Laplanche propôs uma retradução dos conceitos

fundamentais da psicanálise, ligando os elos perdidos deixados por Freud. Nesse sentido, é interessante notar suas ideias de paraconceito ou conceito implícito, as quais “oferecem possibilidades de grande riqueza aos desenvolvimentos pós-freudianos, mas essa riqueza lhes é em grande parte atribuída por nós, justamente porque o autor não os desenvolveu (LAPLANCHE, 1997, p. 29). Tais conceitos, que serão recuperados por Laplanche em sua teoria da sedução generalizada, são: o apoio, a sedução e o *après-coup*.

Em *Novos fundamentos para a psicanálise* (1992g), Laplanche continuou o trabalho de revisão da obra freudiana com o objetivo de deslizar dessa teoria conceitos renovados. O trabalho é dividido em duas partes: a Catártica, na qual o autor tece algumas críticas sobre pontos falhos da teoria psicanalítica; a de Fundamentos, na qual ele lança as premissas fundamentais de sua teoria da sedução generalizada.

Pontuarei algumas das críticas realizadas por Laplanche na primeira parte do texto para apresentar, no tópico seguinte, a segunda parte, considerada a obra inaugural de sua teoria.

O autor inicia indicando que irá rever quatro conceitos fundamentais do corpo teórico psicanalítico, os quais são considerados como recursos usados de ciências vizinhas, sendo estes: o biologismo, a filogênese, o mecanicismo e a linguística. Os três primeiros termos remetem diretamente à obra de Freud, já o último diz respeito à tese de Lacan sobre o “inconsciente estruturado como uma linguagem”. O biológico presente no pensamento de Freud apareceu de quatro maneiras, muitas delas imbricadas entre si. Dessa forma, o biológico surgiu como origem, como modelo, como esperança futura e como terapêutica. Essas duas últimas categorias se entrecruzam, já que, segundo Laplanche, Freud acreditava que no futuro as substâncias químicas viriam a amenizar as mazelas irreduzíveis no tratamento psicanalítico, até mesmo substituindo a terapia. Até porque a própria libido era compreendida como parte da química biológica, e produto do metabolismo; seu manejo artificial poderia render êxitos consideráveis e independentes ao tratamento (LAPLANCHE, 1992g).

Apesar desses conceitos, seu foco principal de debate é o aspecto biológico como modelo (*Vorbild*): dos processos psíquicos, da constituição do ego, das organizações psicopatológicas ou como concepção do aparelho psíquico. Como exemplo, Laplanche indicou o luto como modelo normal da melancolia.

O modelo serviu a Freud como base para pensar a origem do psíquico. O modelo mais famoso foi o apresentado no capítulo VII d’*A interpretação dos sonhos* (1900/1996), em que Freud concebeu o aparelho mental como uma sucessão de registros de memória

entre os quais ocorrem novas inscrições sucessivas. Esse tipo de raciocínio também consta no *Projeto* de 1895, no qual Freud trabalhou a relação entre a energia (química) e seus níveis, cujo ponto de equilíbrio seria a ideia de homeostase. Assim, o aspecto biológico se entrelaça no pensamento de Freud como modelo do psiquismo, modelo de suas origens e fundamento desse, aspecto que preside a relação entre a vida e o sujeito (LAPLANCHE, 1992g).

Para Laplanche (1992g) esta visão acarreta um reducionismo simplista do aparelho psíquico, tal como denota o modelo da mônada fechada expresso em *Além do princípio do prazer* (1920/1996). Da mesma forma, o conceito de paraexcitações (*Reizschutz*), crucial para a compreensão da relação entre meio externo e o traumatismo, é visto numa ótica neurológica, numa aproximação ente aparelho mental e cerebral. A *vulgata* freudiana estaria em pensar os aspectos vitais, tais como a pulsão, a sexualidade e o ego como aquilo que é recalcado, considerando a cultura o lado recalcante que viria a se sobrepor a este (LAPLANCHE, 1992g).

O segundo ponto, a visão filogenética presente no pensamento sobre a pré-história do ser humano, incide mais fortemente sobre o conceito de pulsão, não obstante também se faça presente na elaboração acerca das fantasias originárias. Tal como afirmei ao longo deste trabalho, a lei de Haeckel era bastante valorizada na época de Freud e tanto ele, quanto Ferenczi lançavam mão dessa visão considerada científica, que remete ao legado darwinista.

A lei de Haeckel possibilitava explicar noções enigmáticas, tais como a pulsão, ou a precocidade psíquica, relegando-a a manifestação de conteúdos hereditários. A fantasia originária como via hereditária implica numa visão praticamente endógena do complexo de Édipo, angariando-lhe uma característica mítica. Da mesma forma, o mito da horda primeva falha por apresentar um pai mítico que encarnaria o próprio Édipo em si, já que escapa da ordem universal estipulada por Freud (LAPLANCHE, 1992g).

Em relação ao mecanicismo fisicalista presente nas elaborações freudianas, Laplanche (1992g) os identifica como influência da formação do autor, aluno de Ernest Brücke e Hermann Helmholtz. Esse aspecto leva a outro nível de reducionismo, ao simplificar processos intrincados, como a dualidade pulsional, e situá-los como um funcionamento meramente físico-químico.

Pior que isto, Laplanche (1992g) indica essas explicações de Freud como uma falsa biologia, pois elas visariam encaixar as descobertas psicanalíticas num modelo visivelmente incompatível. O mecanicismo freudiano se expressou de formas variadas,

tal como se atesta no antropomorfismo das instâncias psíquicas, sejam estas relativas à primeira ou à segunda tópica.

Laplanche (1992g) recorda do exemplo oferecido por Freud n’*A Interpretação dos sonhos* (1900/1996), no qual o autor associa a instância censora a um porteiro que retira um público inconveniente (o recalcado) de uma plateia. Laplanche indica que tal antropomorfismo negligencia o fato de que tais instâncias sejam parte do aparelho psíquico, porém são superficiais e sem consistência histórica.

O mecanicismo freudiano também opera sobre o raciocínio dual que o autor sustentou por toda sua obra, opondo pulsões, formas de escolha objetal ou mesmo caminhos pulsionais. Retomando a crítica efetuada em *Vida e morte em psicanálise* (1985), Laplanche (1992g) indicou esse processo diante do problema da escolha objetal, presente em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914/1996b). Dessa maneira, Freud opôs a escolha narcísica à escolha por apoio, sem integrar os aspectos mesclados de ambas escolhas.

Todos esses aspectos presentes na obra de Freud – biologismo, filogeneticismo e mecanicismo – convergem em sua concepção de pulsão de morte, entendida como a “mãe” de todas as pulsões e necessariamente biológica, posto ser a mais primitiva, uma espécie de morte anterior à própria vida. Como esta, a compreensão freudiana acerca dos processos primários também contêm os três aspectos, já que esses são vistos como coisas que transmitem mecanicamente uma quantidade de movimento de um para outro.

Realizadas essas considerações, Laplanche (1992g) alicerça as bases renovadoras de sua teoria. Ele indica que uma situação fundamental é aquela que funda a si mesma e adianta que o ser humano é um ser teorizante ou mitizante. Segundo ele, nosso passado pode ser mítico, mas a busca humana por sentido nos faz buscar a verdade desse passado, sua história não escrita, o que nos leva a pensar nas teorizações acerca da criança. Destacando as diferenças entre o campo psicanalítico e o psicológico, Laplanche teceu algumas considerações sobre premissas psicanalíticas que foram apropriadas pela psicologia, incorrendo em erros e confusões. Seria a confusão duplicada, já que Freud derrapou neste terreno.

Assim, a partir do exemplo da alucinação primitiva do seio como protótipo de realização do desejo, Laplanche (1992g) constata que a alucinação é indicativa de uma abertura do aparelho psíquico ao meio externo. A confusão freudiana se dá ao confundir os signos que acompanham a satisfação com o seio como objeto da satisfação. Ademais, a alucinação, por mais que satisfaça um mínimo com o propósito de apaziguar a

frustração, não alimenta, ela não substitui o real. Para Laplanche, a alucinação indica o próprio nascimento da fantasia e a “decolagem da vertente sexual” (p. 82). Da mesma forma, a concepção de relação primária chamada simbiose entre a mãe e a criança, tropeça em seu próprio biologismo, posto que a prática cotidiana mostra que existem dissimetrias fundamentais nessa relação.

Portanto, para finalizar este tópico introdutório do pensamento de Laplanche pontuou que sua crítica, via um trabalho heurístico, embasada no dogmatismo e contra a vaidade narcísica vinculada entre psicanalistas e a teoria, tal como testemunhara em sua relação com Lacan. Entretanto, a proposta de “retorno a Freud” de Lacan operou uma primeira derivação no trabalho de Laplanche que, envolvido com a tradução da obra de Freud, engendrou uma verdadeira exegese da obra dele ao longo de sua carreira.

Armado com o próprio método psicanalítico e confiante dos descentramentos necessários à vitalidade da teoria, Laplanche “fez trabalhar” Freud de forma a limpar as aporias presentes em sua obra, o raciocínio mecânico-biologicista e o binarismo opositor a fim de extrair dos (des)desvios do pai da psicanálise uma base nova sobre a qual assentá-la.

#### 4.3. O ‘corpo estranho’ em mim: o outro e o inconsciente

Neste tópico, me debruçarei sobre a produção teórica de Laplanche relativa à sua teoria da sedução generalizada, a respeito da qual o livro *Novos fundamentos para a psicanálise* (1992g) é o marco fundador. Assim, darei continuidade à exposição e indicarei os avanços teóricos espalhados por diversos trabalhos de Laplanche, em geral artigos organizados em livros, muitos deles sem publicação no Brasil. Ademais, é importante salientar que mediante a própria exigência metodológica e argumentativa de Laplanche, ele se mostra repetitivo em seus trabalhos.

Em geral, inicia seus textos indicando a problemática conceitual que será trabalhada e, apoiando-se no texto freudiano, discorre sobre os desvios e dificuldades teóricas de Freud a fim de derivar um saber renovador. Em alguns momentos, Laplanche afirma que seus argumentos nem sempre figuram explicitamente em Freud, ou nem mesmo podem ser encarados como uma verdade oculta a seu texto. Pelo contrário, Laplanche deixa claro que, de muitas dessas leituras, extraiu “aquilo que gostaríamos que

Freud tivesse dito, mas que não está nele” (1997, p. 38), destacando a diferença entre a sua produção e o discurso lacaniano sobre o “verdadeiro Freud”.

A teoria da sedução generalizada é apresentada na parte II de *Novos fundamentos* (1992g), depois que Laplanche realizou a “desobstrução teórica” (p. 95) do trabalho de Freud. Como relatei acima, Laplanche é contundente em afirmar que se pode escolher um Freud em detrimento de outro, dada a polissemia despertada pela leitura de sua obra. O autor também reafirma sua ideia de “novidade”, pois nota que há uma simetria entre o que ocorre na teoria e o que ocorre no ser humano. Assim, o originário da teoria psicanalítica se emparelha ao originário da constituição do sujeito psíquico, reproduzindo o movimento centrípeto fundador.

Através da articulação entre o trabalho freudiano e as observações antropológicas de Margaret Mead, analista da vertente culturalista que pesquisou sobre as relações entre adultos e crianças em vários contextos, Laplanche destacou uma redução ao fenômeno mais essencial: o confronto entre a criança e o mundo adulto. Essa situação relacional transcende os laços biológicos como também qualquer tipo de constelação familiar: o bebê humano, em sua prematuração biopsíquica, só pode sobreviver com a ajuda do outro. Para o autor, essa relação é completamente ancorada no aspecto pulsional presente no adulto e evolui rapidamente (LAPLANCHE, 1992g).

Para Laplanche (1992g), a importância das observações de Mead, comentadas por Merleau-Ponty no curso oferecido na Sorbonne, em 1964, e publicado no *Bulletin de psychologie*, se deve à concretude da relação abordada, sua evidência de fato, o que se articula com a proposta científica de Politzer, da qual Lacan teria eleito como instrumento a linguagem.

Laplanche (1992g) salientou que a linguagem não seria compatível com esse mínimo denominador comum, posto que a linguagem tratada pela psicanálise, que é a linguagem própria do inconsciente, não poderia ser reduzida à linguagem formal da linguística saussuriana. Aliás, em seu desenvolvimento teórico, Laplanche demonstrou como a linguagem que parasita o inconsciente trata da vertente oposta, sendo não verbal e fragmentária. Vejamos esta construção do autor.

Laplanche (1992g) afirma que o bebê descrito por Freud em *Sobre o narcisismo* (1914/1996b) é um falso bebê, que foi construído teoricamente, pois seria absurdo pensar num bebê, puro organismo, sobre o qual se instalaria um psiquismo. Pelo contrário, o bebê não é puro biológico, mas também não é uma tábula rasa: nasce com

comportamentos pré-determinados que Laplanche reconheceu, tais como o plano auto conservativo.

Tais comportamentos, que incluem uma espécie de comunicação rudimentar como o choro e o grito, servem, basicamente, para a manutenção da sobrevivência da criança. Outro ponto destacado pelo autor foi o modelo de organismo fechado descrito por Freud no *Projeto* de 1895 e em *Além do princípio do prazer* (1920/1996), que se refere à vesícula fechada. Para ele, em Freud o problema recaía sobre a abertura do sistema para a vida e para o mundo externo. Para Laplanche (1992g), o problema era inverso: de início não há nenhuma fronteira, não há espaço interno e externo. No *Projeto*, Freud reconheceu um excesso de realidade efetiva, perceptiva, no sistema psi. Para Laplanche, o problema seria encontrar o início do fechamento inibidor do sistema, em outras palavras: a formação da tópica psíquica.

Laplanche (1992g) retoma uma passagem em *Neuroses de transferência: uma síntese* (1915/1987), na qual Freud remete a um tempo, onto e filogenético, em que não haveria distinção entre os sistemas pré-consciente e inconsciente, num momento histórico prévio à linguagem e à censura, as quais seriam as responsáveis por provocar essa diferenciação.

Diante disso, Laplanche (1992g) pergunta: mas que tempo é esse e do que é constituído; é um puro inconsciente ou uma pura consciência? Novamente, o autor destacou a diferença entre o seu raciocínio e o de Freud: para este, o primeiro tempo humano é puro inconsciente cristalizado no id; para Laplanche, ele é uma consciência do excesso sensorial que provém do mundo externo. Recorrendo ao esquema de alternâncias entre presença e não-presença (do objeto) estipulada por Daniel Lagache, Laplanche (1992g) reconheceu esse jogo como um dos primeiros sinalizadores do movimento exógeno da formação psíquica.

Assim, a problemática do viés biológico do ser humano nascente não está na biologia em si do organismo, mas sim em sua desadaptação, ou seja, é a prematuridade do *infans* ao reagir diante do mundo adulto que constitui uma primeira dissimetria, uma diferença.

Para Laplanche (1992g), o autor que destacou sabiamente esse problema foi Ferenczi em seu texto sobre a *Confusão de línguas* (1932/2011c). Quando Ferenczi falou sobre a paixão do adulto, estava salientando os lapsos presentes nessa, a “inconsciência” das mensagens inconscientes que o adulto recusa ou não consegue reconhecer. Assim, Laplanche (1992g) ofereceu uma primeira delimitação da situação originária, a qual é:

(...) uma criança, cujos comportamentos adaptativos, existente mas imperfeito, débeis, estão prestes a se deixarem desviar, e um adulto desviante, desviante em relação a qualquer norma concernente à sexualidade (Freud o demonstra amplamente nos *Três ensaios*), e eu diria inclusive desviante em relação a si mesmo, na sua própria clivagem. Ainda é preciso acrescentar a nuance de que, permanecendo a criança presente no adulto, o adulto diante da criança será particularmente desviante, levado à operação falha, até o sintoma, nessa relação com esse outro ele mesmo, esse outro que ele mesmo foi. A criança diante dele faz apelo ao infantil nele. A relação originária se estabelece, devido a isto, num duplo registro: uma relação vital, aberta, recíproca, que podemos perfeitamente dizer interativa, e uma relação onde está implicado o sexual, onde a interação não ocorre mais, pois a balança é desigual. No ser humano, nem sempre há ação e reação iguais entre si, como quer a física; nele, há um sedutor e um seduzido, um desviador e um desviado, conduzido para longe das vias naturais: “a Traviata”, “a desviada”, “a desencaminhada”, “a seduzida”. (p. 110-111 grifos do autor).

Aqui vê-se um resultado dos debates anteriores estabelecidos por Laplanche, sobretudo no texto *Vida e morte em psicanálise* (1985): o aparelho da alma que registra incansavelmente os estímulos externos; o fechamento numa barreira para excitações; o toque erógeno do adulto nas zonas de contato da criança; a sedução inconsciente do adulto. Mas antes de chegar a esses pontos, Laplanche (1992g) discorreu sobre a teoria da sedução de Freud, a qual Laplanche denominou teoria da sedução restrita, para encaminhar o leitor a sua teoria da sedução generalizada. O termo fundamental aqui é a própria sedução, a qual, segundo Laplanche (1992g), é o fator principal na infância e na análise.

Dessa forma, o autor destacou três níveis da sedução: a sedução infantil; a sedução precoce e a sedução originária. A sedução infantil é aquela descrita na teoria da sedução restrita de Freud; é restrita justamente porque tem como foco apenas o elemento patológico: o abuso sexual infantil e sua consequência, a histeria. Nessa teoria, o fator traumatizante incidia sobre três eixos: o aspecto temporal, o aspecto tópico e o aspecto tradutivo. Assim, o tratamento concebido por Freud era atuar em direção à lembrança do fato traumático, recalcado no inconsciente, tornando-o consciente (LAPLANCHE, 1992g).

Laplanche (1992g) procedeu de forma a resgatar tais eixos na sua renovação teórica. Assim, o aspecto temporal envolvido no *Nachträglichkeit*, ou *après-coup*, estaria presente na teoria freudiana para explicar o movimento em dois tempos presentes na situação traumática. Seguindo o relato do caso Emma, presente no *Projeto* de 1895, temos o evento sexual traumático apresentado à Emma ainda criança (o toque do vendedor de

loja em sua região genital sobre o vestido -momento 1) o qual não gera uma reação imediata. Esta virá no *après-coup*, quando Emma, já adolescente, entra numa loja e se incomoda com o olhar dos vendedores (momento 2).

Esse segundo momento reativa o primeiro e lhe confere um sentido esclarecedor, o qual faltara no passado, porque entre a passagem do momento 1 para o 2 ocorreu a maturação sexual da jovem; a sua puberdade acarretou não só o conhecimento simbólico da sexualidade, como também a reação sexual em si mesma. Portanto, a defesa patológica, o recalçamento, incidiu sobre as duas lembranças, justapondo-as, sendo a segunda mais acessível à consciência, enquanto a primeira sedimentaria a segunda por trás da lembrança encobridora.

Esta distribuição de reminiscências se dá pela via da estratificação psíquica nas tópicas: inconsciente, pré-consciente e consciente. Já o aspecto tradutivo é retirado por Laplanche (1992g) da carta 52 de Freud a Fliess (1950/1996a). Nessa, Freud relacionava o processo de recalçamento com uma tradução falha num dos registros de memória. É exatamente essa noção presente na teoria freudiana da sedução focal, sendo que com o abandono dessa, a conceituação também desaparecerá. Laplanche resgata esta noção generalizando-a como o processo de recalçamento.

Outro elemento da teoria freudiana destacado por Laplanche (1992g) é a passividade da criança como fator imbricado na situação traumática. Lembremos d'As *neuropsicoses de defesa* (1894/1996), em que Freud mencionou o aspecto passivo da criança seduzida, sendo que esta situação eclodiria mais tarde na neurose histérica; já a neurose obsessiva foi conferida a Freud como fruto da atividade sádica da criança em relação a outrem, não obstante o autor cogitasse uma possível passividade anterior, numa época mais arcaica em que o jovem obsessivo também havia sido vítima da sedução. Assim, na origem traumática haveria sempre a posição passiva da criança.

Laplanche (1992g) propôs resgatar essas pistas deixadas por Freud, as quais ele não soube, ou não conseguiu, integrar a sua teoria psicanalítica após 1897, quando descobriu o papel das fantasias na chamada realidade psíquica.

Laplanche (1992g) indica a força e a abertura que a teoria da sedução freudiana continha: força dos conceitos lá forjados numa profunda articulação com a observação clínica; abertura teórica como também do psiquismo que ela descrevia. Através da articulação dos três eixos conceituais, a temporalidade como *après-coup*, a formação tópica e os laços tradutivos entre as cenas, Laplanche (1992g) destacou dois níveis de

sedução que compõe o quadro da sua teoria da sedução generalizada: a sedução precoce e a sedução originária do sujeito psíquico.

A sedução precoce é destacada por Laplanche (1992g) de passagens do próprio texto freudiano. Aqui a referência é *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933/1996a), sendo a mesma mencionada em *Vida e morte em psicanálise* (1985). Trata-se da sedução veiculada no trato materno da criança. A seguinte passagem freudiana, que consta nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1996) ilustra bem essa ideia:

O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma fonte incessante de excitação e satisfações sexuais vindas das zonas erógenas, ainda mais que essa pessoa- usualmente a mãe- contempla a criança com os sentimentos derivados de sua própria vida sexual: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como o substituto de um objeto sexual plenamente legítimo. A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está despertando a pulsão sexual de seu filho e preparando a intensidade posterior desta (FREUD, 1905/1996, p. 210-211).

Esse trecho trata claramente daquilo que Laplanche (1992g) chamou de sedução precoce e que foi associado por ele ao processo de implantação dos significantes enigmáticos de caráter pulsional, e que parasitam o inconsciente materno.

Essa mãe pré-edipiana era responsável pelos cuidados da criança, os quais transitam pela pele e pelas zonas erógenas, que são zonas de cuidados higiênicos, e, em sua inconsciência, transmite conteúdos psíquicos que despertam o nascimento do pulsional infantil. Freud não anteviu isso e não levou em conta a inconsciência materna e os aspectos mesclados das zonas erógenas, focando-se apenas no eixo genital (LAPLANCHE, 1992g).

Laplanche (1992g) interrogou o binarismo passividade-atividade presente nas conceituações freudianas sobre as origens do psiquismo. Tomando como base a análise efetuada por Freud em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* (1910/1996b), que tem por base a recordação de Leonardo sobre a imagem do milhafre enfiando sua cauda na boca da criança, Laplanche reconheceu a confusão de Freud acerca do binômio: afinal, onde Freud viu uma atividade oral, Laplanche detectou uma passividade em aceitar o objeto do outro.

Reconhecendo em Ferenczi a ousada sabedoria que o levou a identificar o aspecto dissimétrico na relação adulto-criança, Laplanche (1992g) deu um passo adiante ao indicar que Ferenczi também não levou em conta a inconsciência do adulto, seus lapsos

disruptivos que expressam a sexualidade perversa-polimorfa infantil. Esse ponto foi essencial para Laplanche definir a sedução originária: situação fundamental em que “o adulto propõe à criança significantes verbais e não-verbais impregnados de significações sexuais” (p. 134). Ou seja, a sedução originária se dá concomitantemente à sedução precoce, sua distinção é meramente didática, a fim de destacar os níveis implicados nesse processo em duas vias.

Assim, fornecerei uma definição aglutinadora desse processo fundamental denominado por Laplanche (1992g) de implantação das mensagens enigmáticas. Nos atos de cuidar e de acolher a criança (sedução precoce), mais do que expressar um tratamento inócuo, o adulto expressa mensagens parasitárias de seu inconsciente (sua sexualidade perversa-polimorfa, suas fantasias, seu narcisismo, sua pulsão de morte, a contrariedade dos conteúdos que coabitam o inconsciente, entre outros elementos). Essas mensagens são recebidas pela criança como um excesso libidinal, que ela ainda não tem ferramentas (representações psíquicas e meios físicos) para descarregar apropriadamente (sedução originária).

Dessa forma, a mensagem enigmática que habita o psiquismo adulto é enigmática, antes de tudo, para ele mesmo. Laplanche (1992g) indicou essa inconsciência como da ordem enigmática, pois são aspectos humanos de difícil simbolização para o próprio adulto. Menciona as teorias sexuais infantis como exemplo, já que os mistérios acerca do nascimento e da diferença entre os sexos mobilizam no adulto o caráter obscuro que afeta também as crianças, característica que leva o autor a dizer: “O enigma é sedução por si só” (p. 136).

Portanto, a sedução originária contém dois níveis: um primeiro, articulado à sedução precoce, na qual ocorre o processo de implantação do enigma do adulto através do toque e do cuidado; um segundo, no qual se instaura a tópica psíquica balizada pelo processo tradutivo. Para o autor, esse processo é associado à lógica da temporalização do sujeito em dois tempos, o *après-coup*. O primeiro tempo é marcado pela passividade infantil em receber as mensagens do adulto, sem que essas sejam recalçadas. O segundo tempo é caracterizado pela reativação do primeiro e confere o aspecto de um corpo estranho interno ao sujeito, que o ataca e que a criança tentará dominar. Essa tentativa que Freud ligou às teorias sexuais infantis, sempre falhas e insatisfatórias, e Laplanche (1992g) associou à conceituação de recalçamento como tentativa parcialmente fracassada de tradução.

Recorrendo ao trabalho da psicanalista argentina e aluna de Laplanche, Silvia Bleichmar intitulado *Nas origens do sujeito psíquico* (1993), o autor indicou como o segundo nível da sedução originária pode ocorrer ou não, implicando em organizações psíquicas relativas à psicose, nas quais o sistema psi não sofreria o fechamento operado pela instauração tópica. A explicação acima pode soar confusa e estranha, já que é necessário esclarecer ao leitor outros pontos conceituais trabalhados por Laplanche. O conceito convocado é o de pulsão, e Laplanche auto referencia seu texto *A pulsão e seu objeto-fonte: seu destino na transferência* (1992c). Vejamos brevemente o conteúdo desse.

Nesse trabalho, Laplanche (1992c) informa sua visão acerca do recalçamento originário, o qual inaugura a clivagem psíquica do sujeito, derivando um inconsciente primordial parasitado pelos conteúdos do id e outra parte formada pelos primeiros objetos-fonte da pulsão.

Conforme a teoria do *après-coup*, esse processo se dá em dois tempos: um primeiro momento passivo, no qual ocorre a implantação das mensagens enigmáticas provindas do outro; um segundo momento ligado a uma reatualização dos conteúdos depositados anteriormente, que se manifestam numa espécie de ataque interno, impactando a criança na forma de uma efração. Esse segundo momento é marcado pelo desenvolvimento infantil que, dessa forma, tenta dominar tais conteúdos através da atividade tradutiva.

Em *Curto tratado do inconsciente* (1999a), Laplanche destacou sua revisão acerca do modelo tradutivo do recalçamento, esboçado por Freud na carta 52 a Fliess. Assim, se o recalçamento era uma falha na tradução total das experiências vividas e percebidas da criança, o resto não traduzido depositar-se-ia num espaço psíquico que é o inconsciente. Através do movimento de recalque em dois tempos, as primeiras traduções infantis, extremamente arcaicas, coincidiriam ao que Freud (1915/1996a) denominou representações de coisa, que são registros imagéticos de mensagens variadas: de um toque na pele, ao som de uma risada, um cheiro específico. Tratam-se de objetos fragmentários, pois não se ligam às palavras que os organizariam numa coerência totalizante. O segundo tempo do recalçamento implicaria num desenvolvimento geral da criança, e, nesse momento, ela já teria melhores condições para dominar esses conteúdos, cujos depósitos seriam associados a palavras.

Recuperando as características do inconsciente, descritas por Freud no artigo sobre *O inconsciente* (1915/1996a), Laplanche (1999a) articulou a atemporalidade, a

ausência de contradição e da negação com as representações de coisa. Já o processo que Freud (1915/1996a) denominou de primário, relativo à mobilidade dos conteúdos – condensação e deslocamento – é vinculado ao segundo nível do recalçamento, posto que essa motilidade psíquica implicaria um trabalho mais sofisticado. Esta exigência de trabalho se aproxima da ideia de energia ligada, ou seja, ligaria as representações mais arcaicas às palavras que as contêm. Portanto, é possível notar que Laplanche recorre às noções de desligamento e de ligação presentes no *Projeto* de 1895 (FREUD, 1950/1996b) para vinculá-las às representações de coisa e de palavra, respectivamente.

Em seu artigo *A chamada pulsão de morte: uma pulsão sexual*, Laplanche (1999d) reviu algumas conceituações do pulsional presentes na obra freudiana. Uma delas, presente nos *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1996) definia a pulsão sexual como imediatista, cuja urgência a levaria a ser descarregada pelas vias mais curtas. Assim, teríamos as pulsões ligadas a objetos parciais, desligadas de uma coesão maior e disruptivas, as quais foram remetidas por Laplanche (1992c) à pulsão de morte. Já as descrições que Freud fez em *Além do princípio do prazer* (1920/1996) sobre a dualidade pulsão de vida e pulsão de morte, auxiliaram Laplanche a destacar da pulsão de vida a coerência e a exigência de trabalho características das representações-palavra.

Aliás, é necessário salientar que, para Laplanche, a descrição da pulsão no texto freudiano de 1920 seria, de fato, a primeira conceituação da pulsão de vida. Até então Freud estaria descrevendo os aspectos pulsionais apenas na vertente mortífera sem o saber. Laplanche (1992g) sugere que a autora que melhor descreveu os aspectos desligantes da pulsão de morte foi Melanie Klein, cujas observações clínicas de bebê e de crianças possibilitaram captar a força dos movimentos caóticos da pulsão de morte.

O elemento renovador, na visão de Laplanche (1992e), foi justamente o de sublinhar a característica sexual da pulsão de morte, a qual, para ele, não foi suficientemente destacada por Freud. Assim, a pulsão sexual de morte, na ótica da teoria da sedução generalizada, era a mais arcaica e primária no sujeito e era fruto da tentativa rudimentar de traduzir as primeiras mensagens enigmáticas do outro, implantadas na criança desde seu nascimento.

Esse nível do recalçamento originário coincide com o processo de sedução precoce e indica a precocidade do aparelho psíquico. Apenas no “só-depois” do desenvolvimento da criança que ela poderia oferecer traduções mais coerentes ao enigma implantado pelo outro. Dessa forma, as forças em jogo no conflito psíquico dizem respeito ao caráter paradoxal entre ligação e desligamento, já que o recalque como modelo

tradutivo da temporalização do humano incide numa face desligadora e outra ligante (LAPLANCHE, 1999c).

Dito a grosso modo, aquilo que fracassou na tradução seria desviado para o inconsciente, como resto que se liga ao objeto fonte da pulsão: a representação-coisa. Ademais, a expressão representação-coisa sem o *de* prepositivo foi inserida por Laplanche para por em evidência o fato de que o que é perdido nessa representação é justamente sua referência original, indicada pelo *de*.

Portanto, para Laplanche (1999c), o inconsciente é um ente parasitado por conteúdos cujos sentidos não se ligam a uma linguagem, pois não comunicam nada. Aqui temos a face enigmática do próprio sujeito, resquício dos depósitos do outro que habita em mim, e que não são metabolizados.

Em um de seus artigos mais recentes, *Os fracassos da tradução* (2015c) Laplanche destacou três tipos de tradução, segundo Roman Jakobson: a tradução intralinguística, mediada pela transposição de significados internos a uma mesma língua; a tradução interlinguística, provavelmente a mais comum, realizada de uma língua para outra e a tradução intersemiótica, a qual pode incidir sobre elementos verbais e não-verbais. Destas, indica a tradução intersemiótica como fundamental para compreensão dos conteúdos psíquicos. Nessa, há a possibilidade de uma comunicação entre uma linguagem não linguística e outra linguística, assim como, também, entre linguagens não linguísticas entre si.

Laplanche destacou a mobilidade relativa ao processo primário como um jogo contínuo de registros, os quais podem ser traduzidos, destraduzidos e retraduzidos. O artigo no qual esse processo fica mais claro é *O tempo e o outro* (1992f), em que o autor utiliza a história clássica de Penélope em sua espera pelo retorno de seu esposo, Ulisses. Depois de dez anos na guerra de Troia, Ulisses era assumido como morto. Pretendentes abordavam Penélope para contrair novas núpcias, porém ela, crente na possível volta do amado marido, os distraía enquanto confecciona uma colcha. Durante o dia, ela tecia a colcha (tradução) para, à noite, desfazer o trabalho feito (destradução). Assim, Laplanche relaciona o modelo do luto para indicar esse processo contínuo, posto que a perda do objeto amado implica uma revisão da história relacional que o liga ao sujeito.

Retomando os *Novos fundamentos* (1992g), o autor demonstrou sua renovação das instâncias e da tópica psíquica de acordo com os desdobramentos da teoria da sedução generalizada. Assim, a instância egóica coincidia com a tópica pré-consciente, sendo essa um espaço de síntese e de trânsito de mensagens e traduções. Sua constituição seria

concomitante ao narcisismo infantil sendo, a princípio, um ego-pele, conforme as descrições de Didier-Anzieu.

A partir da emergência do ego-instância o psiquismo sofreria uma espécie de fechamento através do filtro perceptivo do paraexcitações, inibindo e selecionando os conteúdos exteriores. O pré-consciente se tornaria o lugar privilegiado da metábole, processo de transformação dos conteúdos implantados pelo outro e processados pelo recalçamento, cujos restos não traduzidos seriam jogados no espaço psíquico que confere ao inconsciente. Assim, na visão de Laplanche, o inconsciente seria um reservatório de representações desligadas, posto que falharam em partes da tradução, e tornam-se os objetos-fonte da pulsão. Esses objetos-fonte pressionam o psiquismo numa exigência de trabalho, aumentando a pressão psíquica. Assim, o inconsciente é uma entidade movida pelas representações-coisa, portanto, pela pulsão sexual de morte (LAPLANCHE, 1999c).

A concepção laplanchiana de um psiquismo tradutivo gerou algumas reflexões dentro do campo da teoria da sedução, posto que pôs em evidência a emergência do pulsional a partir do processo de recalçamento em dois tempos, o que implicaria rever a teoria em face da prática cotidiana com crianças.

Em *O problema da identificação em Freud: recalçamento da identificação feminina primária*, Ribeiro (2000) esmiuçou como se daria um processo de tradução tão precoce a fim de instaurar a tópica psíquica, sem que pensemos numa criança exclusivamente psicótica. O autor recorreu a várias pesquisas da área neurocientífica sobre os processos mentais do infante e à tese de que, para articular os postulados de Laplanche com a observação de crianças, as primeiras inscrições psíquicas adviriam da tradução do outro.

A ideia de Ribeiro (2000) leva a pensar nos termos práticos aplicáveis a teoria da sedução generalizada. Se é o modelo do recalçamento/tradução que instaura a via pulsional no pequeno ser, quando e como este processo se daria? Com isso, é possível questionar a validade dos apontamentos de Laplanche, posto que a hipótese de Ribeiro sugere que a criança recebe passivamente a tradução do outro.

Em trabalho anterior a respeito da teoria da sedução generalizada, Baracat e Martínez (2012b) esclareceram a dialética que envolve o processo de recalçamento em dois tempos destacando que a tradução do adulto incide sobre a ideia de enigma, posto que, se as traduções são falhas, elas veiculam mensagens enigmáticas parasitárias nelas mesmas. Dessa forma, nunca teremos uma tradução pura nem um enigma puro, posto que

esse se expressa nas “inconsciências” dos atos dos adultos, sejam estes linguajeiros ou não.

Essa compreensão decorre da leitura de dois trabalhos, um de Laplanche e outro de Martens. N’*As forças em jogo no conflito psíquico*, Laplanche (1999c) indica o papel do outro no processo de recalçamento em dois tempos. O adulto cuidador é responsável pela transmissão das mensagens enigmáticas que incidem sobre a derme psicofisiológica da criança. Esses conteúdos são da ordem semiótica e podem ser apreendidos em suas formas mais diversas: gestos, toques, olhares, sons, entre outros. Esses conteúdos geram um movimento paradoxal, apesar de desestabilizar a criança com o excesso libidinal que a atinge, também a humaniza, posto que tais atos, em geral, são transmitidos através do vínculo narcísico que liga o adulto à criança.

Laplanche afirma:

A propósito da oposição ligação/desligação, voltemos ainda um instante para situação originária de sedução. Por ter insistido sobre os elementos de instabilidade, agressão e desligamento incluídos nas mensagens do outro, por ter declarado ironicamente que a mãe, a fim de gerar o pulsional na criança, deveria ser “suficientemente má”, corremos o risco de negligenciar o fato que o outro, parental ou não, fornece também ao infante o essencial de seu arsenal de ligação: seu amor, seus cuidados, seu suporte (*holding*) confortante do narcisismo infantil; por outro lado esse outro leva também para a criança os elementos- verbais, mas também extraverbais- indispensáveis para sua autoteorização; ele veicula a criança, remanejados a sua maneira, os mitos e cenários coletivos. Tudo isso, e outras coisas mais, são os “pais suficientemente bons” (LAPLANCHE, 1999c, p. 142-143 grifos do autor)<sup>42</sup>.

Em *Uma validação sócio-clínica da Teoria da Sedução Generalizada* (2007), Martens cunha o termo ‘assistentes de tradução’ para definir o processo descrito acima por Laplanche. Assim, a tradução veiculada pelo adulto, a qual Ribeiro (2000) nota ser recebida de forma passiva, implica em dupla face: enigmática em relação aos conteúdos

---

<sup>42</sup> No original: “A propos de l’opposition liaison/déliaison, revenons encore un instant aux situations originaires de séduction. Pour avoir insisté sur les éléments d’instabilité, d’agression et de déliaison inclus dans les messages de l’autre, pour avoir déclaré ironiquement que la mère, afin de générer le pulsionnel dans l’enfant, devait être “suffisamment mauvaise”, nous avons couru le risque de négliger le fait que l’autre, parental ou non, fournissait aussi à l’enfant l’essentiel de son arsenal de liaison: son amour, ses soins, sa maintenance (*holding*) confortent le narcissisme de l’enfant; d’autre part, il apporte aussi à l’enfant les éléments- verbaux mais aussi extra-verbaux- indispensables à son auto-théorisation; il véhicule à l’enfant, tout en les remaniant à sa façon, les mythes et scénarios collectifs. C’est tout cela, et bien d’autre chose encore, le parent “suffisamment bon”.

inconscientes parasitários nela, mas, também, assistente da tradução no que diz respeito aos elementos ligadores absorvidos pela criança.

Com isso, o reconhecimento do que é da ordem do enigma e do que é da alçada da tradução é detectado pelos níveis e nuances que esses conceitos sinalizam. Ainda em *As forças em jogo no conflito psíquico* (1999c), Laplanche infere como as mensagens do outro podem se estratificar em níveis do superego, oscilando entre mensagens enigmáticas internas ao sujeito, das quais ele pouco consegue metabolizar, e outras tantas, parasitárias no nível pré-consciente que se expressam através dos imperativos categóricos característicos dessas traduções.

Do que apresentei até o momento, é possível sintetizar: através da situação fundamental existente e necessária entre um adulto que cuida de uma criança, o adulto transmite mais do que os cuidados, já que as representações-coisa inconscientes transbordam do adulto como um ruído. Laplanche não deixa claro, e penso ser mesmo impossível precisar exatamente quando a criança começaria sua atividade de traduzir, mas lanço a hipótese de que, ainda no primeiro momento de implantação, a criança possa realizar traduções, as quais são extremamente arcaicas e fragmentárias.

Se relacionarmos essa ideia às observações clínicas de Melanie Klein, é possível notar um sentido possível (BARACAT; MARTÍNEZ, 2012b). Por outro lado, com o processo de recalçamento em dois tempos, temos que o adulto transmite não só mensagens enigmáticas como também os assistentes de tradução que facilitam o trabalho tradutivo da criança. Nesse sentido que Laplanche (1999c) indica na citação acima o papel dos pais “suficientemente bons”, como aqueles que desempenham, através de sua presença, um apoio a essa tarefa. Através desses códigos de tradução fornecidos pelo adulto, que a criança poderá realizar traduções menos parciais e mais ligadas aos objetos e palavras que a norteiam.

É por conta desse processo estratificado em um *après-coup* que Bleichmar (1994) estabelece seu trabalho com famílias cujo diagnóstico da criança indica uma possível psicose, ou dificuldades da ordem tradutiva. Seu trabalho pode ser entendido como uma “assistência a assistência de tradução” do adulto envolvido com a criança, posto que é essa função que possibilita o fechamento tópico que instaura as estratificações psíquicas, favorecendo a reversão de casos que, se não cuidados, poderiam advir numa psicose.

Portanto, noto que, para Laplanche, o caráter traumático é fundamental, posto que percorre toda a situação antropológica fundamental que incide na relação primordial entre o adulto e a criança. Sendo assim, como pensar no trauma no sentido clássico do termo?

Se o trauma está nas origens de todo humano, com que nome indicar o trauma que vai além dessa formatação?

Laplanche pouco trabalhou a questão das psicoses, mas deixou algumas pistas para que outros elucidassem os mecanismos envolvidos. Num breve texto intitulado *Implantação, intromissão* (1992b) o autor destacou a implantação da sedução originária como o processo mais cotidiano e saudável. Sua face obscura seria denominada por ele de intromissão, variante violenta da situação cotidiana, em que a mensagem enigmática viria a se intrometer, gerando uma espécie de curto-circuito na metabolização dessa. Laplanche sugere que, enquanto a implantação se infiltra através da derme psicofisiológica do infante, a intromissão se daria sobre as zonas orais e anais.

Seguindo essas pistas, pensamos que, assim como o processo de implantação vem acompanhado com a assistência tradutiva oferecida pelo *socius* da criança, provavelmente a intromissão acarrete, além da violência das mensagens, um fracasso nesta mesma assistência (BARACAT; MARTÍNEZ, 2012b). Nesse ponto, é possível visualizar a contribuição de Ferenczi para essa leitura, a qual desenvolverei no capítulo seguinte.

Laplanche (2015e) destacou, ainda, três acepções do termo inconsciente. O primeiro é o sentido freudiano, que corresponde a um inconsciente recalcado, povoado pelas representações-coisa desligadas de sua referência originária e fazendo pressão sobre o psiquismo.

O segundo sentido é chamado de inconsciente encravado e corresponde a uma espécie de depósito de mensagens enigmáticas que não foram traduzidas ou estão à espera de uma tradução. No caso das psicoses, o inconsciente encravado seria maciço e rígido a essa passagem, gerando uma espécie de “purgatório” de enigmas impossibilitados de serem traduzidos. Ademais, o inconsciente encravado, apesar de fornecer um modelo para o funcionamento psicótico, existe em qualquer sujeito, a diferença está no fracasso radical das traduções no caso da patologia (LAPLANCHE, 2015e).

O terceiro sentido da palavra inconsciente versa sobre o que Laplanche (2015e) chamou de “mito-simbólico”, o que coincide com os complexos de castração e de Édipo. Segundo ele:

O erro da psicanálise, em relação ao “mito simbólico”, é duplo: Querer incluir em meio às verdades que ela efetivamente descobriu (concernente ao aparelho da alma e à situação inter-subjetiva adulto-criança) e que são verdades “metapsicológicas”, os esquemas de narração, mais ou menos contingentes, que servem ao homem, numa situação dada, para ordenar, para historizar seu destino. É o caso antes de tudo do “complexo de Édipo” que, por mais geral que seja (com

numerosas variantes), não é uma característica do homem universal, não estando obrigatoriamente presente na situação antropológica fundamental.

Ter querido, mais ou menos explicitamente, indexar os mitos sobre a evolução “psicosssexual” do indivíduo. Geralmente enumeram-se de um só fôlego as “formações do inconsciente”: sintoma, ato falho, chiste, etc., e o mito. (p. 202, grifos do autor).

É possível observar que, para o autor, os complexos de Édipo e de castração compõem esquemas narrativos que fornecem uma ajuda à tradução da criança. Laplanche (2015e) observa uma espécie de transmissão transgeracional dessa tradução, até porque, no contato com a criança, o adulto sente reatualizar em si as experiências e moções de seu psiquismo infantil e perverso-polimorfo, de hoje e de outrora.

Essa relação implica, assim, uma dupla reação: a originária na criança e uma retroativa no adulto. As reações do adulto podem, e provavelmente são, de ordem dupla: transmissão de mensagens, processo inconsciente, em que se escapam os ruídos representacionais; transmissão também de códigos e esquemas narrativos, dos quais o Édipo e a castração são emblemáticos. Laplanche nota como esses esquemas incidem sobre vários aspectos da vida, como na problematização do gênero no humano.

Em *O gênero, o sexo e o sexual* (2015b), o autor observa como a designação do gênero se imiscui ao esquema da castração, pondo em jogo o binarismo opositor entre o ter ou não ter o pênis. Não obstante, Laplanche (2015b) reconhece o caráter polissêmico do gênero e, portanto, enigmático, posto que ao mesmo tempo em que o código instaure uma regra binária, parte desse é recalcado. Ou seja, os múltiplos sentidos que o gênero coabita são filtrados em partes que se tornam historicizadas e outras desligadas e depositadas no inconsciente.

É importante salientar que Laplanche não denega a existência de conflitos em relação ao gênero, à castração ou ao Édipo; o que o autor indica é que esses aspectos são transmitidos para a criança como assistentes de tradução oriundos do mundo cultural do adulto. Assim, esses conceitos não são fruto da expressão inerente do psiquismo, mas sim implantados na criança desde seu nascimento, ou mesmo antes, como é possível notar no caso do gênero enquanto atrelado à tradução do sexo anatômico (BARACAT; MARTÍNEZ, 2012b). Além do mais, Laplanche realiza uma interpretação balizada pelas várias vertentes do *après-coup* que indicam a transmissão dos laços edipianos como transcendentais à condição singular, ou seja, atrelado à organização cultural da família, sendo assim, parte integrante do sujeito histórico:

(...) seus desejos marcados de historicidade, de modo que, reconstruir o complexo de Édipo da criança como situação triangular, esquecendo-se que em dois ângulos do triângulo cada protagonista adulto é, ele próprio, portador de seu pequeno triângulo e mesmo de toda uma série de triângulos encaixados uns nos outros, é negligenciar um aspecto essencial da situação (LAPLANCHE, 1985, p. 51).

A temporalização, ou o historicizar-se, do sujeito, se dá na via do *après-coup*, processo eternamente inacabado, posto que o aparelho psíquico, tal como concebido por Laplanche, é aberto à vida. Para além da situação originária, existem as reativações dela assim como novos eventos, de maior ou menor impacto, que renovam continuamente o caráter enigmático da vida. São os conteúdos indomáveis, inexplicáveis e mobilizadores do sujeito. Ainda é preciso considerar que a noção de *après-coup*, tal como trabalhada por Laplanche (1999e), implica na inclusão de termos que facilmente são desprezados pela atenção seletiva.

Um exemplo bastante trabalhado pelo autor (1999e) refere-se a uma anedota contada por Freud em *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905/1996): um homem testemunha uma criança ao seio da ama de leite e comenta: gostaria de ter aproveitado melhor essa situação. A interpretação de Freud releva, praticamente, o óbvio: o desejo do adulto, sexual, reativado pela visão da criança. Assim, o *après-coup*, aqui, é encarado como essa reinterpretação do passado com base no presente.

Laplanche (1999e) indicou a negligência de Freud: a respeito da criança, que vive e registra a situação de antemão e da ama de leite como portadora de um inconsciente parasitado pela pulsão, cujo seio provedor se constitui como uma zona erógena, e também uma criança nas suas origens. Dessa forma, a noção de *après-coup* indica os vários sentidos que a cena comporta, sua polissemia própria do enigma, e o autor inclui nela todos os participantes.

Nessa via, a terapêutica psicanalítica é encarada por Laplanche (1992a) como uma anti-hermenêutica. Assim, se o sujeito humano é auto-teorizante desde a fundação tópica do psiquismo, na análise é fundamental propor ao sujeito a destruição das vias narrativas incompatíveis, digamos, ego-distônicas, do indivíduo. Em *O tempo e o outro* (1992f) Laplanche abordou o problema da temporalização do sujeito nessa via, indicando como o processo de luto, aqui também generalizado, implica na destruição dos laços narrativos e psíquicos que ligam os sujeitos aos seus objetos, materiais ou fantasmáticos. Este processo se assemelha ao trabalho clínico clássico, no qual o sujeito busca desconstruir as traduções conflituosas ou paralisantes.

Em *Da transferência: sua provocação pelo analista* (1992a), o autor recolocou em jogo o debate sobre o estatuto do inconsciente em relação às hipóteses tópica e funcional de 1915. Numa perspectiva lacaniana, por exemplo, em que se concebe o inconsciente como um texto oculto sobre a narrativa consciente, a interpretação se assimilaria a uma hermenêutica do sujeito, posto que buscaria trazer à tona os sentidos ocultos da fala do paciente.

Laplanche (1992a), defensor da hipótese funcional, concebeu o inconsciente como uma instância de dejetos não traduzidos, os quais só emergiriam na consciência por meio da metabolização da mensagem. Nesse aspecto, a hermenêutica apenas favoreceria a produção de novas traduções, sem haver o trabalho de decomposição e reconstrução que uma análise implicaria.

Dessa forma, a análise possibilita uma reatualização do enigma originário do sujeito, uma retroação por meio da figura do analista como provocador da transferência ligada às figuras de outrora, figuras das origens do psiquismo. Essa provocação só pode ocorrer com base numa transferência “em oco”, desvinculada de avatares de saber que possam fornecer a assistência de tradução ao sujeito, colocando-o em xeque com as origens de seu psiquismo (LAPLANCHE, 1992a).

A provocação do analista reside, justamente, na sua postura de recusa de ser e de saber, que o remete a encarnar o enigma vivo. A dissimetria instalada no *setting* também atua de forma a reatualizar a situação originária do paciente, mobilizando sua reserva energética em termos de aumentar a pressão das representações-coisa que habita o inconsciente. Assim, a análise convoca aquilo que o autor denominou de inconsciente encravado (2015e), lugar de trânsito dos dejetos tradutivos que, a partir da ativação em *après-coup* do enigma veiculado pelo próprio analista, teriam uma chance de emergir numa nova, ou mesmo primeira, tradução. Assim, nota-se que Laplanche concebe o tratamento analítico de forma a contemplar a via destradutiva característica do conflito neurótico, como também a possibilidade de o paciente traduzir pela primeira vez os conteúdos paralisados no inconsciente encravado.

Para finalizar nossa exposição da teoria da sedução generalizada de Laplanche, aponto a reelaboração do conceito de sublimação. A partir de sua visão de recalçamento como tradução parcial dos conteúdos implantados pelo outro, o autor indica que esse ato, por si só, implica numa sublimação. A ideia freudiana de não-sexual é descartada, posto que Laplanche (1999d) operou uma recuperação da noção de pulsão radicalmente como o sexual que habita o humano.

Levando adiante sua proposta de “fazer trabalhar” a hipótese funcional de Freud, aquela de 1915, o autor demonstra em seu artigo *Sublimação e/ou inspiração* (1999f) que o processo de recalçamento é, em si, uma sublimação. O autor relaciona esse processo pulsional à ideia de dominação, ou seja, são as representações e atos que a criança necessita dominar para se adaptar a cultura vigente. Recorre aos exemplos fornecidos por Freud acerca dos hábitos de higiene, para indicar o processo sublimador em ação.

Aquilo que a psicanálise convencionou a chamar de sublimação, Laplanche (1999f) denominou de inspiração. Aqui é possível ver novamente a atuação do enigma, já que tanto a obra de arte em si nos fascina por remeter ao enigma de nossas origens psíquicas, como também pelo fato de ter sido a mola propulsora do ato criativo do artista.

Ademais, Laplanche (1999f) indicou nesse artigo uma visão renovadora de arte como sendo aquela que atinge o público legitimamente, independente da opinião de críticos especializados, como convêm alguns. Ou seja, é arte tudo aquilo que inspiraria no outro essa reativação enigmática, que comove pela tensão representacional/tradutiva que mobiliza, não importando muito se é uma arte clássica ou de cunho popular.

Dessa forma, é possível pensar que, assim como as mensagens enigmáticas são da ordem de uma linguagem semiótica, a tradução também o pode ser. Para tanto, ambas mobilizam uma alta carga de tolerância, de frustração e de angústias ligadas ao processo de transformação operado nos conteúdos psíquicos.

O livro *Sexual* (2015d) foi o último que Laplanche escreveu, pois ele faleceu em 06 de maio de 2012 – dia do aniversário de Freud. Na época, já afastado do ensino universitário, dedicava-se a sua saúde. Deixou discípulos espalhados por todo o mundo, mas não quis criar escola. Atualmente, a continuidade de sua proposta de pesquisa em psicanálise é mantida por Christophe Dejours, no *Consevoir de Arts e Métiers*, onde orienta pesquisas com base na teoria da sedução generalizada.

No Brasil, encontram-se alguns destes pesquisadores, que desenvolvem pesquisas variadas com base nas premissas da TSG. Cito alguns deles: os professores Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto e Viviana Carola Velasco Martínez, que dirigem o Laboratório de estudos e pesquisa em psicanálise e civilização, do programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá; os professores Paulo César de Carvalho Ribeiro, Maria Tereza de Melo Carvalho e Fábio Roberto Rodrigues Belo da Universidade Federal de Minas Gerais; a professora Marta Rezende Cardoso, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o professor Fernando César Bezerra de Andrade da Universidade Federal da Paraíba

A fecundidade de tais pesquisas em muito vão além dos escritos de Laplanche. Autor extremamente racionalista e filosófico, Laplanche pouco tratou das entidades psicopatológicas ou mesmo dos aspectos mais técnicos da clínica psicanalítica, conferindo a sua obra um caráter aberto e favorecendo o desenvolvimento por outros. É assim que o encara Jacques André, um de seus ex-alunos, que comenta sobre a riqueza da obra de Laplanche em fecundar outros trabalhos acerca daquilo que ele não empreendeu.

Para André, a obra de Laplanche tem o mérito de delimitar conceitos fundamentais e tornar possível o “fazer trabalhar” da psicanálise de acordo com esses, de modo a acompanhar as mudanças temporais que incidem sobre o sujeito psíquico historicamente constituído:

Será que Laplanche ainda será lido daqui a cinquenta anos? Aposto que sim, especialmente porque a obra é prenhe de questões que ela própria apenas apresentou, obra em aberto que podemos descobrir sem que sejamos condenados nem a aderir a ela nem a rejeitá-la. Uma pequena volta ao mundo da psicanálise hoje em dia permite rapidamente constatar que a discussão já começou (ANDRÉ, 2012, p. 765).

No capítulo seguinte, trabalharei as ideias de Laplanche e Ferenczi a fim de estabelecer as linhas de convergência e averiguar o que eles podem ensinar sobre a polissemia do trauma.

## **CAPÍTULO 5 - DO TRAUMA DA SEDUÇÃO A SEDUÇÃO TRAUMÁTICA- FERENCZI COM LAPLANCHE**

Após discorrer sobre as teorias de Ferenczi e Laplanche acerca do traumático, é possível verificar algumas aproximações viáveis entre o pensamento de ambos, para além da apropriação explícita de Laplanche a respeito de Ferenczi. Isso porque a noção de confusão de línguas é nítida e declarada na teoria da sedução generalizada de Laplanche, não obstante o autor faça uma derivação dessa para indicar a dissimetria comunicativa presente na relação adulto-criança.

Dessa forma, primeiramente, destacarei a especificidade da obra de cada autor, as relações de cada com Freud e o estilo de seus pensamentos. Na sequência, trabalharei sobre os pontos convergentes na obra dos autores para derivar deles uma contribuição ao pensamento psicanalítico sobre o trauma.

### **5.1. Peculiaridades dos autores estudados**

Antes de mais nada, é necessário salientar algumas singularidades da obra dos autores estudados, indicando as características específicas de seus trabalhos. Em primeiro lugar, atento para a profunda relação que os autores têm com Freud. Pode-se pensar que Freud participou dessa pesquisa como um ‘terceiro excluído’, já que a sombra de sua presença atravessou todos os aspectos aqui trabalhados. Assim, em Ferenczi, é possível observar o papel didático da apresentação das ideias psicanalíticas para diversos públicos, como nota-se em, por exemplo, *Progresso da teoria psicanalítica das neuroses* (1914e/2011a) e *Fantasia gulliverianas* (1926a/2011b).

Existem também os trabalhos em que o autor defende as ideias de Freud em relação a outros autores, alguns dissidentes do movimento psicanalítico como Jung (FERENCZI, 1913a/2011a) ou autores que buscavam contribuir para a teoria, mas não a apreendiam bem, como *A psicanálise vista pela escola de Bordéus* (1915b/2011a).

Entretanto, grande parte das contribuições de Ferenczi ocorre praticamente concomitantemente à produção freudiana. Assim, é visível a rápida apropriação do conceito de narcisismo, empregado por Ferenczi na compreensão das neuroses de guerra (1919e/2011c) e das patoneuroses (1917/2011b). Nesses trabalhos, o autor utiliza o conceito de narcisismo para indicar o aspecto sexual dessas patologias, num momento

histórico da psicanálise em que o conceito de pulsão de morte ainda não estava delimitado.

Através do estudo da correspondência entre Ferenczi e Freud é possível aprender como ambos funcionavam como uma dupla cooperativa. Suas trocas iam do tema da telepatia e da formação simbólica nas crianças às hipóteses filogenéticas apresentadas em vários textos. Nesse sentido, o livro *Thalassa* (1924c/2011c) era considerado por Freud como a maior contribuição de Ferenczi para a psicanálise, justamente pelo desenvolvimento da lei de Haeckel ali presente.

Infelizmente, Freud não apreendeu a riqueza das ideias de Ferenczi sobre o trauma, em decorrência da confusão de línguas entre os amigos. Ademais, os aspectos transferenciais e contratransferenciais presentes na relação Freud-Ferenczi extrapolaram a mera colaboração profissional, tendo sido objeto de estudo de diversos autores (ARON, 1998; DUPONT, 1995; HAYNAL, 2002; KILBORNE, 2008; SABOURIN, 1988; TALARN, 2003). Desse modo, é possível observar os entrecruzamentos relacionais presentes entre Ferenczi e em Freud que irrompem em suas produções teóricas, como bem apontaram Figueiredo e Minerbo (2006) sobre os impasses da pesquisa psicanalítica.

Assim, tem-se em Dupont (1995), por exemplo, um trabalho maduro sobre o papel das transferências implicadas na relação entre os autores. Para Ferenczi, Freud encarnava, ao mesmo tempo, o pai amado e morto precocemente, e a mãe, fria, distante e exigente. Sua busca incessante por amor e reciprocidade se faz nítida em vários trechos de suas cartas, o que indica a força da personalidade de Freud sobre ele. Isto é inegável. Por outro lado, a autora também destaca a contratransferência de Freud para com ele, num vetor inverso: o de filho querido e estimado. Portanto, é compreensível que Freud tenha se alarmado com a independência tardia de Ferenczi, discípulo que ele esperava um dia substituí-lo na liderança do movimento psicanalítico.

Porém, nem todos os autores estudados aqui apresentaram a maturidade e delicadeza de Dupont. Nessa via, destaco o trabalho de Serge Cotet, intitulado *Uma sexta psicanálise de Freud: o caso Ferenczi* (2004), em que o autor busca indicar como a transferência filial de Ferenczi em relação a Freud o levou a elaborar seus experimentos técnicos de modo exagerado, segundo Cotet, de forma a convocar a atenção e aprovação do mestre.

Amparado por interpretações francamente lacanianas, o autor chega a declarar que o “ativismo de Ferenczi manifesta sobretudo sua intolerância em relação a qualquer semblante. Ainda que a obra de Ferenczi revele certos impasses da direção freudiana do

tratamento, ele nada tem de precursor” (p. 70). O autor sugeriu que a análise de Ferenczi com Freud teria sido uma primeira proposta de passe, mas fracassada. Afirmou que nenhum psicanalista rentabilizou mais seus sintomas do que ele e que suas contribuições clínicas não surtiram efeito produtor no campo psicanalítico.

O artigo incomodou pela análise selvagem e também pelas diversas inverdades que contém. Ao estudar a obra de Ferenczi é patente seu comprometimento tanto com a causa psicanalítica quanto com seu trabalho clínico. Ao reduzir toda sua obra como ineficiente e sintomática, Cotet (2004) desmerece todo papel histórico de Ferenczi no movimento psicanalítico como também nas possibilidades teórico-clínicas, que hoje são reconhecidas por todo lado. O interesse de indicar esse artigo aqui é retomar a constatação dos estudiosos de Ferenczi acerca dos efeitos nefastos do retrato traçado por Jones (1979) em sua biografia de Freud.

Além disso, como indica Lugin (2015), Lacan iniciou um processo de reabilitação das ideias de Ferenczi em relação à técnica psicanalítica até determinado período. Após isso, Lacan continuou se inspirando na obra de Ferenczi, mas já não o citou mais; pelo contrário, o difamou. Outro ponto que chama a atenção sobre os trabalhos mais recentes do campo lacaniano sobre Ferenczi são os títulos que insistem numa perspectiva tendenciosa, o “Ferenczi depois de Lacan”, o que denota a ideia de que a riqueza da obra de Ferenczi provinha somente da leitura efetuada por Lacan (BIRMAN, 2014; GOROG, 2009).

O que interessa é salientar aquilo já dito ao longo da pesquisa: o estudo da vida e obra de Ferenczi está fortemente atrelado a sua relação com Freud, e esta teve marcas inegáveis dos movimentos transferencial e contratransferencial produzidos em ambos. Mas, não seria assim em toda relação de amor? Nesta pesquisa o interesse maior foi o de detectar a contribuição e a mudança de paradigma engendrado pelo pensamento de Ferenczi (MÉSZÁROS, 2012) sem incorrer em partidarismos narcísicos ou megalomanias insanas, que visam à busca de uma verdadeira psicanálise (MEZAN, 2014).

Como o próprio Freud (1900/1996) indicou em seu paraconceito denominado criptomnésia, a produção intelectual humana é marcada pelos registros de leituras e coisas ouvidas ao longo de toda vida, o que sugere que o caráter original de qualquer teoria consista em elementos específicos e mínimos. Não é possível gerar toda uma teoria original com base em nada, pois estamos sempre construindo a partir de ideias alheias, sejam essas conhecidas pela consciência ou não.

Além disso, por mais que as ideias de Ferenczi remetam diretamente a Freud, como é visivelmente provado por quase toda sua obra, o que considero como a sua contribuição mais valiosa é a teoria do trauma, erroneamente tomada pelo próprio Freud como mera retomada de sua teoria da sedução. Isso incita a perguntar sobre o reconhecimento de uma ideia originária como sendo aquela que gera resistências nos envolvidos numa dada produção teórica/científica. Focarei na diferença entre essas teorias no tópico seguinte.

A obra de Laplanche se situa na tradição da escola francesa no que se refere à retomada da obra de Freud de forma contextual e crítica, favorecendo a emergência de novas perspectivas. Apesar de sua trajetória de pesquisa ter sido inspirada pelo movimento de “retorno a Freud” inaugurado por Lacan, Laplanche se distancia desse no dado momento em que percebe as motivações políticas e narcísicas de seu então mestre.

Afastado dele, Laplanche pôde se desenvolver autonomamente no campo da pesquisa psicanalítica através de seu envolvimento com o trabalho de tradução da obra freudiana para o francês. Mas o trabalho que mais me parece atrelado a sua proposta posterior de pesquisa em psicanálise está no *Vocabulário da psicanálise* (2008). Neste livro, é possível observar a busca dos autores por detectar os conceitos fundamentais da obra de Freud, assim como as noções pouco exploradas ou descartadas.

Essa investigação sobre a ossatura conceitual do corpo teórico possibilitou aos autores iniciar uma investigação profunda dos desenvolvimentos engendrados por Freud, eclodindo no trabalho conjunto sobre as fantasias originárias (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988). Apesar de este texto ser fruto de uma parceria, é nítido o trabalho efetuado com a metodologia psicanalítica, tal como ficaria caracterizada pelo método de Laplanche, o “fazer trabalhar”.

Nesse ponto, é possível identificar Laplanche iniciando seu estilo de pesquisa – na época ainda não manifesto – que se desdobra em ideias renovadoras do texto de Freud. Essa relação com o autor inaugural denota o resgate das potencialidades de sua obra, a qual não deve ser encarada com um texto sagrado e intocável, mas sim como aberta à discussão, desde que embasada numa leitura fiel do texto original (LAPLANCHE, 2015a).

Em relação ao estilo do pensamento dos autores, temos em Sándor Ferenczi características mescladas: da clareza didática ao caos típico do movimento criador. Quando Ferenczi se propôs discorrer sobre a teoria freudiana, ele era exímio professor, por esse motivo, é possível afirmar que, nesses casos, Ferenczi superou o mestre, pois

soube driblar certas contradições presentes no texto freudiano que dificultam o acesso para jovens iniciantes no estudo da psicanálise.

Esse comentário, todavia, não deve ser encarado como uma crítica a Freud, mas apenas como uma constatação acerca da contribuição de Ferenczi na disseminação das ideias psicanalíticas. Ademais, como o próprio Freud soava confuso em alguns de seus textos, em geral os mais ricos em ideias, Ferenczi também o era nos trabalhos em que se propôs a problematizar aspectos oriundos de sua clínica.

Noto uma urgência do autor em comunicar suas ideias, mesmo as embrionárias, de forma a divulgar suas observações e suas inquietações clínicas. Trabalhos como *Transferência e introjeção* (1909/1991b), *O problema da afirmação do desprazer* (1926c/2011b), *Princípio de relaxamento e neocatarse* (1930/2011c) e *Análise de crianças com adulto* (1931/2011c) mostram-se extremamente ricos em detalhes, mas também confundem um tanto o leitor diante da enxurrada de ideias que contêm.

Este caráter confuso e, às vezes, impreciso pode ser uma característica da produtividade do autor, mas também pode ser efeito das traduções sucessivas de seu trabalho. Os tradutores franceses avisaram sobre isso: o próprio Ferenczi escrevia, conforme o momento, em húngaro e em alemão e costumava traduzir seus próprios trabalhos para essas línguas. Nessas retraduições, o autor modificava parágrafos inteiros ou incluía ideias sem fazer o ajuste no texto original (FERENCZI, 1991).

As obras publicadas no Brasil foram traduzidas a partir da versão francesa, o que indica a possível perda de sentidos entre essas diversas traduções. Como Laplanche (2015c) informou, a tradução seja a formal, seja a da relação adulto-criança, sempre implica numa parcialidade e, nesse sentido, não é possível de ser plena.

Além disso, acrescento duas dificuldades que enfrentei: a primeira, seria minha própria limitação em relação à leitura em alemão e em húngaro; a segunda, refere-se ao acesso ao material original, que é inexistente no Brasil. Desse modo, mesmo que eu lesse em nos idiomas mencionados, não teria condições de acesso ao material para realizar essa pesquisa. Considerando tais aspectos, é possível colocar os problemas conceituais da obra de Ferenczi como decorrentes das vicissitudes tradutivas de sua obra. Tal aspecto ficará mais nítido a seguir, pois discutirei a noção de introjeção do autor.

Devo admitir que a compreensão dessas possíveis confusões tradutivas me fez privilegiar o estudo do trabalho de seus comentaristas que tiveram contato direto com Ferenczi ou com os textos originais, como Balint, Dupont, Haynal e Mészáros. Em razão

disso, noto uma mutualidade dos apontamentos desses autores sobre o pensamento de Ferenczi.

A essa característica agrego outra: o problema de se redescobrir um autor pioneiro após um século de psicanálise, em que tantas contribuições foram somadas, assim como leituras divergentes da obra do próprio Freud (MEZAN, 2014). Penso que o mesmo tem ocorrido em relação à obra de Ferenczi.

A título de exemplo, indico a visão de autores lacanianos, como Birman (2015) e Gorog (2009) que discutiram a presença de uma preocupação linguística nos trabalhos de Ferenczi, como se os efeitos disruptivos e paralisados da linguagem tal como percebidos por Ferenczi em sua clínica se encaixassem na proposta lacaniana de um “inconsciente estruturado como uma linguagem”.

Numa via contrária, Gondar (2010) indicou como o estatuto da linguagem em Ferenczi não condisse com a abordagem linguística estrutural de Lacan, na qual a linguagem transpôs para a consciência os *sentidos* retidos em negativo no inconsciente. Pelo contrário, a noção de linguagem presente em Ferenczi ocorria numa via articuladora entre a experiência sensível do corpo e o mundo circundante.

Para a autora (GONDAR, 2010), a construção da linguagem humana tal como encarada por Ferenczi se aproximava da dimensão estética, pois materializa os objetos da vida, as coisas, numa via que é balizada pelo afeto, e não pelo intelecto. É o aspecto sensível que toca o corpo, que parasita o corpo, que é simbolizado, mas de maneira irreduzível, ou seja, dentro de uma impossibilidade. Por isso, Gondar (2010) afirmou que Ferenczi não usou a metáfora como condição de sentido e que, pelo contrário, para ele, a linguagem era apenas uma das possibilidades de se estabelecer a relação simbólica.

Retomando o problema das leituras produzidas numa determinada ótica, as quais podem poluir uma nova leitura de um autor em psicanálise, busco seguir as recomendações de Laplanche (2006) acerca da exigência do pensamento em psicanálise. Essa orientação derivou da apreensão dos conceitos elementares dentro da obra de um autor, de forma a rastrear os pontos nos quais essa exigência fracassasse ou triunfasse.

Dito isso, observo que o estilo de Laplanche é diametralmente oposto ao de Ferenczi. Nesse ponto não há grandes preocupações clínicas e, pelo contrário, a urgência do autor era a de resgatar e de renovar o pensamento freudiano a partir dos pontos essenciais presentes na origem da teoria. Por isso sua sábia apreensão sobre os movimentos de centramento e descentramento na obra de Freud, os quais remetiam

diretamente a esses movimentos no engendramento psíquico constituído na relação com o outro (LAPLANCHE, 1992d).

Assim, o estilo de Laplanche se associou à erudição psicanalítica, favorecendo a articulação entre os postulados de Freud e as contribuições de outros autores, como Margaret Mead, Donald Winnicott, Lacan, entre outros. Porém, essas articulações visavam efetuar certa “faxina conceitual”, isolando aquilo que estava efetivamente presente em Freud e aquilo que se configurava em uma contribuição ou derivação de outro autor.

Noto que o movimento de “retorno a Freud”, iniciado por Lacan, foi absorvido por Laplanche como algo falacioso, pois incitava que outros, menos versados em psicanálise, tomassem a leitura de Lacan como um resultado direto da obra de Freud. Justamente por isso que Laplanche destacou seu movimento de pesquisa no sentido de um “retorno sobre Freud”, destacando aquilo que Freud poderia ter dito, mas não o fez (LAPLANCHE, 1997).

Sobre isso apreendo uma nova espécie de ética em pesquisa psicanalítica: aquela que presa pela retomada conceitual e verdadeira no sentido de não atribuir palavras ou sentidos ocultos aos autores, em geral já falecidos. Para que uma teoria psicanalítica fosse autêntica, não bastava a presença de alguns conceitos freudianos, bastava que seus fundamentos estivessem sustentados na teoria de Freud.

Essa posição pode ser detectada na produção de Laplanche, autor que aprendi a apreciar em razão do respeito que transparece aos teóricos da psicanálise. Tal característica, inclusive, lhe propiciou aliar conceitos freudianos ao de outros autores desde que existisse o respeito àquilo que eles disseram. A esse respeito, ele aliou, em sua leitura de Freud, as contribuições de Winnicott às de Klein.

Com isso, o estudo de Laplanche abarca uma exigência por si só: o conhecimento sobre os outros autores sobre os quais ele trabalha. Assim, não basta tomar sua palavra como final e conclusiva, mas deixar-se contaminar pela curiosidade e pela vontade de aprender e, com isso, o autor nos seduz. De fato, nesta pesquisa me limitei a seguir sua leitura, sem recorrer em todo o tempo ao texto freudiano. Minha intenção foi transmitir com clareza ao leitor a forma com a qual Laplanche trabalhou o texto freudiano, até porque tal nível de exegese poderia acarretar na perda do rumo da pesquisa, já que, por si só, esta exegese seria outra pesquisa.

Mas admito que recorri a esse caminho quando fui introduzida ao pensamento de Laplanche, e garanto que suas exposições são fiéis ao texto de Freud. Porém, são heréticas

e o próprio Laplanche admite tal feito, quando deriva um conceito ou leitura. Provavelmente esse movimento remeta às nossas origens psíquicas, engendradas a partir do outro que, ao tornar-se um corpo estranho em mim, já não é mais o outro originário, mas sim o fruto de sua implantação. Não há porque negar esse processo numa pesquisa acadêmica.

Além do mais, Laplanche deixou sua obra em aberto para que outros pudessem transitar por ela, o que denota a ausência de exigências narcísicas. Nessa via, a autora que superou o mestre foi Bleichmar (1993; 1994), cuja obra articula de forma exemplar o peso teórico das discussões de Laplanche ao aspecto clínico, quase inexistente nele.

Com Bleichmar (1993; 1994) é possível ver que a riqueza postulada pela teoria da sedução generalizada não se restringiu ao viés teórico. Ela teve suas implicações clínicas de suma importância. Assim, o trabalho com crianças e seus pais transpareceu uma possível profilaxia, aquela tão desacreditada por Freud em *Análise terminável e interminável* (1937/1996), mas defendida por Ferenczi (FERENCZI, 1924b/2011b; FERENCZI, 1930/2011c; FERENCZI, 1932/2003).

Da mesma maneira, o problema das patologias limites é discutido por Bleichmar como também por outros pesquisadores da teoria da sedução generalizada, tal como se vê em *Limites* (CARDOSO, 2004), em que tem-se o desenvolvimento de pesquisas apoiadas na característica aberta da obra de Laplanche e tal fato o aproxima ainda mais de Ferenczi, inclusive nas temáticas.

O caráter aberto da obra de Ferenczi possibilitou o desenvolvimento de várias leituras e a influência em psicanalistas de toda parte, como indiquei ao final do capítulo dois. Por esse motivo, para efetuar uma revisão de seu pensamento é necessário pincelar esses aspectos que nem sempre ficaram claros em seu trabalho. Além do mais, como abordarei adiante, junto a Laplanche, Ferenczi também participava do mesmo momento científico de Freud e dessa forma, a linguagem e o raciocínio utilizados por ele muitas vezes podem ter soado estranhos ao leitor habituado a leituras mais contemporâneas. Isso porque era frequente o uso de termos médicos e do mesmo pensamento mecânico-fisicalista que Freud seguia.

Tais aspectos devem ser levados em consideração para evitar a leitura anacrônica da obra do autor, esperando que ele fale ou pense de forma mais contemporânea. Com Laplanche é possível ver a evolução do pensamento psicanalítico após décadas de seu desenvolvimento e após ter sido balizado pela contribuição de diversos autores. A forma com que os autores extraíram um saber recalcado da obra do próprio Freud me parece

muito similar. Pode-se dizer que a partir dos postulados freudianos, tanto Ferenczi como Laplanche efetuaram desvios que os levaram a chegar à elucidação de problemas próximos.

Nesta perspectiva, a abertura psíquica, os limites da tópica, o problema do corpo e as impossibilidades simbólicas ou tradutivas tornaram-se elementos de destaque, favorecendo o trabalho psicanalítico sobre eles. Assim, me guio pela indicação desses elementos e pelo modo com que eles podem favorecer a apreensão do aspecto traumático na vida humana.

As nítidas importância e relevância do pensamento de Freud para ambos se fizeram presentes na obra deles de forma clara. Assim, a ideia de declarar originalidades foi substituída pela noção de desvio ou descentramento, posto que ambos os autores seguiram pistas similares distribuídas pela obra de Freud.

Com isso, tem-se a ideia de Lugin (2012a) sobre a imperdoável descoberta de Ferenczi acerca da validade e da vitalidade da primeira teoria da sedução de Freud. Infelizmente para ele, Freud ainda era vivo, e pôde rejeitar as renovações teóricas do discípulo em tempo real. Desse problema Laplanche escapou – o que nos leva a pontuar a questão do progresso da teoria psicanalítica.

Como abordei no capítulo dois, o dilema da continuidade da psicanálise, encarnada na figura de um possível herdeiro, naufragou ainda durante a vida de Freud. Pode-se pensar que tal cargo não seria exercido a contento por ninguém, dado que um herdeiro legítimo só poderia ser alguém que continuasse o trabalho de Freud, e isso implica a constante renovação teórica que deve acompanhar as transformações dos sujeitos psíquicos, marcados pela historização do tempo vivido. De qualquer forma, Ferenczi e Laplanche foram, cada um em seu tempo e de seu modo, discípulos fiéis de Freud: fiéis em suas leituras do mestre; infiéis nos desdobramentos que aventaram.

## 5.2. Trauma fundamental e trauma intromissivo

Neste ponto do trabalho recorro a uma breve revisão das teorias dos autores antes de articulá-los. Ferenczi elabora, paulatinamente, suas ideias de modo amparado pelas teorizações de Freud, as quais ele segue à risca, e por suas observações clínicas. Com isso, num primeiro momento, tem-se a apreensão das mensagens mentirosas que o adulto dirige à criança, as quais geram um impacto desequilibrador, pois evidenciariam para a

criança uma disparidade entre aquilo que é percebido e o que é dito (FERENCZI, 1908/1991b).

Nesse aspecto, tem-se uma primeira noção de desmentido, que atua justamente na intersecção entre a vivência e o saber. Dessa forma Ferenczi (1908/1991b) indicou um movimento similar na educação infantil: quando o adulto recusa o caráter prazeroso das atividades da criança sejam brincadeiras, sejam seus interesses espontâneos, ele nega a validade das vivências da criança em prol de uma educação que remete ao mundo formal e regrado.

A esse elemento se agrega a sábia intuição de Ferenczi sobre o processo de introjeção, o qual faz com que a criança agregue a seu ego tudo aquilo que a interessa. Ademais há que se indicar a existência de problemas de imprecisão na própria conceituação desse processo em Ferenczi, detalhe que apresentarei na sequência. De qualquer forma, o processo de introjeção (1909/1991b) indica a abertura do sistema psíquico ao meio externo, enriquecendo o psiquismo infantil com os objetos de seu entorno.

Dessa forma, é possível notar que a criança tem um espaço privilegiado na produção de Ferenczi. Das etapas de seu desenvolvimento surge a capacidade de aguentar as constantes frustrações que se impõem na transição da infância para a vida adulta. Ferenczi (1913e/2011a) apontou a dinâmica psíquica implicada nesse desenvolvimento entre idas e vindas, captando a plasticidade psíquica em relação à busca do princípio do prazer.

Nesse sentido, a criança utiliza as armas disponíveis para sua luta, do choro ao grito, dos gestos às brincadeiras e birras; o corpo teria potencialidade comunicativa e o adulto figuraria como mediador entre a criança e o meio que ele deseja dominar. Em suas obras mais tardias, Ferenczi (1926c/2011b) notou como essa adaptação necessitava do árduo reconhecimento e da aceitação do desprazer para que a criança pudesse caminhar adiante. E o que havia adiante? As relações de amor e o ideal de eu que atuam como mecanismos de compensação para reequilibrar a balança libidinal.

Esses processos descritos pelo autor são denominados como traumas estruturantes por Tereza Pinheiro (1995), pois preparariam o sujeito a tolerar os descaminhos da vida e as exigências que essa faz. Portanto, o desmame, os treinos de higiene, a educação formal e a renúncia ao prazer imediato se configuram como traumas cotidianos e corriqueiros, que fortalecem de forma dura o ego infantil, mas que propulsionam o

indivíduo para a vida. Nesse ponto, tem-se a criança como uma das preocupações centrais de Ferenczi. Mas se ele não era um analista de crianças, por que esse interesse?

Essa característica se deve ao fato de que, muito rapidamente, Ferenczi percebeu a força da emergência do aspecto infantil no adulto. Sua máxima “arranhe o adulto e encontrará a criança” (1932/2011c) norteou toda a sua obra. Assim, as observações do autor contribuem para a compreensão psicanalítica da precocidade do psiquismo e de sua rápida evolução através da introjeção do meio externo encarnado nas pessoas que o compõe e do uso, inicialmente rudimentar, dos instrumentos de comunicação à disposição do pequeno ser.

Portanto, em Ferenczi, o corpo não é somente uma ferramenta de apoio durante a evolução psíquica, mas é compreendido como toda extensão do psiquismo plasmado de maneiras diversas. Não é à toa que a histeria figura como outro grande tema do autor, que vê expressões de seu mecanismo de defesa em patologias neurofisiológicas e em traumas da guerra. Se tais descrições são compatíveis com a entidade histérica em si, deixarei em aberto. O interessante é notar como Ferenczi relacionou o papel do corpo na extensão psíquica usando a histeria como uma espécie de paradigma comparativo.

Outro grande tema de Ferenczi foi o amor ou, mais precisamente, a falta dele. Quando Ferenczi (1909/1991b) definiu a introjeção pela primeira vez, indicou o papel dos objetos amados nesse movimento psíquico num momento em que ainda não existia uma diferenciação entre mundo interno e mundo externo, portanto, entre um eu e um não-eu.

É o amor ou o ódio do outro que favoreceu a criança no reconhecimento de uma realidade externa, intangível e desafiadora, a qual será gradativamente dominada. Assim, em *O problema da afirmação do desprazer* (1926c/2011b) Ferenczi afirmou que os objetos amados são introjetados e se tornam parte do eu; os objetos odiados são recalçados e fazem parte do não-eu que se configura o próprio inconsciente; já o objeto ambivalente foi o ponto de baliza entre mundo interno e externo, posto que sua não reciprocidade ao amor sentido marca sua presença indelével. Este objeto ambivalente, para o autor, era bastante específico: é amado, mas nos trata mal. Caberia aqui perguntar se esse mal o é de fato ou se é o mal tal como sentido pela criança, ou seja, o mal da adaptação frustradora. Nestes pontos, Ferenczi era confuso. Adiante.

Se o amor permanece latente por toda sua obra, o ódio ou o desamor ocupou suas preocupações finais. A partir dos escritos posteriores a 1928 que o fel do desamor reinou em seus textos. Com isso entramos na vertente traumática que Pinheiro (1995) destacou

como desestruturantes: são os abalos sofridos pela criança diante de um adulto francamente perturbado.

A precocidade do aparelho infantil registra até mesmo o menor gesto: a criança sabe que sua mãe não a tolera, que sua própria existência não é bem-vinda e utiliza o corpo como descarga muda do sofrimento vivido (FERENCZI, 1929/2001c). Os mecanismos de compensação, aqueles convocados pelo sujeito diante das dificuldades da vida falham drasticamente: não há porque viver. Mais grave ainda foi o que Ferenczi destacou a respeito das consequências devastadoras da violência e do abuso.

Para tanto, é necessário salientar que, em Ferenczi, tal abuso também comporta um caráter polissêmico, incorrendo do emocional ao físico e ao sexual, não obstante o exemplo clássico seja aquele apresentado no texto *Confusão de línguas* (1932/2011c): o sexual. Conforme Pinheiro (1995) notou, há um enredo característico ao qual Ferenczi recorre para expor a situação traumática: a criança movida por seu amor infantil, perverso-polimórfico e sem fins sexuais – ou ao menos genitais – vai ao encontro do adulto, que a responde com sua sexualidade genital francamente erotizada. Sabemos que, da parte da criança, esse adulto é amado e confiado. Da parte do adulto, sabemos que a criança irá desempenhar o papel de joguete de suas moções sádicas. A confusão está instalada. O choque inicial do ataque é o primeiro ponto traumático, mas o medo cala todas as possíveis reações de asco, raiva ou fuga. Tem-se nesse aspecto as ideias iniciais de Freud em sua teoria da sedução: o choque da surpresa e a reação não expressa.

Enfim, o medo domina e arrasta a criança a participar da situação abusiva, sufocando seu narcisismo ferido. Ferenczi (1932/2011c) não informa, mas essa reação paralisada pode ser compreendida como um primeiro desmentido: de si para si. O enredo ferencziano continua e diante do transbordamento de si na busca da validação da verdade vivida, a criança se depara com o desmentido do outro, do abusador e de seu entorno. Coisas de criança, dizem eles.

O afastamento do abusador mobilizado pela culpa do evento é reconhecido pela criança que o introjeta em sua não compreensão do vivido. Além disso, o processo de desmentido invalida esta vivência que, em aberto, irá retornar constantemente em sonhos que visam a dar fim a sua penúria (FERENCZI, 1920-1932/2011c). O desmentido desliga o afeto de suas possíveis vias representacionais, mantendo-o enquistado no psiquismo infantil, que se estilhaçará em clivagens sucessivas, conforme o caráter possivelmente cumulativo da situação traumática. A fruta bicada amadurece rápido, e mais rápido ainda fenece.

Nesse ponto provem a sagacidade de Ferenczi, ele mesmo um autoproclamado bebê sábio (1932/2003): o sofrimento precoce amadurece o sujeito, coisa que podemos comprovar no olhar velho demais da criança sofrida. As clivagens são variadas e Ferenczi (1920-1932/2011c; 1932/2003) descreveu apenas algumas: o bebê sábio e o anjo da guarda, parte cindida do ego que compensa seu sofrimento cuidando dos outros, ou mesmo de parte de si. É como se a criança introjetasse o adulto que faltou, aquele que deveria ter existido na experiência concreta e que viria ao socorro, mas que voltou seu olhar para o lado. *Katonadolog*, a expressão húngara que diz da “sorte do soldado”, como se o problema fosse ele, sua fraqueza e incapacidade, e não a guerra.

Imerso no terrorismo do sofrimento, o sujeito mobiliza a via pulsional através da destrutividade: recordar o evento é muito doloroso, mas inescapável, o melhor remédio é minar a consciência que rege os processos de memória e de representação (FERENCZI, 1920-1932/2011c). Além do mais, a dor expressa nos atos autodestrutivos é uma via de descarga para o excesso libidinal represado pela impossibilidade de representar devidamente o trauma.

Para o autor, o processo de desmentido que arremata a situação traumática. É possível destacar um exemplo disso a partir de um caso inverso, no qual um adulto amado pela criança reconhece seu sofrimento. O caso é descrito por Violante em seu livro *A criança mal-amada* (1994), que trata de uma menina de cinco anos que é violentamente estuprada pelo pai alcoolizado. A mãe logo descobre o caso e intervém: separa-se do marido, o denuncia e leva a menina à terapia.

Para a autora (VIOLANTE, 1994), o nítido restabelecimento da garotinha se dá justamente pela qualificação narcísica que a mãe lhe ofereceu. De acordo com Mészáros (2012), os experimentos técnicos desenvolvidos por Ferenczi, tais como o tato e o sentir com, atuam sobre os laços de confiança entre terapeuta e paciente. O primeiro ocupará o papel de testemunha do trauma, cujos efeitos possibilitam a ligação das representações fragmentadas ao afeto livre que, como Ferenczi (1920-1932/2011c, 1932/2003) apontou, conseguiam apenas ser escoados pela via da pulsão de morte.

No *Diário Clínico* (1932/2003), o autor relatou e refletiu sobre vários casos de abusos reais e seus efeitos desestruturantes do sujeito psíquico. Um dos casos que mais chamam a atenção é o da paciente denominada R. N., que hoje sabemos ser Elizabeth Severn (DUPONT, 2003). Dentre suas descrições, Ferenczi salientou que, diante do extremo terrorismo do sofrimento psíquico, os elementos órficos colocam-se em ação, possibilitando ao paciente enlouquecer para não morrer (procurar o suicídio).

A orfa emerge no ápice da destruição psíquica quando o sujeito se vê eminentemente só, como se as forças da pulsão vital viessem em socorro do sujeito. Esse conceito foi pouco desenvolvido por Ferenczi e dele tem-se apenas algumas menções no citado diário, porém é possível notar sua riqueza teórica e clínica.

No artigo *Orpha reviving*, Smith (2010) revisa o conceito ferencziano à luz da vida pós-análise de Severn. Segundo ela, Severn retornou aos Estados Unidos antes da morte de Ferenczi, tendo a notícia de seu falecimento quase a levado a outro colapso. Mas os efeitos terapêuticos já atuavam: Severn continuou com sua prática de analista leiga e escreveu alguns livros em que descreveu o trabalho com pacientes traumatizados, como *The psychology of behavior*, de 1917 e *The Discovery of the self, a study of psychological cure* de 1933.

Nesse último, Severn relatou como o tratamento analítico possibilita a descoberta das partes perdidas do self e de forma a religá-las harmoniosa e curativamente para o sujeito. Mais adiante, voltarei a abordar os elementos órficos, aliando este paraconceito ferencziano às contribuições de Laplanche. O que gostaria de apontar é o papel da orfa na vida da própria Severn, uma paciente que Ferenczi considerava perigosa e completamente transtornada e que, após seu trabalho terapêutico conjunto, recuperou as forças vitais e teve uma vida produtiva e razoavelmente saudável.

Severn também é objeto de vários estudos de psicanalistas da *The new school for social research*, em Nova York, como Lewis Aron (2015) e Arnold Rachman (2014). Segundo eles, a história do tratamento de Severn e sua participação na criação da análise mútua favorecem a reflexão psicanalítica acerca do papel do analista como também do paciente e as implicações éticas envolvidas nesse processo.

O amadurecimento prematuro da criança abusada foi denominado por Ferenczi de progressão traumática e deve ser entendido como da ordem patológica. Esse processo indica a multiplicidades das situações traumáticas que podem ser dirigidas à criança. Uma característica típica destas situações é o caráter doentio, por vezes psicótico, de um ou de ambos os pais. Um exemplo pode ser destacado a partir do trabalho de Miller (1979 apud KAHTUNI; SANCHES, 2009), que desenvolveu um estudo sobre crianças superdotadas aliando as concepções de Ferenczi ao conceito de falso self de Winnicott.

Para ela, a criança precoce vivia uma dupla situação: é orgulho de seus pais, mas pode ser colocada por eles na posição de adulto. Essa inversão de papéis favorece os sentimentos depressivos e os de vazio existencial através da sobrecarga narcísica parental depositada na criança. Seus sucessos são compensatórios das angústias parentais, que

projetam suas inseguranças e seus temores sobre a criança, que é levada a responder a partir de um lugar narcisicamente fechado. Isso indica a riqueza das observações de Ferenczi sobre a relação traumática, a qual ele não teve tempo de desenvolver.

Apesar disso, é possível pincelar algumas contribuições práticas de sua teoria. Em relação à introjeção da culpa e da ansiedade do agressor, nota-se a formação da identificação da vítima com esse, implicando na transgeracionalidade do trauma. Esse não é circunscrito ao passado; devido ao seu caráter de trauma vivo, que está em aberto, ele transcende as relações originárias e se perpetuam nas gerações futuras. Apenas como exemplo, hoje é sabido que a maioria dos pedófilos sofreu algum tipo de abuso na infância (FURNISS, 1993; MOLIN, 2013; TALARN, 2003). Obviamente nem toda criança abusada se torna um pedófilo, mas esse dado estatístico incita a pensar sobre a extensão dos danos dos abusos infantis e a necessidade de tratar destas pessoas.

Outro viés da situação traumática e da polissemia afetiva que a habita pode ser averiguada na Síndrome de Estocolmo. O nome se deve ao evento ocorrido em Estocolmo em 1973, quando um banco foi assaltado e seus funcionários tomados como reféns. Ao final do embate, o público se surpreendeu com a narrativa dos reféns, permeada de solidariedade e preocupação por seus algozes. Esse fato remete diretamente à situação abusiva descrita por Ferenczi (1932/2011c; 1920-1932/2011c): o sujeito que abusa pode muito bem ser preservado pela vítima, posto que sua sobrevivência depende dele. O temor de que algo possa acontecer ao algoz coloca o sujeito diante de sua necessidade, posto que a morte do algoz pode, por vezes, gerar a sua própria morte. Foi essa a percepção de Natascha Kampusch ao refletir sobre possíveis formas de atacar seu sequestrador, Wolfgang Priklopil (SCHMITT; MELLO NETO, 2013).

A retomada de Laplanche sobre a teoria psicanalítica em seus primórdios é caracterizada por uma leitura rica em apropriações de toda ordem por conta das evoluções realizadas no passado na teoria psicanalítica. Em síntese, vê-se que Laplanche (1992g) reconheceu o aspecto sedutor veiculado pelo adulto em direção à criança, fator prenhe de seus conteúdos inconscientes, de seu narcisismo, de sua pulsão de morte, de suas fantasias e ideais superegóicos.

A noção de mensagem enigmática é atrelada a seu caráter polissêmico justamente para destacar a multiplicidade desses conteúdos que escapam de seu emissor. Esses transbordam em seu excesso não reconhecido pelo emissor e atingem a criança em sua prematuridade física e psíquica. Tal como Laplanche (1992g) indicou, o bebê psicanalítico, equivocadamente descrito por Freud em *Sobre o narcisismo* (1914/1996b),

é caracterizado pela abertura perceptiva e pelo excesso de realidade efetiva que se infiltrou no sistema psi.

Suas montagens inatas pouco auxiliaram no tratamento das mensagens que emanam continuamente do outro. Portanto, o processo descrito como implantação é vivido como traumático posto que introduziria conteúdos que geram um excesso sentido como doloroso. A palavra utilizada por Laplanche (1992g) é “efractante”, termo pouco utilizado em português, e que comporta justamente o sentido de um incômodo sofrimento. Por outro lado, o processo de implantação deve ser acompanhado pelos elementos ligadores veiculados pelo amor do adulto pela criança.

Dessa forma, a implantação unida ao papel parental narcisizante caracteriza o que denomino de trauma fundamental: aquele que habita a situação antropológica fundamental e que decorre da situação cotidiana entre adultos e crianças, em geral, pais e filhos. Seria a face corriqueira e, também, esperada da relação primordial. Já a intromissão seria o lado disfuncional dessa situação, cuja violência do enigma não metabolizado do adulto se imporia ao pequeno ser em sua prematuridade. Como afirmei no capítulo anterior, Laplanche desenvolveu poucas reflexões sobre esse processo, mas destaco a leitura que realizei sobre a intromissão como aliada ao fracasso da via narcisizante e tradutiva do adulto (BARACAT; MARTÍNEZ, 2012a).

Além do mais, é preciso transpor a teoria para o lado prático da vida e imaginar que, mesmo nas melhores situações de cuidado da criança, é possível que traços intromissivos se infiltrem no processo de implantação. A singularidade das vivências e das situações humanas não permite generalizar sem deixar de salientar tais nuances. Da leitura de Laplanche (1992b; 1992g, 2015e) é possível notar que a implantação e a intromissão se colocam como faces da mesma moeda, mas que se sobrepujam uma à outra. Assim, o processo de intromissão parece coincidir com o enredo traumático desestruturante descrito por Ferenczi, no qual se tem um adulto comprometido com seu inconsciente encravado que irrompe sobre a criança.

Isso porque Laplanche (1992b) deixa implícito o fato de que o aspecto desestruturante da sedução originária caminha em paralelo ao trabalho de acolhimento narcísico do adulto. A autora que evidencia melhor esta dinâmica é Silvia Bleichmar, cujo trabalho *A fundação do inconsciente* (1994) utiliza as noções de Laplanche.

Bleichmar (1994) identificou a mãe como um duplo comutador, que desestabiliza a criança com suas representações psíquicas, mas que também fornece o caráter narcisizante e ligador para balancear o equilíbrio. Esse trabalho de ligação fornecido pelos

gestos e pelas palavras do outro é denominado por ela de vias colaterais, as quais são descritas como investimentos narcísicos no sentido de facilitar o trabalho de ligação da criança. Dessa forma, Bleichmar definiu o desejo como o movimento de ligação a um conglomerado representacional, atuando no momento em que o desprazer age como excitação efractante. A autora forneceu vários exemplos clínicos em seu trabalho para embasar suas apropriações feitas da teoria da sedução generalizada. Sua proposta terapêutica busca amparar o trabalho parental numa via ligadora, indicando o papel do analista como, também, um duplo comutador.

Portanto, tem-se o duplo aspecto do trauma presente no pensamento de Ferenczi e no de Laplanche: estruturante ou fundamental, e desestruturante ou intromissivo. Com esses aspectos, proponho o uso do termo trauma como fundamental para descrever a face cotidiana da relação primordial entre o adulto e a criança e trauma intromissivo para destacar a face obscura e desestruturante dessa.

Reverendo a polêmica gerada entre Ferenczi e Freud acerca de retomada que aquele fez em relação à teoria da sedução, posso identificar a confusão de línguas gerada entre eles. Penso que tal confusão se instalou diante da não compreensão de Freud de que a teoria de Ferenczi dizia respeito a outro tipo de configuração psíquica, a qual remetia ao processo de intromissão detectado por Laplanche.

Isso decorre do fato de que a teoria de Ferenczi somente tem um ponto em comum com a teoria da sedução de Freud: o ataque sexual externo. Se para Freud, o caráter traumático desse ataque residia na lembrança dele, então a fórmula sobre o sofrimento histérico tratava-se de uma reminiscência; entretanto, para Ferenczi, era justamente a impossibilidade de representar o trauma que fixaria sua patogenia.

É nesse sentido que Mészáros (2012) indicou uma mudança de paradigma psicanalítico a partir da teoria de Ferenczi. Assim, na teoria da sedução freudiana o fator traumático era sempre encarado como intrapsíquico: na representação do trauma, num primeiro momento, e na fantasia, após o descarte da teoria da sedução, em 1897. Já a teoria de Ferenczi implicou em mudanças que indicam a exogamia dos fatores atrelados ao trauma.

Mészáros (2012) apontou esses fatores: o trauma é um evento real; a experiência é de teor subjetivo e agrega uma verdade não dita, ou reconhecida; a experiência traumática é composta por elementos intrapsíquicos e interpessoais, dada a situação relacional instalada entre a criança e o adulto; o fator patogênico é a introjeção da culpa e da ansiedade do agressor que, por fim, eclode na identificação da criança com ele. O

desmentido, como o próprio Ferenczi indicou (1932/2011c), vem arrematar a situação traumatogênica mantendo-a em constante repetição.

Diante dos desdobramentos de Laplanche sobre a noção de confusão de línguas de Ferenczi, observamos que Laplanche reconheceu essa noção como uma contribuição de Ferenczi. A contribuição é rica, mas parece ser apenas isso. Ao rever sua obra, pude averiguar que Laplanche citou frequentemente a perspicácia de Ferenczi no texto *Confusão de línguas* (1932/2011c) e, também, algumas passagens de sua correspondência com Freud acerca do trauma (LAPLANCHE, 2006). É possível que o autor também conhecesse bem as hipóteses filogenéticas desenvolvidas por Freud e por Ferenczi, a respeito das quais trocavam informações e ideias também na correspondência.

Fora isso, a impressão que tive é de que Laplanche não conhecia em profundidade a obra de Ferenczi. É nesse sentido que menciono uma aproximação entre os autores para além dessa noção. Assim, destaco os seguintes pontos de contato entre a teoria de Ferenczi e a de Laplanche: o aspecto traumático oriundo da relação primordial com o outro; a abertura psíquica em relação ao impacto efetivo da realidade material sobre o psiquismo em formação; os limites do ego-corpo e sua articulação com o processo de simbolização/tradução e o *après-coup* da insistência das representações a serem traduzidas.

O primeiro ponto conceitual, a materialidade da relação entre o adulto e a criança e seus efeitos humanizadores, é patente na obra de ambos. Pode-se observar que desde 1914, em *Progresso da teoria psicanalítica das neuroses*, Ferenczi tem uma intuição declarada acerca da problemática dos traumas efetivos, os quais ele relaciona às primeiras teorizações de Freud. Concomitante a essa apreensão está o trabalho do autor com soldados de guerra e com as patoneuroses, que indicam a presença do trabalho através do choque diante da possibilidade da morte, seja na situação de combate ou nas patologias orgânicas. Posteriormente, a partir de 1928, Ferenczi foi patente sobre a realidade do trauma e irá trabalhar na via de destacar suas várias modalidades: da criança rejeitada pela mãe às crianças efetivamente abusadas.

Já Laplanche operou numa via distinta por conta de seu próprio estilo de fazer pesquisa e pela trajetória já realizada através do contato com a obra de Freud. A tese de Laplanche sobre a efetividade material do aspecto traumático da fundação psíquica pode ser reconhecida desde seu trabalho conjunto com Pontalis, no artigo *Fantasias originárias* (1988).

Em *Vida e morte em psicanálise* (1985) o autor construiu sua tese a partir das derivações de trabalhos de Freud, do *Projeto* de 1895 aos textos metapsicológicos de 1915. A partir de *Novos fundamentos* (1992g) o autor também foi patente no reconhecimento desta materialidade, porém relativizando a apreensibilidade fugidia dessa por conta do aspecto parcial da tradução do sujeito. Esse resto é o que gera a formação tópica e alimenta a pulsão sexual nascente e que se atrela a esses restos instigando-os a ligação.

Um segundo ponto que chama a atenção é a apreensão dos autores da abertura psíquica característica da criança. Assim, em *Transferência e introjeção* (1909/1991b) Ferenczi observa esse processo precoce no infante, que o levou a introjetar em si tudo aquilo que o aprazia e o interessa, enriquecendo seu psiquismo. Esse processo foi descrito de forma muito ampla e transmitiu a ideia de uma seleção da criança acerca dos conteúdos que iria introjetar.

Num breve artigo sobre o tema, Ferenczi (1912/1991a) salientou que a introjeção se apoiaria no autoerotismo para enlaçar os objetos externos ao ego. Essa ideia é compatível com os pressupostos psicanalíticos de sua época, que pouco vislumbravam o problema da constituição da tópica psíquica. No artigo *Doença do luto e fantasia do cadáver saboroso*, Torok (1995) deu continuidade ao conceito ferencziano relacionando-o à introjeção da relação estabelecida entre o adulto e a criança. Ela afirma:

(...) a aspiração da introjeção não é da ordem da compensação, mas da ordem do crescimento: ela busca introduzir no Ego, alargando-o e enriquecendo-o, a libido inconsciente, anônima ou recalcada. Além disso, não se trata de “introjetar” o objeto, como se diz facilmente, mas, o conjunto das *pulsões* e de suas vicissitudes cujo objeto é o próprio contexto e o mediador. (p. 222, grifo da autora).

Já Laplanche notou um processo similar, o qual ele denominou implantação. Essa noção tem como característica maior a passividade infantil, num momento psíquico no qual não há ego. Diante disto, é possível derivar duas hipóteses sobre a possível equiparação desses conceitos. Uma primeira hipótese viria a considerar as duas noções como idênticas, tomando-se a liberdade de ligá-las a partir da característica de abertura do psiquismo em relação aos objetos advindos do outro. Verdade é que o conceito de introjeção em Ferenczi manteve-se muito amplo e vago, correspondente a absorção de tudo aquilo que é do mundo externo ao aparelho psíquico, cuja extensão não tem um limite temporal preciso (BARANDE, 1996; BOKANOWSKI, 1997; TOROK, 1995). O elemento em que Ferenczi é taxativo é em dizer que a introjeção enriquece o ego e se alia

ao autoerotismo. Este último também deve ser revisto a partir da TSG, posto que para Laplanche (1992g) o autoerotismo não se configura como um tempo auto, mas sim como um dos primeiros resultados da implantação do outro sobre o infante. Já uma segunda hipótese, se seguirmos Ferenczi sobre a seletividade introjetiva, a introjeção já seria um segundo momento, mesmo que ainda extremamente precoce, no qual o pequeno ser já apresenta alguma atividade tradutiva e rudimentar, que o possibilita selecionar aquilo que será introjetado e o que será descartado como objeto de interesse prazeroso.

Essa hipótese pode ser sustentada através das observações de Bleichmar (1994) sobre o processo de recalçamento em dois tempos. Segundo a autora, já no primeiro tempo do recalçamento originário, aquele que imprime as primeiras inscrições da mensagem pulsional do outro sobre a criança, a excitação gerada no infante dispara a atuação de defesas que tem como objetivo se desembaraçar do excesso libidinal. Para ela, o nascimento pulsional na criança ocorreria antes do segundo momento do recalçamento, quando as representações-coisa adviriam como um ataque interno plasmado como um corpo estranho externo-interno. Nesse sentido que propus a ideia de metatradução, a qual corresponderia às primeiras tentativas de tradução da criança, bastante arcaica e praticamente veiculada apenas pelas representações-coisa, e que viria ao encontro da ideia de Laplanche (1992g) de uma pulsão nascente dos dejetos tradutivos (BARACAT; MARTÍNEZ, 2012a).

Nessa via, a introjeção, destacada como um mecanismo de defesa por Barande (1996) consistiria numa atividade tradutiva muito precoce e primitiva que adviria da implantação das mensagens do outro. Aqui os processos são diferentes, sendo que a implantação daria a partida ao início da introjeção, entendida, dessa maneira, como uma resposta arcaica e tradutiva da criança.

À segunda hipótese pode-se agregar a noção de autoerotismo como etapa objetual, tal como defende Laplanche (1997), cujo objeto é justamente a fantasia. Nesse sentido, Ferenczi (1912/1991b) indicou que a introjeção absorveria os objetos prazerosos do mundo interno para envolvê-los no autoerotismo. Ademais, como Laplanche e Pontalis (1988) sugerem, a fantasia originária seria, justamente, uma primeira atividade psíquica, da qual se originaria a formação da cisão tópica.

Recorrendo a esse emaranhado de fios soltos, é possível pensar que a metatradução produz as fantasias arcaicas, ou originárias da atividade psíquica, que se constituem uma primeira forma de ligar os conteúdos anteriormente implantados pelo outro (BARACAT; MARTÍNEZ, 2012a; BLEICHMAR, 1994). Essa hipótese se apoia

no texto *A criança mal acolhida e sua pulsão de morte* (1929/2011c), em que Ferenczi não usou o termo introjeção, mas indicou que a criança captaria os sinais de impaciência e hostilidade da mãe precocemente.

Desse modo, o sujeito na idade madura expressaria através de sintomas psicossomáticos, os efeitos disruptivos numa forma de tradução arcaica que se manteve circunscrita apenas ao corpo. Cabe questionar se o ódio contém algum aspecto ligador ou não. Posteriormente, Ferenczi (1932/2011c) afirmou que a criança abusada introjetaria a culpa do adulto, o que incitaria a pensar que a culpa, mesmo que desprazerosa, é um tipo de representação ligada.

O problema da ligação das representações leva a pensar sobre o corpo na teoria dos autores. O corpo em Ferenczi é descrito como objeto da figuração das palavras que escapam ao sujeito. Tanto é que o autor sempre foi preciso em suas observações sobre a linguagem dos gestos e do corpo em seus pacientes (FERENCZI, 1912/1991b; 1915a/2011a, 1915c/2011a, 1919d/2011b). Em seu trabalho sobre o desenvolvimento do ego, o autor destacou a motilidade com uma via de tradução para a criança, posto que é através dessa que a criança expressa seus desejos e busca comunicar ao outro aquilo que necessita (FERENCZI, 1913e/2011a).

Para Ferenczi, a criança lança mão dos instrumentos que possui para alcançar os objetos de prazer somente com seu desenvolvimento e com o contínuo processo de introjeção dos elementos externos, os quais ela conquistará a partir do domínio da linguagem, etapa mais sofisticada da simbolização. O corpo também é a primeira base sobre a qual se constroem as autoteorizações da criança, bem como suas preocupações com a origem da vida e com as diferenças anatômicas entre os sexos, pois seu corpo é local privilegiado da experiência sensível.

Nesse ponto é possível pensar no corpo vivido como apoio para as representações, cada vez mais abstratas, que virão a se instalar por meio do domínio linguajeiro. Como aponta Gondar (2010), a linguagem para Ferenczi seria uma das modalidades de tradução da vivência efetiva, sendo que o autor observou precisamente o papel que o corpo desempenha diante dos fracassos da linguagem. Assim, o corpo seria vislumbrado como objeto passível de conter traduções que escapam a representatividade psíquica, materializando os aspectos desligados das representações-palavra.

Isso leva a relação que tanto as ideias de Ferenczi quanto as de Laplanche tomam com a abordagem psicanalítica do psicossoma. Ademais, o corpo psicossomático, parasitado pela pulsão livre, se encontraria precisamente entre os limites do eu e do não-

eu, o que indica a existência de falhas na delimitação dos limites internos constituídos pela instalação tópica. Nessa via, os trabalhos de Bleichmar (1994) e de Cardoso (2004) sugerem que a falha ocorreu no segundo momento do recalçamento originário e, tal como estipula a teoria da sedução generalizada de Laplanche, estão a cargo do outro. São os limites entre o eu e o outro que estão borrados, posto que os elementos ligadores que deveriam advir do outro fracassaram de forma drástica.

Aqui, é interessante notar como a noção de trauma em aberto se aproxima da ótica ferencziana, como se observa no trecho de Bleichmar (1994):

E ante cada embate de desprazer, tenderá a reproduzir-se o “mais alguém do princípio do prazer” em uma compulsão a repetição traumática que não consegue encontrar vias de ligação e retorna a um circuito sempre idêntico já que não é passível de ser evacuado, porque não é efeito de uma tensão vital que se possa resolver através de uma quantidade de alimento que permitisse sua diminuição a zero, senão de uma excitação impossível de ser dominada. (BLEICHMAR, 1994, p. 33 grifos do autor).

Aqui, entra-se no campo do eterno retorno das representações desligadas em sua ânsia de tradução. O retorno dos conteúdos implantados e traduzidos parcialmente no adulto leva à discussão da noção de *après-coup* presente nos dois autores. Para Ferenczi (1924b/2011b; 1920-1932/2011c) o termo ressurge na preocupação do autor sobre a repetição da situação traumática. O modelo do funcionamento repetitivo é mais nítido na função traumatolítica do sonho (FERENCZI, 1920-1932/2011c).

Assim, os conteúdos não domados pela representação retornam no sonho como realização secundária de desejo, posto que visam ser solucionados através da atividade onírica. Os efeitos *après-coup* também são alvo do trabalho clínico de Ferenczi, cuja técnica do tato e do sentir com, implicadas em seus experimentos clínicos, objetivam sua emergência. Ao invés de recordar, o repetir incessante dos conteúdos desligados possibilitariam a solução ou ligação desses no *setting* analítico (FERENCZI, 1924b/2011b, 1930/2011c, 1931/2011c).

Além disso, Laplanche (1999e) desdobrou do *Nachträglichkeit* freudiano a plasticidade temporal característica do ser humano no processo de autoteorização, o qual implica tanto na revisão de seu passado, quanto de seu futuro e também dos elementos e objetos que margeiam as vivências. Remeto-me aqui à ama-de-leite da anedota freudiana, negligenciada pela interpretação de Freud, mas incluída na cena por Laplanche (1999e). Neste sentido, o *après-coup* também sinaliza a reatualização do encontro com o enigma, reativado pelas experiências do aqui-agora.

Nessa via, Ferenczi soube incluir na cena representada objetos que comumente eram desprezados. A parceira sexual do ejaculador precoce, que de maneira nenhuma poderia ser incluída dentre o rol de histéricas frígidas analisadas por Freud, que sofre com o padecimento do companheiro, ao mesmo tempo em que precisa adaptar-se a sua condição desprazerosa em decorrência da dificuldade do outro, foi incluída nas considerações do autor (FERENCZI, 1908/1991a).

Da mesma forma, a relação dissimétrica entre adultos e a criança se faz presente desde o lar até a escola, posto que os adultos vivem uma cegueira subjetiva que os impede de recordar como é ser criança (FERENCZI, 1908/1991b). Ou ainda, a inversão da compreensão da necessária adaptação da família à criança, e não o contrário, como até então se pensava (FERENCZI, 1928a/2011c). Com isso, o autor apreendia as nuances envolvidas na dinâmica relacional de forma a pincelar o efeito reatualizador do ser criança no adulto que a cerca. Por outro lado, a recusa do adulto em deixar estas reminiscências emergirem faria com que ele traumatize a criança desmentindo sua condição ímpar.

O trabalho sobre o *après-coup* efetuado por Laplanche (1999e; 2006) foi ilustrado por Bleichmar com suas vinhetas clínicas. Para a autora, o encontro da mãe com seu bebê a remetia às vivências de sua própria infância e reativavam a relação originária com sua própria mãe. No livro *Nas origens do sujeito psíquico* (1993), a autora apresentou o caso de Helena, cuja relação com a filha Margarida reatualizou suas experiências de infância com uma mãe ausente, que apenas lia e tocava piano. A sonoridade das notas era a única mensagem que tocava a pele psicofisiológica de Helena quando criança.

Os medos de Helena diziam respeito ao temor de encarnar a própria mãe ao longo da relação com sua filha, Margarida. A cada ausência sua, Helena se inquietava diante da possibilidade de cair no lugar materno, infligindo à sua filha o mesmo caminho de desprezo e rancor que tinha em relação à mãe. Bleichmar (1993) interpretou que a preocupação da mãe era a de não se fazer presente na intersecção entre externo-exterior e interno-externo, ou seja, que não se implante na filha como objeto ligador e narcisizante.

A análise do caso ilustra como a flecha temporal do *après-coup* configura-se múltipla, pois implica na reatualização e, possivelmente, reinterpretação do passado, assim como nos desdobramentos futuros que o laço narcísico ligador pode aglutinar: ser amada pelo que é, pelo que foi e pelo que gostaria de ter sido.

Em Ferenczi (1926c/2011b), é possível notar o elemento compensatório como facilitador dos enfrentamentos do indivíduo com a realidade. Dessa maneira, entendo que, no trauma intromissivo, o processo de desmentido vem solapar as possibilidades

compensatórias que deveriam estar presentes no acolhimento do outro. Desmentindo o vivido pela criança o adulto falha no aspecto narcisizante ligador que favoreceria a criança representar a violência experimentada. Sozinha em seu sofrimento, a criança fica à mercê das forças desligadoras, veiculadas pela pulsão de morte. Esse movimento em curto circuito pode ser relacionado à visão de Bleichmar (1994) sobre o inconsciente encravado descrito por Laplanche (2015e).

Para a autora, ao contrário do processo cotidiano, caracterizado pela falha parcial da tradução, que se configura como o processo de recalçamento, o fracasso total da tradução nos casos de intromissão, deletam as representações em bloco, desligando maciçamente as possibilidades narrativas ligadoras do trauma vivido. Assim, pode-se compreender a cisão psíquica descrita por Ferenczi (1920-1932/2011c) como compatível a esses blocos rejeitados pelo ego, mas que continuam a atuar em surdina. O bebê sábio e o anjo da guarda atuam como a contraparte substituta das partes desligadas relegadas ao silêncio. A verdade do trauma mantém-se como o lado enigmático de si, que imprime o sofrimento psíquico posto que escapa da apreensão consciente do sujeito.

Entretanto, o silêncio das partes desligadas de si é ruidoso, pois emerge na autodestruição veiculada pelas representações-coisa. A esse respeito, Ferenczi (1920-1932/2011c) descreveu o sofrimento psíquico, as automutilações e ataques ao corpo, assim como os pensamentos suicidas. Esses atos irrompem com violência e só podem ser barrados através da manifestação dos elementos órficos, que viriam a salvar o sujeito da morte custando sua sanidade psíquica.

Como dito anteriormente, por piores que sejam as vivências de alguém, é improvável que esse sujeito sobreviva sem o mínimo de acolhimento e carinho ao longo de seu desenvolvimento inicial, elementos oriundos do movimento implantador do outro. Penso que os elementos órficos consistam nos restos não traduzidos do narcisismo do outro e implantados outrora na criança. Diante da catástrofe que se constitui o trauma intromissivo, creio que a parcela, mesmo que mínima, do amor do outro implantando na criança venha à tona, encarnando aqueles que, em sua materialidade, deveriam ter oferecido uma resposta ao invés da frieza do desmentido.

Este caráter cindido remete ao aspecto desligador presente em parcelas do superego. Como Laplanche (1999c) indicou, o superego contém mensagens rígidas, praticamente fechadas para a metabolização, coincidindo com a ideia de inconsciente encravado. Segundo Cardoso (2010), o aspecto mais exógeno e mais desligado do outro que será encravado na criança. São as “mensagens-veredictos” que “o indivíduo deverá

imperativamente adotar sem que, para tanto, possa fazê-las suas, metabolizá-las ou recalá-las” (p. 138).

Esse aspecto vai ao encontro da observação de Ferenczi sobre os efeitos danosos da parentalidade de pessoas psiquicamente doentes. No *Diário clínico* (1932/2003), o autor remete a sabedoria infantil característica do bebê sábio à plasticidade do superego e afirma:

(...) os adultos fazem entrar a força a vontade deles e, mais particularmente, os seus conteúdos psíquicos de caráter desagradável, na pessoa pueril; esses estranhos transplantes clivados vegetam ao longo da vida na outra pessoa. (...) Teoricamente pode-se esperar uma pavorosa confusão quando uma criança sensível nesse sentido e nesse grau é influenciada por um adulto desequilibrado, doente mental. (p. 118).

Na sequência, o autor relata que essa intromissão do aspecto doentio do outro se sobrepõe as experiências singulares cristalizadas no bebê sábio e que, de modo sofrido, consegue manter sua força a parte da anormalidade do outro. Porém, o aspecto saudável ligado seria sequestrado de si mesmo e isolado em algum lugar, do qual forças advirão ao longo da progressão traumática.

Ferenczi (1932/2003) finaliza o trecho sugerindo medidas profiláticas as quais se referiam ao afastamento do recém-nascido de um meio doentio. Aqui, pincelo o aspecto terapêutico das contribuições de Ferenczi e das de Laplanche (1992a), apesar das diferenças estilísticas. Primeiro, o problema da profilaxia, tão defendida por Ferenczi (1924b/2011b, 1928c/2011c), é visível no trabalho de Bleichmar (1993, 1994), que propôs o acolhimento analítico dos pais no sentido de favorecer o papel de duplo comutador do analista concomitante a suas vivências com a criança, provocadora das emergências em *après-coup* que os próprios pais haviam sido outrora.

Como ficou evidente ao longo da exposição do pensamento dos autores, para Ferenczi e Laplanche existe o aspecto estruturante do trauma. Em Ferenczi, são as regras e as imposições adaptativas do mundo adulto que preparam a criança para a vida, sendo eles: os treinos de higiene, o controle da sexualidade genital e os efeitos da educação formal. O amor trata-se de elemento de compensação e se articula como o caráter ligador veiculado na parentalidade “suficientemente boa”, mencionada por Laplanche (1999c). Em outras palavras, é o papel que Bleichmar (1994) denominou de duplo comutador que compõe esse quadro.

O problema está na face intromissiva do trauma, em que há excesso da parte da mensagem e do fracasso das vias facilitadoras da tradução. A observação de Ferenczi (1932/2003) sobre os efeitos nocivos da insanidade parental sobre a criança é inegável. Apesar das contribuições, vale destacar uma breve crítica ao comentário de Laplanche (1992g) a respeito de Ferenczi não ter apreendido as “inconsciências” do adulto envolvido com a criança.

Ao ler toda a obra de Ferenczi, me parece que isso não procede dessa forma, e a compreensão de que a doença do outro<sup>43</sup> seja a cegueira introspectiva do adulto dito normal ou os rompantes passionais do adulto perverso<sup>44</sup>, invadem a criança, articulando-se com seu processo tradutivo, singular e único.

Dessa forma, a terapêutica psicanalítica pode ser pensada em termos de uma profilaxia dos danos mais nocivos, tal como Ferenczi procurou engendrar com seus pacientes ou como Bleichmar propunha no tratamento de pais e filhos. Afinal, Freud (1900/1996) já havia alertado sobre a psicanálise não ser uma promessa de felicidade, mas uma via facilitadora para a vida. Quando penso em profilaxia é nesse sentido: auxiliar o outro a não cair nas raias da destrutividade irreduzível oriunda das constantes invasões do outro e cindidas da contraparte ligadora e vital.

Para finalizar, um breve apontamento sobre o espaço clínico a partir do estudo de Ferenczi e Laplanche. Pude averiguar como para ambos o elemento amoroso é necessário para a vida e para o tratamento, por ser considerado ligador e compensatório. Em Ferenczi, tem-se toda a preocupação com o bem-estar e com a recuperação do paciente e isso se verifica em seus experimentos técnicos, em suas táticas do tato e do sentir com como via de acesso ao trauma vivido por meio do laço de confiança. Assim, o papel do analista viria ao encontro da postura de testemunha do vivido, naquilo que os outros originários do trauma falharam (MÉSZÁROS, 2012).

Laplanche (1992a, 1993) arremata essa noção de clínica psicanalítica tendo apontado a renovação enigmática na tina do tratamento. O analista, com sua postura benevolente e abstinente, favoreceria a emergência da situação fundamental, provocando o movimento metabolizador do paciente, o qual faz com que ele destradueza e retradueza

---

<sup>43</sup> A título de problematização, registro a inquietação acerca da possibilidade de o doente mental saber efetivamente de sua doença. Assim como os movimentos desligados da representação-coisa escapam ao emissor saudável, não ocorreria o mesmo com aquele comprometido com seu sofrimento irreduzível? Afinal, o problema aqui seria econômico, uma quantidade excessiva de moções desligadas associadas a poucos elementos metabolizados. Deixo a questão em aberto.

<sup>44</sup> Aquele do abuso efetivo.

os conteúdos de outrora mantidos em suspenso. Fato é que os efeitos da implantação e da intromissão eclodem em organizações psíquicas diferentes e as características da técnica psicanalítica adotada devem ser diferentes nesses tratamentos.

Assim, o mínimo denominador da clínica psicanalítica deve ser compreendido através do laço amoroso que o analista deve estar disposto, e preparado, para exercer, aliado a sua própria tradução de que ele também, outrora, foi um outro que habitou em mim.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desta tese foi estabelecer um diálogo entre Ferenczi e Laplanche acerca do trauma, com base em suas teorias que versam, justamente, sobre este aspecto no psiquismo. O trabalho foi organizado de forma estratificada, primeiro dediquei-me ao estudo da vida e da obra de Ferenczi para depois proceder da mesma maneira com Laplanche. Ademais, como dito no início da pesquisa, Ferenczi era um autor, até então, desconhecido por mim, fato que tornou a parte inicial da pesquisa bastante exigente e desgastante. O estudo da vida e da obra de Ferenczi abre diversas vias de problematização e reflexão sobre a psicanálise, tanto como teoria quanto como movimento institucional.

Ao me aprofundar no estudo de sua vida e obra, pude verificar muitos pontos de contato entre suas ideias acerca do trauma com as de Laplanche. Assim, o primeiro aspecto a ser salientado é a dupla face do trauma, tal como compreendido pelos autores. A primeira face diz respeito ao trauma fundamental: situação corriqueira engendrada entre a criança e os adultos que a cuidam, que imprimem nela as vias psíquicas pulsionais necessárias para sua humanização, mas que geram uma efração excessiva. Com Ferenczi, vimos o estudo sobre os aspectos práticos desta relação, com Laplanche pudemos seguir os rastros teóricos deixados por Freud, elaborados na origem da psicanálise.

Porém, reconheço que o saber dos autores oferece uma contribuição maior ao estudo do chamado trauma intromissivo, aquele que se constitui pela crueza e violência das mensagens enigmáticas do adulto em articulação com uma drástica falha no aspecto narcisizante, ou em outras palavras, em sua assistência de ligação. Daí a compreensão, advinda do estudo da obra de ambos, sobre as origens das patologias psicossomáticas, dos transtornos precoces de desenvolvimento e dos estados limites, temas tão debatidos hoje no cenário psicanalítico.

Em relação a proximidade das ideias dos autores sobre o trauma, sugiro que ambos chegaram a isso pela forte relação estabelecida entre eles e Freud. Cada qual a sua maneira, Ferenczi de forma direta e Laplanche indiretamente, foram discípulos fieis do mestre. Não obstante essa fidelidade tenha incorrido na heresia de terem tomado a liberdade de fazer Freud trabalhar, numa via que ele não aprovou. Isso se deve pela compreensão dos desvios teóricos oriundos na própria teoria de Freud, trabalho destacado por Laplanche em toda a sua obra.

Desta forma, vejo que a partir do desvio biologizante de Freud, tanto Ferenczi quanto Laplanche operaram outro desvio, descentralizando as origens psíquicas do viés intrapsíquico, o qual Freud aderiu após o descarte de sua teoria da sedução, em 1897.

Esse caminho se deu através da retomada que ambos fizeram das teorias originárias da psicanálise, cujas linhas conceituais tocavam o papel do outro, como materialidade exterior ao sujeito e catalisador do despertar psíquico e pulsional do infante.

Nesse sentido, a confusão de línguas que se instaurou entre Freud e Ferenczi em relação a seu trabalho com o trauma pode ser elucidada pela incompreensão de Freud sobre as diferentes consequências psíquicas advindas dos efeitos do outro sobre o engendramento psíquico. Ao longo deste trabalho, espero ter deixado clara a ideia de que enquanto Freud pensava na teoria e na clínica psicanalítica voltada para o sujeito neurótico, Ferenczi lançava luz sobre a constituição de patologias diversas- a psicose, o estado limite, a condição psicossomática- pouco estudadas na época dos autores.

Com o estudo da obra de Laplanche este ponto se tornou mais claro, pois, através da diferenciação que o autor faz sobre as modalidades de implantação-intromissão das mensagens enigmáticas do outro sobre a criança, pode-se visualizar claramente que tratam de situações diferentes com efeitos distintos.

Além disso, observo que a apropriação da noção de confusão de línguas efetuada por Laplanche, aliada a sua investigação da teoria psicanalítica originária, favoreceu a proximidade de ideias que destaquei dos autores. De forma metafórica, penso que Ferenczi e Laplanche conseguiram dar alguns passos na revolução copernicana iniciada por Freud, recuperando os aspectos exógenos da constituição do sujeito psíquico e do realismo do inconsciente.

Realizada a revisão da obra de Ferenczi e de Laplanche, pude detectar outros pontos de contato entre suas ideias, dos quais dei destaque no capítulo 5. São elas: a abertura psíquica, a dissimetria relacional-comunicativa, o corpo como modalidade de tradução e a insistência dos conteúdos desligados expressos no movimento do *après-coup*. Esses elementos foram tratados de acordo com o aporte teórico de cada autor, para num segundo momento fazê-los trabalhar juntos.

Apesar do trabalho envolvido nessa pesquisa, considero que ainda há muitos pontos a serem melhor aprofundados, tanto do ponto de vista teórico como da perspectiva política-institucional que tange a psicanálise. Este último aspecto aqui foi pouco trabalhado, para efeito de não desviar o objetivo geral da pesquisa, mas espero ter pontuado alguns aspectos, a fim de clarear que tal como a constituição psíquica está

fortemente entrelaçada ao outro, o movimento teórico também se constitui em comunhão aos elementos externos.

O aspecto institucional se tornou claro para mim diante dos destinos da obra de Ferenczi após sua morte. Relegado ao esquecimento pelo movimento institucional oficial, Ferenczi hoje é continuamente redescoberto, o que gera espanto mediante a riqueza de sua obra.

Assim, para finalizar essa breve conclusão da tese, elenco dois aspectos que suscitaram meu interesse durante a produção dessa pesquisa, deixando-os como sugestões para pesquisas posteriores.

O primeiro aspecto diz respeito justamente ao viés institucional. Com Ferenczi, vi os destinos nefastos da resistência grupal a suas ideias, soterrando o autor no esquecimento por décadas. Isso se deve pelo próprio contexto da psicanálise de sua época: as preocupações de Freud sobre os destinos da psicanálise, as rivalidades fraternais que agiram sobre os discípulos pioneiros, a confusão de línguas epistemológicas instaurada pelo temor de desviar a teoria de seus fundamentos essenciais.

Com Laplanche, noto que a história se repetiu, até certo ponto. Ele também viveu uma confusão de línguas com seu mestre, Lacan, porém Laplanche teve outras saídas para se manter ativo e produtivo no campo psicanalítico, apesar dessa ruptura. Isso me faz pensar em como o movimento institucional pode se colocar como obstáculo aos avanços teóricos.

Esse aspecto leva a pensar sobre o papel da transferência e do narcisismo na produção psicanalítica. Além disso, noto um *après-coup* das histórias institucionais de Ferenczi e de Laplanche, apesar das vicissitudes peculiares. Se Ferenczi morre justo no momento em que deveria decidir sobre manter-se fiel a Freud e abrir mão de seu pensamento, o que não deixaria de ser uma morte para ele; Laplanche pode sobreviver a Lacan e dar continuidade a seu projeto teórico.

Outro ponto que chamou minha atenção e quase constituiu um desvio dos rumos dessa tese foi a influência das ideias de Ferenczi no campo psicanalítico francês. Isso porque noto uma grande proximidade das ideias de Ferenczi e de Lacan sobre o trauma como constitucional no humano. Entretanto, não consegui angariar dados suficientes para sustentar esta hipótese. Tive apenas o apoio para essa ideia a partir do trabalho de Lugin (2012, 2015a, 2015b) e pelo dado de que Eugénie Solkonicka fora paciente de Ferenczi. Assim, deixo aberto a sugestão de se pesquisar mais sobre a obra dessa autora, a qual não

encontrei nenhum artigo sobre, para averiguar seu papel no movimento francês e a amplitude de seu alcance.

Finalmente, encerro pontuando a teorética-gênese de Laplanche como fonte de inspiração para novas pesquisas, posto que, assim como os conteúdos enigmáticos do humano são polissêmicos, a obra de Freud e outros psicanalistas também se mostra desta forma. Por isso que as confusões epistemológicas se mostram cada vez mais frequentes no campo psicanalítico atual. Portanto, finalizo parafraseando aquilo que Freud disse a Ferenczi sobre sua análise: a tese está acabada, mas não está terminada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHAM, N., & TOROK, M. Luto ou melancolia, introjetar-incorporar. Em N. ABRAHAM, & M. TOROK, *A casca e o núcleo* (M. J. Coracini, Trad., pp. 243-257). São Paulo: Escuta, 1995.
- ABRÃO, J. L. A tradição kleiniana no Brasil: uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano. *Tese de doutorado apresentada na Universidade de São Paulo*. São Paulo: USP, 2004.
- AGAMBEN, G. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. (V. N. Honesko, Trad.) Chapecó: Argos, 2009.
- ANDRÉ, J. Homenagem a Jean Laplanche. *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, Dez. 2012.
- APPIGNANESI, L., & FORRESTER, J. *As mulheres de Freud*. (N. V. Castro, & S. d. Silva, Trans.) Rio de Janeiro: Record, 2011.
- ARON, L. "Yours, thirsty for honesty, Ferenczi": some background to Sándor Ferenczi pursuit of mutuality. *The American Journal of Psychoanalysis*, pp. 5- 20. Acesso em 16 de 07 de 2014
- ARON, L., HARRIS, A., & RUDNYTSKY, P. Elizabeth Severn, Sándor Ferenczi, and the origins of mutual analysis. *Palestra na The New School for Social Research*. New York. Acesso em 11 de 08 de 2016, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Jkk17cfr4R8>
- BALINT, M. O desacordo entre Freud e Ferenczi e sua repercussão. Em M. BALINT, *A falha básica: aspectos terapêuticos da regressão* (F. F. Settineri, Trad., pp. 152-157). São Paulo: Zagadoni, 2014.
- BARACAT, J., & MARTÍNEZ, V. C. A fantasia inconsciente como metatradução: o psiquismo ligado e desligado. *Psicologia em Estudo*, 17, pp. 435-443, jul/set., 2012a.
- BARACAT, J., & MARTÍNEZ, V. C. *O amor ente o enigma e a tradução: um estudo da obra de Carson MacCullers da perspectiva da Teoria da Sedução Generalizada*. Universidade Estadual de Maringá: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, 2012b.
- BARANDE, I. *Sandor Ferenczi*. Paris: Payot, 1996.
- BIRMAN, J. *Arquivo e memória da experiência psicanalítica: Ferenczi antes de Freud, depois de Lacan*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2014.
- BLEICHMAR, S. *Nas origens do sujeito psíquico: do mito à história*. (K. M. Behr, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BLEICHMAR, S. *A fundação do inconsciente: destinos de pulsão, destinos do sujeito*. (K. B. Behr, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

- BOKANOWSKI, T. *Psychanalystes d'aujourd'hui: Sándor Ferenczi*. Paris: Presses Universitaires de France- PUF, 1997.
- BORGOGNO, F. *Psicanálise como percurso*. (M. Rossi, Trad.) Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- BORGOGNO, F. Ferenczi and Winnicott: searching for a "missing link" (of the soul). *The American Journal of Psychoanalysis*, 221-234, 2007.
- BOSCHAN, P. *Sándor Ferenczi y el psicoanálisis del siglo XXI*. Buenos Aires: Letra Viva, 2011.
- BRABANT, E. O pano de fundo da história. Em E. FALZEDER, E. BRABANT, & P. GIAMPIERI, *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi- Correspondência- 1908-1911* (C. Cavalcante, & S. K. Lages, Trads., Vol. 1, pp. 17-27). Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- BUTLER, J. *Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (R. Aguiar, Trad.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.
- CARDOSO, M. R. Mutações do supereu. Em M. R. CARDOSO, & C. A. GARCIA, *Entre eu e o outro: espaços fronteiriços* (pp. 147-153). Curitiba: Juruá, 2010.
- CARDOSO, Marta Rezende. *Limites*. São Paulo: Escuta, 2004.
- CINTRA, E. M. Thalassa: matriz das hipóteses kleinianas. *Percurso*, 56-63, 1993.
- COTTET, S. Uma sexta psicanálise de freud: o caso Ferenczi. *Ornicar? 1*, 68-79, 2003.
- CROMBERG, R. U. *Sabina Spielrein: uma pioneira da Psicanálise*. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.
- DEJOURS, C. Lendo Freud com Laplanche. *Conferência no Instituto Sedes Sapientiae*. São Paulo, SP, 2012.
- DUPONT, J. A análise de Ferenczi com Freud revelada por sua correspondência. *Livro anual de Psicanálise- Tomo XI*, 21- 40, 1995.
- DUPONT, J. Introdução. Em S. FERENCZI, *O diário clínico de Sándor Ferenczi* (Á. Cabral, Trad., pp. XI- XXV). São Paulos: Martins Fontes, 2003.
- DUPONT, J. *Le Coq-Héron*, 2009. Acesso em 01 de 15 de 2014, disponível em [http://www.lecoqheron.asso.fr/coq-heron-revue-psychanalyse/1\\_presentation.htm](http://www.lecoqheron.asso.fr/coq-heron-revue-psychanalyse/1_presentation.htm)
- DUPONT, J. Ferenczi at Maresfield Gardens. *The American Journal Of Psychoanalysis*, 1-7, 2013.
- ERÖS, F. The Ferenczi cult: its historical and political roots. *International Forum of Psychoanalysis*, pp. 121-128, 2006.

- FALZEDER, E., BRABANT, E., & GIAMPIERI, P. *Sigmund Freud & Sándor Ferenczi: correspondência-1908-1911*. (C. Cavalcante, & S. K. Lages, Trans.) Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- FERENCZI, S. Do alcance da ejaculação precoce. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., 1 ed., pp. 1-4). São Paulo: Martins Fontes, 1908/1991a.
- FERENCZI, S. Psicanálise e pedagogia. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., 1 ed., pp. 35-40). São Paulo: Martins Fontes, 1908/1991b.
- FERENCZI, S. A respeito das psiconeuroses. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., 1 ed., pp. 41-56). São Paulo: Martins Fontes, 1909/1991a.
- FERENCZI, S. Transferência e introjeção. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., 1 ed., pp. 77-108). São Paulo: Martins Fontes, 1909/1991b.
- FERENCZI, S. Palavras obscenas: contribuição à psicanálise do período de latência. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., 1 ed., pp. 109-120). São Paulo: Martins Fontes, 1910/1991.
- FERENCZI, S. Anatole France, psicanalista. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., 1 ed., pp. 121-128). São Paulo: Martins Fontes, 1911/1991a.
- FERENCZI, S. O papel da homossexualidade na patogênese da paranoia. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., 1 ed., pp. 155-172). São Paulo: Martins Fontes, 1911/1991b.
- FERENCZI, S. Sobre a história do movimento psicanalítico. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., 1 ed., pp. 145-154). São Paulo: Martins Fontes, 1911/1991c.
- FERENCZI, S. O conceito de introjeção. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., pp. 181-184). São Paulo: Martins Fontes, 1912/1991a.
- FERENCZI, S. Sintomas transitórios no decorrer de uma psicanálise. Em S. FERENCZI, *Psicanálise I* (Á. Cabral, Trad., pp. 185-196). São Paulo: Martins Fontes, 1912/1991b.
- FERENCZI, S. A ontogênese dos símbolos. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 115-118). São Paulo: Martins Fontes, 1913a/2011a.
- FERENCZI, S. Adestramento de um cavalo selvagem. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 13-18). São Paulo: Martins Fontes, 1913b/2011a.
- FERENCZI, S. Excertos da "psicologia" de Hermann Lotze. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 25-30). São Paulo: Martins Fontes, 1913c/2011a.

- FERENCZI, S. Fé, incredulidade e convicção sob o ângulo da psicologia médica. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 31-43). São Paulo: Martins Fontes, 1913d/2011a.
- FERENCZI, S. O desenvolvimento do sentido de realização e seus estágios. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 45-62). São Paulo: Martins Fontes, 1913e/2011a.
- FERENCZI, S. Um pequeno homem-galo. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 69-76). São Paulo: Martins Fontes, 1913f/2011a.
- FERENCZI, S. Esfregar os olhos: substituto do onanismo. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 155-156). São Paulo: Martins Fontes, 1914a/2011a.
- FERENCZI, S. Mãos envergonhadas. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 153-154). São Paulo: Martins Fontes, 1914b/2011a.
- FERENCZI, S. O "esquecimento" de um sintoma. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 161-162). São Paulo: Martins Fontes, 1914c/2011a.
- FERENCZI, S. O homoerotismo: nosologia da homossexualidade masculina. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 129-142). São Paulo: Martins Fontes, 1914d/2011a.
- FERENCZI, S. Progresso da teoria psicanalítica das neuroses- 1907-13. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 177-190). São Paulo: Martins Fontes, 1914e/2011a.
- FERENCZI, S. Quando o paciente adormece durante a sessão de análise. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 149-150). São Paulo: Martins Fontes, 1914f/2011a.
- FERENCZI, S. Sensação de vertigem no fim da sessão analítica. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 145-148). São Paulo: Martins Fontes, 1914g/2011a.
- FERENCZI, S. A micção, meio de apaziguamento. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 247-248). São Paulo: Martins Fontes, 1915a/2011a.
- FERENCZI, S. A psicanálise vista pela escola de Bordéus. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 257-282). São Paulo: Martins Fontes, 1915b/2011a.
- FERENCZI, S. Agitação em fim de sessão analítica. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 245-246). São Paulo: Martins Fontes, 1915c/2011a.
- FERENCZI, S. Análise das comparações. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 223-232). São Paulo: Martins Fontes, 1915d/2011a.

- FERENCZI, S. Anomalias psicogênicas da fonação. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 199-204). São Paulo: Martins Fontes, 1915e/2011a.
- FERENCZI, S. Loquacidade. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 239-240). São Paulo: Martins Fontes, 1915f/2011a.
- FERENCZI, S. Dois tipos de neurose de guerra (histeria). Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 293-310). São Paulo: Martins Fontes, 1916a/2011a.
- FERENCZI, S. Formações compostas de traços eróticos e de traços de caráter. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 311-314). São Paulo: Martins Fontes, 1916b/2011a.
- FERENCZI, S. O silêncio é de ouro. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 315-316). São Paulo: Martins Fontes, 1916c/2011a.
- FERENCZI, S. As patoneuroses. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., pp. 331-342). São Paulo: Martins Fontes, 1917/2011a.
- FERENCZI, S. Neuroses de domingo. Em S. FERENCZI, *Psicanálise II* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 391-396). São Paulo: Martins Fontes, 1918/2011a.
- FERENCZI, S. A influência exercida sobre o paciente em análise. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 9-12). São Paulo: Martins Fontes, 1919a/2011b.
- FERENCZI, S. A psicogênese da mecânica. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 33-42). São Paulo: Martins Fontes, 1919b/2011b.
- FERENCZI, S. Dificuldades técnicas de uma análise de histeria. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 1-8). São Paulo: Martins Fontes, 1919c/2011b.
- FERENCZI, S. Fenômenos da materialização histérica. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 43-58). São Paulo: Martins Fontes, 1919d/2011b.
- FERENCZI, S. Psicanálise das neuroses de guerra. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 33-42). São Paulo: Martins Fontes, 1919e/2011b.
- FERENCZI, S. Reflexões psicanalíticas sobre os tiques. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 81-112). São Paulo: Martins Fontes, 1920/2011b.
- FERENCZI, S. Reflexões sobre o trauma. Em S. FERENCZI, *Psicanálise IV* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 125-135). São Paulo: Martins Fontes, 1920-1932/2011c.
- FERENCZI, S. Prolongamentos da "técnica ativa" em psicanálise. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 117-136). São Paulo: Martins Fontes, 1921/2011b.
- FERENCZI, S. A psique como órgão de inibição. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 189-192). São Paulo: Martins Fontes, 1922/2011b.

- FERENCZI, S. O sonho do bebê sábio. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 223-224). São Paulo: Martins Fontes, 1923a/2011b.
- FERENCZI, S. Os filhos de "alfaiate". Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 209-210). São Paulo: Martins Fontes, 1923b/2011b.
- FERENCZI, S. As fantasias provocadas. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 261-270). São Paulo: Martins Fontes, 1924a/2011b.
- FERENCZI, S. Perspectivas da psicanálise. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 243-260). São Paulo: Martins Fontes, 1924b/2011b.
- FERENCZI, S. Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 277-358). São Paulo: Martins Fontes, 1924c/2011b.
- FERENCZI, S. Contraindicações da técnica ativa. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 401-412). São Paulo: Martins Fontes, 1926a/2011b.
- FERENCZI, S. Fantasias gulliverianas. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 455-474). São Paulo: Martins Fontes, 1926b/2011b.
- FERENCZI, S. O problema da afirmação do desprazer. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 431- 443). São Paulo: Martins Fontes, 1926c/2011b.
- FERENCZI, S. A adaptação da família à criança. Em S. FERENCZI, *Psicanálise IV* (Á. Cabral, Trad., pp. 1-16). São Paulo: Martins Fontes, 1928a/2011c.
- FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. Em S. FERENCZI, *Psicanálise IV* (Á. Cabral, Trad., pp. 29- 41). São Paulo: Martins Fontes, 1928b/2011c.
- FERENCZI, S. O problema do fim da análise. Em S. FERENCZI, *Psicanálise IV* (Á. Cabral, Trad., pp. 17-28). São Paulo: Martins Fontes, 1928c/2011c.
- FERENCZI, S. A criança mal acolhida e sua pulsão de morte. Em S. FERENCZI, *Psicanálise IV* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 55-60). São Paulo: Martins Fontes, 1929/2011c.
- FERENCZI, S. Princípio de relaxamento e neocatarse. Em S. FERENCZI, *Psicanálise III* (Á. Cabral, Trad., pp. 61-78). São Paulo: Martins Fontes, 1930/2011c.
- FERENCZI, S. Análises de crianças com adultos. Em S. FERENCZI, *Psicanálise IV* (Á. Cabral, Trad., pp. 79-96). São Paulo: Martins Fontes, 1931/2011c.
- FERENCZI, S. *Diário Clínico*. São Paulo: Martins Fontes, 1932/2003.
- FERENCZI, S. Confusão de línguas entre os adultos e a criança. Em S. FERENCZI, *Psicanálise IV* (Á. Cabral, Trad., 2 ed., pp. 111- 123). São Paulo: Martins Fontes, 1932/2011c.

- FERENCZI, S. *Psicanálise I* (1 ed.). (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FERENCZI, S. *Psicanálise II* (2 ed.). (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2011a.
- FERENCZI, S. *Psicanálise III* (2 ed.). (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2011b.
- FERENCZI, S. *Psicanálise IV* (2 ed.). (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2011c.
- FIGUEIREDO, L. C., & MINERBO, M. Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, pp. 257-278, 2006.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. IV). Rio de Janeiro: Imago, 1900/1996.
- FREUD, S. A questão da análise leiga. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XX, pp. 173-240). Rio de Janeiro: Imago, 1926/1996a.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XVIII, pp. 11-76). Rio de Janeiro: Imago, 1920/1996.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XXIII, pp. 225-273). Rio De janeiro: Imago, 1937/1996.
- FREUD, S. A negativa. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XIX, pp. 263-271). Rio de Janeiro: Imago, 1925/1996a.
- FREUD, S. As neuropsicoses de defesa. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. Vol. I, pp. 51-66). Rio de Janeiro: Imago, 1894/1996.
- FREUD, S. Cinco lições de psicanálise. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XI, pp. 15- 71). Rio de Janeiro: Imago, 1910/1996a.
- FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. I, pp. 219-333). Rio de Janeiro: Imago, 1950/1996a.
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XII, pp. 231-244). Rio de Janeiro: Imago, 1911/1996.

- FREUD, S. História do movimento psicanalítico. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XIV, pp. 18-75). Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996a.
- FREUD, S. Inibição, sintoma e ansiedade. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- edição standard brasileira* (pp. 79-172). Rio de Janeiro: Imago, 1926/1996b.
- FREUD, S. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XI, pp. 73-141). Rio de Janeiro: Imago, 1910/1996b.
- FREUD, S. Neuroses de transferência: uma síntese. Em S. FREUD, *Neuroses de transferência: uma síntese- Manuscrito recém-descoberto* (A. Eksterman, Trad., pp. 13-81). Rio de Janeiro: Zahar, 1915/1987.
- FREUD, S. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XXII, pp. 11-177). Rio de Janeiro: Imago, 1933/1996a.
- FREUD, S. O inconsciente. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XIV, pp. 163-221). Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996a.
- FREUD, S. O interesse científico da psicanálise. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XIII, pp. 169-190). Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996a.
- FREUD, S. O tema dos três escrínios. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XII, pp. 311-325). Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996b.
- FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XIV, pp. 117-145). Rio de Janeiro: Imago, 1915/1996b.
- FREUD, S. Psicologia de grupo e análise do ego. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XVIII, pp. 77-153). Rio de Janeiro: Imago, 1921/1996.
- FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. I, pp. 346-449). Rio de Janeiro: Imago, 1950/1996b.
- FREUD, S. Sándor Ferenczi. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XXII, pp. 219-226). Rio de Janeiro: Imago, 1933/1996b.
- FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições a Psicologia do amorII). Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de*

- Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XI, pp. 181-195). Rio de Janeiro: Imago, 1912/1996.
- FREUD, S. Sobre o ensino da psicanálise nas universidades. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XVII, pp. 185-189). Rio de Janeiro: Imago, 1919/1996a.
- FREUD, S. Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. III, pp. 37-51). Rio de Janeiro: Imago, 1893/1996.
- FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XIV, pp. 75-109). Rio de Janeiro: Imago, 1914/1996b.
- FREUD, S. Totem e tabu. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XIII, pp. 11-163). Rio de Janeiro: Imago, 1913/1996c.
- FREUD, S. Três ensaios sobre a sexualidade. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. VII, pp. 13-232). Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996.
- FREUD, S. Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo das origens das perversões sexuais. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XVII, pp. 191-217). Rio de Janeiro: Imago, 1919/1996b.
- FREUD, S. Uma dificuldade no caminho da psicanálise. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud-Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XVII, pp. 145-155). Rio de Janeiro: Imago, 1917/1996.
- FREUD, S. Uma nota sobre o 'bloco mágico'. Em S. FREUD, *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud- Edição standard brasileira* (J. Salomão, Trad., Vol. XIX, pp. 251-260). Rio de Janeiro: Imago, 1925/1996b.
- FURNISS, T. *Abuso sexual da criança: uma abordagem multidisciplinar*. (M. A. Veronese, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. (D. Bottmann, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GONDAR, J. As coisas nas palavras: Ferenczi e a linguagem. *Cadernos de Psicanálise*, 23, pp. 123-132, 2010. Acesso em 22 de 05 de 2016
- GONDAR, J. Ferenczi e o sonho. *Cadernos de Psicanálise*, pp. 27-39, jul/dez., 2013.
- GOROG, J. J. *Ferenczi après Lacan*. Paris: Hermann Éditeurs, 2009.
- GRANOFF, W. *Lacan, Ferenczi et Freud*. Paris: Gallimard, 2001.

- GREEN, A. *O desligamento: psicanálise, antropologia e literatura*. (J. Salomão, Trad.) Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- GROSSKURTH, P. *O comitê secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise*. (P. Rosas, Trad.) Rio de Janeiro: Imago, 1992a.
- GROSSKURTH, P. *O mundo e a obra de Melanie Klein*. (P. Rosas, Trad.) Rio de Janeiro: Imago, 1992b.
- GRUBRICH-SIMITIS, I. Metapsicologia e metabiologia: Para o rascunho de Sigmund Freud sobre "Neuroses de Transferência: uma Síntese". Em S. FREUD, *Neuroses de transferência: uma síntese* (A. Eksterman, Trad., pp. 83-120). Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GUTIÉRREZ-PELÁEZ, M. Sándor Ferenczi y la intelectualidad hungara del siglo XX. *Afecto Societatis*, jun., 2013.
- HAYNAL, A. Introdução. Em E. FALZEDER, E. BRABANT, & P. GIAMPIERI, *Sigmund Freud- Sándor Ferenczi: Correspondência- Volume 1- Tomo 1* (pp. 33-54). Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- HAYNAL, A. *A técnica em questão: controvérsias em psicanálise: de Freud e Ferenczi a Michael Balint*. (G. G. al.], Trad.) São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.
- HAYNAL, A. *Disappearing and reviving: Sándor Ferenczi in the History of Psychoanalysis*. Londres: Karnac, 2002.
- HOFFER, A. Introducción. Em E. FALZEDER, E. BRABANT, & P. GIAMPIERI-DEUTSCH, *Sigmund Freud/ Sándor Ferenczi: Correspondencia completa, Volumen II. 1, 1914-1916* (pp. 9- 36). Madrid: Sintesis, 2011.
- HUSTON, J. (Diretor). *Freud, além da alma*, 1962 [Filme Cinematográfico].
- JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. (M. A. Mattos, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- KAHTUNI, H. C., & SANCHES, G. P. *Dicionário sobre o pensamento de Sándor Ferenczi: uma contribuição à clínica psicanalítica contemporânea*. São Paulo: Elsevier/ FAPESP, 2009.
- KILBORNE, B. Human foibles and psychoanalytic technique: Freud, Ferenczi and Gizella Palos. *The american journal of Psychoanalysis*, pp. 1-23, 2008.
- KUPERMANN, D. *Presença sensível: cuidados e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- KUPERMANN, D. Sobre a produção psicanalítica e os cenários na universidade. *Psico-PUCRRS*, pp. 300-307, 2009.
- LAGACHE, D. *A transferência*. (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1990.

- LAPLANCHE, J. Court traité de l'inconscient. Em J. LAPLANCHE, *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 67-114). Paris: Quadrige/ Presses Universitaires de France.
- LAPLANCHE, J. Du transfert: sa provocation par l'analyste. Em J. LAPLANCHE, *La révolution copernicienne inachevée- Travaux 1967-1992* (pp. 417-338). Paris: Aubier, 1992a.
- LAPLANCHE, J. *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: Quadrige, 1999b.
- LAPLANCHE, J. Freud, do modo como convivo com ele. Em J. LAPLANCHE, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano- 2000-2006* (V. Dresch, Trad., pp. 254-258). Porto Alegre/São Paulo: Dublinense, 2015a.
- LAPLANCHE, J. *Freud e a sexualidade: o desvio biologizante*. (L. Magalhães, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- LAPLANCHE, J. Implantation, intromission. Em J. LAPLANCHE, *La révolution copernicienne inachevée- Travaux 1967-1992* (pp. 355-358). Paris: Aubier, 1992b.
- LAPLANCHE, J. La pulsion de mort dans la théorie de la pulsion sexuelle. Em J. LAPLANCHE, *La révolution copernicienne inachevée- Travaux 1967-1992* (pp. 273-286). Paris: Aubier, 1992e.
- LAPLANCHE, J. La pulsion et son objet-source. Son destin dans le transfert. Em J. LAPLANCHE, *La révolution copernicienne inachevée- Travaux 1967-1992* (pp. 227-242). Paris: Aubier, 1992c.
- LAPLANCHE, J. *La révolution copernicienne inachevée*. Paris: Aubier, 1992d.
- LAPLANCHE, J. Les forces en jeu dans le conflit psychique. Em J. LAPLANCHE, *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 127- 146). Paris: Quadrige/ Presses universitaires de France, 1999c.
- LAPLANCHE, J. Le temps et l'autre. Em J. LAPLANCHE, *La révolution copernicienne inachevée- Travaux 1967-1992* (pp. 359-384). Paris: Aubier, 1992f.
- LAPLANCHE, J. Le soi-disant pulsion de mort: une pulsion sexuelle. Em J. LAPLANCHE, *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 189-218). Paris: Quadrige/ Presses universitaires de France, 1999d.
- LAPLANCHE, J. O gênero, o sexo e o Sexual. Em J. LAPLANCHE, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano- 2000-2006* (V. Dresch, Trad., pp. 154-188). Porto Alegre/ São Paulo: Dublinense, 2015b.

- LAPLANCHE, J. Os fracassos da tradução. Em J. LAPLANCHE, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano- 2000-2006* (V. Dresch, Trad., pp. 116-131). Porto Alegre/ São Paulo: Dublinense, 2015c.
- LAPLANCHE, J. Notes sur l'après-coup. Em J. LAPLANCHE, *Entre séduction et inspiration: l'homme*. Paris: Quadrige/ Presses universitaires de France, 1999e.
- LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1992g.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: a angústia*. (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas II: castração/ simbolizações*. (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas III: a sublimação*. (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas IV: O inconsciente e o Id*. (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1992h.
- LAPLANCHE, J. *Problemáticas V: A tina, a transcendência da transferência*. (Á. Cabral, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LAPLANCHE, J. *Problématiques VI: L'après-coup*. Paris: Quadrige/ PUF, 2006.
- LAPLANCHE, J. *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano- 2000-2006*. (V. Dresch, Trad.) Porto Alegre/ São Paulo: Dublinense, 2015d.
- LAPLANCHE, J. Sublimation et/ou inspiration. Em J. LAPLANCHE, *Entre séduction et inspiration: l'homme* (pp. 301-338). Paris: Quadrige/PUF, 1999f.
- LAPLANCHE, J. Três acepções da palavra "inconsciente" no âmbito da teoria da sedução generalizada. Em J. LAPLANCHE, *Sexual: a sexualidade ampliada no sentido freudiano- 2000-2006* (M. Marques, Trad., pp. 190-205). Porto Alegre/ São Paulo: Dublinense.
- LAPLANCHE, J. *Vida e morte em psicanálise*. (C. P. Mourão, & C. F. Santiago, Trans.) Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- LAPLANCHE, J., COTET, P., & BOUGUIGNON, A. (1992). *Traduzir Freud*. (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- LAPLANCHE, J., & LECLAIRE, S. O inconsciente: um estudo psicanalítico. Em J. LAPLANCHE, *Problemáticas IV: O Inconsciente e o ID* (Á. Cabral, Trad., pp. 214-266). São Paulo: Martins Fontes, 1961/1992.
- LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J.-B. *Fantasia originária: fantasias das origens, origens da fantasia*. (Á. Cabral, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

- LAPLANCHE, J., & PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. (P. Tamen, Trad.) São Paulo: Martins Fontes.
- LUGRIN, Y. *Impardonnable Ferenczi: malaise dans la transmission*. Paris: Campagne Première, 2012a.
- LUGRIN, Y. The Rank-Ferenczi relationship, as seen from France. *The American Journal of Psychoanalysis*, pp. 352-381, 2012b.
- LUGRIN, Y. Lacan and Ferenczi: paradoxical kinship? *The American Journal of Psychoanalysis*, pp. 86-93, 2015.
- MÁRAI, S. *De verdade*. (P. Schiller, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- MARTENS, F. Para una validación socio-clínica de la teoría de la seducción generalizada. *Revista Alter*, 2007, p. s.p., 2007. Acesso em 5 de agosto de 2015
- MARTÍNEZ, V. C., MELLO NETO, G. A., & LIMA, M. C. Histeria, trauma e sedução: "o que lhe fizeram pobre criança"(um Freud covarde?). *Estilos da clínica*, 2007, pp. 122-141.
- MAUTNER, A. V. Da fenomenologia à técnica de Ferenczi. *Percurso- n. 10*, 1993, pp. 9-12.
- MCDUGALL, J. *Teatros do corpo*. (P. H. Rondon, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- MÉSZÁROS, J. Could Balint have done more for Ferenczi. *The American Journal of Psychoanalysis*, 2003, pp. 239-255.
- MÉSZÁROS, J. Building block toward contemporary trauma theory: Ferenczi's paradigm shift. *The American Journal of Psychoanalysis*, 2012, pp. 328- 340.
- MÉSZÁROS, J. *Ferenczi and beyond: exile of the Budapest School and solidarity in the Psychoanalytic movement during the Nazi years*. Londres: Karnac, 2014.
- MEZAN, R. O símbolo e o objeto em Ferenczi. Em C. S. KATZ, *Ferenczi: História, Teoria, Técnica*. São Paulo: 34, 1996.
- MEZAN, R. *O tronco e os ramos*. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
- MOLIN, E. C. *O terceiro tempo do trauma: Freud, Ferenczi e os desvios de um conceito*. São Paulo: Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2013.
- MOREAU-RICAUD, M. Budapest années 1900. Rencontre de la psychanalyse et de la littérature. Em J. J. GOROG, *Ferenczi après Lacan* (pp. 23-33). Paris: Hermann Éditeurs, 2009.
- MORENO, M. M., & COELHO JUNIOR, N. E. Trauma, uma falha no cuidar? Diálogo entre Ferenczi e Winnicott. *Psicologia USP*, 2012, 707-719.

- PINHEIRO, T. *Ferenczi: do grito à palavra*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- PONTALIS, J.-B. Entrevista com J. B. Pontalis. (M. Marques, Entrevistador) Revista Percurso. Link: <http://www1.uol.com.br/percurso/main/psc42/42Entrevista.html> Acesso em 10 de março de 2017
- RACHMAN, A. The "evil genius" of psychoanalysis: Elizabeth Severn, Dr. Sándor Ferenczi's partner in the pioneering study and treatment of trauma. *Palestra*. New York, 2015. Acesso em 2015, disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=as1\\_7df7ReE](https://www.youtube.com/watch?v=as1_7df7ReE)
- ROAZEN, P. *Freud e seus discípulos*. (H. d. Dantas, Trad.) São Paulo: Cultrix, 1978.
- ROAZEN, P. Elma Laurvik, Ferenczi's stepdaughter. *The american journal of Psuchoanalysis*, 1998, pp. 271- 286.
- RÓNAI, P. Introdução. Em P. R. (organizador), *Antologia do Conto Húngaro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.
- ROUDINESCO, E. *História da Psicanálise na França: a batalha de cem anos, vol. 2: 1925-1985*. (V. Ribeiro, Trad.) Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- ROUDINESCO, E. *Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*. (P. Neves, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ROUDINESCO, E., & PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. (V. Ribeiro, & L. Magalhães, Trans.) Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SABOURIN, P. *Ferenczi, paladino e grão-vizir secreto*. (L. C. Costa, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- SCARFONE, D. *Jean Laplanche: Psychanalystes d'aujourd'hui*. Paris: Presses Universitaires de France- PUF, 1997.
- SCHMITT, L. S., & MELLO NETO, G. A. *Sequestro e síndrome de Estocolmo: cativo, trauma e sedução*. Maringá: Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, 2013.
- SMITH, N. "Orpha reviving": Toward an honorable recognition of Elizabeth Severn. *International Forum of Psychoanalysis*, 1998, pp. 241-246.
- TALARN, A. *Sándor Ferenczi: el mejor discípulo de Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2003.
- TOROK, M. Doença do luto e fantasia do cadáver saboroso. Em N. ABRAHAM, & M. TOROK, *A casca e o núcleo* (M. J. Coracini, Trad., pp. 215-235). São Paulo: Escuta, 1995.
- VIOLANTE, M. L. *A criança mal-amada: um estudo sobre a potencialidade melancólica*. Petrópolis: Vozes, 1994.